
"Generosa, perturbadora, ambiciosa.
Uma literatura perto da perfeição."
LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS
10:04
BEN LERNER
ROCCO DIGITAL

BEN LERNER

10:04

Tradução de Maira Parula

ROCCO DIGITAL

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Epígrafe

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Para o futuro

Agradecimentos

Crédito das ilustrações

Créditos

O Autor

Os hassidim contam uma história que diz que no mundo por vir tudo será precisamente como é aqui. Como o nosso quarto é agora, assim será no mundo futuro; onde dorme o nosso filho agora, é onde dormirá também no outro mundo. E as roupas que vestimos neste mundo são as que também vestiremos lá. Tudo será como agora, só que um pouco diferente.

UM

A prefeitura havia transformado um trecho elevado da linha férrea abandonada em um corredor verde suspenso e eu e a agente caminhávamos por ali seguindo para o sul sob um calor fora de época após um almoço comemorativo exorbitantemente caro em Chelsea que incluía filhotes de polvo que o chef massageara até a morte. Engolimos praticamente inteiros aqueles bichinhos de carne inacreditavelmente tenra, a primeira cabeça intacta que eu já consumira na vida, ainda mais a de um animal que decora sua toca e já fora estudado por executar brincadeiras complexas. Seguíamos para o sul por entre o brilho pálido dos trilhos abandonados e grupos cuidadosamente dispostos de sumagreiras e arbustos de fumaça roxa até chegarmos à seção do High Line Park onde um deque com degraus de madeira levam a vários níveis abaixo da estrutura; na parte mais baixa há painéis de vidro que dão para a Tenth Avenue, formando uma espécie de anfiteatro onde podemos nos sentar e ver o tráfego. Sentamos e vimos o tráfego, e eu meio que brinco e falo sério quando digo que intuí uma inteligência alienígena, que me vi sujeito a uma sucessão de imagens, sensações, lembranças e afetos que, a rigor, não me pertencem: a capacidade de perceber a polarização da luz; uma conflação de paladar e tato à medida que o sal ia sendo esfregado nas ventosas; um pânico localizado nas minhas extremidades, ignorando o cérebro completamente. Inalando e exalando fumaça, a agente ouvia essas coisas que eu dizia em voz alta, e ríamos.

Alguns meses antes, a agente me mandara um e-mail dizendo acreditar que eu poderia obter um "polpudo adiantamento de seis dígitos" com base em um conto meu que fora publicado na *New Yorker*; tudo o que eu precisava fazer era prometer transformá-lo num romance. Consegui esboçar uma proposta de livro séria ainda que indefinida e em pouco tempo houve um leilão competitivo entre as principais editoras de Nova York e eu e ela estávamos almoçando cefalópodes no que viria a ser

a cena de abertura. “Como, exatamente, você vai expandir o conto?”, perguntou ela, seu olhar distante calculando a gorjeta.

“Vou projetar-me em vários futuros simultaneamente”, eu deveria ter dito, “em um pequeno tremor na minha mão. Vou trabalhar da ironia à sinceridade na cidade submersa, um pretenso Walt Whitman da vulnerável rede elétrica.”



Havia um polvo gigantesco pintado na parede da sala a que me encaminharam para um exame em setembro último — um polvo, estrelas-do-mar e diversos animais marinhos craniotas dotados de guelras — porque ali era a ala pediátrica e a cena marinha destinava-se a acalmar e distrair as crianças das agulhas ou dos pequenos martelos usados nos testes de amplitude de reflexos. Ali estava eu aos 33 anos porque um médico havia descoberto acidentalmente uma dilatação ainda assintomática mas potencialmente aneurismática na minha raiz aórtica, o que exigiria constante monitoramento e provável intervenção cirúrgica. A explicação mais comum para um problema desses na minha idade é a síndrome de Marfan, uma doença genética do tecido conjuntivo caracterizada por membros alongados e flexibilidade articular. Quando consultei o cardiologista e ele sugeriu o exame, cheguei a comentar sobre o meu alto percentual de gordura corporal, o tamanho normal dos meus braços e a altura apenas um pouco acima da média, mas ele contra-argumentou apontando os meus dedos dos pés compridos e finos, minhas juntas ligeiramente flexíveis e garantiu que eu poderia muito bem me encaixar no diagnóstico. A maioria dos marfanoides é diagnosticada na infância, por isso a ala pediátrica.

Se eu tivesse síndrome de Marfan, explicara o cardiologista, o limiar para a intervenção cirúrgica era mais baixo (quando o diâmetro da raiz aórtica fosse de 4,5 centímetros), mas estava praticamente próximo (eu tinha 4,2 centímetros, segundo uma ressonância magnética), porque a probabilidade de acontecer o que chamam de “dissecção aórtica”, um rompimento da aorta quase sempre fatal, é mais elevada entre os

marfanoides; se eu não tivesse uma doença genética preexistente, se minha aortite fosse diagnosticada como sendo da forma idiopática, eu ainda assim iria precisar de cirurgia em determinado momento, porém com um limiar mais distante (5 centímetros) e a possibilidade de uma progressão muito mais lenta. Em ambos os casos, eu agora carregava o fardo de saber que havia uma probabilidade estatisticamente significativa de a maior artéria do meu corpo poder romper-se a qualquer instante — uma experiência que eu visualizava, embora equivocadamente, como uma mangueira fustigante pulverizando sangue dentro do meu sangue; antes do colapso, meus olhos fixam a distância como se etc.

Ali estava eu no Hospital Monte Sinai submarino sentado em uma cadeira de plástico vermelha projetada para crianças de jardim de infância, uma cadeira que teve o efeito imediato de fazer com que eu me sentisse desajeitado e desengonçado dentro daquela bata hospitalar, confirmando assim a doença antes que a equipe médica chegasse. Alex, que me acompanhara para o que ela chamava de apoio moral, mas era de fato apoio prático, pois eu me revelara incapaz de sair de um consultório médico com a mais remota lembrança das informações ali obtidas, estava na minha frente, com um caderno aberto no colo e sentada na única cadeira de adulto, sem dúvida ali colocada para um pai ou uma mãe.

Eu já sabia de antemão que o exame seria conduzido por uma trinca de médicas que iria depois deliberar e dar seu parecer, o que eu imaginava ser um veredito, só que havia duas coisas em relação às médicas, entrando agora com sorrisos de orelha a orelha, para as quais eu não estava preparado: elas eram lindas e mais jovens do que eu. Ainda bem que Alex estava presente, porque ela não iria acreditar que as médicas — todas parecendo originárias do Sudeste Asiático — tinham proporções perfeitas dentro daqueles uniformes brancos, rostos impecavelmente simétricos de maçãs salientes que, sem dúvida por uma habilidosa aplicação de sombra e brilho, irradiavam uma saúde quase paródica em tom dourado escuro, mesmo sob aquela luz de hospital. Olhei para Alex, que respondeu erguendo as sobrancelhas.

Elas pediram que eu ficasse de pé e começaram a medir o comprimento dos meus braços, a curvatura do meu peito, a coluna vertebral, o arco dos meus pés, fizeram tantas medições com base em um misterioso programa nosológico desconhecido para mim, que senti como se os meus membros tivessem se multiplicado. Que elas fossem mais jovens do que eu era um marco infeliz a partir do qual a ciência médica já não poderia posicionar-se em uma complacente relação paternal com o meu corpo, porque essas médicas veriam agora no meu *corpus* patologizado o seu próprio declínio futuro e não sua imaturidade passada. E ainda assim, naquela sala apropriada para crianças, eu estava sendo simultaneamente infantilizado por três mulheres incrivelmente atraentes de 25 a 30 anos, enquanto da mais do que literal distância da sua cadeira Alex observava a tudo com ar solidário.

Capaz de discernir o que toca, mas com baixa propriocepção, o cérebro é incapaz de determinar a posição do seu corpo em curso, especialmente os meus braços, e o privilégio da flexibilidade sobre os *inputs* proprioceptivos significa que lhe falta estereognose, a capacidade de reconhecer e fazer uma imagem mental das formas de tudo aquilo que toco: é capaz de detectar variações de textura localizadas, mas incapaz de integrar essas informações em um quadro geral, não consegue ler a ficção realista que o mundo parece ser. O que quero dizer é que as minhas partes começavam a possuir uma terrível autonomia neurológica, não só espacial como temporal, o meu futuro desabava sobre mim à medida que cada contração expandia, mesmo que infinitesimalmente, a tubulação flexível demais do meu coração. Eu era mais velho e mais jovem do que todo mundo ali naquela sala.



O apoio de Alex era moral e prático mas também egoísta, pois ela propusera recentemente engravidar com o meu esperma, não mediante cópula, ela fez um esforço descomunal para deixar isso logo claro, mas por inseminação intrauterina porque, como ela disse, “foder com você seria bizarro”. Tocamos no assunto em uma de nossas visitas ao

Metropolitan Museum, que costumávamos frequentar de tarde durante a semana, uma vez que Alex estava desempregada e eu era escritor.

Nós nos conhecemos quando eu era calouro e ela estava no último ano da faculdade em uma aula enfadonha sobre grandes romances. Sentimos uma empatia mútua e instantânea, mas só nos tornaríamos melhores amigos após descobrirmos que éramos quase vizinhos no Brooklyn, quando me mudei para lá alguns anos depois de me formar, e começarmos as nossas caminhadas — caminhadas pelo Prospect Park enquanto a luz morria nas tílias; caminhadas de Boerum Hill, o bairro onde morávamos, até Sunset Park, onde ficávamos vendo as pipas tremularem ao vento na hora mágica; caminhadas noturnas ao longo do East River com a intensidade reluzente de Manhattan assomando do outro lado das águas escuras. Seis anos caminhando por um planeta em aquecimento, embora não fosse só isso que fizéssemos, haviam tornado a presença de Alex inseparável do meu senso de deslocamento pela cidade, a tal ponto que eu a pressentia a meu lado quando na verdade não estava; quando atravessava uma ponte em silêncio, eu costumava sentir que era um silêncio partilhado só por nós dois, mesmo que ela estivesse na casa dos pais no interior, ou passando um tempo na companhia de um namorado, a quem eu obviamente odiava.

Talvez ela tenha tocado no assunto no museu, não enquanto tomávamos um café ou algo assim, porque nas galerias, como em nossas caminhadas, os nossos olhares ficavam em paralelo, direcionados para frente, para os quadros, não havia olho no olho, uma condição necessária para nossas trocas mais íntimas; desenvolvíamos nossos pontos de vista enquanto coconstruíamos a visão literal que tínhamos à nossa frente. Não evitávamos o olho no olho e eu admirava aquele céu nublado nos olhos dela, epitélio escuro e estroma claro, mas quando nossos olhares se cruzavam costumávamos nos calar. Isso significava que almoçávamos em silêncio ou jogando conversa fora, e eu só fiquei sabendo que a mãe dela havia sido diagnosticada já em fase avançada quando caminhamos de volta para casa. Pode ser que alguém tenha nos visto descendo a Atlantic Avenue, as lágrimas escorrendo pelo rosto dela, o meu braço apoiado em

seus ombros, mas os nossos olhares fixos em frente; ou pode ser que alguém tenha me visto durante um dos meus próprios episódios lacrimais, cada vez mais frequentes, sendo consolado na mesma moeda enquanto atravessávamos a ponte do Brooklyn, parecendo não um casal mas irmãos siameses.

Naquele dia estávamos diante da *Joana d'Arc* de Jules Bastien-Lepage — Alex parece um pouco com esta versão da mártir — e ela disse assim do nada: "Estou com 36 anos e sou solteira." (Graças a Deus ela havia rompido com o último sujeito, um advogado divorciado de quarenta e tantos anos e especialista em direito do trabalho que prestara algum tipo de serviço à clínica de saúde que ela codirigia antes de fechar as portas. Depois de duas taças de vinho, ele invariavelmente começava a regalar toda a sua plateia em volta com histórias sobre o tempo que passara na Guatemala prestando serviços humanitários duvidosamente vagos; após três taças de vinho, o advogado descambava a falar da repressão sexual e da frigidez generalizada da ex-mulher; depois de quatro ou cinco, começava a embaralhar esses discursos heterogêneos de tal forma que o genocídio e os sentimentos de rejeição sexual de que padecia tinham implícita equivalência no seu palavrório desconexo. Sempre que estava por perto, eu fazia de tudo para que o copo dele se mantivesse abarrotado, para apressar o último suspiro da relação.) "Não houve um dia nesses últimos seis anos em que eu não quisesse ter um filho. Sou esse tipo de clichê. Quero que a minha mãe conheça o meu filho. Tenho 75 semanas de seguro-desemprego e mais umas economias modestas, e embora saiba que isso significa que eu devia ter mais medo de me reproduzir do que nunca, o que sinto na verdade é que nunca haverá uma hora certa, que não dá para esperar que meus ritmos biológico e profissional coincidam. Você é o meu melhor amigo, eu sou sua melhor amiga. Você não pode viver sem mim. E se você doasse o seu esperma? Poderíamos definir qual seria o seu nível de envolvimento. Sei que é maluquice mas quero que você diga sim."

Três anjos translúcidos pairam no canto superior esquerdo da tela. Joana, que estava fiando em um tear no jardim da casa dos pais, acabara

de ser convocada para salvar a França. Um dos anjos traz uma cabeça nas mãos. Joana parece vacilar na direção do observador, estendendo o braço esquerdo, talvez em busca de apoio no êxtase de sua convocação pelas vozes divinas. Em vez de agarrar galhos ou folhas, sua mão, cuidadosamente posicionada na linha de visão de um dos outros anjos, parece dissolver-se. A plaquinha do museu nos informa que Bastien-Lepage foi criticado por não ter conseguido conciliar a eterealidade dos anjos com o realismo do corpo da futura santa, mas essa "falha" é o que faz dele um dos meus quadros preferidos. É como se a tensão entre os mundos físico e metafísico, entre duas ordens de temporalidade, provocasse uma falha na matriz pictórica; o plano de fundo engole os dedos de Joana d'Arc. Naquela tarde, enquanto eu olhava a tela com Alex, lembrei-me da fotografia que Marty leva consigo em *De volta para o futuro*, um filme crucial da minha juventude: quando as viagens no tempo de Marty interferem na pré-história de sua família, ele e seus irmãos começam a desaparecer na foto. Só que aqui nesse caso é uma presença, não uma ausência, que come a mão de Joana: ela está sendo puxada para o futuro.



A presença do futuro



A ausência do futuro

Estávamos usando uma caixa de sapato para coconstruir um diorama que acompanhasse o livro que Roberto e eu planejávamos autopublicar sobre a confusão científica que cercava o brontossauro: no século XIX um paleontologista colocou o crânio de um camarassauro no esqueleto de um apatossauro e julgou haver descoberto uma nova espécie, portanto o resultado disso foi que um dos dois dinossauros icônicos da minha juventude não existiu, uma revisão que, juntamente com o rebaixamento de Plutão de planeta a plutoide, foi um duro golpe retrospectivo na minha visão de mundo da infância e na minha percepção recorrente não só do espaço galáctico como do tempo geológico. Roberto era um garoto de 8 anos da turma de terceiro ano do meu amigo Aaron que lecionava em uma escola bilíngue em Sunset Park. Eu tinha perguntado a Aaron se havia uma forma de eu poder ser de alguma utilidade a um dos seus pupilos e ao mesmo tempo filar uma aula ocasional para praticar o meu espanhol. Roberto era inteligente e sociável, porém mais suscetível ainda à dispersão do que a média das crianças, e Aaron achou que o fato de trabalharmos juntos em uma série de projetos depois das aulas poderia

induzir-lhe, ou pelo menos apresentar-lhe, modos de concentração. Eu não tinha permissão oficial para estar na escola, embora Aaron tivesse perguntado à mãe de Roberto — enfatizando que eu era um autor publicado — se estava tudo bem para ela aquela experiência, e ela disse que sim.

Durante a nossa primeira sessão, Roberto teve uma reação alérgica às barras de granola com nozes que eu havia levado mas esquecera de consultar Aaron e, enquanto o garoto ficava vermelho e ofegava, sorrindo o tempo todo, eu me vi tomado por um terror animal; imaginei que seria obrigado a abrir a traqueia dele com um lápis. Felizmente, Aaron voltou de sua reunião na sala de aula ao lado e acalmou-me, explicando que a alergia de Roberto era moderada e a reação passaria logo, mas que eu deveria ter mais cuidado no futuro; ele não sabia que eu ia levar um lanche. Na terceira ou quarta semana de nossas sessões de tutoria, quando Aaron estava mais uma vez fora da sala, Roberto, sem aviso prévio, amotinou-se, informando-me que ia embora procurar os amigos e eu, como não era seu professor, não poderia impedi-lo. Ele disparou pelo corredor e eu o segui a passos rápidos, com o rosto afogueado de vergonha, temendo que testemunhas adultas por ali confundissem aquilo com uma espécie de libertinagem. Acabou que o encontrei no canto do ginásio, que também servia de cantina, numa rodinha de colegas que havia se formado em volta de uma carcaça de barata-d'água verdadeiramente gargantuesca, e só consegui persuadir Roberto a voltar à sala de aula ao prometer que o deixaria brincar com o meu iPhone.

No terceiro mês das sessões de tutoria, nós já éramos grandes amigos: para o lanche eu levava frutas frescas que ele nunca comia e Aaron pedira à mãe de Roberto que advertisse o filho caso ele me desobedecesse. Na sequência do meu diagnóstico, quando eu não parava de pensar que a minha aorta poderia se romper, o tempo que eu passava tentando levar Roberto a concentrar-se na mitologia do Kraken ou nos restos recém-descobertos de um tubarão pré-histórico eram os únicos momentos em que eu mesmo conseguia me abstrair da dilatação potencialmente fatal do meu seio de Valsalva.

Então, apenas uns poucos dias após o exame da minha Marfan, lá estava eu de novo sentado em uma cadeira infantil recortando, com uma dessas penosas tesouras de toda escola primária, um monte de dinossauros que tínhamos imprimido da internet em papel cartolina para que servissem de presas ou parceiros do apatossauro no diorama, sem dúvida um anacronismo porque não tivemos paciência para determinar que dinossauros correspondiam a que período geológico, quando Roberto voltou ao tema com que vinha sonhando desde que assistira a um programa no Discovery Channel abordando o advento de uma segunda era do gelo.

— Quando todos os arranha-céus congelarem, eles vão cair como no 11 de Setembro e esmagar todo mundo — disse ele no seu tom tipicamente alegre, porém baixinho. Roberto tinha o hábito de modular não o tom mas o volume de sua voz para indicar gravidade e emoção.

— Se começasse a ficar frio a esse ponto, os cientistas talvez descobrissem um novo sistema de aquecimento para os edifícios — eu disse.

— Mas o aquecimento global — ele disse sorrindo, revelando o vazio onde esperava nascer o seu incisivo permanente, mas quase sussurrando, um sinal de medo genuíno.

— Não acho que haverá outra era do gelo — menti, recortando outro animal extinto.

— Você não acredita no aquecimento global? — ele perguntou.

Fiz uma pausa.

— Acho que não vai cair prédio nenhum em cima de ninguém — respondi. — Você teve outro sonho?

— No meu pesadelo o que acontece é que o Joseph Kony quer me pegar e...

— Joseph Kony?

— Aquele bandido da África, do filme.

— E o que você sabe de Joseph Kony?

— Vi um vídeo no YouTube sobre ele e como estava matando todo mundo na África.

— Mas por que Joseph Kony viria ao Brooklyn? O que isso tem a ver com o aquecimento global?

— O que acontece no meu pesadelo é que todos os edifícios congelam depois que o aquecimento global provoca uma era do gelo e as prisões racham também e depois os assassinos todos fogem pelas rachaduras e vêm atrás da gente e o Joseph Kony também quer nos pegar e aí temos de fugir pra San Salvador mas eles têm helicópteros e visão noturna e como não temos *papeles* mesmo não podemos ir pra lugar nenhum. — Ele parou de recortar e deitou o queixo na mesa, depois a testa.

Uma sensação vertiginosa cada vez mais frequente, como uma agnosia passageira porém profunda, em que o objeto que tenho na mão, desta vez uma tesoura de segurança verde, deixa de ser uma ferramenta conhecida e se transforma num artefato estranho, portanto hostil a minha própria mão, uma condição médica provocada pela intuição do colapso espacial e temporal ou, paradoxalmente, uma percepção esmagadora de sua súbita integração, como quando um senhor da guerra ugandês aparece via YouTube no sonho brookliniano de uma criança salvadorenha sem documentos, um sonho sobre um futuro destruído por mudanças climáticas drásticas e um sistema jurídico imperial que condena essa criança a ser uma apátrida; Roberto, como eu, tinha uma inclinação para imaginar o global de forma apocalíptica.

Pedi que olhasse para mim e depois prometi a ele em dois idiomas a única coisa que pude: ele não tinha nada a temer de Joseph Kony.

Na frente da escola, depois de entregar Roberto à mãe, Anita, pedindo primeiro sua permissão para comprar churros para nós dois de uma mulher de cabelos grisalhos envolta num cobertor vermelho-claro, uma entre os muitos ambulantes que apareciam por ali sempre que as aulas acabavam no final do dia, vendendo churros em qualquer clima e *helado* quando fazia calor, crianças bonitas se apinhando em volta deles, com mais vivacidade palpável, intercâmbio geracional e diversidade linguística naquele breve público do que eu presenciei em toda a minha infância em Topeka, não comecei, como tinha por hábito, minha longa caminhada de volta para casa, em vez disso entrei outra vez no prédio da escola, atraído

por uma força sutil. A escola esvaziara-se rapidamente, com exceção de um funcionário da limpeza e um guarda de segurança superobeso com o qual troquei um cumprimento de cabeça ritual, só restavam alguns professores escondidos em suas salas aplicando estrelas adesivas ou preparando aulas ou trocando as aparas de cedro das gaiolas de metal, presenças que consegui intuir quando comecei a perambular pelos corredores passando a mão pelas plantas outonais de cartolina: a folhagem trocando de lápis de cera, cornucópias, perus cujos corpos foram desenhados a começar pelos dedos.

E se eu disser que quando cheguei no segundo andar e joguei fora o papel-manteiga, eu estava na Randolph Elementary School e com 7 anos, a parede coberta de um monte de cartas endereçadas a Christa McAuliffe numa letra cursiva elaborada, desejando-lhe sorte na missão *Challenger* que seria deslanchada dali a poucos meses? Entro na sala da sra. Greiner e encontro a minha carteira; a cadeira já não é pequena para mim, Plutão suspenso entre os planetas no móbile de isopor pendurado no teto. Os meus pais estão na clínica Menninger; o meu irmão mais velho está numa sala bem acima da minha; Joseph Kony está ficando famoso como líder de um exército pré-milenarista; a minha aorta pode ou não ser proporcional; o aquecedor estrepita no canto porque novembro no passado é quase sempre frio. A sala de aula não está vazia, mas suas presenças tremeluzem vagamente: Daniel aparece na carteira ao lado da minha, Daniel cujos braços são sempre uma colcha de retalhos de band-aids do Snoopy e pequenos hematomas, que irá parar na emergência do hospital naquela primavera por inalar perigosamente — desafiado por mim — uma jujuba, que na escola secundária será o primeiro de nós a fumar, mas que na época é conhecido pelo hábito de ingerir sub-repticiamente envelopes de açúcar Domino. É um trabalho triste construir um diorama do futuro com um garoto que sabemos que vai se enforcar por uma complexidade de motivos no porão dos pais aos 19 anos, mas a tarefa foi designada e a sra. Greiner passa por nossas carteiras para verificar nosso progresso, o cheiro de coco sintético de sua loção misturando-se com o cheiro da cola de borracha. Eu farei a efígie

de Daniel e ele a minha, mas vamos coconstruir a nave espacial, deixando-a suspensa por um fio como um modificador em perpétua desintegração.

Eu quero dizer uma coisa às crianças da América que estavam assistindo à cobertura ao vivo da decolagem do ônibus espacial. Sei que é difícil entender, mas às vezes fatos dolorosos como este acontecem. Tudo isso faz parte do processo de exploração e descoberta. Tudo isso faz parte dos riscos que temos de correr para expandir os horizontes da humanidade. O futuro não pertence aos fracos, o futuro pertence aos bravos. A tripulação do Challenger *estava nos puxando para o futuro, e continuaremos a segui-los.*



McAuliffe nos puxando para o futuro

Um sistema ciclônico incomumente grande e com um núcleo quente aproximava-se de Nova York. O prefeito tomou medidas sem precedentes: dividiu a cidade em zonas e ordenou que as mais baixas fossem evacuadas; anunciou que o metrô seria fechado antes que a tempestade chegasse em terra firme; o fornecimento de energia elétrica poderia ser preventivamente cortado de partes do centro de Manhattan.

Chegou a ser especulado que o prefeito, após receber duras críticas no último inverno por sua demora de reação frente a uma nevasca extrema, estaria tomando essas medidas radicais por pura estratégia, para mostrar o seu preparo de forma espetaculosa, no entanto o tom dele nas coletivas de imprensa, a cada dia mais frequentes, parecia expressar não uma autoridade sombria mas uma ansiedade genuína, como se fosse um daqueles a quem implorava constantemente que se mantivessem calmos.

Através de um milhão de mídias, a maior parte portátil, a consciência da tempestade disseminou-se pela cidade, penetrando na arquitetura e nas aves passeriformes de corpo robusto, alterando os padrões do tráfego e os "sicômoros melhorados", assim chamados porque foram hibridizados para a vida urbana. Quer dizer, a cidade estava se transformando em um único organismo, construindo-se para enfrentar uma ameaça visível do espaço, um monstro marinho aéreo de um olho só centralizado e em volta do qual rodopiavam tentaculares colunas de chuva. Havia uma infinidade de aplicativos para rastrear a tempestade, os de radar Doppler com código de cores para indicar a intensidade da precipitação, a mesma tecnologia que haviam utilizado para medir a velocidade do fluxo sanguíneo pelas minhas artérias.

Como todas as conversas que se ouvia nas filas, nas ruas ou no metrô começaram a girar em torno do mesmo tema, não demorou muito para que todos se unissem para participar de uma conversa só, removendo as divisões convencionais do espaço social; em um vagão da linha N para o Whole Foods da Union Square, eu me vi trocando previsões sobre a elevação do nível do mar com um judeu hassídico e uma enfermeira caribenha de uniforme roxo. Na Canal Street juntou-se a nós três uma adolescente cujo corpo parecia menor do que a caixa do violoncelo que trazia pendurada nas costas. Ela explicou que aquela onda toda sobre o apocalipse era uma estratégia para esvaziar o centro de Manhattan e a polícia poder instalar grampos e outros dispositivos de escuta em todos os apartamentos. Paramos de falar quando um trio de mariachis, todos os homens devendo ter por volta de 20 anos e um deles vestindo uma calça de musselina bordada de corte reto, começou a cantar "Toda Una

Vida". Difícil dizer se eles tocavam particularmente bem ou se nós, os passageiros, estávamos, no entusiasmo de nossa crescente sociabilidade, particularmente propensos a apreciá-los, ou à música de uma forma geral. Seja como for, houve uma quantidade incomum de *pathos* na música, aplausos e depois uma quantidade incomum de dinheiro no chapéu.

Ao sair do metrô, percebi que já era noite, havia uma excitação premonitória no ar e mais alguma coisa, algo como a sensação de um dia de neve na infância quando o tempo não era amarrado às instituições, quando a neve parecia uma tecnologia para derrotar o tempo, ou o próprio tempo derrotado caindo do céu, cada partícula de gelo cintilante um instante recuperado da nossa rotina. Só que agora a forma material da excitação não era o gelo: o ar em torno da Union Square estava pesado de água em fase gasosa, uma umidade tropical que não era nada natural em Nova York, uma atmosfera funesta. Na frente do Whole Foods, o ponto que Alex marcara para nos encontrarmos — que ideia absurda fazer compras no Whole Foods, o lugar vivia sempre abarrotado de gente, mas era só ali que vendiam um chá do qual Alex dizia ser dependente, uma de suas poucas indulgências —, uma repórter banhada pela luz dos refletores de tungstênio falava para uma câmera sobre a corrida das pessoas para comprar lanternas, comida enlatada, água engarrafada. Crianças corriam em todas as direções atrás dela, parando de vez em quando para dar tchauzinho para a câmera.

Alex me cumprimentou e notei em silêncio uma diferença em sua aparência, uma luminosidade indeterminada, mas quando começamos a abrir caminho educadamente pela multidão, percebi que aquela alteração se devia mais à minha visão, porque tudo o que restava nas prateleiras me pareceu também um pouco diferente, um pouco carregado no brilho. Foi estranho dar de cara com aquela relativa escassez: no que antes eram luminosos corredores de superabundância, havia agora grandes espaços vazios, principalmente entre os produtos básicos embalados, embora muitos produtos orgânicos exorbitantemente caros ainda brilhassem na névoa artificial. Alex trazia uma espécie de lista — rádio de pilha, lanterna

à manivela, velas, muita comida; àquela altura quase todos os produtos que listara estavam esgotados. Não nos importamos e ficamos circulando pela vasta loja no fluxo dos outros clientes, gente que parecia incomumente educada e de bom humor, apesar da presença da polícia perto das caixas registradoras.

Devo dizer que eu me sentia como se estivesse chapado, cheguei até a comentar isso com Alex, que riu e disse, "Eu também", mas o que na verdade eu sentia era que a proximidade da tempestade estava me distanciando da rotina de fazer compras a tal ponto que me deixava visceralmente consciente do milagre e da insanidade da economia mundana. Por fim encontrei um produto da lista, um produto vital: café solúvel. Peguei o recipiente de plástico vermelho, um dos últimos três da prateleira, e segurei-o como a maravilha que era: as sementes dentro dos frutos roxos das plantas de café haviam sido colhidas em encostas andinas, torradas, moídas, umedecidas e depois desidratadas em uma fábrica em Medellín, seladas a vácuo e levadas de avião para o aeroporto JFK, seguindo depois a granel de caminhão até Pearl River, mais ao norte, para serem reembaladas e depois transportadas de novo de caminhão até a loja onde eu agora estava lendo o rótulo. Era como se as relações sociais que produziam aquele objeto na minha mão começassem a brilhar dentro dele enquanto estavam sendo ameaçadas e agitadas dentro da sua embalagem, dotando-lhe de uma certa aura — a magnificência e a estupidez cruel daquela organização de tempo e espaço e combustível e mão de obra tornando-se visíveis na mercadoria em si agora que os aviões estavam parados e as estradas começavam a ser fechadas.

Tudo será como agora, só que um pouco diferente — nada em mim ou na loja havia mudado, exceto talvez a minha aorta, mas, olhando de perto, o que normalmente parecia o único mundo possível tornou-se um entre muitos, o seu significado ao alcance da mão por toda a parte, ainda que momentaneamente — nas pessoas que passam dentro de um trem, num recipiente de café insípido.

Alex achou o seu chá. Pegamos um dos últimos fardos de água engarrafada — Alex queria carregá-lo porque eu não devo erguer nada

pesado que possa provocar o aumento da pressão intratorácica, mas eu não deixei — e depois, como estávamos com fome, fomos até os bufês fumegantes de comida pronta, nessa noite a parte menos cheia da loja, pegamos nossos pratos e colocamos pilhas de uma mistura incoerente de perecíveis caros demais: samosas, frango vegetariano, frango, várias comidas girando em torno de quinoa, salada Caprese. Pagamos a comida, o nosso chá e café, fazendo piadas sobre o nosso despreparo com a adolescente de cabelo preto com luzes cor-de-rosa que nos atendeu, e depois pegamos o metrô de volta ao nosso bairro, decidindo ao chegarmos à nossa estação ir para o apartamento de Alex.

Assim que entramos na rua dela começou a chover, mas a sensação foi de como já estivesse chovendo ali e tivéssemos entrado na chuva, abrindo-a como uma cortina de contas. Eu devo ter confundido a minha intensificada atenção ao vento com a intensificação do vento. Passamos pela horta comunitária e vimos duas garotas reunidas em uma atividade furtiva. Pensei que estivessem tentando acender um cigarro, mas elas se separaram e podemos ver as varinhas de fogos de artifício que seguravam, magnésio branco brilhante passando lentamente ao laranja. Um cachorrinho latia para a explosão de faíscas enquanto as garotas andavam pela horta descrevendo círculos, rindo, talvez escrevendo seus nomes. Eu percebia claramente que não havia nada cruzando o céu devagar, que ninguém olhava para a cidade do alto, confiando cegamente na aproximação.

No apartamento de Alex esquentamos no fogão a comida que havíamos comprado enquanto escutávamos no rádio as últimas notícias sobre o avanço da tempestade — estava ganhando força — e fizemos a maior parte das coisas que nos disseram para fazer: enchemos com água todos os recipientes apropriados que conseguimos encontrar, tiramos vários aparelhos da tomada e pegamos pilhas para o rádio e as lanternas. Gostei de ver que Alex tinha uma reserva substancial de vinhos, a maior parte provavelmente herança do advogado, e abri a garrafa de tinto com o ano mais distante no rótulo, sentindo prazer de saber que o seu valor seria desperdiçado comigo. Servi-me de vinho num copo de geleia limpo

e, enquanto Alex tomava um último banho antes de termos de encher a banheira, fiquei vendo as fotografias presas na geladeira, imagens que agora já não eram tão familiares para mim: Alex ainda criança — vestido de xadrez e tranças — com a mãe e o padrasto; uma foto minha com a prima de segundo grau de Alex, uma garotinha que ela chamava de sobrinha, numa festa no verão passado: eu estava colocando uma coroa de cartolina na cabeça da menina com solenidade teatral enquanto velas mágicas faiscavam no bolo a seu lado. Tudo na fotografia era como tinha sido, só que diferente, como se a imagem fosse agora indeterminada, oscilando entre temporalidades. E de repente já não era. Uma tabela com os valores do seguro-desemprego estava afixada na geladeira com um ímã da Faculdade de Serviço Público da Universidade de Nova York.

Foi só quando nos sentamos para comer à luz de algumas velas votivas que Alex tinha encontrado — embora ainda houvesse energia elétrica — que o perigo e a dimensão da tempestade nos pareceram reais, talvez porque a nossa refeição passasse aquela sensação de última ceia, talvez porque comer juntos nos remetesse à noção de um lar de família que poderíamos usar para contrapor à ameaça. O rádio informou que a tempestade chegaria em terra firme por volta das quatro da manhã; eram cerca de dez horas agora e a elevação do nível do mar já estava alarmante. Até que ponto você está preparado, perguntou o rádio, para ficar dias sem água corrente? A comida parecia mais saborosa do que era, tendo em vista que tão cedo não comeríamos nada melhor, e Alex comeu até o finzinho, diferente de quando trocávamos quase sempre de pratos no final das refeições para eu poder comer suas sobras. Ela pediu para eu maneirar na bebida depois que sequei a primeira garrafa, pelo menos até sabermos se as coisas iriam piorar ou não. Você não vai querer ficar de ressaca sem água, disse ela, apanhando o cabelo castanho para fazer um rabo de cavalo, e não vou deixar você beber todo o nosso estoque.

Será que eu estava bebendo depressa demais porque me sentia meio sem jeito de passar a noite na casa de Alex, algo que já tinha feito vezes sem conta? Eu só estava preocupado com a tempestade, reafirmei a mim mesmo enquanto tirava a mesa e lavava os pratos. Como era nosso

hábito, decidimos projetar um filme na parede do quarto; um ex-empregador dera a Alex um projetor LCD que podia ser plugado no computador. Como a internet poderia cair a qualquer minuto, escolhemos entre os poucos DVDs que havia ali. *O terceiro homem* pareceu-me o mais indicado, talvez porque a história se passasse em uma cidade arruinada, e coloquei-o enquanto Alex vestia um pijama e daí fomos para a cama juntos, embora eu continuasse vestido, com o rádio e a lanterna perto de mim na mesa de cabeceira caso houvesse um apagão.

A sombra das árvores curvadas pelo vento cada vez mais forte movia-se sobre a imagem projetada na parede branca incorporando-se ao filme, acompanhando o ritmo do solo de cítara; os mundos se cruzam com uma facilidade, eu disse a mim mesmo, e depois a Alex, que me mandou calar a boca — eu tinha o péssimo hábito de falar sobre o que víamos. Vimos o filme até Alex adormecer e Orson Welles morrer pela mão de um amigo em Viena e eu ouvir a chuva aumentando na pequena claraboia e me dando um medo de que a qualquer momento pudesse ser estilhaçada por uma tempestade de detritos. Quando o filme acabou, procurei outro DVD e escolhi *De volta para o futuro*, que eu havia pescado em uma caixa de DVDs descartados em algum lugar na Fourth Avenue, mas vi o filme sem som para não acordar Alex. Pluguei os fones de ouvido no rádio de pilha, pus um no meu ouvido esquerdo e ouvi os boletins meteorológicos enquanto Marty voltava a 1955 — coincidentemente o ano em que uma central nuclear iluminou pela primeira vez uma cidade: Arco, em Idaho, onde também aconteceu o primeiro acidente nuclear em 1961 — e depois regressava a 1985, quando eu tinha 6 anos e o Kansas City Royals foi campeão da World Series em parte por uma decisão ridícula do juiz da base que forçou ao sétimo jogo: pelos replays dava para ver claramente que Orta estava eliminado na primeira base. No filme falta plutônio para alimentar o carro que viaja no tempo, já na vida real há muito dele no solo de Fukushima; *De volta para o futuro* foi um filme à frente do seu tempo. Enquanto via meu filme mudo comecei a preocupar-me com os reatores da Indian Point, a usina perto de nós.

De repente comecei a ter uma sensação estranha: um eco quase inaudível do rádio no ouvido desplugado. Demorei um tempo para reparar que os vizinhos de baixo estavam sintonizados na mesma estação. Virei-me para Alex e vi as cores do filme tremeluzindo no seu corpo adormecido, vi sobre sua clavícula a correntinha de ouro que ela sempre usava. Prendi atrás de sua orelha uns fios soltos de cabelo e depois deixei a minha mão descer pelo seu rosto e pescoço e passar suavemente pelos peitos e barriga em um único movimento lento que tentei, com pouca convicção, dizer a mim mesmo que era incidental. Minha mão retornava aos seus cabelos quando vi que ela estava de olhos abertos. Precisei reunir toda a minha força de vontade para sustentar o seu olhar sem desviar meus olhos, o que seria admitir uma transgressão; parecia haver no seu olhar apenas uma curiosidade sem alarme. Foi quando virei-me para pegar o meu copo de vinho na intenção de sugerir a ela que, se algo de inusitado acontecera, era consequência da embriaguez; mas quando voltei a olhar para o rosto de Alex, os seus olhos estavam fechados. Coloquei o copo de volta no lugar sem beber, deitei-me ao lado dela, olhei-a por um longo momento e depois alisei seu cabelo para trás com a palma da mão. Ela então pegou minha mão, talvez ainda dormindo, e encostou-a no peito, segurando-a ali, não sei se para me cortar ou encorajar ou nenhum dos dois. Ficamos deitados naquela posição e esperamos pelo furacão.

Em algum momento adormeci ouvindo o rádio e tive sonhos estranhos; acordei com um sobressalto, certo de que tinha ouvido sons de vidro se espatifando. Eram 4:43 da manhã no meu celular, o menu do DVD ainda estava na parede, portanto não tínhamos ficado sem luz. Concentrei-me no que a voz dizia em meu ouvido: o furacão Irene tinha sido rebaixado antes de tocar a terra, inundações moderadas na Rockaway e em Red Hook, a expressão “escapamos por pouco” constantemente repetida, assim como “melhor prevenir do que remediar”. Levantei-me e fui até a janela, não estava nem chovendo forte. O amarelo das luzes da rua revelava uma cena familiar, alguns galhos haviam caído, mas as árvores não. Fui até a cozinha, bebi um copo d’água

e olhei para o café solúvel em cima da bancada, já não estava mais um pouco diferente de si mesmo, não era mais um emissário de um mundo futuro; havia decepção no meu alívio pelo fracasso da tempestade.

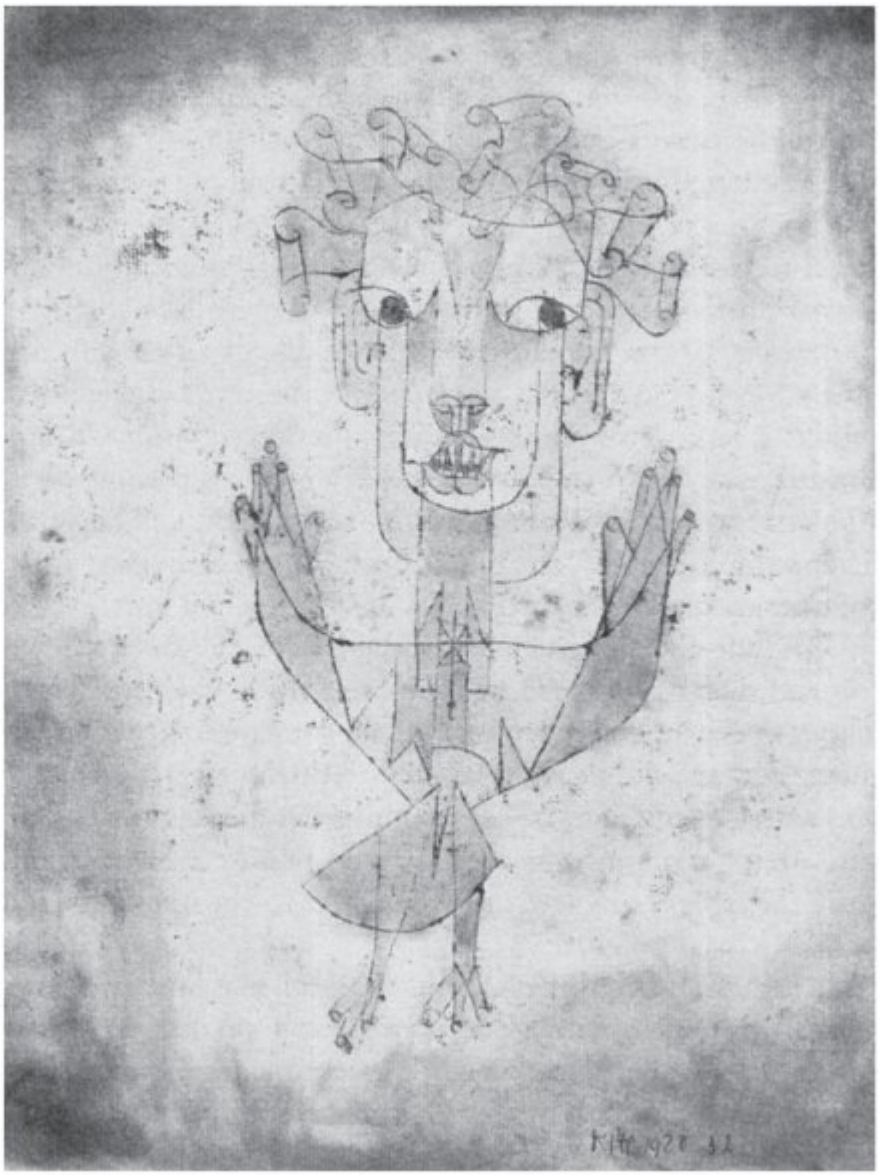
Desliguei o projetor e Alex resmungou uma coisa qualquer durante o sono e virou-se. Eu disse "Está tudo bem, vou para casa agora" só para poder dizer depois que disse caso ela ficasse chateada mais tarde por eu ter ido embora sem avisar. Pensei em dar um beijo na sua testa mas rechacei a ideia na mesma hora; qualquer intimidade física que fora aberta entre nós acabou dissolvida com a tempestade; mesmo esse gesto relativamente familiar seria estranho para ambos agora. Mais do que isso: era como se a intimidade física com Alex, assim como a sociabilidade com estranhos ou a aura em torno dos objetos, não só tivessem acabado, como foram retrospectivamente apagadas. Como esses momentos só foram possibilitados por um futuro que nunca chegou, eles não podiam ser lembrados neste futuro que, no presente e como presente, acabou prevalecendo; tinham sumido da fotografia.



Quando nossos corpos se separaram, pensei ter visto a respiração condensada de Alena vagando pelo ar, mas o apartamento estava quente demais para isso; seja como for, o corpo dela voltou à homeostase, e pelo visto muito mais rápido do que o meu. Ela levantou-se do colchão, alisou o vestido que não chegara a tirar em nenhum momento e eu me recompus e segui-a até a escada de incêndio, onde recebi as luzes dos prédios mais altos que assomavam à nossa volta, todos eles envoltos em um halo agora. Alena tirou um cigarro de um maço que já devia estar em cima de uma lata de tinta cheia de areia e acendeu-o com um fósforo que risca em qualquer lugar — de proveniência obscura — na parede de tijolos externa do prédio. "Ah, para com isso", eu disse, referindo-me àquela sua atitude descolada absurda e cumulativa. Ela bufou um pouco quando riu e depois tossiu fumaça, voltando a ser real.

Ficamos conversando sobre a exposição enquanto o cigarro durou — a abertura teria início dali a uma ou duas horas —, quase toda a minha

mente ainda dominada por sua proximidade física, cada átomo que fazia parte dela também fazia parte de mim, todos os sentidos fundidos em uma supersensibilidade generalizada, vidro moído cintilando no asfalto lá embaixo. Depois que ela apagou o cigarro no tijolo, uma chuvinha de brasas, entramos de novo no apartamento, que era o *pied-à-terre* do dono da galeria. Alena dirigiu-se ao banheiro sem acender uma só luz e ouvi-a mijar; não puxou a descarga, não lavou as mãos nem olhou-se no espelho naquele escuro.



"A tempestade o impele irresistivelmente para o futuro às suas costas." —
Walter Benjamin

Saímos do apartamento juntos, mas quando chegamos na rua, Alena explicou que preferia que entrássemos separados na exposição, pois um ex dela muito ciumento estaria lá e ela não queria aturar um interrogatório. Fiquei meio mordido com aquilo, mas, tentando imitar a sua impassibilidade, eu disse claro, claro, que eu também tinha combinado de me encontrar com Sharon em uma cafeteria perto da galeria para depois seguir para a inauguração com ela; despedimo-nos com um beijo.

Alena trabalhava com Sharon e o marido, Jon, dois dos meus amigos mais antigos em Nova York, numa pequena produtora especializada na edição de filmes documentários. Era um trabalho de meio expediente que Alena fazia para poder sustentar o que chamava de sua "prática artística", uma prática que Sharon tivera dificuldade em descrever e sobre a qual, por conta da expressão "prática artística", eu tivera sérias dúvidas. Mas Alena levava a sério, apesar de aclamada como uma estrela em ascensão por um mundo da arte pós-mídia que tantas vezes valoriza a mediocridade. A sua exposição atual, que, incapaz de levantar coisas pesadas, eu a vira montar, consistia em imagens e alguns objetos que ela envelhecera com muita habilidade: tinha pintado um retrato a partir de uma fotografia contemporânea e depois conseguira de alguma forma desgastá-lo — fui incapaz de compreender suas relutantes explicações do processo — com uma fina rede de rachaduras que o fazia parecer uma pintura do passado. Havia uma pintura baseada em uma imagem baixada da internet, e depois ampliada, de uma jovem com a sombra dos olhos escorrendo e em cujo rosto um homem fora do quadro ejaculara; ela olha fixamente para o observador como se fosse de outro século — o craquelê confundindo os gêneros e conferindo à imagem uma gravidade extraordinária; o título dizia: *O Retrato de Sasha Grey*. Alena pintara uma série de magníficas imitações do expressionismo abstrato e depois submeteu-as ao seu método; os Pollocks pareciam convincentemente inalterados, outros pareciam ter sido resgatados do entulho do MoMa após um ataque ou descongelados de uma era glacial do futuro. Havia

um pequeno autorretrato, também pintado com base em uma fotografia, que não fora alterado, não sofrera nenhum procedimento de fissuração, e a instantaneidade do seu fascínio no contexto das outras obras, falo aqui da frontalidade do olhar da modelo, estava tão poderosamente localizada no tempo presente que era difícil de encarar.

Ao cumprimentar Sharon com um beijo na cafeteria, senti estática quando os meus lábios tocaram sua face, como se Alena e Sharon estivessem entrando em contato através de mim. Sharon pediu chá de menta e eu pedi o que pensava ser um simples café coado, mas o que apareceu na minha frente foi um Chemex de origem única exorbitantemente caro. Na minúscula mesa ao lado da janela que dava para a Houston Street, dividimos uma fatia grande de bolo de chocolate. "É um Valrhona", explicou Sharon, o que para mim não significou nada. Sharon tinha o vocabulário de uma *chocolatier* — pelo visto quase tudo o que comia tinha a ver com chocolate. "Vocês ainda estão dormindo juntos?"

Quando saímos da cafeteria e fomos andando na direção sul, eu podia sentir os trens do metrô passando por baixo da terra. Podia sentir, ou pelo menos foi o que imaginei, a pulsação de Sharon nos seus bíceps, ligeiramente mais rápida do que a minha, enquanto caminhávamos — como quase sempre caminhávamos — de braços dados. Vi um painel de propaganda iluminado que não exibia nada a não ser uma coloração violeta, provavelmente porque iam subir um anúncio novo, e perguntei a Sharon, que é daltônica, o que ela via. No céu as estrelas ocluídas pela poluição luminosa eram presenças, como palavras projetadas através do tempo, e eu percebi que a água cercava a cidade, e que a água se movia; percebi a delicadeza das pontes e dos túneis que a atravessavam, e do tráfego correndo por essas artérias, como se alguma reorganização cortical me permitisse agora tomar a infraestrutura pessoalmente, um lampejo proprioceptivo à frente do corpo comunal. Sharon via tons de cinza e de azul, e enquanto atravessávamos a Delancey Street ela descreveu um filme que queria fazer sobre sinestetas daltônicos que

relatam que os números são pintados com tonalidades que de outra forma não conseguiriam distinguir.

Pouco depois chegamos na galeria lotada, onde tínhamos combinado de nos encontrar com Jon, mas ele mandou um torpedo dizendo que sua gripe havia piorado. Fomos até uma mesa com vinho branco que estava no canto mais próximo. Avistei Alena conversando com duas figuras altas e atraentes do outro lado do salão e ergui a mão meio sem jeito. Ela me encarou enquanto falava com os dois sem retribuir o meu aceno; não consegui determinar se os seus olhos sombreados expressavam completa indiferença ou intensidade latente, o que era sua assinatura da ambiguidade. Fingindo que mal reparei na sua expressão, tentei desviar-me do olhar de Alena para falar com Sharon, mas entornei um pouco de vinho ao levá-lo aos lábios. Um breve olhar na direção de Alena, agora ela exibia um leve sorriso.

Como na maioria das aberturas de uma exposição, era impossível ver as obras de arte; na verdade, a inauguração como forma, pelo menos na minha opinião, era uma destruição ritual das condições de observação dos artefatos que deveria promover. Sharon e eu tentamos circular por ali um pouco, e, embora minha satisfação pós-orgasmo estivesse diminuindo aos poucos, esbarrar em tantos corpos ainda me dava prazer, não irritação; era como se a multidão fosse um único organismo sensorial. Cumprimentei algumas pessoas que eu conhecia das revistas de arte para as quais colaborara, mas logo percebi que Sharon queria ir embora e começamos a abrir caminho até Alena, para parabenizá-la e depois sairmos dali para beber.

Alena e Sharon cumprimentaram-se com um beijo, mas Alena e eu não nos tocamos. Expliquei, tentando me fingir de relaxado, que Sharon e eu íamos pôr os papos em dia em algum lugar tranquilo, mas que ela podia me mandar um torpedo quando a exposição estivesse terminando que eu voltaria para ajudar na limpeza. Ela disse obrigada, mas que duvidava que precisasse de ajuda, o seu tom sugerindo que a minha oferta presumia um nível de intimidade maior do que a nossa troca de fluidos permitia.

Fiquei alarmado com a contundência do que experimentei como sendo a dissimulação de Alena, aquilo era quase uma manipulação emocional, como se o nosso encontro no chão do apartamento nunca tivesse acontecido. Eu ainda estava ruborizado do nosso coito, meus sentidos e a cidade vibrando numa só frequência, querendo apenas possuí-la e ser possuído por ela de novo, enquanto ela me olhava com um distanciamento tão absoluto que me senti como se fosse o seu ex ciumento que ela queria evitar, um burguês puritano incapaz de conceber o erótico fora do léxico de propriedade. Talvez ela tivesse se separado de mim só para poder me reencontrar friamente, reafirmando sua capacidade de estabelecer distâncias insuperáveis ainda que estivéssemos próximos fisicamente. Por um lado, senti uma raiva ciumenta subindo dentro de mim, um desejo de que ela me desejasse, o único tipo de desejo, me disse uma vez Alex durante uma briga, que eu era capaz de sustentar. Por outro lado, eu francamente admirava como Alena parecia ser capaz de me pegar ou largar, de me pegar e largar simultaneamente, achava aquilo excitante, inspirador até, como se a energia que tivéssemos gerado fosse agora livre para circular por aí, eletrizando tudo — corpos, postes de luz, obras de técnica mista.

Seguimos para oeste até um bar de que Sharon gostava. O lugar era iluminado no estilo dos bares *speakeasy*, todo em madeira escura e teto de metal em alto-relevo, não havia música. "O Jon diz que ela sabe Krav Maga. Não se esqueça de combinar uma senha." Fazia tanto silêncio que dava para ouvir o barman sacudindo os drinques artesanais na coqueteleira.

— Por que você acha que sou eu o submisso? — Os drinques continham gim e grapefruit e foram servidos em copos altos.

— Porque você é um bunda-mole. — Sharon era vulgar com uma solenidade que derrotava a vulgaridade.

— Sou eu que faço sexo casual no apartamento de um estranho com uma mulher misteriosa que talvez não esteja nem aí para mim. Você é casada. — Eu havia oficiado o casamento deles, ordenando-me pela internet.

— Ela gosta de você, só não quer se prender.

— Quando um polvo macho parte para o "ataque" tentando acasalar, ele usa as ventosas para confrontar o seu alvo e introduzir o hectocótilo.

— Se algum dia Alena se reproduzir, será por fissão.

— Aquele joguinho de asfixia me deixa nervoso — eu disse com a ajuda de um segundo drinque.

— E se você parasse de se preocupar em proteger as mulheres dos desejos delas?

Agora estávamos descendo a Delancey Street; um gás que eu esperava fosse apenas vapor saía de um respiradouro da rua.

— Talvez seja a forma que ela achou de enfrentar e superar o medo da morte.

— Talvez seja a forma que ela achou de enfrentar a ameaça do mutismo.

Uma ambulância passou lançando luzes vermelhas na nossa direção.

— Ou de ter prazer em nos confrontar com o prazer que temos nessas ameaças.

— A inundação de oxigênio após a libertação. — Descemos para o subterrâneo.

— "Um fósforo queimando numa flor de açafrão; um sentido recôndito quase expresso" — citei, mas perdeu-se no barulho do trem que se aproximava.

— Mantenha distância das portas, por favor.

— Ajudamos a editar um filme sobre bonobos para a BBC. Eles são o nosso parente mais próximo e não têm nenhum conceito de exclusividade sexual.

— Dizem que a monogamia é um efeito da agricultura. A paternidade só começou a importar com a transmissão da propriedade.

FAÇA O TESTE DE HIV HOJE, dizia o cartaz da linha D.

— Mas eles comem as crias de outras espécies de primatas.

— Então por que você se casou, se não quer ter filhos? — Emergimos na ponte de Manhattan; quase todo mundo verificando e-mails, mensagens de texto.

"Você foi embora sem se despedir", dizia a de Alex.

"*Shine bright like a diamond*", cantava Rihanna pelos fones de ouvido da garota ao meu lado com unhas pintadas de estrelas.

Estávamos sentados em um restaurante em Crown Heights; o chão de pastilhas redondas brilhando sob a luz das velas.

— Eu acredito em promessas. Acredito na publicidade.

— Prometo passar por uma série de mundos com você — lembrei dos votos matrimoniais dela. Eu tinha dito ao garçom que só iria beber vinho, mas comi metade do nhoque de espinafre do prato dela e depois paguei tudo.

— Ela vai se cansar de você logo, logo — disse Jon. Estava deitado no sofá vendo *The Wire* no laptop com dois lenços de papel cor-de-rosa enfiados nas narinas parecendo o bigode de um bandido de teatro infantil. A mesa de centro estava cheia de saquinhos de chá usados e exemplares da *Film Quarterly*. Vasculhei a cozinha deles mas só consegui encontrar uma garrafa de gim quente.

— Então por que nos apresentou?

— Porque ela é inteligente, bonita, simpática e diz que gosta da sua poesia.

Fui a pé para casa pelo parque. "Você fracassou em conciliar o realismo do meu corpo com a eterealidade das árvores", disse eu à neblina. Como o parque fica na rota dos aviões, a prefeitura recolhe e abate os gansos. Que têm um parceiro para a vida toda, confirmei na Wikipédia. O brilho da tela parecia fugir para a minha mão. Olhei para o céu e as nuvens eram um craquelê.

Servi-me de um copo grande de água que esqueci de levar para a cama. "A chuvinha de brasas", escrevi numa mensagem a Alena, depois me arrependi.



Saí do consultório climatizado do dr. Andrews no Upper East Side e enfrentei o calor fora de época da tarde de dezembro, liguei meu celular e ao abrir minha caixa de e-mails encontrei uma mensagem de Natali,

minha mentora e heroína literária, falando do marido, Bernard, uma figura de igual importância para mim:

> B sofreu uma queda em Nova York e fraturou uma vértebra do pescoço. Foi operado e transcorreu tudo bem, agora está fora de perigo imediato. Mas a recuperação é lenta e não me disseram quando ele poderá voltar para Providence. De hoje à noite em diante ficarei num hotel perto do Hospital Monte Sinai com acesso incerto à internet. Mando o número do meu celular, mas não sou muito competente em receber mensagens. Algumas parecem evaporar. Beijos, N.

Enquanto lia, experimentei o que já estava começando a se tornar uma sensação familiar: o mundo estava se rearranjando à minha volta enquanto eu processava palavras de uma tela de cristal líquido. Eu havia recebido tantas notícias pessoais da maior importância nos últimos anos por smartphone enquanto estava fora da cidade que poderia marcar num mapa, poderia representar espacialmente, os principais acontecimentos, tais como se deram, do início dos meus 30 anos. Prender uma tachinha na parede ou uma bandeira no Google Maps em cima do Lincoln Center, onde, ao lado da fonte, atendi uma ligação de Jon me comunicando que, por uma complexidade de motivos, um amigo havia se matado com um tiro; assinalar o Museu Noguchi em Long Island City, onde li a mensagem ("Desculpe pelos e-mails em massa...") que uma prima próxima enviou descrevendo o estado desesperador do seu filho recém-nascido; esperando na fila do correio da Atlantic Avenue, o *adhan* soando pelos alto-falantes crepitantes da mesquita adjacente, recebi o anúncio do seu casamento e fiquei chocado por me sentir chocado, arrasado, e entrei numa queda assustadora semanas sem fim, pior ainda por ser um clichê vexaminoso; quando estava no banheiro da Crate & Barrel do SoHo — o melhor banheiro semipúblico do centro de Manhattan — e soube que havia ganhado uma bolsa que me levaria ao exterior durante um verão, e assim comecei a associar a esquina da Broadway com a

Houston a tudo o que aconteceu no Marrocos; no Zuccotti Park soube que a minha namorada na época não estava — ao contrário de sua absoluta convicção — grávida; enquanto comprava meias em uma promoção da loja de departamentos Century 21 em frente ao Marco Zero, fui informado por mensagem de texto que um amigo em Oakland havia sido hospitalizado após a polícia quebrar suas costelas. E assim por diante: cada uma destas experiências de recepção permaneceu de certo modo *in situ*, pois sempre que eu voltava a um dos locais onde notícias importantes haviam sido recebidas, descobria que as notícias e um eco do seu efeito ainda esperavam por mim como uma cortina de contas.

Nem Bernard nem Natali pareciam algum dia ter existido no tempo, pelo menos não no mesmo espaço de tempo que eu ocupava; a barba de mago e a erudição sobrenatural de Bernard faziam-no parecer inacreditavelmente velho quando o conheci no meu primeiro ano de faculdade, e só quando eu estava mais velho consegui lembrar dele como sendo comparativamente jovem; ele tinha uns sessenta e tantos anos quando assisti pela primeira vez a uma de suas aulas. E ainda assim, justamente porque parecia fora do alcance do tempo, nunca consegui imaginá-lo envelhecendo de fato, logo a sua fragilidade física nunca me pareceu real em nenhum presente específico; nesse sentido, ele era eternamente jovem. Natali — a única pessoa que eu conhecia que tinha tanta leitura quanto Bernard, talvez mais, uma vez que era fluente em vários idiomas, nasceu na Alemanha e aprendeu francês ainda criança antes de se tornar uma das maiores poetas de língua inglesa — sempre me pareceu ter a mesma idade, mesmo na memória. Esta condição de exceção temporal era em parte efeito de um nível de realização literária que me dava impressão de anacronismo: cada um deles havia escrito mais de vinte livros de vários gêneros; cada um traduzira igual número de volumes; a pequena editora que criaram no início dos anos 1960 havia publicado centenas de livros e panfletos de literatura experimental. Além disso, a casa em que moravam em Providence — uma casa tão repleta de livros que parecia feita de livros — também parecia fora do tempo. Bernard e Natali estavam sempre trabalhando sem trabalhar, quer dizer,

estavam sempre lendo e escrevendo quando não abriam a casa para receber outros escritores; não havia divisão entre trabalho e lazer; os dias deles não eram estruturados segundo as convenções; a casa não se sujeitava aos ritmos do cotidiano mas à estranha duração do literário.

Devo confessar que tudo isso me deixou a princípio bastante desconfiado; eles pareciam perfeitos demais, abertos, puros e generosos demais; como podiam se envolver com diferentes gerações de autores — os ofensivos, os que se ofendem com facilidade, os doidos de papel passado — sem fazer um único inimigo, a não ser que fossem secretamente insensíveis ou intelectualmente inertes ou que houvesse corpos em decomposição debaixo das tábuas do assoalho? Na primeira vez em que estive na casa deles eu andava com todo cuidado não só por sentir que estava num museu, com medo de quebrar alguma coisa, mas também porque receava uma armadilha.

Enquanto relia a mensagem de Natali, lembrei das primeiras noites que passei na casa deles no final da minha adolescência: derramando vinho no chão e nos estofados, Bernard e Natali ouvindo pacientemente o meu eu mais jovem simular seriedade literária, o meu discurso que era sem dúvida uma colcha de retalhos de clichês interpretativos e erros factuais, eles contando histórias cujo significado só me ocorreria anos mais tarde. Lembro de debater e/ou assediar outros alunos e *habitués* da casa, outros jovens escritores de quem eu estava desesperado por me distinguir, sem obter qualquer ajuda nesse aspecto nem de Bernard nem de Natali, já que eles tratavam a todos igualmente, o que me enfurecia. Mas a recordação mais vívida que tive ali parado na East 79th Street foi a de ter conhecido a filha deles, uma jovem por quem fiquei obcecado durante algum tempo, e em quem ainda penso de vez em quando apesar de só tê-la visto uma vez.

Um ilustre escritor sul-africano comparecera certa noite ao campus para ler passagens do seu novo romance, então encontrei a filha no que veio a ser uma reunião incomumentemente concorrida. Era talvez a segunda ou terceira vez que eu visitava a casa, o que significava que ainda estava nervoso, cético. Eu estava na sala de jantar, onde comida, vinho e

copos haviam sido colocados na mesa, admirando uma colagem de Bernard na parede, quando uma mulher atrás de mim — mais velha do que eu na época, mais jovem do que sou agora — identificou a fonte de um dos elementos da colagem: um pedaço de um cartaz do filme *Aurora* de Murnau. Virei-me para encará-la e fiquei, como dizem, nocauteado — grandes olhos azuis-acinzentados, lábios cheios, cabelos compridos pretos com algumas mechas prateadas, e uma harmonia e inteligência tão evidentes que nenhum catálogo de feições poderia descrever. Percebendo que eu não tirava os olhos dela, finalmente me ocorreu que eu devia falar e consegui dizer algo sobre a compatibilidade entre o cinema mudo e a colagem, suportes silenciosos que dependem da montagem para ganhar efeito. Fosse qual fosse o mérito da afirmação, ela reagiu como se eu tivesse contribuído com alguma coisa inteligente e a eletricidade ramificou-se pelo meu corpo quando ela sorriu. Perguntei se costumava frequentar a casa de Bernard e Natali e ela disse, rindo, "Eu cresci aqui", e então entendi — o seu conhecimento da colagem, a aura de inteligência, o visível estar à vontade naquele espaço sagrado — que aquela mulher deslumbrante era filha deles.

Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos e nos apresentamos, mas fiquei tão atordoado com o contato que não captei o nome, e antes que eu pudesse pedir-lhe que repetisse, ela foi levada dali por um homem, um ilustre professor de não sei o quê, que queria apresentá-la ao ilustre escritor. Pelo resto da noite fiquei circulando pela casa à espera de uma oportunidade para insinuar-me de novo na sua presença, mas por algum motivo a oportunidade não surgiu, ou eu não tive coragem de agir. Toda vez que a ouvia rindo ou conseguia discernir a sua voz no alarido geral ou a via passar graciosamente pela sala, o meu corpo inteiro se sobressaltava e depois eu me sentia como se estivesse caindo, uma sensação semelhante ao espasmo mioclônico que, assim que começamos a pegar no sono, nos acorda violentamente. Ali parado entre primeiras edições, convenci-me de que era o arrepio do destino.

Eu estava olhando esculturas e curiosidades dispostas em mostruários de vidro alinhados em uma das paredes da sala quando

descobri um pequeno desenho da filha em uma moldura prateada. Lembrava vagamente um Modigliani por seu alongamento e imaginei se Bernard teria feito aquele pequeno retrato sem assinatura. Naquela hora eu já era um remanescente porque a maioria dos convidados tinha ido embora. O vinho me deu coragem para tomar outro copo de vinho, que por sua vez me deu coragem para sentar-me em uma das poltronas agora disponíveis na sala para, ao lado de outros, ouvir Bernard. Entre uma pausa e outra para atiçar as brasas da lareira ao seu lado, ele contou a história de um escritor francês que, precisando de dinheiro, enviava a si mesmo cartas forjadas de interlocutores famosos e depois tentava vendê-las à biblioteca de uma universidade. Olhei furtivamente para a filha de Bernard, a luz do fogo conferia-lhe um dourado sombrio.

Naquela noite não troquei mais uma palavra com ela. Ao que parecia, ela não ia dormir na casa. Assim que Bernard concluiu a sua história — o falsário foi desmascarado, mas tempos depois publicaria as cartas como um romance epistolar aclamado pela crítica —, o professor bocejou para sinalizar sua partida iminente e a filha perguntou se ele poderia lhe dar uma carona. Quando os dois se levantaram, todos os demais se levantaram, e eu tive a sorte de receber um beijo no rosto depois de ela ter beijado o rosto de Bernard, Natali e mais uma ou duas pessoas. Ela disse que esperava ver-me de novo e só o que me lembro é de ter voltado correndo pela neve ao meu dormitório rindo alto de tanta alegria, como o adolescente que era. Tive uma compreensão avassaladora da possibilidade e da plenitude do mundo; as esferas luminosas e maciças resplandeciam acima de mim sem ironia; as luzes da rua formavam um halo e eu conseguia distinguir a zona montanhosa e clara da superfície da Lua, os sistemas pontilhados ao longe; eu ia ler tudo e inventar uma nova prosódia e conquistar a radiante descendente dos decanos da vanguarda ainda que isso me matasse; minha mente e meu corpo eram a brasa murcha despertada para o brilho efêmero pelo ar que seus lábios exalaram ao me tocarem; a terra era bela acima de todas as mudanças.

Passei os meses seguintes comparecendo a todas as reuniões e procurando pela filha, sem nunca ter coragem de perguntar por ela

diretamente, ou, naquele primeiro ano, de falar sobre o que fosse com Bernard e Natali, embora aos poucos estivesse relaxando na presença deles, a quem, mais do que nunca, eu queria impressionar. Ela aparecia frequentemente nos meus sonhos, e pelo menos um deles resultou numa polução noturna, a última vez que experimentei esse fenômeno, mas a maioria deles era casta, clichê — passeios por Paris de mãos dadas etc. Ela tornou-se uma ausência presente, o fantasma que eu comparava com o real enquanto bongava com meu colega de quarto; eu achava que a via nos carros que passavam, sumindo de vista ao dobrar uma esquina, descendo pelo túnel de desembarque no aeroporto quando eu ia para casa nas férias de inverno.

Por fim perguntei a Bernard o nome dela, por onde andava, provavelmente revelando desespero, momento em que ele me deu um olhar perplexo e explicou: não tenho filha nenhuma. Senti o mundo rearranjar-se à minha volta, uma possível morte. Mas e a mulher que eu conheci com o ilustre professor, aquela que disse ter crescido ali naquela casa, a do desenho etc.? Ele teve dificuldade para lembrar de quem eu estava falando. Ela deve ter dito "Eu cresci aqui" em outro sentido; talvez, ocorreu-me, quisesse dizer que era o lugar onde aprimorara a sua formação. Ele me pediu para mostrar-lhe o desenho e quando o viu explicou que o tinha comprado em uma venda de garagem no Michigan; lágrimas, pelo menos na minha memória, encheram os meus olhos.

Quinze anos se passaram desde a descoberta de que eles não tinham filhos — claro que não tinham filhos, a casa não tinha sinal algum do presente ou do passado de uma família nuclear — até a leitura da mensagem de Natali sobre a queda de Bernard. Agora, antes de ligar para o celular de Natali, vi de novo o rosto da filha deles, senti o eco do desejo, quis telefonar e falar sobre Bernard. Nesses quinze anos, eu havia publicado o trabalho de Natali e Bernard em revistas que editara, escrevera ensaios sobre eles, visitara-os com frequência. Ainda recentemente tinha ido a Providence — a pedido de Natali — e me solicitaram que eu fosse o seu executor literário, uma grande honra e responsabilidade, uma proposta que aceitei, após lembrar-lhes num

discurso comprido e empapado de vinho as minhas inumeráveis insuficiências e o meu diagnóstico.

Disquei o número de Natali, embora "discar o número" seja uma frase anacrônica, e ela atendeu; parecia a mesma de sempre. Perguntei o que eu podia fazer. A resposta foi praticamente nada, mas eu seria bem-vindo se quisesse visitá-lo na manhã seguinte. Talvez eu pudesse levar uns poemas, pois ela lia um pouco para Bernard quando ele não estava dormindo.

Peguei a linha 5 de volta ao Brooklyn, preparei de qualquer jeito um espaguete e comi, depois comecei a andar de um lado a outro do apartamento tentando decidir que poemas eu levaria. Quatro horas mais tarde era como se o meu apartamento tivesse sido assaltado ou sobrevivido a um terremoto. Eu retirara dezenas de livros das estantes de pinho rústico, levantando pó, e depois os descartara fazendo pilhas pelo chão, fosse porque o livro em questão tinha sido um presente de Bernard ou Natali, ou um livro que eles tinham publicado ou escrito, e portanto seria uma falta de imaginação escolhê-lo, fosse porque eu sabia, ou temia, ser um poeta de que eles não gostavam, ou porque os poemas eram elegíacos demais, ou grandes demais para Bernard ouvir naquele estado. Eu estava ficando cada vez mais desesperado, minha preocupação com Bernard agora agravada pela preocupação ridícula de que levar o livro errado de alguma forma invalidaria a confiança depositada em mim como seu executor, revelando-me como indigno. Além disso, havia a vergonha que comecei a sentir ao perceber que, se estivesse na situação de Bernard, eu nem pensaria em literatura, só ficaria pedindo morfina e me distraindo, se possível, vendo *reality* na TV, uma linha de raciocínio que me fez imaginar a minha recuperação, ou fracasso, de uma cirurgia de coração aberto.

Deitei no chão e fiquei vendo a lenta rotação do ventilador de teto e tive dificuldade para respirar quando todas as ordens temporais quebraram sobre mim: Bernard e Natali estavam sucumbindo ao tempo biológico; tinham pedido a mim e à minha aorta que conduzíssemos a escrita deles para o futuro, um futuro que cada vez mais eu imaginava

como submerso; nada do passado era utilizável — não consegui encontrar, no meu apartamento repleto de livros, uma única página dele para levar ao mesmo hospital onde haviam medido os meus membros e, dependendo do seguro, talvez inseminassem a minha amiga.

De repente, assim do nada, como se descesse do teto, achei o poeta certo: William Bronk. Lembrei de Bernard me contando que só tinha se encontrado com Bronk uma vez e que nenhum dos dois falara muito; que tinham almoçado ou tomado café num silêncio amigável, mas um tanto embaraçoso. Bernard acreditava que Bronk era um dos maiores e mais subestimados poetas da segunda metade do século XX. Uma década depois, após a morte de Bronk, disse-me Bernard, ele conheceu um estudante de pós-graduação que vinha a ser um parente distante ou um amigo da família de Bronk que havia conhecido o poeta nos seus últimos anos. O estudante de pós estava sempre falando de Bronk como se Bernard e Bronk tivessem sido amigos íntimos que conviveram desde a infância, o que Bernard achou um pouco intrigante. Depois da quinta ou sexta conversa em que o estudante tentou trocar reminiscências com Bernard a respeito de Bronk, sobre o tipo de homem que ele era, Bernard achou que estava na hora de explicar ao rapaz que, embora admirasse tremendamente a poesia de Bronk, só estivera com o poeta uma vez, e num encontro rápido, que não tinha a menor ideia de como ele era como pessoa. O estudante ficou chocado: mas ele sempre falava do senhor, disse a Bernard, de como o senhor havia procurado por ele, de como se davam bem, da empatia entre os dois etc. Um dos principais motivos pelo qual vim aqui estudar com o senhor foi o seu relacionamento pessoal com Bronk. Imagino que Bernard tenha visto o mundo rearranjar-se em volta do estudante.

Wallace Stevens, contou-me Bernard em outra ocasião, exerceu uma forte influência em dois poetas de quem Bernard gostava especialmente: Ashbery, muito enaltecido por todos e com razão, e Bronk, um desconhecido por grande parte do público. Ashbery escrevia em cores, dizia Bernard, enquanto Bronk escrevia em preto e branco; Ashbery incorporava a exuberância de Stevens, enquanto Bronk a despojava,

como se Stevens estivesse sendo traduzido para um vocabulário limitado. Dessa forma, a poesia de Bronk ficava suspensa entre o peso filosófico e uma simplicidade linguística quase autista, uma combinação que, para mim, nunca funcionou bem: eu havia lido todos os livros dele por um sentido de dever, mas quase sempre perdia o interesse porque aquela afetação de profundidade não me convencia. No entanto, agora, quando encontrei numa prateleira as poesias selecionadas de Bronk e abri o livro em uma página qualquer, a força dele estava toda ali, finalmente real para mim:

SOLSTÍCIO DE VERÃO[1]

Um mundo verde, uma cena de verde profundo
com azuis-claros, o verde feito profundo
por esses azuis. Pensar que
em certas pinturas, veem-se invejáveis paisagens
(por uma janela, talvez) distantes da serena
face da modelo, da serena pose, como se
em algum espelho impossível, face para trás,
a serenidade humana contemplasse o mundo verde
que contemplava esta face.
E veja agora,
eis o lugar, aqueles verdes
estão aqui, profundos com os azuis. O ar
que respiramos é doce e quente, como se
carregasse frutos. Estamos aqui. Estamos aqui.
Anote isso também, como
se víssemos uma atrocidade acontecer.
A terra é bela acima de todas as mudanças.

Foi isto que levei ao hospital na manhã seguinte, juntamente com uma salada de quinoa e mangas desidratadas para Natali. Entrei no elevador enquanto as portas se fechavam e apertei o botão do sétimo

andar, mas o número não acendeu. Ainda assim, o elevador começou a subir, parando em todos os andares. Eu estava sozinho ali dentro e o comportamento errático do elevador já estava me deixando nervoso, então desci no quarto andar e peguei as escadas. Fiquei sabendo depois que era um elevador sabático — um elevador automático que dribla a lei judaica que exige que seus observantes se abstenham de usar interruptores elétricos no dia do sabá.

Bernard parecia minúsculo em seu leito de hospital, o pescoço num colar cervical, mas também parecia muito ele; a primeira coisa que me disse, sua voz rouca pelas lesões sofridas na laringe, foi que lamentava não ter tido chance de ler o meu romance, porque fora impedido. O quarto tinha o cheiro comum a todo quarto de hospital, de desinfetante e urina, tirando isso era bom. Uma cortina de papel permitia privacidade aos dois pacientes do quarto, o outro devia estar dormindo.

Conversei com Natali e Bernard num tom bem-humorado, tentando ignorar o ruído dos aparelhos ligados a ele, e falei da minha ansiedade em relação ao que devia trazer, de como cheguei a acreditar que tudo aquilo tinha sido organizado como um teste secreto para mim. Quando lhes mostrei o Bronk, achei que Natali ficou comovida, que aquele era exatamente o livro certo, o que provava que eu fora um ouvinte atento durante todos aqueles anos, mas eu devo ter imaginado esta reação. Bernard começou a contar de novo a história do estudante de pós-graduação, mas isso exigiu muito esforço e ele acabou desistindo. Mudei o tema da conversa para a suposta "filha" deles — só agora eu percebia de fato a estreita relação entre as duas histórias — mas Bernard pareceu não saber do que eu estava falando, embora tivéssemos rido disso juntos muitas vezes antes.

Apesar da forte iluminação do hospital, sair dele direto para a rua foi como sair da noite para o dia, ou de um cinema escuro, uma matinê, para a luz do sol, ou, imaginei eu, como vir à tona num submarino — o limiar entre o hospital e o exterior era como um limiar entre os mundos, entre os meios. Já reparou nas pessoas paradas nas portas giratórias como se fossem mergulhadores fazendo descompressão, uma transição lenta para

evitar a formação de bolhas de nitrogênio no sangue, ou na cara de perplexidade que muitas pessoas fazem — sentei em um banco do outro lado da Fifth Avenue e fiquei observando — quando saem para a calçada, como se de repente tivessem esquecido de alguma coisa importante, mas sem saber o quê: as chaves, o celular, os elementos da perda? É terrível vê-las lembrando do que esqueceram um segundo depois; enquanto eu observava o hospital de uma distância segura, lembrei das semanas que passei dormindo no futon da casa de Alex depois que um SUV atropelou uma amiga dela em Chelsea, de como em certas manhãs Alex, que costumava levantar da cama ainda meio dormindo, chegava na cozinha para preparar o chá e só aí se lembrava de que Candice havia morrido. (Eu não sei como eu podia saber que ela em alguns momentos não sabia, ou como eu podia saber o momento em que o fato lhe voltava à consciência.) Se você quiser reconhecer quem está arrasado ou prestes a ficar arrasado no fluxo de pessoas que saem do Hospital Monte Sinai, decidi, não procure por expressões de pesar ou preocupação, mas por pessoas cujo rosto lembre o de passageiros desembarcando depois de um longo voo — uma expressão vazia enquanto o corpo começa a adaptar-se a um novo fuso horário e a uma nova velocidade em relação ao solo.

Velocidade em relação ao solo: *ground speed*. Ali sentado, de costas para o parque, esperando que a cidade me reabsorvesse, eu prendi a respiração até a fumaça do escapamento de um ônibus que passava se dissipar. A sirene de ré de um caminhão da FedEx transformou-se no monitor cardíaco de Bernard. Comecei a pronunciar *ground speed* em voz alta, fazendo coro às milhares de pessoas na cidade que falavam sozinhas naquele momento, repetindo as palavras até *ground* começar a soar como o particípio passado de *grind* — como se a velocidade pudesse ser moída, pulverizada. O que me lembrou do café solúvel.



Ainda havia pilhas de livros no chão do meu apartamento quando o manifestante apareceu na semana seguinte para usar o meu chuveiro. Era alguns anos mais jovem do que eu e mais alto, tão alto — mais de um

metro e noventa — que fazia o prédio parecer pequeno; teve de se baixar para não bater com a cabeça no patamar enquanto subia comigo as escadas até o meu apartamento no terceiro andar. Será que era um marfanoide? Pôs sua enorme mochila de trekking ao lado da porta e sentou-se no último degrau para tirar os sapatos antes de entrar, apesar de eu dizer que não era necessário, e enquanto ele fazia isso senti um misto de odores: suor, cigarro, cachorro, meias mofadas. Perguntei há quanto tempo dormia no parque e ele disse uma semana, mas que vinha pulando de um acampamento para outro por todo o país há mais de seis semanas. Tinha sido apanhado na porta de sua casa em Akron — morava no porão dos pais — por uma caravana de manifestantes que contactara através do Craigslist, que também estava sendo usado para conectar os manifestantes com os moradores da cidade que liberavam o uso de seus banheiros. Ele mantinha no rosto um sorriso franco inabalável. Eu ia muito ao Zuccotti?, perguntou-me.

Eram umas oito horas, a hora em que eu normalmente jantava, e perguntei-lhe se estava com fome, explicando que não sabia cozinhar muito bem, mas ia fazer uma espécie de stir-fry, e ele disse ótimo. Foi só quando tirei as toalhas que tinha lavado para ele da secadora — o meu apartamento tinha uma pequena lavadora e secadora num closet — que me lembrei de perguntar, um pouco envergonhado com o luxo, se ele queria lavar alguma roupa. Claro, disse ele, e eu mostrei-lhe como funcionava; ele pegou a mochila, tirou as roupas de dentro e enfiou na máquina, mas entrou no banheiro com a roupa que vestia.

Quando comecei a picar os legumes percebi que na verdade eu não estava com fome, que provavelmente pensei em cozinhar só para ter algo para oferecer e porque queria fazer uma atividade enquanto o meu banheiro estivesse ocupado. Abri uma garrafa de vinho do advogado, Alex me dera várias. Pus quinoa vermelha para ferver e encontrei tofu no fundo da geladeira que parecia ainda fresco e acrescentei-o ao brócolis e à abóbora enquanto o alho e as cebolas fritavam no azeite. Da cozinha eu conseguia ver o vapor escapando pela porta do banheiro. Encaixei o meu smartphone na pequena base com alto-falante e pus para tocar *The Very*

Best of Nina Simone — queria abafar os sons que ele pudesse fazer antes de tomar banho e evitar-nos maiores constrangimentos.

Enquanto mexia os legumes percebi com um princípio de alarme que não me lembrava da última vez que eu havia cozinhado para outra pessoa — na verdade, não me lembrava se sequer cheguei a fazer isso um dia. Eu havia cozinhado muito *com* outras pessoas, em geral como um assistente de chef de impressionante incompetência para Alex, Jon, outros amigos ou em família. Não foram poucas as vezes em que eu disse a uma mulher que me interessava, "Adoraria convidá-la para jantar, mas não sei cozinhar", esperando que ela dissesse, "Eu cozinho divinamente", para poder convidá-la até minha casa e me ensinar; acabávamos nos embebedando na cozinha enquanto eu revelava o que esperava ser a minha adorável inépcia, não aprendendo nada nunca. Com exceção dos sanduíches que preparei para Alex quando ela teve mononucleose — e mesmo esses eu costumava comprar, não preparar —, eu simplesmente não conseguia me lembrar de uma única situação em que tivesse construído sozinho uma refeição, mesmo rudimentar, para outro ser humano. Minha lembrança mais imediata era de fazer ovos mexidos no Dia dos Pais ou das Mães quando criança, mas o progenitor não celebrado, assim como o meu irmão, sempre davam uma mãozinha. Por outro lado, era infindável o número de refeições que outras pessoas haviam preparado para mim, milhares e milhares de refeições, uma quantidade de comida que precisaria ser medida em toneladas, desde o leite materno até o presente; ainda naquela semana Aaron tinha assado um frango no nosso jantar mensal para botarmos a conversa em dia e falarmos de Roberto; Alena fizera uma espécie de trio delicioso de saladas do Oriente Médio na noite anterior; em nenhum dos casos eu ajudei, embora tenha me oferecido prontamente. Em geral eu contribuía só com o vinho, e mesmo assim era uma obra cuidadosamente envelhecida de outros. Por certo eu devia estar esquecendo de algum caso, mas mesmo que houvesse, era raríssimo.

Eu gostaria de dizer que reconhecer esta assimetria levou-me a meditar — enquanto acrescentava shoyu e pimenta ao que estava

destinado a ser uma refeição de prodigiosa insipidez — sobre o prazer que estava tendo de cozinhar para o meu semelhante enquanto ele se banhava, mas eu bem sabia que até então não estava tendo prazer algum. Gostaria de dizer que, no mínimo, decidi que daqui para frente eu iria cozinhar para os meus amigos, ser um produtor e não apenas um consumidor dessas substâncias necessárias para o sustento e o crescimento da minha comunidade imediata. Gostaria de dizer que, enquanto o manifestante concluía o seu banho, eu me senti desassossegado com a contradição entre o meu materialismo político declarado e a minha inexperiência com este tipo de fazer, de *poiesis*, mas eu poderia driblar ou abafar essa contradição com o meu ódio à biopolítica de butique do Brooklyn, em que desperdiçar quantias obscenas e horas intermináveis no preparo de comida estilizada permitia de alguma forma a fusão do autocuidado com o radicalismo político. Além disso, o que significava dizer que Aaron ou Alena tinham preparado aquelas refeições para mim, se os ingredientes eram cultivados, colhidos, embalados e transportados por outros em um sistema de magnificência e estupidez atrozes? O fato é que compreender o meu egoísmo só levou a mais egoísmo; ou seja, eu me senti sozinho, com pena de mim mesmo, apesar de terem cozinhado *para* mim tantas vezes, porque, quando me vi ali na minha pequena cozinha mexendo legumes, quando me vi ali aos 33 anos, eu me senti aniquilado de saber que ninguém dependia de *mim* para este tipo de cuidado fundamental, como criar e nutrir. "*Ne me quitte pas*", implorava Nina Simone em francês, e pela primeira vez na vida — mesmo que o desejo fosse ou não um *non sequitur* — eu quis um filho, eu quis um filho desesperadamente.

Depois reprimi a ideia, não queria filho nenhum. Então é assim que funciona, disse a mim mesmo, como se tivesse apanhado um mecanismo ideológico em flagrante delito: você deixa um jovem comprometido com a luta anticapitalista tomar banho no seu apartamento de aluguel exorbitante e, enquanto prepara uma refeição para comerem juntos, os seus pensamentos o arrastam inexoravelmente para o desejo de reproduzir o seu próprio material genético em alguma versão de um lar

burguês, aquela quase caricatural transvaloração dos valores lubrificada pelo vinho e pela música. O seu gesto de colocar por um breve momento uma parte minúscula do doméstico — o seu banheiro — no público o leva a redescrever a possibilidade da política coletiva como o drama privado da família. Tudo isso no tempo que leva para preparar hortícolas andinas. O que você precisa fazer é podar o narcisismo que está hipostasiando como descendência, como sua próxima geração, e deixar que ele cresça horizontalmente para a possibilidade de um sujeito revolucionário transpessoal no presente e coconstruir um mundo em que os momentos possam ser outra coisa e não elementos de lucro.

A comida ficou passável, mas o manifestante insistiu que estava maravilhosa. Voltara a vestir a roupa suja, mas agora estava com aparência e cheiro de limpo. Só bebeu água, mas a comida deixou-o falante, e, enquanto a sua roupa girava na secadora, ele me contou de suas viagens, de como mais do que qualquer outra coisa — discutir a respeito de tudo com todos, ser cercado e espancado pela polícia na ponte do Brooklyn, aprender a ligar geradores, parar de beber — as suas experiências naquilo a que chamava de o movimento ajudaram-no a ficar de boa, expressão dele, com os homens. Achei que ele fosse contar uma história de despertar sexual, mas estava se referindo a algo mais geral: em vez de presumir que todo homem estranho e pós-púbere fosse uma ameaça física e psicossocial, ele agora estava aberto à possibilidade de um homem ser boa gente. Desde que me lembro, disse ele, sempre que passo por um cara na rua ou vejo um cara em outro carro ou nos corredores de um edifício, o que fico pensando, conscientemente ou não, é: se eu pego esse sujeito, quem ganharia a briga? Quase todos os homens pensam assim, disse o manifestante, e eu concordei, embora a minha consciência dessa linha de raciocínio tivesse diminuído substancialmente, ainda que aos poucos, desde a adolescência, substituída agora pela consciência de que uma porrada na minha aorta poderia me matar. No entanto, quando abri a porta para o manifestante e avaliei a sua altura, será que cheguei a calcular as minhas chances numa briga com ele? Provavelmente. Mas eu já não penso assim, continuou o manifestante, não depois de tantas

experiências como esta, se referindo, acho eu, ao fato de eu ter deixado que ele tomasse banho, de ter lhe dado um prato de comida.

Ficamos falando durante um tempo sobre o mais recente episódio de violência da polícia de Nova York e depois ele disse: Sabe quando a gente é criança e vai ao banheiro com outros meninos, quer dizer, quando ficamos lado a lado mijando — fiquei um pouco preocupado sem saber aonde ele queria chegar — e o grande lance era dar uma espiadinha no pau do outro menino por curiosidade, e quando a gente vai ficando mais velho isso se torna cada vez mais uma ofensa, pode levar a que te chamem de bicha ou algo do gênero, e então tem uma hora que paramos de fazer isso, a não ser que você esteja querendo pegar homem, talvez, não sei. Mas aí quando você entra no secundário, ou antes até, tem aquela espécie de performance que começa quando você tira o pau das calças para mijar no mictório e começa a dobrar os joelhos só um pouquinho, ou faz outra cena do tipo para mostrar que está levantando um peso danado.

Eu estava rindo porque sabia do que o manifestante estava falando, sabia exatamente, mas por algum motivo nunca tive uma consciência muito clara desta prática generalizada. Inúmeras situações passaram diante dos meus olhos: em vestiários no Kansas quando garoto, mais recentemente em aeroportos por todo o país e em grandes restaurantes, duas das únicas instituições onde eu agora urinava em público, porque na faculdade entrava sempre num reservado; muitos homens, talvez a maioria, agiam, quando seguravam o membro, como se estivessem pegando, no mínimo, um cano pesado, e outros como estivessem se preparando para uma exibição de força sobre-humana, fazendo depois a cena espalhafatosa de apoiarem as costas com o braço livre se seguravam o pênis com apenas uma das mãos, ou de segurarem o membro com as duas mãos, como se qualquer destas posturas fosse exigida pelo peso. Tentei lembrar se tinha visto isto em outros países. De qualquer forma, estávamos ambos rindo a essa altura, rindo como há muito tempo eu não ria, porque agora o manifestante estava de pé e começava a imitar

perfeitamente ali na minha sala de jantar o ritual pré-micção dos homens do interior.

Eu via o meu pai fazendo isso, e os meus treinadores e os meus amigos, e eu fazia basicamente sem saber, fiz isso a minha vida toda, continuou o manifestante, tomando fôlego, e então no outro dia estávamos no banheiro do McDonald's ao lado do parque, onde o gerente nos deixa ir, e o meu amigo Chris disse: Quando é que você vai parar de fingir que isso aí pesa tanto, cara? Precisa de uma ajudinha aí? E foi a primeira vez que percebi que eu fazia isso, que percebi que todos aqueles homens estavam sempre fazendo isso, e simplesmente parei. Quer dizer, eu sei que esse não é o propósito do Occupy, mas estou te dizendo que agora eu não fico avaliando os homens em termos de briga o tempo todo e não me comporto como se o meu pau pesasse uma tonelada e isso faz com que eu veja o mundo de uma forma um pouco diferente, sabe?

Depois de lavarmos a louça juntos, caminhamos até o metrô; eu ia encontrar-me com Alex no Lincoln Center. Antes de ele descer em Wall Street, disse-lhe que me enviasse uma mensagem se ele ou um amigo precisassem tomar banho e que tinha a certeza de que o veria no parque de qualquer forma, que eu ia com frequência à People's Library, mas isso nunca aconteceu. Foi estranho e inquietante ficar no trem quando o manifestante saiu e as portas se fecharam, continuar para o norte, em direção a um centro de artes performáticas, mas nunca considerei alterar o meu plano.

Alex e eu nos encontramos na 62nd Street, na fila relativamente pequena para o *The Clock*, de Christian Marclay. A videoinstalação de 24 horas estava sendo exibida continuamente há uma semana. Os tempos de espera eram imprevisíveis; já por duas vezes tínhamos nos encontrado ali e abandonado a fila, quando a espera prevista era de duas horas ou mais; agora não parecia tão ruim, provavelmente porque era meio de semana. Alex e eu não nos víamos há alguns dias e aproveitamos para pôr a conversa em dia enquanto esperávamos lado a lado.

Ela fora ver a mãe em New Paltz e, embora a mãe estivesse com a mesma aparência desde a última visita, um mês antes — fraca, porém não mais fraca —, grande parte da sua conversa agora girava em torno da morte, citotoxinas indiscriminadas circulavam pelo seu corpo. Não que ela pense que vai morrer amanhã, ou que tenha desistido de tentar viver por muitos anos, disse Alex, mas fica claro que pensa no tempo que lhe resta como o prolongamento da doença, e não como uma coisa separada. A mãe de Alex, uma socióloga que lecionava na universidade estadual em New Paltz, criara a filha praticamente sozinha; o pai de Alex, que era da Martinica, nunca fora casado com a mãe, e Alex não tinha uma lembrança nítida dele. O padrasto, também professor na Universidade Estadual de Nova York em New Paltz, estava presente desde que ela tinha 12 anos; era amável, atencioso e vivia agora, segundo Alex, em um estado de desespero crescente, embora silencioso.

— Enquanto isso — disse Alex, querendo claramente mudar de assunto —, fiquei sabendo hoje que vou ter de extrair a porra dos dentes de siso.

— Pensei que já tivesse tirado quando era pequena.

— Tirei dois, mas deixaram os dois superiores porque acharam que não causariam problemas e agora estão "impactados" e cariados porque não consigo alcançá-los quando escovo os dentes.

— E vai tirar quando?

— Logo, antes que o meu seguro-saúde expire. E ainda por cima isso vai me custar no mínimo uns mil dólares, a cobertura odontológica é uma porcaria.

— Que merda. Sinto muito. Me avisa quando agendar a cirurgia que eu vou com você. Faço uma sopa depois. Ando aprimorando a minha culinária.

— Ouve só, a recepcionista disse que eu só posso fazer ou uma anestesia local, ou uma intravenosa mais pesada, tenho de escolher uma delas. O dentista disse para fazer só a local, mas quase ninguém que eu conheço fez só a local.

— Qual você tomou quando era pequena?

— O problema é esse: não me lembro. Perguntei à minha mãe e ela disse que achava que eu tinha tomado uma coisa mais pesada. Ouvi falar que a sedação intravenosa provoca amnésia. É por isso que tanta gente tem dificuldade de lembrar do que tomou. A diferença não está na intensidade da dor que sentimos, mas se vamos lembrar dela.

— Eu não ia querer que me operassem se soubesse que eles sabem que eu não vou lembrar do que estão fazendo.

— Provavelmente vou só tomar a local.

Pensei em me oferecer para pagar o que o seguro não cobrisse, preocupado que ela pudesse escolher a anestesia local só porque era mais barata, mas fiquei em dúvida se ela apreciaria o gesto, então deixei passar.

Contei do manifestante, esperando animá-la com o negócio da competição masculina nos mictórios, e a fila avançou ou pareceu avançar rapidamente; tínhamos esperado bem menos de uma hora quando nos deixaram entrar. *The Clock* é um relógio: uma montagem com duração de 24 horas de milhares de cenas do cinema, algumas da TV, editadas para serem exibidas em tempo real; cada cena indica as horas com a tomada de um relógio ou sua menção em um diálogo; o tempo dentro e fora do filme está sincronizado. Marclay e uma equipe de assistentes passaram anos peneirando um século de cinema para encontrar possíveis filmes para a colagem deles. Quando encontramos os nossos lugares eram 11:37; a tensão da iminência da meia-noite era palpável, as vinte e três horas e meia de filme que nos precederam haviam inevitavelmente gerado aquele clímax. (Eu quis chegar por volta das 10:04 da noite para ver o relâmpago atingir a torre do relógio do tribunal em *De volta para o futuro*, permitindo que Marty retornasse a 1985, mas Alex não conseguira pegar o trem de volta da casa da mãe a tempo.) Agora os atores de cada cena, por mais incongruente que fosse, me surpreenderam, pois pareciam unidos na antecipação desse limiar. Embora tivéssemos chegado apenas vinte e três minutos antes do fim do dia, ficamos imediatamente extasiados. Várias pessoas em sequência na tela estavam ao telefone implorando pela suspensão de uma execução.

Quando chegou a meia-noite, Orson Welles caiu da torre do relógio em *O estrangeiro*; o Big Ben, que depois eu veria que aparece muitas vezes no vídeo, explodiu e o público aplaudiu; uma espécie de mulher zumbi saiu de um relógio de pêndulo e todo mundo riu. E então, um minuto depois, uma menina acorda de um pesadelo e, enquanto é confortada pelo pai (Clark Gable no papel de Rhett Buttler), vemos o Big Ben enquadrado na janela atrás deles tiquetaqueando de novo, totalmente intacto. Todas as vinte e quatro horas precedentes podiam ter sido o sonho da criança, uma tempestade que nunca aconteceu, apenas uma das muitas formas de integrar *The Clock* em uma narrativa abrangente. Na verdade, foi um desafio maior para mim resistir à vontade de integrar do que combinar as várias cenas em uma ficção poderosa e coerente, em parte pelo uso da repetição por Marclay: às 11:57 uma jovem tenta seduzir um rapaz; à 1:19 da madrugada eles reaparecem, dormindo em camas separadas; o que se passou entre eles? Era impossível não especular sobre o que aconteceu no intervalo, naquele período de tempo ficcional sincronizado com duração não ficcional, o pulsar de um coração composto.

Muita gente saiu do teatro depois da meia-noite. Nós ficamos lá exatamente três horas; estranhamente, embora soubéssemos que acabaríamos indo embora, parecia desrespeitoso sair na metade de uma hora. Eu voltaria em horas diferentes nos dias subsequentes e comecei a gostar, à medida que passamos o tempo vendo o vídeo, de como desenvolvemos o sentido de algo como um relógio circadiano do gênero: o horário entre 5:00 e 6:00 da tarde — que segundo rumores foi a primeira hora que Marclay completou porque havia uma infinidade de cenas de pessoas "olhando o relógio" nesse intervalo — era dominado por atores saindo do trabalho; perto do meio-dia havia um ligeiro aumento de faroestes, tiroteios etc. Marclay formara um supragênero que tornava visível o nosso sentido coletivo e inconsciente dos ritmos do dia — quando esperamos matar ou nos apaixonar, tomar um banho ou comer, foder ou consultar o nosso relógio e bocejar.

Depois de duas horas vendo o filme com Alex, reparei que ela estava dormindo e consultei furtivamente as horas no meu celular. Uma meia hora depois, consultei as horas outra vez, só então percebendo que o gesto era absurdo: eu estava desviando o olhar de um relógio para outro. Foi meio constrangedor perceber como este hábito de distração estava enraizado em mim, mas concluí que esquecer que o filme estava me dizendo as horas revelava uma coisa importante sobre ele.

Eu fiquei sabendo que *The Clock* tinha sido descrito como a derradeira transformação do tempo ficcional em tempo real, uma obra concebida para obliterar a distância entre arte e vida, fantasia e realidade. Mas parte do motivo de eu ter consultado as horas no meu celular foi porque essa distância não havia sido quebrada para mim; apesar de a duração de um minuto real e a duração do minuto de *The Clock* serem matematicamente indistinguíveis, eles eram minutos de mundos diferentes. Eu via o tempo no *The Clock*, mas não estava nele, quer dizer, eu estava experimentando o tempo como tal, não tendo experiências por meio dele como meio. Enquanto eu fazia e desfazia uma variedade de narrativas sobrepostas a partir daquele apanhado de filmes, senti agudamente quantos dias diferentes podiam ser construídos a partir de um dia, senti mais possibilidade do que determinismo, o lampejo utópico da ficção. Ao consultar o meu relógio para ver uma unidade de medida idêntica à exibida na tela, eu estava indicando que ainda havia uma distância entre a arte e o mundano. *Tudo será como agora* — o quarto, o filho, as roupas, os minutos — *só que um pouco diferente*.

Acho que foi enquanto o meu olhar pulava do *The Clock* para o relógio do celular que decidi escrever mais ficção — algo que prometera aos meus amigos poetas que eu não faria — e durante a semana seguinte comecei a trabalhar num conto, esboçando grande parte dele no meu caderno quando estava sentado no teatro. O conto teria uma série de transposições: eu mudaria o meu problema médico para outra parte do corpo, substituiria a estereognose por outro transtorno, deslocaria a cirurgia odontológica de Alex. Trocaria os nomes: Alex seria Liza, que ela me disse uma vez ter sido a segunda escolha da mãe; Alena seria Hannah;

Sharon eu mudaria para Mary, Jon seria Josh; dr. Andrews seria dr. Roberts etc. Em vez de tornar-se um executor literário, tendo de enfrentar a tensão entre mortalidade biológica e textual através dessa obrigação, o protagonista — uma versão de mim mesmo que eu chamaria de "o autor" — seria procurado por uma universidade para vender o seu material. Assim como o escritor francês da história que Bernard contara na noite em que conheci sua filha, "o autor" planejaria forjar sua correspondência. Foi este o texto em prosa que produzi primeiro, o núcleo da obra, e julguei ser viável. Escrevi:

> O autor voltaria depois para se assegurar de que não estava usando em demasia palavras típicas do estilo do autor que estava imitando... Releria uma ou duas mensagens banais que realmente haviam trocado, daria outra olhada em suas *Selected Letters*.
>
> Tudo isso ia mudando conforme a tecnologia mudava. Se um autor não deixava nenhum arquivo eletrônico, então não havia nenhum registro dos e-mails que você enviou a ele ou ela, e se você tivesse de fato recebido alguns e-mails do autor em questão, possuindo portanto o endereço relevante e uma noção plausível de quando a mensagem fora enviada, então você mesmo poderia escrever do ponto de vista retroativo dos mortos, alegando ter imprimido a mensagem anos antes.
>
> Aqui está uma mensagem de um romancista que você de fato conheceu, com quem verificavelmente jantou em um Festschrift de algum autor, desenvolvendo a conversa que nunca tiveram sobre o seu romance, na época em fase embrionária. Aqui um crítico responde longamente à informação sobre um ensaio que você nunca deu. Depois os debates com poetas sobre modificações que você poderia ter sugerido, levando uns escritores importantes a fazer umas declarações importantes.
>
> Esse era não só o momento histórico em que a transição tecnológica tornava esta falsificação possível na prática, raciocinou ele, como também o momento em que, se alguém fosse descoberto, o

> crime poderia ser amplamente descrito como gestual, situado em algum lugar entre a arte performática e o protesto político. Ainda mais se essa pessoa doasse o dinheiro que a biblioteca pagou, digamos, à People's Library do Occupy Wall Street.

O conto saiu rápido, numa velocidade quase alarmante — em um mês eu tinha um rascunho acabado —, e entreguei-o à minha agente, que enviou-o à *New Yorker*, que manifestara interesse nos meus escritos após o inesperado sucesso de crítica do meu primeiro romance. Para minha surpresa, eles o aceitaram, mas queriam que eu o cortasse: queriam fora esse negócio de correspondência forjada, a parte que eu considerava o núcleo da história. Os editores argumentaram que ela sufocava o que era uma reflexão elegante sobre a arte, o tempo, a mortalidade e a natureza estranha da recepção literária. Mas eu não seria uma daquelas pessoas, insisti comigo mesmo, que deixam a *New Yorker* padronizar o seu texto; não ia fazer um corte cuja motivação principal fosse, em certo nível, a "marketabilidade" do conto. Embora tivesse vibrado até certo ponto quando a *New Yorker* o aceitou — meus pais ficariam histericamente orgulhosos de mim — e quisesse de fato os quase oito mil dólares, também me deleitava a possibilidade de recusar a *New Yorker*, de ser capaz de contar a história do meu conto como prova de minha credibilidade vanguardista. Escrevi um e-mail apressado e, reparei depois, cheio de erros de digitação, à revista, com cópia para minha agente, explicando que ia retirar o conto, que o corte que exigiam — eu perceberia mais tarde que sequer insinuaram que aquilo fosse um ultimato — violava a integridade da minha escrita.

Falei do conto e dessa história por trás do conto com Natali em uma de minhas visitas ao hospital. Enquanto Bernard dormia ao nosso lado, ela leu-o e disse simplesmente: acho que eles estão certos em pedir o corte. Mostrei-o a outro amigo escritor e ele concordou. Depois mostrei aos meus pais, que me chamaram de maluco; o que os editores estavam pedindo era claramente uma melhoria.

Por fim mostrei-o a Alex. A sua reação à parte em que era retratada foi compreensivelmente complicada — Alex queria ficar de fora da minha ficção —, mas quanto à questão da correspondência forjada, ela não tinha dúvida: o conto ficava melhor sem isso. Como eu havia roubado a experiência dos problemas odontológicos da vida dela e a enfiara no conto, disse ela brincando, talvez eu devesse pagar o que o seguro não cobriria com o dinheiro da revista, supondo que eles me aceitassem de volta. Vi a brincadeira como uma oportunidade e roguei a ela para me deixar pagar: dessa forma posso dizer a mim mesmo que estou me desculpando com eles para ajudar uma amiga, expliquei, não porque sou um idiota; além disso, é um bom cruzamento de realidade e ficção, que afinal é o tema do conto. Ela ficou calada por um minuto e depois disse: "De jeito nenhum", mas num tom que ambos sabíamos ser apenas um momento na dialética do seu sim.

No dia seguinte minha agente ajudou-me a redigir o meu mea-culpa, sem dúvida negociando nos bastidores com os editores sobre como tudo aquilo era novo para mim, que eu era antes de tudo um poeta desacostumado de ver seu texto cortado, que minha aparente impertinência era motivada pela inexperiência etc. A revista teve um comportamento elegante e decidiu publicar o conto revisto rapidamente — tão rápido, na verdade, que poucas semanas depois pude lê-lo no consultório do dentista enquanto esperava Alex sair da cirurgia de extração dos sisos.

---

1. *MIDSUMMER – A green world, a scene of green deep/with light blues, the greens made deep/by those blues. One thinks how/in certain pictures, envied landscapes are seen/(through a window, maybe) far behind the serene/sitter's face, the serene pose, as though/in some impossible mirror, face to back,/human serenity gazed at a green world/which gazed at this face./And see now,/here is that place, those greens/are here, deep with those blues. The air/we breathe is freshly sweet, and warm, as though/with berries. We are here. We are here./Set this down too, as much/as if an atrocity had happened and been seen./The earth is beautiful beyond all change.*

DOIS

A vaidade dourada

O autor esperava pela bibliotecária na cafeteria do pequeno centro comercial em frente ao campus. Sentado perto da janela que dava para os prédios góticos de pedra, observava os estudantes andando de cabeça baixa para se protegerem do vento.

Alguém pronunciou o seu nome porque seu café estava pronto. Ele aproximou-se do balcão e recolheu a xícara grande de cappuccino, notando o desenho de uma flor na espuma. Quando começou a voltar para sua mesa, a porta da cafeteria abriu, deixando entrar o ar frio e uma mulher de meia-idade, decerto a bibliotecária; ela reconheceu-o e acenou.

Seu problema era que o café precisava de duas mãos, ou pelo menos ele o pegara com as duas mãos, uma na xícara e outra no pires, para não derramar ou desmanchar a espuma; ele não podia retribuir o aceno. Fez uma careta diante da situação, percebendo tarde demais que a mulher iria achar que a careta era para ela. A solução foi olhar para a xícara com intensidade dramática, esperando que ela compreendesse o seu dilema. Caminhou lentamente, os olhos fixos na flor que se desfazia, até a cadeira ao lado da janela, já estragara tudo.

De repente lembrou-se da ideia do dr. Roberts. O médico dissera que, quando o autor se visse em uma "falsa dificuldade" e começasse a hiperventilar, ele deveria simplesmente descrever a pequena crise que fabricara, e o que estava sentindo, à pessoa com quem ia encontrar-se do mesmo "jeito encantador e bem-humorado" com que contaria a Roberts após o acontecido.

A bibliotecária já estava na mesa que deduzira ser o destino dele. Ele depositou a xícara e o pires com cuidado excessivo. O cabelo dela era farto e encaracolado e só agora ele via que era castanho-avermelhado. Apertou a mão que ela estendeu e disse:

— Eu quis acenar para você quando entrou mas estava segurando o café e tive medo de derramá-lo e depois tive medo de que por não acenar

ia parecer antipático e depois fiz cara feia por parecer antipático e depois percebi que devia estar realmente parecendo antipático e já causara uma impressão desastrosa.

Ela riu como se aquilo fosse de fato encantador e disse: "Você fala como no seu romance." A ansiedade dissipou-se, mas em tédio. Ele derramou um pouco de café ao levá-lo aos lábios.

Um ano antes, haviam encontrado cáries nos dentes de siso do autor; precisavam ser extraídos. Ele poderia escolher a sedação intravenosa ("sedação crepuscular") ou apenas uma anestesia local, como o dentista sugeriu. Tiraram uma radiografia panorâmica da cabeça, o queixo encaixado no suporte do equipamento enquanto uma câmera girava e clicava em volta dele, e depois agendaram as extrações para o mês seguinte, quando o dentista voltaria das férias. Não havia pressa. Seriam poucos dias de desconforto, só isso. Informe o consultório com 24 horas de antecedência se for optar pela intravenosa, disse a recepcionista de unhas pintadas de estrelas.

Ele ficou sabendo pela internet que a diferença entre a sedação crepuscular e a anestesia local não era fundamentalmente uma diferença na intensidade da dor, mas na memória da dor. Os benzodiazepínicos nos acalmam durante o procedimento, sim, mas sua principal função é apagar da nossa memória o que acontece: o dentista exercendo pressão, quebrando, um súbito jato de sangue. Isso ajudava a explicar por que as pessoas a quem perguntou mostravam-se confusas em relação aos detalhes de suas próprias extrações, quase sempre sem saber se haviam sido sedadas ou não.

Em outubro suas ruminações sobre a sedação crepuscular dominaram suas caminhadas com Liza. Eles se encontrariam na Grand Army Plaza no final da tarde e seguiriam para o Long Meadow do Prospect Park, depois percorreriam trilhas menores enquanto a luz morria nas árvores.

Por fim aquele era o último passeio antes de ele ter de avisar se iria querer a intravenosa.

O calor incomum parecia típico do verão, mas a luz era nitidamente outonal, e a confusão de estações se refletia nas roupas das pessoas que passavam por eles: algumas estavam de camiseta e shorts, outras vestiam casacos de inverno. O que lembrou a ele uma fotografia com dupla exposição ou um efeito Matte num filme: duas temporalidades compactadas em uma única imagem.

— Não quero que me operem quando eles sabem que não vou me lembrar do que estão fazendo — disse ele.

— Não vamos falar sobre isso outra vez — disse Liza. Era uma característica de Liza começar uma atividade dizendo que não participaria dela. "Não vamos comer comida tailandesa" significava que acabaria concordando com a ideia; "Não vamos ver esse filme", que ele podia comprar os ingressos.

— E mais do que isso — disse ele, ignorando-a —, não consigo entender se suprimir a memória da dor é a mesma coisa que suprimir a dor.

— Não há como saber — disse Liza, citando-o de passeios anteriores — se a memória é realmente suprimida ou simplesmente reprimida, distribuída de outra forma.

— Exatamente. E isso pode ser pior — disse ele, como se fosse uma ideia original. — Um trauma arrancado do tempo, experienciado de forma contínua, mesmo que inconsciente, em vez de como um acontecimento distinto.

— Tanta gente aí — proclamou Liza gravemente, esticando o braço num gesto largo que abarcava casais sentados nos bancos, famílias brincando no gramado e um grupo de mulheres fazendo Tai Chi — com a vida arruinada por traumas reprimidos causados por dentes de siso.

— Se eu tomar as drogas, será como me dividir em dois. — Ele ignorou-a de novo. — É uma bifurcação na estrada: a pessoa que experimentou o procedimento e a pessoa que não experimentou. É como deixar uma versão de mim mesmo sozinho com a dor, abandoná-lo. — Eles viraram na direção sul, pegando o caminho que os levaria ao lago.

— E aí um dia você o encontra num beco escuro. E ele quer um ajuste de contas.

— Estou falando sério.

— Ou ele começa a se meter na sua vida, a sabotar os seus relacionamentos, a aprontar escândalos no seu trabalho. Você teria de matá-lo, matar a si mesmo.

— E que tipo de precedente estou estabelecendo, exatamente, se vou enfrentar uma experiência difícil com amnésia induzida?

— Você já tem amnésia. Nós temos esta conversa todos os dias.

— Olha, eu tenho de decidir amanhã. Um dia útil antes da cirurgia.

— Você quer que eu diga o quê? Eu faria a local se o dentista dissesse que basta a local, assim pouparia os trezentos dólares que você vai precisar desembolsar numa intravenosa. Mas eu sou muito mais durona do que você. — E era. — Você vai fazer esse negócio de sedação crepuscular porque é um fraco. O simples fato de ficar preocupado com isso o tempo todo já é um sinal óbvio de que você vai escolher a sedação.

Caminharam em silêncio até chegarem ao lago. Na margem mais próxima, um grupo de adolescentes, talvez mexicanas, vestidas de branco estavam envolvidas em uma dança com fitas de papel, uma música metálica saindo de um aparelho de som portátil. A luz opaca do céu refletia na água. Aviões cruzavam lentamente o céu em direção ao LaGuardia, cisnes cruzavam lentamente a superfície do lago. Tudo de repente adequava-se, correspondia: a fita cor-de-rosa na mão de uma garota ecoava o rastro rosa da nuvem que ecoava na água. Ele sentiu o mundo rearranjar-se à sua volta.

— Vou fazer a local — ele decidiu.

— A sublimidade da paisagem emprestou coragem ao rapaz — disse Liza, dando um tom profundo à voz.

— Cala a boca — disse ele.

— Napoleão sozinho na véspera da batalha comungando com os Alpes, recebendo o conselho silencioso da natureza.

— Cala a boca — disse ele, rindo.

Acordou na manhã seguinte e telefonou para o consultório do dentista dizendo à recepcionista que queria a intravenosa. Depois ligou para Liza e falou que mudara de ideia, pedindo a ela que o acompanhasse na segunda-feira porque eles não deixavam que ninguém saísse do consultório sozinho com todas aquelas drogas no organismo. Ela deu um suspiro teatral e concordou.

À noite se encontraria com uma mulher. Na verdade iria encontrar-se com os amigos Josh e Mary para beber umas e eles haviam convidado uma mulher, Hannah, achando que ele pudesse gostar, e ela dele. Era o único tipo de primeiro encontro que poderia forçar-se a ter, aquele tipo de encontro que se pode negar depois que foi amoroso.

Desde o final da última primavera, quando publicara o seu romance inesperadamente elogiado, as mulheres que os seus amigos tentavam arrumar para ele tinham invariavelmente lido o seu livro, ou pelo menos dado uma olhada, antes do encontro, naquelas páginas do *preview* disponíveis no site da Amazon. O que significava que em vez de conversas convencionais sobre trabalho, seu bairro preferido e assim por diante, era provável que lhe perguntassem que partes do livro eram autobiográficas. Mesmo que as perguntas não fossem colocadas explicitamente, ele podia ver, ou achar que estava vendo, a sua interlocutora analisando tudo o que ele dizia ou fazia e confrontando com o texto. E como o narrador do romance caracterizava-se acima de tudo pela ansiedade com a discrepância entre sua experiência interior e sua representação social, quanto mais intensa era a preocupação do autor em diferenciar-se do narrador, mais sentia que havia se transformado nele.

Ele passou a maior parte da tarde na pequena prancheta de desenho ao lado da janela, respondendo e-mails da faculdade, da qual estava de licença sabática, deixando de responder as perguntas de uma entrevista para uma pequena revista inglesa, e preocupado com os dentes. Lavou roupa — havia uma pequena lavadora e secadora num closet — e ficou andando distraidamente de um lado para outro dos 74 metros quadrados do seu apartamento no terceiro andar, abrindo um livro ao

acaso, lendo uma página e colocando-o de volta na estante de pinho sem saber o que leu. Tomou um banho, ficou nu na frente do espelho de corpo inteiro da porta do closet-lavanderia e analisou o seu corpo lamentável, como este pareceria a Hannah, fosse quem fosse, e como ele poderia compensar os seus muitos defeitos com posições e flexões estratégicas.

O encontro seria em um bar em Dumbo, longe do metrô. Quando o sol se pôs, resolveu fazer uma longa caminhada, que acabaria dando no bar. Ainda fazia um calor fora de época mas agora havia uma alusão de inverno no ar. Luzes e vozes pareciam e soavam diferentes dentro dele, brilhavam mais, iam mais longe. Depois da Fourth Avenue, virou à esquerda para pegar a Atlantic, o *adhan* soando pelos alto-falantes crepitantes da mesquita, e andou lentamente os dois quilômetros e meio que faltavam até a Brooklyn Heights Promenade. Encostou-se na grade de ferro da orla; a intensidade de Manhattan assomando do outro lado da água.

Depois de um tempo deu as costas para o rio e retomou seu caminho pelo Brooklyn Heights. Numa pequena rua de pedras que acabava inesperadamente, uma conspiração de paredes de tijolo, ar frio e iluminação a gás deu-lhe a momentânea sensação de ter viajado no tempo, ou de tempos distintos sobrepostos, temporalidades entremeadas. Não: era como se a pequena chama do lampião a gás diante do qual parou estivesse ardendo no presente e em diversos passados simultaneamente, em 2012 mas também em 1912 ou 1883, como se fosse uma única chama reluzindo em todas as épocas ao mesmo tempo, ligando-as. Ele sentiu que todas as pessoas que alguma vez pararam na frente daquele lampião, como ele estava parado agora, haviam coexistido brevemente com ele, que estavam todas observando o mesmo ponto de turbulência dos seus respectivos presentes. Depois imaginou o seu narrador parado na frente do lampião a gás, imaginou que aquela luz atravessava mundos e não apenas anos, que o autor e o narrador, embora não pudessem ver um ao outro, podiam intuir a presença um do outro olhando para a mesma luz, uma espécie de correspondência.

O reggaeton no som de um carro que passava fez com que ele voltasse a si mesmo. Verificou as horas no celular e as coordenadas para o bar e passou por baixo das turbulentas pontes na direção de Dumbo, suas mãos frias de ansiedade à medida que o local do encontro se aproximava. Estava tão atrasado que supôs que Hannah já tivesse chegado e se juntado a Josh e Mary. Encontrou o endereço — nenhum letreiro, só uma única lâmpada nua perto da porta —, tocou no rosto para ver se estava oleoso, se estaria brilhando, mas descobriu que estava seco. Procurou no bolso do casaco pelo pacotinho de chicletes mentolados para mau hálito. Quando tentou colocar um na língua, percebeu que pegara sem querer vários chicletes ao mesmo tempo; eles coagularam numa massa grudenta, que ele cuspiu na calçada.

O bar tinha a iluminação baixa no estilo dos *speakeasies*, todo em madeira escura e teto de metal em alto-relevo, a maior parte das mesas em divisórias de lambris, não havia música. Fazia tanto silêncio que dava para ele ouvir o barman sacudindo os drinques artesanais na coqueteleira, de cujo preço havia decidido não se queixar em voz alta. Em uma mesa de canto do outro lado da sala, avistou Josh de imediato, seu rosto agora com barba, e Mary, com um chapéu clochê que ele julgou ser um erro. Não conseguiu ver Hannah, que estava oculta pela divisória, mas deduziu sua presença pelas posturas de Josh e Mary, pela natureza do aceno de Josh, talvez pelo número de copos na mesa.

Você entenderia o que o autor quis dizer se ele afirmasse que nunca viu de fato o rosto dela, que os rostos eram ficções que ele não conseguia mais ler, uma forma redutora de empilhar feições na memória, mesmo que essa memória fosse depois projetada no presente, no espaço entre a testa e o queixo? Ele conseguia, é claro, enumerar feições: olhos azul-acinzentados, o que chamam de lábios cheios, sobrancelhas grossas que ela deve ter depilado cuidadosamente com linha, uma pequena cicatriz na maçã esquerda do rosto etc. E às vezes essas feições integravam-se brevemente em uma unidade de ordem superior, como letras se integram em palavras, palavras em uma frase. Mas como as palavras se dissolvem em frases, as frases em parágrafos e enredos, para combinar esses

elementos em um rosto seria necessário esquecê-los, deixar que se desmaterializassem num efeito, o que de certo modo nunca acontecia por muito tempo com Hannah, que estava agora ao seu lado.

Que estaria de perfil três drinques depois, rindo de Josh imitando alto o chefe deles, pequeno tirano da produtora onde editavam filmes. Ele ficou observando enquanto ela prendia os fios soltos do cabelo preto atrás da orelha, reparou na sua hélice pontiaguda, só depois vendo o piercing de argola no nariz, prateada mas parecendo ouro rosa sob aquela luz. Mais tarde, ausentes Josh e Mary, estavam lado a lado na mesa, encostando-se mais um no outro a cada rodada, e ele falava de coisas relacionadas com rostos, de como era importante para um escritor ser "mau fisionomista", e ela perguntou se ele já tinha visto a imagem de satélite de uma certa formação rochosa em Marte — uma dessas imagens-padrão de livros técnicos usadas para ilustrar a pareidolia, um termo que ele nunca ouvira. É quando o cérebro organiza estímulos aleatórios em uma imagem ou som significativos, explicou: vemos rostos na Lua, animais em nuvens. Ela pegou seu smartphone e foi no Google, ele usou a desculpa de olharem juntos a telinha brilhante para aproximar-se mais dela.



Na parede atrás do dr. Roberts havia uma pintura abstrata taticamente inofensiva, pinceladas rítmicas em lavanda, azul e verde — um Muzak visual executado com muita competência. Se alguém perguntasse ao autor qual era a aparência de Roberts, ele lembraria mais da pintura do que do rosto.

Roberts disse:

— Soube que a sua escrita rendeu alguma atenção, mas como exatamente você poderia, aos trinta e poucos anos, ter material que uma biblioteca universitária pudesse estar interessada em colecionar?

O autor respondeu que estava tão surpreso quanto Roberts e parafraseou a bibliotecária da seção de coleções especiais: como ele fora "particularmente precoce", expressão dela, e como aos vinte e poucos anos havia coeditado uma pequena, hoje extinta, mas influente revista literária, eles acreditavam que ele já poderia estar de posse de um "arquivo maduro". Além do mais, as práticas de coleção estavam mudando, e agora o material era quase sempre vendido aos poucos. Eles adquiriam, por exemplo, um terço do material do autor agora, depois compravam as outras duas partes ao longo dos anos. Tendo em conta que ele presumivelmente iria querer todo o seu material num lugar só, havia um interesse institucional em estabelecer um relacionamento desde cedo, para investir nele. O autor pronunciou "material" deixando claro que estava colocando a palavra entre aspas.

— E você já tem um "arquivo maduro"? — perguntou Roberts. Pelo visto gostou da expressão.

— Não — disse ele. — Quase toda a correspondência sobre a revista era por e-mail, e eu tinha uma conta de e-mail diferente na maior parte do tempo. Nunca imprimi nada. O que eu tenho é chato, logístico. E no que se refere à minha própria obra — ele estava tentando não colocar "obra" entre aspas —, eu não escrevo à mão e não salvo meus rascunhos no computador.

— O que você tem então?

— Ah, uma correspondência eletrônica maciça e obsessiva com os meus melhores amigos escritores muito da mal escrita e cheia de fofocas e maledicência, com todo o tipo de informações embaraçosas. Tenho uma pasta cheia de postais de autores, alguns deles famosos, me agradecendo educadamente por eu ter enviado o meu livro para eles.

— As bibliotecas compram e-mails?

— Aparentemente estão começando a comprar. Arquivos eletrônicos. A bibliotecária disse que tudo muda quando a tecnologia muda. Mas eles não iriam querer nada do que eu tenho. E eu não ia querer que vissem aquilo, nem depois de morto.

Roberts fez uma pausa que sublinhou as últimas quatro palavras do autor, um silêncio com o mesmo efeito de uma repetição.

— Se fosse um ano atrás, teria sido esquisito, absurdo e lisonjeiro o interesse deles, mas agora parece uma premonição institucional de que eu vou morrer.

— Não há sinais de que o seu problema de saúde vá piorar — repetiu Roberts, com impaciência, pela milésima vez.

— Também me surpreende descobrir — disse o autor, ignorando-o — que eu quero ter "um material", que eu quero deixar e ser deixado por esses rastros, como se isso me autenticasse.

Roberts fez a pausa que significava: "Continue."

Ele havia contado a história tantas vezes que algumas pequenas variações se introduziram. Não conseguia lembrar da sequência exata dos acontecimentos. Por exemplo, teria recebido uma mensagem no dia seguinte às extrações comunicando que devia ligar para o dentista assim que pudesse, ou atendeu pessoalmente a ligação do dentista naquela tarde? De um modo ou de outro, um dia após a cirurgia, uma semana antes do retorno agendado para o acompanhamento, ele estava na janela, olhando a torre do relógio do Hanson Place, o celular encostado na orelha, ouvindo o dentista dizer que havia um problema no raio X dele.

“Há um problema no meu raio X”, repetiu com a boca dolorida. O dentista disse que estava revendo a ficha dele por acaso e havia uma área que o preocupava. “O senhor está preocupado com os meus dentes”, ratificou o autor. “Quero que consulte um neurologista”, replicou o dentista. O coração deu um salto antes de o dentista dizer: “Não há de ser nada, acho.”

Havia um pôster da pomba de Picasso na sala de espera do primeiro neurologista, aquarelas do pôr do sol de Manhattan na sala para onde o enviaram para fazer exame de sangue, fotografias de orquídeas onde esperou pela tomografia e a ressonância magnética.

Por fim entrou para ver o dr. Walsh, famoso em sua área de especialização. Cabelos grisalhos, óculos de armação sem aro, gravata roxa sob o jaleco branco. Exibia um constante quase sorriso no rosto, pelo menos tinha os cantos da boca ligeiramente virados para cima, porque os seus olhos azuis estavam perpetuamente franzidos, permitindo que expressasse uma espécie de concentração otimista sem o tom de animação paternalista.

Quando o dr. Walsh falou dos resultados, o autor estava olhando para uma reprodução de uma pintura de uma cena de praia: duas cadeiras de madeira brancas e vazias viradas para o mar, um pequeno veleiro ao longe. Ele tinha uma “massa”, o que chamam de meningioma, localizada no seu seio cavernoso; parecia benigno.

— Quem escolhe esta arte toda? — o autor quis perguntar.

— Arte? — O dr. Walsh estreitaria mais os olhos.

— É o senhor que escolhe esses quadros ou o hospital compra aos lotes? De onde vêm?

O dr. Walsh giraria na sua cadeira para ver a imagem que o autor estava vendo, depois voltaria a ficar de frente para o autor, mas calado.

— Eu entendo o desejo de ter uma decoração que indique que aqui não é apenas uma sala de hospital, que um paciente não é apenas um corpo patologizado, que aqui não é estritamente o reino da ciência. Entendo que o único critério que o senhor ou a instituição teriam para selecionar uma imagem adequada seria a sua inofensividade: se não

consegue acalmar de fato, que pelo menos não provoque inquietação. A imagem é para provar que o senhor não é uma máquina, muito menos um excêntrico, porque ela se curva a modos culturais estabelecidos, a métodos de pintura e seus exemplos estereotipados. São imagens da arte, não arte.

— Três médicos do hospital dividem esta sala — poderia responder o dr. Walsh, mexendo na sua aliança.

— Vamos tentar nos manter focados — diria Liza se estivesse ali, pousando a mão no seu ombro.

— Mas o problema, um dos problemas — o frio se espalhando por seu corpo, como quando lhe injetaram agentes de contraste —, é que estas imagens da arte são direcionadas apenas aos doentes, aos pacientes. Seria absurdo imaginar um médico se detendo nestas imagens entre uma consulta e outra, imaginá-lo interessado nelas ou de algum modo afeiçoado a elas, permitindo que alterassem o seu dia ou o que fosse. Independentemente da sua deprimente platitude, da sua intercambialidade, o que estou dizendo é: nós não podemos olhar para elas juntos. Elas ajudam a estabelecer e aprofundar o abismo entre nós, porque são voltadas apenas para os doentes, deparam-se apenas com os diagnosticados.

Em vez disso, ele havia perguntado, com um tremor na voz:

— Eu vou ficar bem?

— É perfeitamente possível que o tumor não venha a aumentar e permaneça assintomático — explicou o dr. Walsh.

— Dá para operar? — ouviu-se dizendo.

— Você poderia consultar um cirurgião, mas não creio. Não. — O dr. Walsh levantou-se, caminhou até a parede ao lado e colocou uma chapa de raio X no negatoscópio ligado. — Creio que a localização do neoplasma exclui essa possibilidade.

— Então o que eu faço? — Ele não teve coragem para se juntar ao dr. Walsh no negatoscópio, não iria olhar para o corte transversal do seu crânio.

— Bom, na verdade neste momento não fazemos nada. — O dr. Walsh voltou a sentar-se. — Exceto um acompanhamento de perto. Desenvolveremos uma estratégia se e quando houver sintomas.

Dores de cabeça, distúrbios da fala, fraqueza, perturbações visuais, náusea, dormência, paralisia. Prosopagnosia, pareidolia. A luz opaca do céu refletida na água. Prateada mas parecendo ouro rosa sob aquela luz. A momentânea sensação de ter viajado no tempo.

Digamos que se reúnam à família dele — pais, irmão e cunhada, e os filhos destes, de 2 e 5 anos — na ilha de Sanibel, na Costa do Golfo da Flórida, para passarem as férias de inverno.

Está escuro quando chegam na casa de praia alugada, entrando por um caminho de cascalho. A brisa quente traz um cheiro de jasmim, as ondas quebrando na praia, um som que ele sempre achou alienígena. Ele tenta lembrar da neve caindo naquela manhã em Nova York, da precipitação dos grãos na janela oval no momento em que o avião decolou.

O autor carrega no colo o seu sobrinho mais novo, Theo, levando-o para dentro de casa, que cheira vagamente a protetor solar e desinfetante cítrico. Segue com Theo, que tem um polegar na boca e a mão livre por dentro da camisa do autor, até as aquarelas de conchas e estrelas-do-mar, lembrando do seu confronto com o dr. Walsh sobre a arte médica como se tivesse acontecido.

Theo encontra e aperta o seu mamilo, o que faz o autor ter um sobressalto e rir; desde que começou a ser desmamado, Theo quer pegar no peito de qualquer um que o carregue no colo. Ele bufa no pescoço de Theo fazendo o som de peido e o menino dá um gritinho e ri alto, depois coloca-o no chão e o vê cambaleando na direção da mãe, que acaba de entrar com mais sacolas batendo a porta de tela. Na varanda, Hannah mostra a Cyrus o seu truque do polegar.

Hannah sobe para desfazer as malas, o irmão e a cunhada sobem para instalar as crianças no quarto delas. Ele senta com os pais para beber as Coronas que os últimos hóspedes deixaram na geladeira, o pai está tocando o violão barato que leva consigo nas viagens.

— Você tem conseguido escrever alguma coisa ultimamente? — pergunta o pai, tocando os acordes de "The Golden Vanity", uma música que cantava para o autor quando criança.

— Só isto.

— Se eu fosse você, eu também não conseguiria escrever nada agora — diz a mãe. — Com tanto estresse. Mas acho que você vai ficar bem. — O autor olha para ela. — Tenho certeza.

Como ele costumava chorar no fim de "The Golden Vanity", quando o garoto que consegue afundar um navio inimigo é largado no meio do oceano por um capitão traiçoeiro, o pai improvisava acrescentando estrofes no final da balada, dizendo que o garoto era salvo por uma tartaruga marinha bondosa e colocado em segurança numa ilha.

Os sobrinhos descem correndo as escadas, de pijama, com o cabelo molhado do banho. O pai dele começa a cantar uma música sobre seus dois netos e seus pijamas do avião mágico.

O irmão e a cunhada acompanham.

— Talvez o tio de vocês conte uma história — diz o irmão, abrindo uma cerveja.

— Eu conheço uma história sobre o maior tubarão do mundo — diz o autor. A cunhada comentara com ele sobre a mais recente obsessão de Cyrus. — Mas não sei se os meninos gostam de tubarões. — Os meninos gritam sem parar que sim.

O quarto dos garotos está praticamente vazio, só tem um beliche precário sobre um tapete bege e uma grande mala vermelha aberta no chão. Ele ouve Hannah tomando banho no banheiro ao lado. A janela está aberta, ele sente de novo o cheiro de jasmim. Deita-se na cama de baixo com Theo e olha para o colchão de Cyrus. Cyrus está chupando sonoramente a perna do porquinho de pelúcia sem o qual ainda não

dorme. O autor demora um tempo para captar o som das ondas quebrando no mar.

Ele diz aos garotos para escutarem as ondas e depois imaginarem que aquele beliche é um barco no mar à procura do maior e mais cruel tubarão do mundo. O que significa cruel, Cyrus para de chupar a perna do porquinho pelo tempo suficiente para perguntar. Significa mau e louco para comer gente. A lua está no alto do céu e vemos a luz dela na água. Temos de ficar muito, muito quietinhos porque não queremos que o tubarão escute a gente. Estamos navegando no mar para capturar este tubarão e por isso temos de procurar com muito cuidado, na luz do luar, pela barbatana dele. A barbatana dorsal, acrescenta Cyrus da sua cama. Isso mesmo, a barbatana dorsal, sussurra o autor, a mão de Theo procurando por baixo da sua camisa.

Eu vejo ele, exclama baixinho o autor, mas então surge um problema com o tempo verbal. Não sabe como continuar a história no presente, pelo menos não de uma forma que faça os meninos dormirem e não encoraje a participação deles numa espécie de jogo. Para sua surpresa, sente o princípio do pânico, o frio se espalhando por seu corpo. O autor particularmente precoce não consegue lidar com a complexidade formal de uma história para dormir. Toma um grande gole de cerveja, o que não ajuda. O autor está com dificuldade para estruturar sua linguagem.

Inspira fundo quatro vezes, contando cada respiração, como Roberts aconselha. Theo o imita, inflando o seu pequeno peito. Isso acontece com ele várias vezes por dia, este súbito medo de que os sintomas estejam se anunciando. Agora que avistamos o tubarão, continua o autor, vamos lançar âncora do nosso barco e eu contarei tudo sobre ele. É tranquilizado pelo som da própria voz — nenhum tremor audível. Era uma vez um tubarão chamado Sam, que um dia todos achavam cruel mas acabou se revelando corajoso e bonzinho quando salvou uma família de um navio que estava afundando *et cetera*. E ele levou a família até um tesouro submerso, embora Theo já tivesse pegado no sono.

O autor abriu a porta do seu quarto. Hannah estava secando o cabelo com uma toalha em frente a um espelho de corpo inteiro; o reflexo do

seu rosto bloqueado pelo corpo, embora ela pudesse ver o autor.

— Já vou descer — disse ela.

Lá embaixo ele encontrou uma última Corona e juntou-se aos outros. Ficou surpreso por se sentir já bêbado.

— Estamos pensando em ir até a praia — disse o irmão.

— Mas os coroas vão para a caminha — disse o pai. A mãe já estava no quarto deles. Ele não tinha ideia das horas.

— Vem com a gente — disse a cunhada.

Ele gritou chamando Hannah, para que se juntasse a eles quando pudesse. O irmão encontrou uma garrafa de vinho tinto no armário da cozinha. Abriram-na e saíram, atravessando o cascalho iluminado pelo luar até um caminho que contornava outro bangalô e descia até a praia. O caminho era coberto de conchas quebradas e cercado por árvores baixas, um manguezal, provavelmente. Coisas pequenas fugiam dos passos deles no escuro, lagartos ou insetos. Logo depois deram na praia e ele ficou fascinado com o céu panorâmico, o número impossível de estrelas. A areia era mais clara do que esperava, cintilante, e eles caminharam até perto da água e se sentaram, passando a garrafa de um para outro.

Havia pequenas fogueiras ao longo da praia, onde as pessoas estavam acampadas. Tentaram se lembrar da última vez que tinham estado numa praia juntos. Foi há dez anos em Barcelona? Não, foi num casamento em Los Angeles.

Então o irmão perguntou:

— Onde está Ari? Ela já foi dormir ou está vindo?

Ouviram o que podia ter sido uma porta de tela batendo ao longe, e o irmão disse:

— Deve ser ela.

Mas o autor disse:

— Ela não está nesta história.

Ele achou que sua fala estava arrastada, a voz parecendo vir de longe. Ouviu risos, virou-se e viu a brasa de cigarros na varanda de um apartamento de frente para a praia.

— E por que não? — perguntou a cunhada, decepcionada.

Ele pegou a garrafa que o irmão enterrara na areia e bebeu. Levou muito tempo para responder que não sabia como explicar, que se soubesse explicar, ela estaria vindo na direção deles agora, e não Hannah. Eu me dividi em dois. Um corte dividindo mundos. Som de passos no cascalho, depois nas conchas quebradas, e o silêncio quando ela chegou na areia.

Som de palmas vindo do apartamento, ele virou-se e viu que alguém tinha soltado um balão da varanda. Não, uma lanterna, um globo iluminado de papel vermelho, talvez uma ameaça à vida marinha. Passou flutuando por eles lentamente em direção à água. De seus respectivos tempos presentes, todos observaram o mesmo ponto de turbulência.

No dia das extrações, ele pegara o metrô com Liza para o consultório na Madison Avenue, perto do Central Park. Subiram de elevador até o 28-º andar. Ele fez o registro com a recepcionista, e ele e Liza penduraram os casacos e sentaram-se na minúscula sala de espera. Ficou constrangido de admitir que estava nervoso, mas Liza percebeu e tranquilizou-o apelando para o bom humor, perguntando se tinha algum manuscrito que ela devesse queimar se ele não "sobrevivesse".

Não demorou muito e uma enfermeira chamou o seu nome e ele entrou pela porta ao lado da recepcionista, sendo conduzido até uma sala sem janelas. Tentou ficar à vontade na cadeira enquanto a enfermeira media sua pressão sanguínea, comentava sobre o tempo e depois colocava algo parecido com um monitor no seu tornozelo. Em seguida um enfermeiro musculoso de uniforme roxo entrou com um suporte para infusão intravenosa, desembaraçou e prendeu vários fios, e limpou o seu braço com álcool. O dentista apareceu, sorriu ao ver o suporte para sedação e disse com o seu sotaque romeno: "Eu apavoro você tanto assim?" O enfermeiro acabou de preparar o soro, saiu e retornou com um

carrinho de instrumentos que colocou em frente ao dentista. O autor desviou os olhos quando a enfermeira enfiou-lhe uma agulha na veia.

Estava começando a perguntar ao dentista quanto tempo levaria o procedimento quando percebeu que ouvia sua própria voz a distância, a pergunta ficou inacabada. Isso porque também estava caminhando com Liza no parque, explicando como escolher a sedação crepuscular fora uma decisão acertada, a luz do anoitecer filtrando-se através das tílias. Sabia que ainda estava na cadeira e em algum momento ouviu o dentista perguntar, parando a broca, se ele estava bem; ouviu quando grunhiu afirmativamente, mas também estava explicando à mãe pelo telefone que a cirurgia acabou se revelando um nada. Estava impregnado de calor; o universo era benevolente, a lâmpada posicionada para iluminar sua boca era o sol que nutre. Ele sabia que não era, mas ao mesmo tempo era, e então o dentista disse: "Pronto." Não sabia se haviam se passado cinco minutos ou uma hora. Percebeu que a enfermeira estava lhe dando instruções e sentiu a presença da gaze na boca ao dizer: "Sim, sim." Depois seguiu-a até a sala de espera sem sentir o chão sob os pés e viu mas não ouviu quando ela repetiu as instruções a Liza, que agradeceu e ajudou-o a vestir o casaco.

O sol escaldante clareou um pouco sua mente, e quando estavam dentro do táxi a sua noção de tempo já estabilizara, mas ele ainda estava tão completamente suspenso no calor interior das drogas que experimentou o súbito anda e para do táxi enquanto avançavam lentamente para leste como um embalo suave. Não sentia dor, apenas a sensação de que a sua língua estava dormente era vagamente desconfortável, lembrando das feridas cheias de gaze. Liza teria passado aquele tempo todo falando? Voltou-se para ela quando entraram na FDR Drive e ela estava linda, os braços erguidos para prender o cabelo castanho-claro num rabo de cavalo; viu o peito dela subindo e descendo com a respiração, a correntinha de ouro que sempre usava sobre a clavícula perfeita. Depois, sem transição, estava olhando para a linha do horizonte do centro de Manhattan; os edifícios ficando maiores e mais detalhados conforme o táxi se aproximava, embora ele não tomasse

conhecimento do movimento. Em seguida percebeu o movimento em um ritmo impossivelmente suave e lá estava a ponte do Brooklyn, seus cabos cintilando. Liza estava xingando a pequena TV touch screen do táxi, que aparentemente ela não conseguia desligar, e ele esticou a mão para ajudá-la e sentiu o contato com o vidro como uma maravilha, como encontrar ar solidificado e sensível. Depois estava alisando o cabelo dela para trás e ela ria desta intimidade fora do comum, algo que ele fizera poucas vezes naqueles seis anos deles. Agora a vista de novo, e ela materializou-se para ele com a força de uma revelação:

Não vou me lembrar disso. É a vista mais bela da cidade que já vi, a experiência mais perfeita de toque e velocidade, nunca me senti tão próximo de Liza, e não vou me lembrar, as drogas vão apagar tudo. E depois, brilhando com a aura do desaparecimento iminente, era realmente a mais bela vista, e experiência. Ele queria muito descrever aquele momento para Liza mas não conseguiu: a língua ainda estava dormente; não conseguia nem pedir a ela para relembrá-lo daquilo que as drogas apagariam. Embora estivesse com a remota impressão de que Liza iria curtir com a cara dele mais tarde, que o chamaria de ridículo, ele sentiu as lágrimas vindo aos seus olhos quando entraram na ponte e ele viu o sol de final de outubro brincando na água. O fato de não formar nenhuma lembrança do que observava e não poder registrá-la em nenhuma linguagem conferia-lhe plenitude, tornava-a brevemente idêntica a si mesma, e ele ficou profundamente comovido de pensar que esta experiência da presença dependia da sua obliteração. Depois estava no seu apartamento; Liza deu-lhe dois comprimidos, colocou-o na cama e foi embora.

Acordou por volta da meia-noite sentindo-se no seu estado normal. O maxilar ainda doía um pouco. Mijou, trocou a gaze vermelho-escura e empapada, e tomou outro analgésico com um copo cheio d'água. Enviou uma mensagem a Liza e também a Josh, que perguntara como fora tudo. Sorriu ao pensar no tempo que havia desperdiçado ruminando sobre as extrações; não foi nada. Viu um episódio de *The Wire* no seu laptop e adormeceu.

Quando se levantou tarde na manhã seguinte e tomou o seu café — gelado para não prejudicar a coagulação —, percebeu: eu lembro do caminho, da vista, de alisar o cabelo de Liza, da beleza incomunicável destinada a desaparecer. Eu lembro, o que significa que nunca aconteceu.

TRÊS

Cheguei ao Hospital Presbiteriano de Nova York suando frio, podia até sentir a ureia e os sais emergindo das axilas e descendo pelas costelas. Esta consulta me preocupava há mais de um mês — desde que fora agendada —, me preocupava tanto e de forma tão verbalizada que Andrews se oferecera para me medicar; no trajeto do metrô seguindo para norte, a cada poucos minutos, eu tateava o bolso interno do meu casaco para confirmar a presença do comprimido.

As portas de vidro deslizaram para eu entrar e atravessei o átrio passando pela lojinha da Starbucks até o elevador que me levaria ao sétimo andar. A área da recepção onde saí era incomumente luxuosa, parecendo mais como eu imaginava ser o escritório de um alto executivo do que podia esperar de um consultório médico. A série de reproduções abstratas na parede — grades e linhas sutis de diferentes cores, imitações baratas de Agnes Martin — era simplesmente anódina, mas as molduras tinham qualidade de museu. A recepcionista de quem me aproximei tinha um sorriso fácil que julguei um pouco deslocado — o sorriso de uma vendedora de joias caras, como se eu estivesse ali para comprar um anel de noivado; não havia nada de médico naquele sorriso. Disse o meu nome, que ela digitou no computador e depois imprimiu um formulário pedindo que o levasse ao andar de cima: "Eles atenderão o senhor lá."

Antes de apertar o botão do elevador para subir, vi o meu reflexo nas portas de metal polido e disse comigo mesmo, talvez até pronunciando algumas palavras: "Aperte o térreo, saia deste prédio e não volte nunca mais. Você não precisa disso." Mas é claro que subi para dar no que era um andar de assistência médica muito mais convencional, onde se prestava serviços de laboratório e os pacientes faziam exames físicos, não apenas consultas sobre opções e preços dentro e fora da rede.

A recepcionista a quem entreguei o formulário era uma jovem — parecendo ter uns 18 anos, mas certamente devia ser mais velha — que

poderia ter sido modelo de biquínis e maiôs ou contratada por uma boate como dançarina de fundo de videoclipe. Não era tão bonita assim, mas suas proporções, visíveis através do terninho preto mesmo quando sentada, eram compatíveis com a fantasia masculina normativa. Achei inapropriado escalá-la para representar este papel, fosse lá quem fosse o responsável pela seleção de elenco no setor de recursos humanos, mas fiquei tão constrangido por pensar uma coisa dessas como fiquei por ter assimilado automaticamente as dimensões do seu corpo. Tive dificuldade de olhá-la nos olhos e tentei não ficar vermelho de vergonha. Que eu saiba, quase nunca enrubesço, quase nunca fico visivelmente vermelho de embaraço ou vergonha, mas tentar não ficar vermelho é uma atividade distinta e involuntária para mim: pressionar a língua no céu da boca, por qualquer motivo, cerrar os dentes, respiração encurtada — podiam, já me aconteceu, fazer com que eu ficasse perceptivelmente vermelho. Entreguei à recepcionista o cartão de crédito; o meu seguro exorbitantemente caro não cobria nada.

Ela me passou um segundo papel com o recibo grampeado e disse para eu esperar até ser chamado. Consegui encará-la ao agradecer, mas a informação que os seus olhos me passaram foi terrível, como se dissessem: dê uma boa olhadinha agora, seu pervertido. Assim que me sentei, tirei o comprimido do bolso e já estava quase engolindo quando pensei — embora Andrews não costumasse cometer este tipo de erro — se tomá-lo poderia alterar a amostra. Eu estava girando o comprimido nos dedos quando uma enfermeira me chamou e pediu que eu a acompanhasse.

Ela me conduziu para uma sala privativa e disse antes de eu entrar que a única coisa de que precisava era me lembrar de lavar as mãos cuidadosamente e não tocar em nada que pudesse ter potencial de contaminação. Entregou-me um pequeno recipiente de plástico com o meu nome e vários números na etiqueta e repetiu sílaba por sílaba, como se falasse com um menino: suas mãos precisam estar bem limpas, senão terá de fazer tudo de novo, dizendo-me depois o que fazer com o recipiente quando terminasse. Concluiu sorrindo para mim sem

qualquer embaraço ou acanhamento, uma caridade, e desapareceu no corredor. Entrei na sala e fechei a porta.

Por um lado, eu estava sendo medicalizado, patologizado, partido em pedaços, cada um com uma terrível autonomia; por outro, sentia quantidades residuais de algo que só poderia ser descrito como frenesi, uma reminiscência da primeira vez que Daniel me emprestou, aos 11 anos, uma *Playboy*; esta combinação deixou-me um tanto nauseado.

Pendurei meu casaco no gancho de metal e olhei em volta. No meio da sala havia algo parecendo uma cadeira de dentista estofada em plástico pêssego com uma tira de toalha de papel no meio que a bondosa enfermeira certamente substituía entre um cliente e outro, um paciente e outro; eu não ia me sentar naquela cadeira. Em frente a ela, uma televisão com um menu de DVD na tela. Sobre a TV vi fones de ouvido sem fio que resolvi não usar. No fundo da sala havia uma pia com um dispenser de sabonete líquido e um pequeno cartaz para lembrar-me de lavar as mãos completamente. Na parede do fundo tinha uma engenhoca que lembrava vagamente caixas eletrônicos para depósitos bancários drive-thru —, onde eu podia deixar o recipiente, transferindo-o aos técnicos do outro lado da parede, que podiam dessa forma recebê-lo sem que precisássemos nos ver. Banco, consultório médico, cinema pornô — era uma suprainstituição. Levei um minuto para descobrir que eu podia ouvir vozes do outro lado da parede, ouvi-las claramente: uma mulher falava do namorado da filha, que era um bom pretendente; um homem pedia o almoço pelo telefone em espanhol, um prato qualquer com arroz branco e feijão preto. Se eu podia escutá-los, certamente eles podiam me escutar também; resolvi usar os fones de ouvido.

Dirigi-me à pia, lavei as mãos uma vez e depois lavei uma segunda vez. Fui então até a cadeira, peguei o controle remoto sobre o apoio de braço e comecei a vasculhar o menu na tela. A TV usava algum tipo de serviço em que se podia selecionar a partir de um número gigantesco de títulos de filmes organizados por ordem alfabética, mas também por etnia: *Aventuras anais asiáticas*, *Fetiche oral asiático, Persuasão asiática* etc.; *Aventuras anais negras*, *Boquetes negros*, *Orgia facial negra* etc., embora depois do menu

etnicamente específico houvesse a opção de busca por compilações só por atividade: *O melhor de* qualquer coisa. A lembrança de *O retrato de Sasha Grey* apareceu como um clarão diante de mim. Fiquei surpreso com a bizarrice de alguns vídeos, e surpreso por vê-los indexados por raça; acho que eu esperava ver revistas. Fiquei constrangido de escolher, mas não estava em condições de negar que uma ajuda audiovisual agilizaria o processo. Olhei para o controle remoto para ver como funcionava exatamente e depois lembrei: não devo tocar em nada que possa contaminar a amostra. O que poderia ser mais contaminador do que aquele controle remoto, que estivera em sabe-se lá quantas mãos imundas?

Após alguns segundos de deliberação desesperada, simplesmente apertei o play — o que jogou na tela o filme *Aventuras anais asiáticas*, embora não fosse o meu tipo de lance; *não* escolher parecia de certa forma menos desconfortável do que ter de expressar uma preferência positiva entre as categorias disponíveis —, larguei o controle remoto e o recipiente de plástico e voltei até a pia para lavar as mãos outra vez. Em seguida voltei para a frente da tela, abri a calça jeans e estava prestes a dar início aos trabalhos quando percebi que a minha calça era uma fonte de contaminação ainda maior: eu havia ficado uma hora no metrô e ainda por cima não me lembrava da última vez em que fora lavada. Fui outra vez até a pia arrastando a calça e a cueca arriadas até os tornozelos e comecei a afligir-me com a minha demora naquilo tudo, se haveria um limite de tempo, se a enfermeira iria bater na porta dali a pouco e perguntar como estava indo ou avisar que estava na hora do próximo paciente. Voltei à tela arrastando a calça arriada e pus apressadamente os fones de ouvido, mas aí lembrei: o contato com os fones de ouvido não era diferente do contato com o controle remoto. Pensei em pôr um ponto final naquele drama cada vez mais beckettiniano e simplesmente tentar mandar ver, mas depois me imaginei recebendo uma ligação em que me comunicam que a amostra não poderia ser utilizada, e assim lá fui eu de novo arrastando a calça — agora com os fones de ouvido na cabeça, agora ouvindo os gritos e gemidos das aventureiras asiáticas —

até a pia para lavar mais uma vez as mãos. Felizmente não havia um espelho acima da pia.

Não sei por que as minhas mãos comprometeriam a amostra, fiquei pensando enquanto tirava mais sabonete do dispenser; eu não ia ficar manuseando o esperma; certamente que sou capaz de ter o cuidado de não ficar metendo a mão de forma desastrosa e estragar tudo. A essa altura era pura especulação: eu estava finalmente em condições de passar direto da higiene das mãos à utilização delas onanisticamente — depois de voltar pulando para a frente da tela.

Estava na hora de entrar em ação, um desenlace que gerava mais ansiedade em mim do que qualquer encontro sexual real, por isso Andrews me dera Viagra, que, naquele momento, desejei ter tomado. Agora era tarde demais; ele disse que podia levar horas para fazer efeito e, além disso, havia o meu medo, provavelmente ridículo, de algum tipo de contaminação química. E não era prejudicial para pessoas com problemas cardíacos? Será que ele também não havia pensado nisso? Não induz à vasodilatação? Fiquei irritado, como um velho rabugento. Mas ficar com raiva de Andrews não ajudaria a minha situação — a cara dele (ou suas pinturas abstratas taticamente inofensivas) não era a imagem mental certa para conjurar agora.

Eu estava apavorado com a perspectiva de abandonar o *masturbatorium* e ter de dizer à enfermeira, depois de vinte minutos de vício solitário, que eu simplesmente não conseguia fazer aquilo, mas esse pavor não era nada, é claro, comparado ao que teria de dizer a Alex. O que aconteceria então? Ou eu marcaria para outro dia, a pressão já duplicada, ou recuaria do projeto todo, tensionando, se não arruinasse de vez, a nossa amizade, ou seria forçado a me submeter a um procedimento horrível para que me extraíssem aquilo, supondo que fosse possível. Eu havia passado seis semanas falando da minha ansiedade de desempenho com Jon, Sharon e Alena e eles riram de mim, me garantindo que tudo ia dar certo. Era preciso uma abstinência de vários dias antes de fornecer a amostra; durante esse período, Alena, por meio de uma configuração cuidadosamente calculada de duplos sentidos,

contatos supostamente incidentais e cigarros teatralmente fumados, tentara assegurar que eu estivesse, segundo sua expressão, "em ponto de bala".

E eu, felizmente, estava: o negócio acabou numa velocidade quase cômica, a curta experiência dominada pela pós-imagem involuntária da jovem recepcionista, como ela havia previsto, creio eu. O alívio foi profundo. Vesti-me, entreguei a amostra para o outro lado da parede e fugi da instituição o mais rápido possível.

Caminhando na direção oeste com o parque em mente, tentei imaginar o processo que iniciara: o laboratório avaliaria volume, tempo de liquefação, contagem, morfologia, motilidade etc., e iria me informar sobre a minha viabilidade como doador. A especialista em fertilidade que Alex consultara havia sugerido que pulássemos esta parte — uma vez que o esperma era especialmente preparado para a inseminação intrauterina e não havia nenhuma razão em particular para se acreditar que o meu sêmen fosse anormal, exceto o fato de eu nunca ter engravidado ninguém, pelo que sei, apesar do comportamento de alto risco — e fizéssemos logo a inseminação para ver se dava certo. Mas eu ainda não havia realmente decidido se estava preparado para ser doador ou pai, principalmente porque Alex e eu ainda estávamos tentando resolver até que ponto eu seria apenas um ou o outro, e este teste parecia poder ajudar na conversa, seja dando um fim a ela (se os meus espermatozoides fossem disfuncionais a ponto de eu precisar de tratamentos de fertilidade masculina que não estava disposto a fazer, por exemplo, ou a ponto de tornar a inseminação insuportavelmente demorada — devido à idade de Alex, só havia uma taxa de sucesso de cerca de dez por cento em qualquer caso), ou desmistificando alguns passos. Por mais banal que possa parecer, eu era tão alérgico à ideia de fornecer o esperma que achei que obrigar-me a fazer a análise do sêmen retiraria o significado psicológico dessa dimensão do processo. Não queria dizer não a Alex só porque me sentia incapaz de me ver batendo punheta com pornografia em um consultório médico. Enquanto tentava entender se achava que ter completado o teste mudara realmente alguma coisa no que eu pensava a

respeito, quase fui atropelado no centro da cidade por um ônibus no cruzamento da 68th Street com a Lexington.

Por fim cheguei no parque e entrei apenas o suficiente para encontrar um banco e me sentar para ficar observando as babás, todas negras ou morenas, empurrando crianças brancas em carrinhos caros. Imaginei-me tentando explicar tudo isso a uma futura filha, representada em minha mente como a prima de segundo grau de Alex: "A sua mãe e eu nos amávamos, mas não do jeito que dá para fazer um filho, então fomos num lugar onde tiraram uma parte de mim e depois colocaram numa parte dela e isso gerou você." Soava bem. Imaginei-me ao lado da cama dela, afagando os seus cabelos castanhos. "Na verdade", eu explicaria, "todo mundo recebe uma ajuda para fazer um filho, nunca é só mãe e pai, porque todos dependem de todos. Pense neste apartamento onde estamos agora", diria eu — embora provavelmente não morasse no mesmo apartamento que a criança. "De onde vieram a madeira, os pregos e a tinta? Quem plantou as árvores, depois cortou, entregou a madeira e construiu o apartamento, quem pagou por estas coisas e como os trabalhadores aprenderam o seu ofício e de onde veio o dinheiro, e assim por diante?" Eu poderia ter esta conversa, disse comigo mesmo, enquanto via um Boston Terrier (originalmente criado para caçar ratos em fábricas de roupas, só tempos depois criado como cão de companhia) perseguindo um esquilo até uma árvore: vou narrar o nosso modo de reprodução como uma versão de "É preciso uma aldeia inteira". Mas depois a minha voz continuava falando com a criança sem a minha permissão: "Então o seu pai viu um vídeo de garotas, cujas famílias vinham do continente mais populoso do mundo, sendo sodomizadas em troca de dinheiro, derramou o seu esperma num frasco, depois pagou um bando de gente para lavar e colocar o esperma na sua mãe através de um tubo."

— O tubo não era frio? — ouvi na voz da prima de Alex.

— Você terá de perguntar isso a ela.

— Porque vocês dois simplesmente não fizeram amor?

— Porque seria bizarro.

— A inseminação intrauterina pode ser usada para escolher o sexo do bebê? — Agora ela soava como uma atriz mirim.

— O esperma pode passar por um processo de centrifugação e lavagem para aumentar as chances de se ter filhos de um sexo ou de outro, mas nós não fizemos isso, querida. Queríamos que fosse uma surpresa.

— Quanto custa em geral uma inseminação intrauterina?

— Boa pergunta. Segundo a cotação da moeda, e porque recomendaram medicação injetável a sua mãe e nós dois fizemos ultrassonografias e exames de sangue, provavelmente uns cinco mil *per capita*. — Arrependi-me de dizer *per capita*, embora não tivesse dito nada.

— Qual era a renda *per capita* anual da China no momento da ejaculação?

— Era de 4.940 dólares americanos, mas não creio que seja uma medida confiável da qualidade de vida e eu refutaria a relevância do fato, Camila. — Sempre gostei do nome Camila.

— E se para me gerar tivessem de escolher a fertilização *in vitro*?

— Isso daria uns dez mil.

— Qual o custo anual médio de um bebê em Nova York?

— De vinte a trinta mil dólares por ano nos primeiros dois anos, mas nós vamos viver uma vida mais leve.

— E depois disso?

— Sei lá. Pergunte ao seu celular. — Uma adolescente havia se sentado no banco ao meu lado e estava enviando uma mensagem de texto; eu a incorporei no interrogatório hipotético.

— Como você vai pagar por tudo isso? — ela perguntou.

— Com o conto que fiz para a *New Yorker*. Você é fixada demais em dinheiro, Rose. — Era o nome da minha avó materna.

— Então é por isso que você trocou a valorização modernista da dificuldade como forma de resistência ao mercado pela fantasia de um público leitor coevo?

— A arte tem de oferecer algo mais do que desespero estilizado.

— Você está projetando a sua ambição artística em mim?

— E daí se estiver?

— Por que a mamãe simplesmente não adotou?

— Pergunte a sua mãe. Acho que é porque, na maior parte das vezes, adotar é igualmente complicado, se não mais, do ponto de vista ético, e porque, independentemente de pressões culturais específicas, algumas mulheres sentem uma demanda biológica.

— Por que se reproduzir se acreditam que o mundo está acabando?

— Porque o mundo está sempre acabando para cada um de nós e se começássemos a recuar das possibilidades de experiência, então ninguém mais correria risco algum que o amor pressupõe. E o amor tem de ser estimulado pela política. Em suma, o que está acabando é um modo.

— Pode imaginar o mundo se e quando eu tiver 20 anos? Trinta? Quarenta?

Eu não podia. Nessa hora desejei que o meu esperma fosse imprestável.

— A automutilação e outras formas de lesões autoinfligidas e o comportamento parassuicida são endêmicos no meu grupo etário. — Imaginei a adolescente arregaçando a manga para me mostrar riscos vermelhos na pele.

— Você está usando "endêmicos" incorretamente.

— O custo médio de um mês de hospitalização integral para tratamento é de trinta mil. — Esta observação foi na voz do dr. Andrews.

— Ela estará cercada de amor e apoio.

— Como vai resolver o seu nível de envolvimento para que eu e a minha mãe não fiquemos ressentidas com você? — A adolescente.

— Vamos dando um jeito com o tempo.

A conversa não parou até cair abaixo do limiar de percepção. Talvez para me distanciar da ansiedade da manhã, tirei o comprimido azul do bolso interno do casaco e tentei esmagá-lo, não consegui, mas com as duas mãos pude dividi-lo ao meio. Joguei distraidamente as duas metades na calçada à minha frente e nessa hora um pombo aproximou-se, decerto acostumado a ser alimentado por turistas naquele banco. Qual o efeito do citrato de sildenafila em aves passeriformes de corpo robusto? Levantei-me e tentei enxotar o pássaro; ele teve um sobressalto,

mas depois voltou e comeu rapidamente uma metade antes que eu pudesse intervir.



Dois dias depois de fornecer uma amostra de minhas células reprodutivas para análise, eu estava no subsolo da Park Slope Food Coop ensacando a polpa seca de um fruto tropical, tentando não ouvir uma das minhas colegas de trabalho mais tagarelas enquanto ela explicava sua decisão de tirar o filho pequeno de uma escola pública local e, apesar do custo e do complicado processo de inscrição, matriculá-lo em uma escola particular conhecida.

A Park Slope Food Coop é a mais antiga e a maior cooperativa de alimentos em atividade no país, como somos informados. Todos os membros adultos e fisicamente capazes trabalham na cooperativa duas horas e quarenta e cinco minutos a cada quatro semanas. Em troca podemos fazer compras numa loja com margem de lucro menor do que os supermercados comuns; os preços mantêm-se baixos porque os membros contribuem com a mão de obra; ninguém aufere lucro. A maioria dos produtos são orgânicos, pelo menos num nível comparativo, e, sempre que possível, provenientes de fontes locais. Alex era um dos membros quando me mudei para o Brooklyn, e a cooperativa não ficava muito longe do meu prédio, então resolvi entrar. Apesar de ser suspenso com frequência por faltar aos turnos quando viajava, e apesar de reclamar o tempo todo dos membros por sua postura de donos da verdade, sua idiotice organizacional e a demora nas filas do caixa, eu continuava participando. Na verdade, para a maioria dos membros que eu conhecia, exceto Alex, que raramente se queixava de alguma coisa ("Você reclama por mim"), falar mal da cooperativa era uma forma de participar da sua cultura. Reclamar indicava que não éramos burros de acreditar que por pertencermos à cooperativa éramos menos um nó significativo numa rede capitalista, indicava que sabíamos que o povo da cooperativa era em grande parte constituído por gentrificadores de um jeito ou de outro etc. Se você admitia a um não membro que fazia parte

da cooperativa, apressava-se logo a distinguir-se dos zelotes que, embora provavelmente investissem os seus planos 401(k) de aposentadoria na Monsanto ou na Archer Daniels Midland, com um misto de piedade e raiva menosprezavam aqueles que faziam compras nas redes Union Market ou Key Food. Pior: o *New York Times* revelara numa matéria que alguns membros mandavam as babás cumprirem os turnos por eles, embora a veracidade da reportagem tenha sido contestada. A mulher que agora arengava sobre a educação do filho era quase certamente uma zelote.

E mesmo assim, embora eu xingasse a cooperativa constantemente, embora os meus dotes culinários fossem, na melhor das hipóteses, ineptos, eu não achava que a cooperativa fosse moralmente trivial. Eu gostava de saber que o dinheiro que gastava em alimentos e artigos domésticos iria para uma instituição que tornava a mão de obra compartilhada e visível e que geralmente você podia confiar que compraria produtos não provenientes de conglomerados abertamente desonestos. Produtos hortícolas e frutas eram em sua maioria livres de agrotóxicos. A cooperativa ajudava a organizar uma sopa dos pobres. Quando um abrigo de sem-teto do bairro pegou fogo, "nós" — éramos orientados a usar a primeira pessoa do plural quando falássemos da cooperativa — doamos dinheiro para reconstruí-lo.

Eu trabalhava uma quinta-feira por mês à noite no que se conhecia como "processamento de alimentos": no subsolo da cooperativa, eu, juntamente com os outros membros do meu "pelotão", ensacávamos, pesávamos e apreçávamos alimentos secos e azeitonas; cortávamos, embrulhávamos e apreçávamos uma variedade de queijos, embora eu costumasse evitar lidar com queijos, pois isso exigia um mínimo de habilidade. Em geral o trabalho era simples: as caixas de alimentos a granel ficavam organizadas em prateleiras no subsolo. Se precisavam de mangas secas lá em cima, procurávamos a caixa de cinco quilos, abríamos com um estilete e dividíamos a fruta em pequenos sacos plásticos que depois amarrávamos e pesávamos numa balança que imprimia etiquetas individuais. Depois levávamos o produto lá para cima e reabastecíamos

as prateleiras da loja. Éramos obrigados a usar um avental e uma bandana na cabeça, além de luvas de plástico. Sapatos abertos eram proibidos, mas eu nunca tive um par de sapatos abertos. No melhor e no pior dos casos, a maioria do pessoal era sociável e falante, como a mulher que tagarelava agora — isto parecia fazer com que o turno passasse mais depressa para os meus companheiros; para mim, conversas costumavam retardar o tempo.

— Simplesmente não era o ambiente de aprendizado certo para o meu Lucas. Os professores eram até esforçados e nós acreditamos no ensino público, mas havia muitas crianças incontroláveis.

O homem que ensacava chá de camomila ao lado dela sentiu-se obrigado a dizer alguma coisa.

— Sei.

— Claro que a culpa não é das crianças. Muitas vêm de lares... — A mulher que estava me ajudando a ensacar as mangas, Noor, com quem eu tinha uma boa relação, tensionou-se um pouco na expectativa de um predicado ofensivo.

— ... bem, elas estão sempre bebendo refrigerantes e comendo sanduíches. Claro que não conseguem se concentrar nos estudos.

— Sei — disse o homem, talvez aliviado pela frase dela não ter sido concluída da pior forma.

— Elas estão sempre numa espécie de excitação química. A comida está cheia de sabe-se lá que hormônios. Não se pode esperar que aprendam ou respeitem as outras crianças que estão tentando aprender.

— Claro.

Era o tipo de discussão, embora "discussão" não seja a palavra exata, a que eu estava me acostumando, um novo vocabulário biopolítico para expressar angústia de classe e racial: em vez de dizer que pessoas negras e morenas eram biologicamente inferiores, dizia-se que eram — por motivos que nos sensibilizavam, motivos que não eram realmente culpa delas — pessoas prejudicadas pela comida e bebida que ingeriam; todos esses corantes artificiais as escureceram por dentro. O nosso filho, que nunca colocou na boca sequer um gole de uma bebida carbonatada de

alta frutose contendo ácido fosfórico e edulcorante E150d, era um instrumento mais sensível: mais puro, mais inteligente, sem violência. Este modo de pensar permitia que se acionasse os vocabulários do radicalismo dos anos 1960 — consciência ecológica, ativismo anticorporativo etc. — para justificar a reprodução da desigualdade social. Permitia que se redefinisse os cuidados com o nosso próprio material genético — alimentar Lucas com o mais recente leite de soja coagulado — como altruísmo: não é bom só para o Lucas, é bom para o planeta. Mas daqueles que por ignorância ou desespero permitiam que o trato digestivo dos seus filhos conhecessem frango frito e mecanicamente processado, daqueles que por acaso são, no Brooklyn, desproporcionadamente negros e latinos, Lucas deve ser protegido a todo o custo.

Noor interrompeu o meu devaneio de desdém:

— Eu esqueci, você tem filhos?

— Não. — Noor estava ensacando as mangas. Eu estava amarrando, pesando e etiquetando os sacos plásticos.

— Eu seria incapaz de ficar percorrendo as escolas de Nova York — disse ela.

Como Alex, ou Alex e eu, lidaríamos com isso, se nos reproduzíssemos? Se eu tivesse dinheiro suficiente para uma escola particular, será que não me sentiria tentado a fazê-lo? Eu estava louco para mudar de assunto.

— Você comia besteira quando era criança?

— Em casa nunca, com os amigos sempre.

— O que você comia em casa? — Noor era de Boston e fazia pós-graduação, fiquei sabendo no meu turno anterior.

— Comida libanesa. Era sempre o meu pai quem cozinhava.

— Ele era do Líbano?

— Beirute. Saiu de lá durante a guerra civil.

— E a sua mãe? — Percebi que estava etiquetando errado as mangas, tinha entrado com outro código na balança eletrônica. Precisei etiquetar tudo de novo.

— Ela era de Boston. A minha família do lado materno é russa, judia, mas nunca conheci esses avós.

— A mãe da minha namorada é libanesa — disse eu por algum motivo, talvez para me distanciar mentalmente de Alex e do tema da fertilização. A mãe de Alena era de Beirute também, mas quem disse que Alena era minha namorada? — Você ainda tem muitos parentes no Líbano?

Ela fez uma pausa.

— É uma longa história. Eu tenho uma família complicada.

— Temos mais de duas horas — exclamei fingindo desespero, mas, como Noor parecia chateada, ou pelo menos séria, eu mudei de foco rapidamente:

— Ninguém na minha família sabia cozinhar, então nós... — Mas nesse momento ela começou a falar, ambos com os olhos fixos no nosso trabalho. Falou baixinho para não sermos ouvidos pelos outros, que agora discutiam os méritos da pedagogia quacre.

Meu pai morreu três anos atrás de infarto e a maior parte da família dele ainda está em Beirute, disse Noor, embora não com estas palavras. Sempre me considerei ligada a eles, apesar de vê-los pouco quando era criança. O meu pai tinha um sentido muito forte de identidade libanesa e eu também. Eles tentaram me criar para eu ser bilíngue. Ele era um muçulmano muito secular, mais marxista do que qualquer outra coisa, e um dos pais dele era cristão, mas nos Estados Unidos, talvez como uma reação ao racismo e à ignorância, ele decidiu frequentar uma mesquita em Boston — na verdade era mais um centro cultural do que uma mesquita. Eu cresci frequentando a mesquita e desenvolvi um sentido de ser diferente da maioria das crianças que conhecia. No secundário e mais tarde na faculdade, fui ativista em causas políticas do Oriente Médio e especializei-me em estudos do Oriente Médio na Universidade de Boston. Participei da Associação de Estudantes Árabes da universidade, embora isso fosse complicado às vezes, já que a família da minha mãe era judia, mesmo não sendo nada religiosa, e sem falar que o meu relacionamento com a minha mãe era quase sempre tenso porque ela sentia que eu só estava interessada na história do meu pai, que eu tinha me identificado

com ele em detrimento dela. Enfim, uns seis meses depois da morte do meu pai, a minha mãe começou a sair — *sair* foi a palavra que ela usou — com um velho amigo dela chamado Stephen, um físico ou algo assim do MIT, que eu já conhecia mais ou menos porque brincávamos ocasionalmente com os filhos dele quando éramos pequenos; ele agora estava divorciado. A minha mãe falou com a gente, comigo e com o meu irmão, do Stephen quando estávamos jantando uma noite, disse que sabia que ia ser difícil para nós, mas esperava que compreendêssemos. Nós dissemos que compreendíamos, mas na verdade ficamos enlouquecidos, e o meu irmão em particular ficou furioso porque era muito recente ainda a morte do nosso pai, embora eu ache que ele só tenha confidenciado a sua revolta comigo.

Eu não estava morando em casa, disse Noor, estava no último ano da faculdade e morava com uns amigos, então eu não via muito o Stephen, mas o meu irmão me contava que o Stephen não saía lá de casa, e o meu irmão e eu ficamos superchateados com essa rapidez toda. Ficamos ambos desconfiados — como poderíamos não ficar? — de que aquele romance deles tinha um passado, de que devia ter começado quando o meu pai ainda estava vivo. Eu disse ao meu irmão que aquele relacionamento provavelmente era apenas a forma que a nossa mãe encontrou para tentar lidar com o sofrimento, que não devia ser nada sério, mas toda vez que eu ia falar com a minha mãe ela estava com o Stephen a tiracolo. Bom, mais ou menos um ano depois da morte do meu pai eu estava planejando ficar três meses no Egito porque me ofereceram uma bolsa de estudos na Universidade Americana do Cairo para árabe-americanos recém-formados, e também estava planejando visitar o Líbano. Alguns dias antes da minha viagem a minha mãe me ligou e perguntou se eu podia almoçar com ela. Ficou óbvio para mim de imediato, pelo tom da sua voz, que ela ia me contar que ia se casar de novo, percebi no ato, e percebi que queria me dar a notícia num local público porque achava que isso poderia moderar a minha reação inicial, e depois ia pedir que eu a ajudasse a contar ao meu irmão, que ia ter um ataque. Fiquei surpresa por não me sentir zangada, talvez em parte

porque os meus pais já estavam muito afastados nos últimos anos do casamento, mas eu estava triste e meio enjoada quando nos encontramos num restaurante francês caríssimo em Back Bay.

Nesta parte da história de Noor, uma voz ecoou na caixa acústica perguntando se ainda havia mangas desidratadas no estoque — "acabaram as mangas secas?" — ou se alguém do processamento de alimentos poderia trazer algumas para cima. Era inevitavelmente o meu serviço, por mais relutante que estivesse em interromper a narrativa dela. Eu avisei a Noor que voltaria logo, fiz uma espécie de bolsa com o avental, coloquei uns saquinhos etiquetados dentro e levei-os para cima. Como sempre, fiquei constrangido de aparecer no espaço semipúblico da loja com uma bandana na cabeça e trajando um avental pastel. Os corredores estavam lotados — a cooperativa tinha 1.500 membros atuantes e uma área de compras de 555 metros quadrados, sem falar no sistema de caixas registradoras de uma ineficiência inabalável e radical — e eu tive de forçar passagem até a seção de produtos a granel, onde depositei as mangas. Os celulares não pegavam no subsolo e agora o meu vibrava no bolso traseiro da minha calça, sinalizando que eu recebera uma mensagem, uma pergunta de Alex numa palavra só: "Resultados?"

De volta ao subsolo vi que outro membro havia usurpado o meu lugar ao lado de Noor; ele devia ter acabado de ensacar uma coisa qualquer e depois assumiu a minha tarefa. Em geral eu era calmo e cordato na cooperativa, embora crítico em meu monólogo interior, mas desta vez eu disse: Com licença, mas eu gostaria de voltar a fazer o que estava fazendo para poder continuar a minha conversa com a Noor. Ele concordou sem nenhum traço de ressentimento, e eu continuei a amarrar, etiquetar, pesar. O problema foi que a minha interrupção chamou a atenção de alguns dos outros membros, e Noor não iria retomar a sua história se eles estivessem com os ouvidos antenados. Trabalhamos em silêncio, o que comunicou aos outros que sabíamos que eles estavam escutando, o que aguçou ainda mais o seu interesse. Dez minutos excruciantes se passaram nos quais Noor ficou em silêncio e eu imaginando possíveis conclusões a sua história: Stephen revelou-se um

islamofóbico violento e/ou trabalhava para o FBI e tentou usá-la para infiltrar-se na Associação de Estudantes Árabes da Universidade de Boston, ou quem sabe o lado libanês da família dela tenha cortado relações com todo mundo de raiva porque a mãe dela estava pensando em casar de novo.

Quando os nossos colegas finalmente começaram suas próprias conversas e esqueceram de nós, Noor retomou sua narrativa sem que eu precisasse perguntar: Aí eu e minha mãe estávamos no restaurante francês. Depois que o garçom anotou os nossos pedidos, disse Noor, eu disse à minha mãe: você vai se casar com Stephen, não é?, e ela deu uma gargalhada nervosa e disse que Stephen e ela tinham de fato conversado sobre casamento, que talvez isso pudesse acontecer um dia, mas que não era por esse motivo que me convidara para almoçar, então nessa hora supus que ela ia me contar que tinha câncer ou algo parecido. Mas em vez disso ela falou: Noor, o seu pai e eu tomamos uma decisão quando você era bebê e eu sempre me perguntei se era uma decisão acertada, mas o seu pai tinha certeza que sim e insistia que chegássemos a um acordo, só que depois que ele morreu venho pensando muito nisso e agora sinto que erramos. O seu pai, disse a minha mãe, disse Noor, embora não exatamente com estas palavras, não era o seu pai biológico. Eu engravidei de outro homem mas o seu pai e eu estávamos apaixonados e ele queria um filho e então nos casamos, decidindo que criaríamos você como nossa filha e foi isso que fizemos e o seu pai, como sabe, amava você muito e sempre considerou você como filha. Já tinha acontecido tanta turbulência, tantas separações e tanto exílio na família dele que acho que queríamos que você sentisse que era nossa filha de verdade, que estava na casa que era sua de verdade. Brigamos muito quando você estava na escola primária porque eu me arrependia de não ter contado, mas naquela época ele dizia que era tarde demais, mesmo que tenhamos errado no começo, porque você se sentiria traída e confusa e isso seria psicologicamente prejudicial. Mas agora nesse último ano venho pensando nisto constantemente, disse a mãe de Noor, e pensando na minha própria morte, e sinto que devo contar, por mais perturbadora

que esta notícia possa ser. E também estou fazendo terapia, o que me ajudou a compreender que contar isso a você é importante para o nosso próprio relacionamento. O que quero deixar claro é que o seu pai a amava tanto como qualquer pai poderia amar uma filha e a decisão que tomamos, certa ou errada, tomamos porque queríamos o melhor para você. Estava na cara que ela havia decorado, disse Noor, a última parte de sua fala.

— Meu Deus — eu disse.

E fica mais doida a história, disse Noor, sorrindo. Um garçom colocou a salada na minha frente e lembro de ficar olhando a salada e tentando digerir o que a minha mãe tinha dito enquanto ela esperava que eu respondesse. Lembro que a gente estava ali sentada em silêncio e sem comer, as duas esperando que a minha resposta ganhasse forma. Foi como se estivesse me preparando para receber um impacto, porque eu simplesmente não conseguia sentir nada e depois a minha mãe continuou: Noor, disse ela, agora falando baixinho, imagino que a sua primeira pergunta vai ser sobre a identidade do seu pai biológico — que na realidade não era a minha primeira pergunta, disse-me Noor — e um dos motivos pelos quais eu quis contar isso tudo a você, um dos motivos pelos quais senti ser absolutamente necessário, um dos motivos pelos quais me envolvi tanto outra vez, acho, com Stephen...

— Meu Deus — repeti. Eu estava trabalhando o mais devagar possível porque se acabasse com as mangas isso poderia interromper novamente a história. Noor também diminuiu o ritmo do trabalho, o que levou-a a desacelerar a história.

Então, disse-me Noor. É porque, disse a minha mãe, Stephen é o seu pai verdadeiro, e depois corrigiu-se: o seu pai biológico. Eu tinha saído com ele antes de conhecer o seu pai, e embora estivesse claro para ambos que a nossa relação, pelo menos no sentido romântico, não ia durar, e embora tivéssemos nos precavido, eu acabei engravidando e o seu pai, quer dizer, Nawaf — Nawaf era o nome do homem que eu considerava meu pai, disse-me Noor, e foi horrível ouvir a minha mãe dizer o nome dele, pois ela sempre se referia a ele como "o seu pai" ou "o pai" —, Nawaf

queria muito um filho, disse a mãe de Noor, e nós estávamos nos apaixonando e assim decidimos nos casar e formar uma família. Contamos o nosso plano a Stephen e Stephen naquela época da vida dele não queria saber de filho e disse que respeitaria a nossa decisão e jamais diria nada. E Stephen, como você sabe, acabou por formar a sua própria família. Foi estranho, disse-me Noor, porque eu continuava não sentindo nada; botei as mãos sobre a mesa, de ambos os lados do meu prato, e lembro de esperar e esperar pelo impacto e a única coisa que aconteceu foi que as minhas mãos começaram a desbotar.

— Desbotar?

— Quer dizer, começaram a empalidecer — disse Noor, erguendo as mãos enluvadas do trabalho, como se para me mostrar. — Eu sempre pensei na minha pele como morena porque a pele do meu pai era morena, porque puxei a ele, porque era árabe-americana, e enquanto eu estava sentada lá olhando para as minhas mãos, sem sentir nada, foi como se pudesse ver a minha pele embranquecendo um pouco, senti a cor saindo do meu corpo, e devia estar saindo mesmo porque eu estava em estado de choque, mas o que eu quero dizer é que comecei a ver o meu próprio corpo de forma diferente, a começar pelas mãos.

— O que você disse à sua mãe? — perguntei. Noor tinha a pele azeitonada. Será que eu achava que ela estava mais diferente agora do que no início do nosso turno?

— Eu disse que tinha de ir ao banheiro mas o que fiz foi sair do restaurante. Foi engraçado — Noor riu — eu dizer que tinha de ir ao banheiro e ela me ver saindo direto pela porta da frente, sabendo que eu não ia voltar. Enfim — o tom de Noor mudou um pouco, indicando que daria um fim a sua história —, você me perguntou sobre os meus parentes no Líbano. É complicado agora porque não sei se posso dizer que são de fato meus parentes.

— Eles sabem dessa história? — perguntei.

— Não, só se o meu pai contou, e não consigo imaginá-lo fazendo isso. A minha mãe acha que não.

— Você foi vê-los quando morava no Cairo?

— Acabei não indo a lugar nenhum. Mergulhei numa depressão profunda e quando finalmente vim à tona fui fazer pós-graduação e me mudei para cá.

— Você... — eu não sabia como fazer a pergunta —, você ainda se considera árabe-americana?

— Quando me perguntam, digo que o meu pai adotivo era libanês. O que acho ser a verdade. Ainda acredito em todas as coisas em que acreditava; não mudou o sentido de nenhuma das causas que abracei. Mas o meu direito de me preocupar com as causas, o meu direito de ter este nome, de falar a língua, de fazer a comida, de cantar as canções, de participar das lutas ou do que for, tudo isso mudou, ainda está em processo de mudança, devendo ou não ser assim. Tipo, uma pessoa me pediu para eu dar uma palestra no Zuccotti Park sobre a relação do Occupy Wall Street com a Primavera Árabe e eu não me senti qualificada para tal, então declinei. Não fui capaz de me abrir e contar isso para muita gente, porque, mesmo que eles não queiram, vão acabar me tratando diferente, *eu* me trato diferente.

— Não consigo imaginar como é sentir isso tudo, e estar sentindo ainda — disse eu. Queria dizer que não é o doador de esperma que importa, que o pai verdadeiro é o homem que a amou e criou, mas antes de conseguir saber como colocar o meu ponto de vista com tato, fui distraído pela visão de Alex no futuro, apaixonando-se por alguém, talvez saindo da cidade com o "nosso" filho. Será que pensariam em mim como o pai? Como apenas um doador? Ou não iam nem pensar em mim?

Como ela voltara a ficar calada, e eu senti que devia preencher o silêncio, optei por um comentário vago sobre a relação de contar histórias com o trabalho manual, como este último facilita o primeiro, o trabalho criando um padrão perceptual compartilhado, mas o jeito como ela concordou com um gesto de cabeça sinalizou que havia me ignorado.

— Quase sempre ainda sinto que estou esperando o impacto, sinto o mesmo que senti no restaurante. A minha mãe e o Stephen vivem juntos agora, por falar nisso. Não se casaram. Estamos todos tentando resolver as coisas. Eu diria que é um pouco como... alguma vez você continuou

falando com alguém no celular sem perceber que a ligação tinha caído e ficou falando e falando e depois se sentiu um pouco envergonhado?

Eu disse que sim.

— Um amigo meu foi enganado pelo irmão mais velho, mas nunca o confrontou por conta disso. Os detalhes não importam. Mas um dia ele arrumou coragem para confrontar o irmão pelo telefone. Ele vinha juntando coragem há anos. E telefonou para o irmão e disse: Só quero que você me escute. Não quero que diga uma palavra, só escute. E o irmão respondeu tudo bem. Aí o meu amigo disse o que havia esperado tanto tempo para dizer, ficou andando de um lado para outro no apartamento dele dizendo o que tinha de ser dito, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Mas quando acabou de falar, só quando acabou de falar tudo, percebeu que o irmão não estava lá, que a ligação tinha caído. Ele voltou a ligar para o irmão em pânico e disse, O que você me ouviu dizer?, e o irmão respondeu: Ouvi você dizer que queria que eu só escutasse e depois a ligação caiu. E o meu amigo, por qualquer motivo, não conseguiu voltar a falar, não conseguiu repetir o que tinha dito. O meu amigo me contou isso e contou que agora se sentia ainda mais confuso, mais sozinho, porque teve aquela experiência intensa de finalmente confrontar o irmão, e essa experiência mudou-o um pouco, foi um acontecimento importante na vida dele, mas nunca aconteceu de verdade: ele nunca confrontou o irmão porque o serviço de telefonia celular deu pau. Aconteceu mas não aconteceu. Não é nada mas nunca ocorreu. Entende o que quero dizer? Foi mais ou menos assim que me senti — disse Noor —, só que em vez de um telefonema foi a minha vida toda acontecida até aquele momento mas que nunca aconteceu.

Embora eu sentisse que Noor estava falando há horas, só haviam se passado quarenta e cinco minutos do nosso turno. Enquanto ensacávamos as últimas mangas, uma pessoa apareceu para perguntar se alguém ali já tinha trabalhado no caixa; um dos caixas tivera de ir para casa mais cedo e precisavam de outra pessoa. Noor disse que já tinha trabalhado no caixa, tirou as luvas, a bandana e o avental e, depois de se

despedir de mim com um sorriso, foi lá para cima. Passei o resto do turno ensacando tâmaras e tentando não olhar para o relógio.

Quando o meu turno acabou, saí da cooperativa, não sem antes comprar uns sacos de mangas, e, como estava um calor fora de época, decidi fazer uma longa caminhada. Segui para a Union Street, passando por Park Slope, pelo meu bairro de Boerum Hill, por Cobble Hill e mais além da rodovia BQE até chegar à Columbia Street, uma caminhada de alguns quilômetros. Virei à direita na Columbia — a água à minha esquerda — e caminhei até dar em Furman, continuando por quase dois quilômetros até poder descer para o Brooklyn Bridge Park, que, com exceção de poucas pessoas correndo e um sem-teto catando latas para pôr num carrinho de supermercado, estava vazio. Encontrei um banco e olhei para o magnífico colar de luzes da ponte refletido na água e imaginei uma futura onda gigante arrebentando na grade de ferro. Pensei ter sentido o perfume suave e doce dos álamos florescendo prematuramente, confundidos por um calor tão precoce que não podia nem ser descrito como uma falsa primavera, mas deve ter sido uma moderada alucinação olfativa disparada pela memória — ou, cheguei a pensar, um tumor cerebral. Do outro lado da água, um helicóptero descia cuidadosamente no heliporto do centro da cidade perto da South Street, uma lenta luz estrobo na cauda.

Respirei o ar da noite que estava ou não perfumado por flores anacrônicas e senti a ligeira emoção que costumava sentir com maior ou menor força sempre que via a linha do horizonte de Manhattan e as inumeráveis janelas iluminadas, o safira e o rubi líquidos do tráfego na FDR Drive e a ausência presente das torres. Era uma emoção que somente o espaço construído produzia em mim, nunca o mundo natural, e somente quando havia uma escala incomensurável — a dimensão humana das janelas reduzida pela distância, combinando mas não se dissolvendo na arquitetura maior da linha do horizonte que era a expressão, a assinatura material, de uma pessoa coletiva que ainda não existia, uma segunda pessoa do plural ainda não habitada a quem todas as artes, mesmo nos seus registros mais íntimos, ainda assim se dirigiam.

Somente uma experiência urbana do sublime me convinha, porque só na grandeza incalculável residia a intuição da comunidade. Acúmulo de dívidas, vestígios significativos de antidepressivos na água municipal, a vasta rede arterial do tráfego, padrões de variação climática de gravidade crescente — sempre que olhava para o centro de Manhattan na margem Walt Whitman do rio, eu resolvia tornar-me um dos artistas que momentaneamente faziam de formas imperfeitas de coletividade figuras de sua possibilidade, um lampejo proprioceptivo à frente do corpo comunal. O que senti quando tentei assimilar a linha do horizonte — e em vez disso fui assimilado por ela — foi uma plenitude semelhante ao vazio, a minha personalidade se dissolvendo numa individualidade tão abstrata que cada átomo que fazia parte de mim também fazia parte de Noor, a ficção do mundo rearranjando-se em volta dela. Se houvesse uma forma de dizer isso sem soar como a bobajada presunçosa da cooperativa, eu gostaria de ter dito a ela que descobrir que não somos idênticos a nós mesmos, ainda que da forma mais perturbadora e dolorosa, é como vislumbrar, embora de forma refratada, o mundo futuro, onde tudo é igual só que um pouco diferente porque o passado será citável em todos os seus momentos, inclusive aqueles que aconteceram no nosso presente presente mas nunca ocorreram. Alguém poderia ter me visto sentado ali no banco naquela meia-noite, com o cabelo despenteado pela bandana, comendo uma quantidade irresponsável de mangas sem agrotóxico, e tendo, enquanto me projetava no futuro, um episódio lacrimal moderado.



— É sempre uma projeção para o passado, a ideia de que houve um único momento em que decidimos virar escritores, ou a ideia de que um escritor está em condições de saber como ou por que virou escritor, se é que faz sentido pensar nisso como uma decisão, mas é por isso que a pergunta pode ser interessante, porque é uma forma de pedir a um escritor que escreva a ficção das suas origens, de pedir ao poeta que cante uma canção das origens da canção, que é uma das tarefas mais antigas do

poeta. O primeiro poeta de língua inglesa cujo nome conhecemos aprendeu a arte da canção em um sonho: Bede diz que um deus apareceu a Caedmon e lhe disse para cantar "o princípio das coisas criadas". Assim, embora presuma que me pediram para falar sobre como me tornei escritor porque acharam que a minha experiência pudesse ter alguma utilidade prática para os alunos daqui, receio não ter nada a oferecer nesse sentido. Mas posso lhes contar como, segundo vejo hoje, construí a ficção sobre as origens da minha escrita, tal como ela é.

"Na história que venho contando a mim mesmo ultimamente, eu me tornei poeta, ou me interessei em tornar-me poeta, em 28 de janeiro de 1986, aos 7 anos. Como a maior parte dos americanos que viveram aquela época, tenho uma nítida lembrança de ver o ônibus espacial *Challenger* desintegrando-se após 73 segundos de voo. Havia, como muitos de vocês devem saber, uma empolgação incomum com essa missão porque um dos sete tripulantes era uma professora chamada Christa McAuliffe. Ela foi selecionada entre não sei quantos candidatos para ser a primeira professora no espaço, e também a primeira civil, como parte de um programa chamado 'Projeto Um Professor no Espaço', que seria cancelado alguns anos depois de sua morte. McAuliffe foi escolhida em parte para representar o 'americano comum' e portanto nós, os americanos comuns, estávamos particularmente interessados na missão. Um currículo especial com matérias relacionadas ao programa espacial estava sendo aplicado nas escolas e milhões de crianças estavam ansiosas pelo lançamento. A minha turma do terceiro ano escreveu cartas para ela expressando o nosso orgulho e desejando-lhe boa sorte. Lembro da sra. Greiner tentando nos explicar a antiga palavra *Godspeed* para desejar boa viagem.

"Posso pedir que levante o braço quem viu o desastre do *Challenger* ao vivo? Ok. A maioria dos americanos com mais de 30 anos hoje ainda lembra de ter visto o ônibus espacial explodindo ao vivo pela TV. O *Challenger* é reiteradamente citado como o primórdio da nossa era de desastres ao vivo e guerras com transmissão simultânea: a fuga de O. J. Simpson no Bronco branco, o colapso das torres gêmeas etc., embora

outros traumas tivessem sido televisionados antes. Eu não tenho um único amigo que não se lembre de ter visto o desastre na hora em que estava acontecendo — não como um replay mais tarde, quando já sabíamos que o *Challenger* estava acabado, mas quando esperávamos que ele sumisse no espaço como nas viagens bem-sucedidas, mas em vez disso o vimos engolfado por uma bola de fogo gigantesca, vimos uma coluna bifurcada de fumaça enquanto os componentes caíam de volta na Terra. Lembro de um momento de incompreensão, tentando imaginar que o que eu havia testemunhado fazia parte do plano, talvez uma separação programada entre dois módulos, e depois, com uma tristeza profunda, entendendo, mesmo aos 7 anos, que isso não era possível.

"A verdade é que quase ninguém viu aquilo ao vivo: 1986 era o início dos canais de notícias, e embora a CNN tenha transmitido o lançamento ao vivo, a maioria das pessoas não estava vendo a CNN no meio de um dia de trabalho, de um dia de aula. Todos os principais canais pararam de transmitir logo depois do lançamento, antes do desastre. Todos voltaram rapidinho com replays gravados, é claro. Por conta do Projeto Um Professor no Espaço, a NASA havia organizado uma transmissão por satélite da missão para os aparelhos de TV de muitas escolas — e é por isso que me lembro de ver o acidente, assim como o meu irmão mais velho. Lembro das lágrimas nos olhos da sra. Greiner e da incompreensão inicial dos alunos, alguns risos inquietos. Mas nenhum de nós viu na verdade: a Randolph Elementary School, em Topeka, não fazia parte do projeto de transmissão. Logo, a não ser que se estivesse vendo a CNN ou então em uma das salas de aula especiais, você não testemunharia o desastre no tempo presente.

"O que muitos de nós vimos de fato ao vivo foi o discurso de Ronald Reagan à nação mais tarde naquela noite. Eu sabia que toda a minha família detestava o Reagan, mas posso afirmar que até os meus pais ficaram comovidos com o discurso. Na época eu não sabia que os discursos dos políticos eram escritos por assessores, mas sabia — porque foi comentado no meu filme favorito, *De volta para o futuro*, lançado um ano antes — que Reagan tinha sido ator em Hollywood. O discurso de

Reagan foi escrito por Peggy Noonan e é considerado um dos maiores discursos presidenciais do século XX. Noonan foi responsável pela criação de uma série de bordões republicanos memoráveis — 'leiam os meus lábios: sem novos impostos'; 'mil pontos de luz'; 'uma nação mais bondosa e mais gentil'. (E por falar nisso, ela foi também consultora da série de TV *The West Wing*.) O discurso durou apenas quatro minutos. E o final — uma das conclusões mais famosas de todos os discursos presidenciais — penetrou no meu corpo e na minha mente: *We will never forget them, nor the last time we saw them, this morning, as they prepared for the journey and waved goodbye and 'slipped the surly bonds of earth' to 'touch the face of God'.*[3]

"A prosódia do final, *'slipped the surly bonds of earth'*, a forma como os iambos conferiam um sentido de clímax e ao mesmo tempo de conclusão, a forma como a alternância de acentos emprestava ao discurso um sentido de autoridade e dignidade, de luto e confiança — eu pude senti-la no meu peito; a frase puxou-me para o futuro. Eu não sabia o significado de *surly* naquela época, e é um modificador estranho nesta frase, uma vez que costumamos vê-lo em contextos como '*a surly waiter*', no sentido de descortês, mal-humorado; um '*surly sky*' é um céu ameaçador, lúgubre. Acho difícil aplicá-lo a uma 'amarra', embora entenda que ele exerce aí uma função elegíaca ao nos ajudar a pensar nos astronautas como tendo escapado de uma ameaça em vez de sucumbir — agora estão num lugar melhor etc. (Bede diz: 'Através de sua poesia, a mente de muitos era constantemente levada a desprezar o mundo.') Mas o significado das palavras não era nada comparado com aquela primeira experiência de medida poética — como me senti simultaneamente reconfortado e estimulado pelo ritmo, sabendo que por todo o país aqueles ritmos estavam operando em milhões de outros corpos também. Permitam-me uma afirmação ridícula e absurda: acho que me tornei poeta por causa de Ronald Reagan e Peggy Noonan. A forma como eles usaram a linguagem poética para integrar um terrível desastre e a sua imagem em uma estrutura de significado, a forma como a

transpessoalidade da prosódia representou uma comunidade: os poetas eram os legisladores anônimos do mundo, assim me pareceu.

"Se eu tivesse lido a transcrição do discurso, teria notado que 'soltando-se das amarras opressoras da terra' e 'tocar a face de Deus' estavam entre aspas. Não eram palavras de Reagan, ou de Noonan: foram retiradas de um poema de John Gillespie Magee intitulado 'High Flight' ('Voo Alto'). Magee foi um piloto americano da Real Força Aérea Canadense que morreu aos 19 anos numa colisão em pleno ar durante a Segunda Guerra Mundial, e na sua lápide, perto de onde morreu em Lincolnshire, estão gravados o primeiro e último versos de 'High Flight': 'Oh! E me soltei das amarras opressoras da terra/Estendi a mão e toquei a face de Deus'. 'High Flight' é um poema bastante conhecido e não é assim tão surpreendente que Noonan o tivesse à mão. É o poema oficial, seja qual for o significado disso, da Real Força Aérea Canadense. Aparece em muitas lápides de cemitérios militares. Quando soube destes fatos ao fazer um trabalho no colégio, não senti que fui enganado: adorei a ideia de um poema escrito por um jovem semanas antes de cair morto pelas chamas ser citado por uma redatora de discursos e lido por um presidente, tocando o coração de um milhão de crianças americanas na esteira de outro desastre aéreo. Isso demonstrava o poder que a poesia tem de circular entre corpos e temporalidades, de transcender as contingências de sua autoria.

"Enquanto preparava estas observações, eu li um pouco sobre Magee — e por que esconder o fato, li sobre ele na Wikipédia — e reparei numa seção chamada 'Fontes de Inspiração para *High Flight*'. 'Fontes de Inspiração' é um eufemismo; se Magee fosse meu aluno e me mostrasse um poema com tantas 'fontes' assim, eu diria que ou foi uma colagem ou então um plágio. O último verso de 'High Flight' — 'E toquei a face de Deus' — também é o fecho de um poema de um homem chamado Cuthbert Hicks, um poema que foi publicado três anos antes do de Magee em um livro intitulado *Icarus: An Anthology of the Poetry of Flight*. Hicks finaliza o poema assim: 'Porque dancei pelas ruas dos céus, / E toquei a face de Deus.' E mais, a antologia *Icarus* contém um poema

chamado ‘New World’, de um certo G.W.M. Dunn, que tem a (infeliz) frase ‘nas asas prateadas pelo riso’, que Magee roubou para fazer o segundo verso de ‘High Flight’. Além disso, o penúltimo verso de ‘High Flight’ — ‘A alta e inviolável santidade do espaço’ — parece terrivelmente com um verso de um poema da antologia *Icarus* de alguém conhecido pelas iniciais C.A.F.B., ‘Dominion over Air’, um poema já publicado anteriormente no *RAF College Journal*: ‘Através da impenetrável santidade do espaço.’ A citação de Reagan, sem mencionar a fonte e fornecida por Noonan, foi retirada de um poema alinhavado às pressas por um jovem poeta presente numa antologia de outros jovens poetas seduzidos pelo poder de voar, que custou a vida de muitos — a não ser que alguém tenha inventado tudo isso e colocado na Wikipédia, o que é possível; não tive tempo para ir atrás de um exemplar da antologia *Icarus*. Não achei isso escandaloso, achei bonito, como se fosse um plágio palimpséstico movendo-se através dos corpos e do tempo, uma canção coletiva sem uma origem única, ou cuja origem foi apagada — como uma estrela, de nossa perspectiva na terra, que sobrevive da própria luz.

“Desejo mencionar outra forma de como as informações circularam pelo país em 1986 sobre o desastre do *Challenger*, e penso que os que têm mais ou menos a minha idade e estão aqui saberão do que estou falando: piadas. O meu irmão, três anos e meio mais velho do que eu, me contava uma atrás da outra no caminho de ida e volta da escola naquele inverno: Você sabia que Christa McAuliffe tinha uns olhos azuis que eram um estouro? Um estourou para a esquerda, o outro estourou para a direita; Quais foram as últimas palavras de Christa McAuliffe para o marido? Dê a comida das crianças que eu vou dar a dos peixes; O que significa a sigla NASA? Necessitamos Agora de Sete Astronautas; Como eles sabiam que xampu a Christa McAuliffe usava? Porque encontraram a cabeça e os ombros dela. (A Procter & Gamble criou o xampu Head & Shoulders nos anos 1950.) E assim por diante: as piadas pareciam saídas do nada e de todos os lugares ao mesmo tempo; como cigarras emergindo do fundo da terra, foram ubíquas durante uns meses, depois desapareceram. Folcloristas que estudam aquilo a que chamam de ‘ciclos anedóticos’

rastreiam a forma como — especialmente em tempos de ansiedade coletiva — certos modelos humorísticos são reciclados, normalmente entre crianças. Quando o IRA explodiu um barco de pesca com o almirante Mountbatten dentro em 1979, ano do meu nascimento, as pessoas contaram a mesma piada da caspa. Quando um ator chamado Vic Morrow morreu numa queda de helicóptero em 1982, lá veio de novo a piada do xampu Head & Shoulders. O ciclo anedótico do *Challenger*, que parecia existir sem que nossos pais soubessem, foi a minha primeira experiência com um tipo de sintaxe transpessoal sinistra existente no inconsciente coletivo, uma linguagem sombra para o processamento narrativo oficial de Reagan da tragédia nacional. As piadas anônimas que nos contavam e recontavam foram a nossa maneira de lidar com o remanescente do trauma que o ciclo elegíaco iniciado por Reagan-Noonan-Magee-Hicks-Dunn-C.A.F.B. (e sabe-se lá mais quem) não conseguiu integrar totalmente na nossa vida.

"Dessa forma, no início dessa história das minhas origens há uma falsa memória de uma imagem em movimento. Eu não a vi ao vivo. O que vi foi um discurso televisionado que não foi escrito por ninguém, mas que, em virtude da sua estrutura rítmica, foi brevemente acessível a todos; no dia seguinte fui à escola e outra prática linguística poderosamente banal me envolveu, um ritual não sancionado de pergunta-resposta que, apesar de monótono, era uma forma de luto. Se tivesse de atribuir as minhas origens como poeta a um momento específico, eu o localizaria ali, naqueles modos de reciclagem. Não defendo 'High Flight' como poema — na verdade, acho um poema horrível — e Ronald Reagan é para mim um assassino em massa. Não vejo nada de formalmente interessante nas piadas do *Challenger*, não encontro nada para celebrar ali; elas não eram engraçadas mesmo naquela época. Mas me pergunto se não podemos pensar nelas como formas imperfeitas de coletividade que podem servir como figuras de sua possibilidade real: prosódia e gramática como blocos com que construímos um mundo social, uma forma de organizar significados e o tempo que não pertence a ninguém em particular mas corre por todos nós. Obrigado."

Achei que os aplausos às minhas observações foram entusiásticos, mas devo ter me enganado, pois quase ninguém me fez perguntas na conversa que se seguiu; os outros dois escritores do painel eram muito mais conhecidos. Eu estava sentado em uma cadeira de couro modernista no palco da Escola de Artes da Universidade de Colúmbia, incapaz de ver o público direito por causa dos refletores de tungstênio, um ilustre professor de literatura fazia o papel de moderador e eu ficava principalmente ouvindo os ilustres autores — tão ilustres que eu achava que a maioria deles já tivesse morrido — falarem sobre as origens do seu gênio. (E não é que um dos ilustres autores ali presentes era o mesmo sul-africano que eu tinha visto na casa de Bernard e Natali quinze anos atrás?) Houve as habituais exortações à pureza — pensem no romance não como uma oportunidade de ficarem ricos ou famosos mas de lutarem, cada um do seu jeito, contra os titãs da forma —, exortações que os poetas não têm de fazer, tendo em vista a marginalidade econômica da arte, uma marginalidade econômica que mais cedo ou mais tarde toda a literatura sofrerá.

Mas no elegante jantar que o ilustre professor tinha organizado para nós após o painel, todas as conversinhas iniciais foram sobre dinheiro: já souberam do adiantamento de X, quanto será que Y ganhou com a venda dos direitos para o cinema daquele livrinho agressivamente medíocre dela, e assim por diante. Depois de traçar dois copos de Sancerre, o ilustre autor começou a sua ladainha, puxando a barba grisalha a intervalos regulares, o seu gesto assinatura, passando de uma anedota sobre um amigo famoso ou uma experiência triunfante para outra, sem uma pausa para a possibilidade de réplica, e ficou evidente a todos os presentes que tinham alguma experiência com homens e álcool — especialmente com homens que haviam ganhado prêmios literários internacionais — que ele não ia parar de arengar durante todo o jantar. Só se tiver uma dissecção, pensei eu. Quando um jovem latino tentou completar o seu copo de água com uma jarra, o ilustre autor, sem nem olhar para o rapaz, falou num espanhol irritado que estava bebendo água com gás, e depois voltou ao inglês num estalar de dedos. O ilustre

professor estava sentado bem em frente ao ilustre autor e parecia mais do que satisfeito em ouvir a logorreia dele; uma mulher mais jovem — provavelmente também professora de inglês, mas jovem demais para ser ilustre — estava sentada ao lado dele, sorrindo bravamente, intuindo que a sua noite estava perdida.

Eu estava do outro lado da mesa, de frente para a ilustre autora, desfrutando o frescor e a leveza do vinho que combinavam perfeitamente com os painéis de madeira e o piso claro da varanda do restaurante. Sentado à minha direita estava um pós-graduando bem-vestido, mais ou menos da minha idade, idolatrando abertamente a ilustre autora, talvez tema de sua tese. À esquerda da ilustre autora estava o marido, provavelmente também um ilustre em alguma coisa, que tinha a cara de muitos maridos: sobrancelhas perpetuamente semierguidas numa máscara defensiva de interesse cortês, significando tédio. Eu não sabia se devia dizer *gracias* ou obrigado ao homem que enchia o meu copo de água. Mesmo ali, onde uma refeição para sete custaria por baixo mil dólares, grande parte do trabalho era feito por uma expedita subclasse de trabalhadores falantes de espanhol. Lembrei de Roberto, do seu medo de Joseph Kony. Tentei visualizar, enquanto olhava em torno do restaurante, aquelas cidades do México em que quase todos os homens fisicamente capazes tinham ido embora para trabalhar no setor de serviços de Nova York.

— Gostei do seu conto publicado na *New Yorker* — disse-me a ilustre autora. Pelo visto o conto — em parte resultado de como lidei com a recepção ao meu romance — fora muito mais lido do que o próprio romance.

— Obrigado — eu disse. E embora eu só tivesse lido um livro dela, que não me impressionou muito, completei: — Sou um admirador do seu trabalho há muito tempo. — Ela sorriu só com o lado esquerdo da boca como se duvidando da afirmação; achei encantador.

— Você tem tumor cerebral? — ela perguntou. Fiquei menos impressionado com a sua franqueza do que com o fato de que ela deve ter lido mesmo o conto.

— Não que eu saiba.

— Ele é parte de um livro maior?

— Talvez. Estou pensando em transformá-lo num romance. Um romance em que o autor tenta falsificar o seu arquivo, tenta forjar um monte de cartas, principalmente e-mails, de autores recém-falecidos para poder vender a uma grande biblioteca. Esta ideia foi a origem do conto.

— Por que ele precisa do dinheiro? Ou é dinheiro o que ele quer?

— Acho que é mais uma resposta à própria mortalidade, como se estivesse tentando viajar no tempo, lançar a sua voz, agora que se vê enfrentando a própria fragilidade. Começa como uma espécie de fraude, mas imagino que ele possa entrar de cara naquilo, possa sentir realmente que ele e os mortos estão trocando correspondência. Ele seria tipo um médium. Mas ninguém saberia, mesmo no final do romance, se ele de fato planejava vender as cartas ou se estava apenas trabalhando em algum tipo de romance epistolar. E ele poderia ficar refletindo sobre todas as formas de monetização do tempo: tempo de arquivo, tempo de vida etc. — Eu estava tentando soar animado com o projeto que descrevia, mas, apesar do vinho, me sentia sem espírito: mais um romance sobre fraudulências, apesar de o idealismo ferido ser o núcleo.

Pedi como entrada camarão na brasa com puntarelle, fosse lá o que fosse, e vieiras grelhadas como prato principal. O garçom me disse que minhas escolhas foram excelentes. A ilustre autora disse que também ia pedir vieiras, o que de algum modo me pareceu um gesto de camaradagem.

O pós-graduando perguntou à ilustre autora em que ela estava trabalhando.

— Em absolutamente nada — disse ela, bastante séria, e, após um breve intervalo de silêncio, todos rimos. Depois ela me disse: — Com quem ele iria se corresponder, quem são os mortos? — O pós-graduando frustrado, que não queria mais me ouvir, e o marido entediado tentaram entabular uma conversa. Eu podia ouvir o blá-blá-blá do ilustre autor de longe.

— A maioria poetas, acho. Poetas com quem me correspondi um pouco, principalmente para a revista que eu editava e que o protagonista

vai editar, e cujo tom eu sei imitar. Estou pensando em Robert Creeley.

— Eu conhecia bem o Creeley. — Ela deu um gole no vinho. — Você incluiria também a correspondência real... quer dizer, você tem cartas verdadeiras que recebeu e vai inserir na ficção?

— Não — eu disse. — Quase toda a correspondência sobre a revista era trocada por e-mail, e eu tinha uma conta de e-mail diferente na maior parte do tempo. Nunca imprimi nada. O que eu tenho é chato, logístico.

— Eu poderia escrever uma carta para você, ele falsificaria uma carta minha, mas eu é que iria escrever.

— Isso seria ótimo. — Adorei a ideia.

— Você devia realmente tentar isso. — Pensei que ela estivesse se referindo a tentar escrever o romance, mas: — Devia tentar passar essas cartas que você escreveu a um arquivista. Assim saberia se a ficção é plausível. — Eu dei uma gargalhada.

— Estou falando sério. Posso colocar você em contato com um avaliador com quem trabalhei quando pensei em vender o meu material à Beinecke.

— Não tenho coragem — eu disse. Ela estava falando sério? Um garçom materializou-se para nos servir vinho, outro colocou a minha entrada diante de mim. Puntarella era uma verdura com folhas em forma de dente-de-leão.

— Bom, ponha a história do ônibus espacial no livro de algum jeito. Gostei disso. Quando você fala das crianças assistindo à explosão, do riso nervoso... isso me lembrou de uma coisa em que eu não pensava há muito tempo, mas em que costumava pensar constantemente.

— Que maravilha — eu disse, referindo-me aos camarões, que eram mesmo. — Quer provar? — eu disse, e ela estendeu o garfo sobre a mesa.

— Quando eu estava no primeiro ano, muitos séculos atrás, a nossa professora, sra. Meacham, perdeu a filha. — Supus que primeira série devia ser "primeiro ano" na Grã-Bretanha. — Ninguém nos contou, é claro. Tivemos uma substituta por alguns dias, fomos informados de que a sra. Meacham estava doente, e logo depois lá estava ela de novo, talvez mais distante do que o habitual, mas basicamente inalterada. Deve ter

sido uma ou duas semanas depois de sua volta, nós estávamos fazendo exercícios de leitura, e ela pediu que eu lesse uma passagem do livro-texto... na minha lembrança era uma passagem da Bíblia, mas acho pouco provável. Pois bem, ela chamou o meu nome, eu li algumas linhas e depois ela me interrompeu. Olhou direto para mim e disse, com uma voz assustadoramente calma: "Você é muito parecida com a minha filha, Mary." Lembro nitidamente do nome. A turma ficou num silêncio absoluto, nunca tínhamos ouvido a sra. Meacham falar nada fora do roteiro. Depois ela disse, pausadamente: "A minha filha morta, Mary. Você se parece muito com a minha filha, que está morta." Ela pronunciou estas palavras de um jeito que parecia uma aula de gramática. — O pós-graduando estava ligado na nossa conversa mas encarando o marido, que falava de uma recente viagem à Índia. Os nossos copos foram discretamente reabastecidos. — Ficamos todos chocados — continuou ela. — Lembro que abaixei os olhos para o livro me sentindo tremendamente envergonhada, como se tivesse sido repreendida. Depois ergui os olhos para a sra. Meacham, que me olhava fixamente, e ouvi uma gargalhada terrível.

— Gargalhada?

— A *minha* gargalhada. Eu a ouvi antes de entender que estava saindo do meu corpo. Foi totalmente involuntário. Uma reação puramente nervosa. Por alguns segundos eu só fiquei rindo, depois todo mundo começou a rir. Todos naquela sala de aula explodiram numa gargalhada histérica, e a sra. Meacham, às lágrimas, fugiu da sala. E assim que ela fugiu da sala, as gargalhadas pararam. Pararam todas ao mesmo tempo, como uma orquestra disciplinada recebendo um sinal do maestro. E nós só ficamos sentados lá em silêncio, envergonhados e confusos. — Ela tirou outro pedaço da minha entrada, que eu nem provara enquanto ela estava falando.

— Depois a sra. Meacham voltou para a sala — disse ela depois de engolir a porção e dar um gole no vinho —, reassumiu o seu posto na frente da turma e me chamou de novo para ler a passagem. E eu li a passagem e o dia de aula passou e o ano letivo passou, como se nada

tivesse acontecido. Pensei nisso porque você mencionou o riso nervoso e as piadas, suponho. As crianças tentando processar a ideia da morte.

Bebemos em silêncio por um minuto, comi o último camarão e perguntei:

— Você tem filhos?

— Não.

— Já quis ter? — Tentei testar a mim mesmo para saber se estava confundindo a minha moderada embriaguez com uma empatia fácil entre nós.

— Às vezes eu queria, mas na maior parte do tempo não.

— Nunca tentou? — Decidi não me importar mais com o cálculo da relação empatia-vinho.

— Fiz uma cirurgia para remover um fibroide quando eu tinha uns vinte e poucos anos e as cicatrizes impossibilitaram isso. Antigamente era mais comum de acontecer.

— Que pena — eu disse.

Ela deu de ombros.

— Acho que no final das contas eu não queria filhos. Você tem?

— Não, mas a minha melhor amiga quer a minha ajuda para engravidar. Quer dizer, estamos pensando em fazer inseminação intrauterina. Mas... — e isto sem dúvida era algo que se dizia só com o reforço do vinho — os meus espermatozoides são um pouco anormais. — O pós-graduando virou-se e me encarou involuntariamente.

A ilustre autora riu, sem ser grosseira, e perguntou:

— Como assim?

— Aparentemente, todos os homens têm muitos espermatozoides anormais, espermatozoides malformados que não conseguem fertilizar um óvulo. Só que eu tenho mais espermatozoides anormais do que o normal, então disseram que pode ser mais difícil que eu engravide alguém.

— Mas não impossível.

— Não. Mas pode demorar muito tempo e a minha amiga já está com 36 anos. E eles podem recomendar que ela faça direto a fertilização in

vitro, o que acho que ela não queria fazer.

— Então você está fora? Você queria estar fora?

— Não sei. Querem que eu repita o teste, o primeiro pode ter sido falho. E de qualquer jeito, acho que Alex, a minha amiga, vai querer que eu tente durante algum tempo. O negócio da inseminação intrauterina, quero dizer.

— Essas coisas não são caras demais?

— Sim, e Alex está sem emprego agora. Mas a minha agente acha que posso conseguir um bom adiantamento para um segundo romance, por causa do conto. E eu sou professor.

— Falsificar o arquivo para subsidiar tratamentos de fertilidade, falsificar o passado para financiar o futuro... amei. Estou ansiosa para apoiar este livro no escuro. O que mais acontece?

Havia outra história que eu sabia que iria incluir, uma história que ouvira recentemente do padrasto de Alex.

— Não sei como isso vai entrar, mas o protagonista teve, terá tido, um relacionamento na juventude que eu acho que pode formar uma parte importante da história dele relacionada com a sua inclinação para a impostura. Ele está na faculdade e apaixona-se por uma mulher, Ashley, poucos anos mais velha do que ele que, seis meses depois de estarem juntos, volta do médico chorando e diz que diagnosticaram um câncer.

— Tão jovem?

— Isso acontece. Digamos que descobrem o câncer durante um exame de rotina. A princípio parece que ela vai largar os estudos e morar com a família durante o tratamento, mas depois decide, por estar apaixonada por ele e porque o seu relacionamento com os pais é difícil, fazer o tratamento ali mesmo, em um hospital perto do campus. Este é o primeiro relacionamento amoroso de ambos em que um dos parceiros precisa realmente cuidar do outro, não apenas tentar impressionar o outro; para ele é a primeira relação séria longe de casa e está se desenvolvendo à sombra da morte. Não há cirurgia, mas, pior, há radioterapia e quimioterapia; ele leva Ashley ao hospital no carro dela para cada tratamento, deixando-a lá porque, por uma complexidade de

motivos, ela não o quer lá, pedindo que ele respeite a intimidade de seu relacionamento com a oncologista, uma mulher de quem se sente próxima. Ele fica esperando no estacionamento ou dando uma volta de carro, fumando e ouvindo música. Ela perde peso, perde cabelo; há muita choradeira e resoluções corajosas; ele aprende a preparar refeições ricas em bioflavonoides para sustentação imunológica; ele conduz conversas sobre o futuro deles insistindo que quer filhos, mas não quer de fato, faz isso só para insistir que há um futuro. Imagine um ano disto — disse eu à ilustre autora. — Ele é um rapaz fingindo ser um homem que está perdendo a companheira; faz amor ocasional com uma jovem emaciada que talvez tenha uma doença terminal, enquanto os seus colegas tomam ecstasy, frequentam festas etc. e tal; ele é o ghost-writer dos trabalhos dela, manda e-mails aos professores dela pedindo dilatação de prazos e assim por diante. E então uma noite, digamos que na véspera do Ano-Novo, os dois estão na cama assistindo a um filme, digamos que *De volta para o futuro*, e ela diz:

"Quero contar uma coisa, mas antes prometa que não vai ficar bravo."

"Tudo bem, prometo", diz ele.

"Eu não estou doente."

"Como assim?"

"Eu não tenho câncer", diz ela.

"Você está em remissão", confirma ele.

"Não, eu nunca tive", diz ela.

"Vai dormir, meu bem."

"Não, estou falando sério... eu nunca tive câncer. Eu quis lhe contar, mas as coisas saíram de controle."

"Shhh", diz ele, com uma sensação estranha por dentro.

"Estou falando sério", ela repete, e algo em sua voz assevera que está de fato.

"E você está fingindo que está se tratando", diz ele, com sarcasmo.

"Sim."

"Está fazendo quimioterapia para um diagnóstico falso."

"Não, fico sentada no reservado de um banheiro."

“Junto com a dra. Sing”, diz ele, forçando um riso.

“Esse era o nome da minha médica em Boston.”

“Não tem graça nenhuma, Ashley. Que conversa de maluco. Você perdeu mais de 13 quilos.”

“Provoco o vômito. Não tenho apetite.”

Ele começa a ficar desesperado. “E o seu cabelo?”

“Eu raspo. No começo arrancava.”

“Os comprimidos.” Ele levanta da cama. Está de pé, só de cueca.

— “Tomo Zoloft e Ativan” — disse a ilustre autora, fazendo o papel de Ashley. “Tomo esses comprimidos grandes e azuis de vitamina que guardo nos frascos antigos.”

— Isso. Ele não quer perguntar por quê, não quer aceitar a possibilidade daquela mentira, mas:

“Por quê?”

“Eu me sentia sozinha. Confusa. Como se *houvesse* alguma coisa de errado comigo.”

— “A mentira descrevia a minha vida melhor do que a verdade” — acrescentei. — “Até que se tornou uma espécie de verdade.” — Esvaziei meu copo. — “Eu teria feito quimioterapia se tivessem oferecido.”

A ilustre autora olhou para mim, talvez tentando entender se a história era um plágio da minha vida.

— Sim — decidiu ela —, você devia pôr isso no romance.

Um prato retangular decorado com vieiras grelhadas foi colocado na nossa frente simultaneamente. Havia fatias mínimas do que parecia maçã verde, pedaços finos do que talvez fosse um aipo exótico. Serviram outra garrafa de vinho. A ilustre autora e eu estávamos agora enchendo a cara sem o menor pudor. Enquanto comíamos, contei a história da minha visita ao *masturbatorium* e arranquei-lhe boas gargalhadas; estávamos rindo alto o suficiente para atrair olhares das outras mesas. Como sobremesa dividimos uma fatia de torta de chocolate e cada um tomou uma dose generosa de armagnac.

Do lado de fora do restaurante, no falso ar de primavera, todos se cumprimentaram com um aperto de mão e o desconforto típico de

pessoas que se reuniram para comer juntas mas não conversaram. O ilustre autor disse a nós dois com uma gravidade afetada que lamentava profundamente não ter tido oportunidade de perguntar pelos nossos projetos atuais, que ele estava certo de serem esplêndidos. Com uma solenidade ainda maior, respondi: "Sou um admirador do seu trabalho há muito tempo"; a ilustre autora teve de tossir para afastar o riso. Depois ela e eu nos abraçamos e ela disse: "Faça tudo." Quando perguntei: "Fazer o quê?", ela apenas repetiu: "Faça tudo", e nos abraçamos de novo e depois eu segui na direção sul, rumo ao metrô, e ela e o marido esgotado chamaram um táxi para seguirem até o East Side. Passei pelo Lincoln Center, onde os bem-vestidos vazavam da ópera, parando para ver a fonte iluminada. Na 59th Street peguei a linha D de volta ao Brooklyn, repetindo a mim mesmo no ritmo do trem: faça tudo, faça tudo.

Quando saí do metrô, fui andando até o apartamento de Alex e toquei a campainha, o que quase nunca fazia — em geral eu só mandava uma mensagem avisando que estava na portaria —, e ela desceu para abrir a porta. Estava arrumada, ou viera de um entrevista de emprego ou de um encontro com alguém, e achei-a particularmente bonita naquele cetim líquido e lã veneziana; eu disse oi e esforcei-me para parecer sóbrio quando subimos as escadas. Ao entrarmos no apartamento, ela perguntou como tinha sido o evento e eu, em vez de responder, coloquei meus braços em volta dela, puxei-a para mim, dei um beijo na sua boca e tentei encontrar a língua. Ela me empurrou com força, rindo, tossindo e limpando a boca.

— Que merda é essa agora? Tá bêbado?

— Claro que estou bêbado — eu disse, tentando me aproximar de novo, mas ela esticou os braços para me impedir.

— Fala sério, o que pensa que está fazendo?

— Estou fazendo tudo — eu disse, sem fazer o menor sentido, e depois continuei: — Não vou voltar lá para ficar tocando punheta dentro de um frasco a cada mês durante dois anos. Tudo bem, os meus

espermatozoides são um pouco anormais, mas isso não significa que eu não possa engravidar você.

— Que história é essa de os seus espermatozoides serem anormais?

— É normal ter espermatozoides anormais — eu disse, como se ela tivesse me insultado, e ela riu. Sentei no futon, acenei para que se juntasse a mim e pensei: vai dar tudo certo; afinal de contas, nós já transamos algumas vezes na faculdade. Ela veio mesmo na minha direção, mas só para pegar uma das almofadas indianas bordadas do futon e jogá-la na minha cara.

— Vai dormir, seu babaca, não vai ter sexo nenhum entre nós.

Atordoado, abri a boca para falar um monte de coisas — dos ciclos anedóticos, das origens da poesia, das correspondências — mas em vez disso deitei no futon e, colocando a almofada em cima da cabeça, não embaixo, falei: Boa noite. Mais tarde ela me contaria que não conseguiu dormir porque fiquei recitando "High Flight".



Caro Ben, escrevi, *também eu tive prazer em conhecê-lo, ainda que brevemente, em Providence, embora com tanta gente não fosse possível conversar. Serviu para dar um rosto ao nome, como dizem, se é que ainda dizem, e espero que em outra ocasião possamos estar na companhia um do outro.*

Deletei "também eu", mudei para "foi um prazer", e comecei um novo parágrafo: *Lembro-me de escrever a William Carlos Williams, acho que em 1950, e sentir que a carta era uma grande invasão da minha parte. Não estou querendo dizer que sou para você o que Williams era para mim naquela época, mas apenas lembrar que sou sensível, por ter vivido o mesmo, à preocupação por você expressa de que estabelecer um contato possa ser interpretado como exceder um limite. Mas não é, e você certamente não o fez, e de qualquer modo, se não for assim, como poderemos encontrar os nossos contemporâneos, formar uma camaradagem? De que outra forma poderemos localizar os escritores com quem nos correspondemos, tanto no sentido em que nós estamos nos correspondendo agora, como no sentido mais geral de uma espécie de acordo realizado, ou como quando dizemos que uma história corresponde aos fatos? Você sem dúvida sabe o uso que Jack Spicer fazia*

desse termo em todas as suas estranhas possibilidades, como ele se correspondia com os mortos, escrevia textos ditados por eles. E, é claro, temos o sentido que Baudelaire dá em "Correspondances".

O autor voltaria depois para se assegurar de que não estava usando em demasia palavras típicas do estilo de Creeley. Eu releria uma ou duas mensagens banais que realmente havíamos trocado, daria outra olhada em suas *Selected Letters*.

Também recordo aqui uma carta enviada quando eu tinha vinte e poucos anos, porque estava escrevendo, como você, sobre começar uma pequena revista, formulando na medida do possível o seu "programa geral", que, claro, envolvia expressar o meu desagrado com as revistas existentes. Você pergunta se "nós precisamos de outra", boa pergunta, mas fico pensando se "nós" deveria ser o sujeito. Claro que espera-se que uma revista tenha a sua circulação, por menor que seja, que tenha a sua influência, por mais difícil que seja mensurá-la, mas é também o instrumento pelo qual o nosso próprio sentido das possibilidades da arte será forjado, testado. Parece-me agora evidente que as melhores revistas vêm de editores que "necessitam" eles próprios que elas existam, e da singularidade dessa necessidade nasce uma revista de alguma utilidade pública possível.

O cartão da bibliotecária da seção de coleções especiais e o cartão do avaliador de arquivos que ela recomendara estariam afixados acima da escrivaninha do autor, uma tachinha prateada no reboco. Enquanto ele se preocupava com o crescimento de um tumor, enquanto eu me preocupava com a dilatação da minha aorta, as cartas iriam se acumulando, expandindo o conto para um romance.

Em anexo ao e-mail seguem quatro poemas recentes que eu gostaria muito que fossem publicados no primeiro número, se agradarem. A ocasião dos poemas foi uma visita a Lascaux no último verão...

Cliquei em enviar, despachando a proposta do livro à minha agente, com uma leve dor disparando no meu peito, sem dúvida psicossomática, e saí para me encontrar com Alena no seu apartamento no Lower East Side.

Juntamente com um artista seu amigo, Peter, também formado em direito, Alena andava trabalhando em um projeto — *não* um projeto de

arte, ela insistia em dizer — que me descrevera inúmeras vezes, mas que eu nunca levei a sério por achar uma fantasia: ela e Peter estavam tentando convencer a maior seguradora de arte do país a dar-lhes algumas de suas obras declaradas com "perda total". Quando um quadro valioso é danificado em trânsito ou num incêndio ou inundação, vandalizado etc., e um avaliador acorda com o proprietário da obra que ela não pode ser restaurada de modo satisfatório, ou que o custo da restauração excederia o valor da indenização, a seguradora então paga o valor total da obra sinistrada, que depois é legalmente declarada como tendo "valor zero". Quando Alena me perguntou o que eu achava que acontecia com essa arte declarada com perda total, eu disse supor que toda a arte danificada fosse destruída, mas, como descobrimos, a seguradora possuía um depósito gigantesco em Long Island cheio de objetos indeterminados: obras de artistas, muitos deles famosos, que, depois de sofrerem um ou outro tipo de avaria, eram formalmente rebaixadas de arte à mera condição de objetos e sua circulação era proibida, sendo retiradas do mercado e relegadas a um estranho limbo.

Desde que Peter — que tinha um amigo na seguradora — conseguiu para Alena uma excursão ao depósito, ela vivia obcecada com a ideia de adquirir algumas dessas obras supostamente sem valor, muitas das quais ela considerava agora mais fascinantes — estética ou conceitualmente — do que antes de sofrerem os danos. O seu plano, que eu achara ingênuo, fora dizer à seguradora que ela e Peter tinham fundado um "instituto" sem fins lucrativos para o estudo da arte com perda total e encorajar a seguradora a fazer uma doação. Redigiram uma declaração de missão que eu revisei, afiliaram-se informalmente a uma ONG de artes plásticas administrada por um dos amigos de Alena, vestiram-se como adultos responsáveis e conseguiram uma reunião com a diretora da seguradora, que, como descobrimos, também era pintora. Eles conseguiram ganhá-la. A diretora da empresa concordou que as obras com perda total eram de grande interesse estético e filosófico e — para surpresa de Alena e Peter — estava aberta à ideia de doar uma seleção para uma exposição em pequena escala e uma discussão crítica, presumindo que os detalhes

seriam estudados. Peter passou alguns meses esboçando um acordo apropriadamente oficial com a seguradora (nenhum detalhe pessoal sobre as partes envolvidas no acordo seria divulgado etc.) e Alena pesquisou vários espaços onde poderiam expor os objetos e promover discussões sobre estas obras de arte perdidas e as suas implicações para artistas, críticos, teóricos. No final, e para meu espanto, a seguradora concordou em doar o equivalente a uma galeria de arte de "valor zero" ao "instituto" de Alena, e até cobriu as despesas de transporte. Naquela manhã eu havia recebido um torpedo de Alena dizendo que ela e Peter gostariam que eu fosse o primeiro a visitar o "Instituto de Arte da Perda Total".

Alena apertou o botão abrindo a porta para mim e eu subi os quatro lances de escada até o seu apartamento. Ela morava em um loft gigantesco de aluguel controlado localizado num antigo prédio comercial; o contrato estava no nome de um tio. Tinha um cômodo que servia como estúdio de Alena e também um amplo espaço aberto que dava no mínimo dois apartamentos do meu. Às vezes o irmão mais novo de Alena — aluno da Universidade de Nova York — morava no apartamento com ela, embora não tenha aparecido nos últimos meses. Quase toda a mobília era de fácil deslocamento e assim o lugar estava sempre arrumado de um jeito diferente cada vez que eu fazia uma visita, o que me deixava louco; o sofá preto não estava mais encostado na parede, agora era o toca-discos; a prancheta de desenho estava num canto diferente, e assim por diante. Dei um beijo em Alena, um abraço em Peter, sentei num engradado vazio e perguntei onde ficava o instituto. Você está nele, disse Alena, desaparecendo no seu estúdio. Feche os olhos, ela gritou de lá.

Fechei os olhos — sempre que fecho os olhos na cidade fico na mesma hora sensível ao som ondulante do trânsito — e depois ouvi os pés descalços de Alena no piso de madeira aproximando-se de mim. Abra as mãos, disse ela, e eu abri. Ela depositou em minhas mãos abertas o que me pareceu uma série de bolas ou estatuetas de porcelana. Pode abrir os olhos, disse ela: o que eu segurava eram pedaços de uma escultura

quebrada, um cão-balão vermelho de Jeff Koons, um dos primeiros. Foi maravilhoso ver em pedaços um ícone do comercialismo no mundo da arte e da valorização da estupidez; foi maravilhoso tocar aqueles pedaços com o seu acabamento metálico, ver o interior oco de uma obra de superficialidade intencional. Talvez originalmente não valesse tanto dinheiro assim pelos padrões do mundo da arte — de cinco a dez mil dólares, uma ou duas inseminações intrauterinas, um ano ou dois de mão de obra chinesa — mas valia dinheiro suficiente pela experiência de segurar suas ruínas em minhas mãos com um frisson de transgressão. Além disso, alguém provavelmente pagaria muito dinheiro pelos restos mesmo que aquele lixo tivesse sido legalmente declarado inútil. Alena e Peter começaram a rir do meu silêncio atônito e Alena tirou um dos fragmentos menores da minha mão e jogou-o no chão, onde se despedaçou. "Isso não vale nada", ela praticamente sibilou. Alena parecia uma divindade ctônica da vingança. E me perguntei, não pela primeira vez, se ela não seria um gênio.

Atordoado, entrei no estúdio. Havia mais do que o equivalente a uma galeria de obras de arte encostadas na parede, sobre a ilha de cozinha que ela instalara como uma superfície de trabalho, ou colocadas no chão. Algumas eram de artistas que eu reconhecia, a maioria não. Algumas estavam nitidamente comprometidas — com muitos rasgos ou manchas. Tantas pinturas danificadas pela água que senti que havia sido transportado a um futuro não muito distante em que Nova York estava quase toda submersa, em que se podia olhar do alto de um High Line tomado de mato e ver aquelas pinturas boiando pela Tenth Avenue abaixo. Por que você não está tocando em nada, disse Alena, pode tocá-las agora, e ela pegou a minha mão e encostou-a no que ainda era, ou fora, uma pintura de Jim Dine. "Se o mundo está acabando", citou Peter atrás de nós, "por que não deixar as crianças tocarem nos quadros?"

Mas não foram as obras de arte rasgadas, queimadas ou manchadas o que mais me comoveu, que me fizeram sentir que Peter e Alena estavam fazendo algo de profundo ao desenterrarem os zumbis da arte. Para minha surpresa, muitos dos objetos não estavam danificados, pelo

menos não aos meus olhos confessadamente leigos. Vi uma foto de Cartier-Bresson, sem moldura, debaixo de uma pilha de outras fotografias na bancada. Ergui-a contra a luz fraca que fluía pela janela do estúdio, mas não detectei rasgos, riscos, desbotamentos, manchas. Pedi a Peter e Alena que me mostrassem os danos, mas eles também ficaram perplexos. Aquilo ali era um díptico abstrato de um famoso artista contemporâneo que nos pareceu em perfeitas condições; Alena consultou a papelada — cheia de correções da seguradora — e descobriu que faltava um painel, que era de fato um tríptico, mas os dois painéis em seu poder estavam perfeitos.

Sentei no sofá-cama improvisado que Alena construíra para o estúdio com blocos de concreto e um colchão velho — um colchão que eu vasculhara mais de uma vez para ver se achava vestígios avermelhados de percevejos — e examinei o Cartier-Bresson. De repositório de imenso valor financeiro transformara-se em valor zero sem passar por qualquer mudança material perceptível — era igual, só que totalmente diferente. Isso era uma inversão do tipo de recontextualização associada a Marcel Duchamp, ainda — infelizmente, na minha opinião — o espírito tutelar do mundo da arte; era o oposto do *ready-made*, em que um objeto de utilidade prática — um urinol, uma pá — era transformado em um objeto de arte, uma mercadoria de arte por ordem do artista, por sua assinatura. Era a inversão desse processo, e eu achava isso muito mais poderoso do que aquilo que invertia, porque, como todo mundo, eu estava mais familiarizado com coisas materiais que assumiam uma espécie de poder mágico bastando uma assinatura monetizável: é assim que o *branding* funciona no sistema das galerias e outros, seja para Damien Hirst ou Louis Vuitton. Mas era incrivelmente raro — lembrei do recipiente de café solúvel na noite da tempestade — encontrar um objeto libertado dessa lógica. Qual a palavra para essa libertação? *Apocalipse? Utopia?* Senti uma plenitude semelhante ao esvaziamento enquanto segurava uma obra da qual fora extraído o valor de troca, um objeto que, apesar disso, estava sem alterações. Foi como se eu pudesse registrar em minhas mãos uma sutil mas crucial transferência de peso: os 21 gramas da alma do mercado

haviam fugido; já não era mais um fetiche mercantil; era arte antes ou depois do capital. O que me comovia não eram as obras quebradas ou rasgadas que Alena adorava, mas os objetos do arquivo que eram e não eram diferentes: eles haviam sido redimidos, não só no sentido de que o fetiche havia sido reconvertido em dinheiro, com a indenização paga, mas também no sentido messiânico de que foram salvos de alguma coisa, salvos para alguma coisa. Um produto de arte do qual exorcizaram o fetichismo do mercado (e que sobrevivera ao exorcismo) era para mim um *ready-made* utópico — um objeto para ou de um futuro onde havia outro regime de valor que não fosse a tirania do preço. Ergui os olhos para Peter e Alena, que esperavam que eu dissesse alguma coisa, mas só consegui falar: "Caramba."

Embora soubesse que isso não ia durar, enquanto voltava a pé do apartamento de Alena para o Brooklyn, pela ponte de Manhattan, tudo em que o meu olhar batia parecia com perda total no melhor sentido: completo em maior ou menor medida; absoluto; inqualificável; inteiro. A tarde ainda corria, mas parecia a hora mágica, quando a luz parece imanente ao iluminado. Sempre que atravessava a ponte de Manhattan, eu lembrava a mim mesmo que havia atravessado a ponte do Brooklyn. Isso porque pode-se ver esta última da primeira, e porque a do Brooklyn é mais bonita. Olhei por sobre o ombro para o centro de Manhattan e vi o aço reluzente e ondulado do novo edifício de Frank Gehry, eu o vi como uma onda estacionária; olhei para baixo e vi um barquinho passando lentamente na água; a espuma do seu rastro fundia-se com as nuvens refletidas na água e por segundos vi o barco como um avião. Mas quando cheguei no Brooklyn para me encontrar com Alex, comecei a lembrar-me da travessia na terceira pessoa, como se eu tivesse me visto caminhando sob os cabos eólicos da ponte do Brooklyn.





nosso mundo *o mundo futuro*

Segui pela Henry Street passando pelo Brooklyn Heights. Alex e eu íamos nos encontrar para beber num lugar perto da Atlantic Avenue, embora Alex tivesse parado de beber. Arrumara um novo emprego para o qual era superqualificada e sub-remunerada; ela basicamente era tutora de crianças em um programa pós-aula em Carroll Gardens, mas achava que era melhor candidatar-se a outros empregos estando empregada e ela queria a estrutura e qualquer dinheiro que entrasse era bem-vindo. Eu pedi algo com uísque e menta e uma água com gás para Alex e levei as nossas bebidas até uma das mesas com divisórias de madeira. Objetos de arte efêmera cuidadosamente selecionados decoravam as paredes, todos anteriores à Guerra Civil; parecia haver um concurso entre os bares da moda para ver quem conseguia voltar mais no tempo. Ficamos bebendo devagar sob luminárias vintage com lâmpadas Edison.

— Vamos conversar sobre a sua tentativa tosca de me seduzir? — Eu tinha enviado um e-mail a Alex falando da análise do meu sêmen, mas não tínhamos conversando de fato sobre a minha tentativa de fazer tudo. Ela queria que fôssemos conversar detalhadamente com a especialista em fertilidade sobre os resultados.

— Fiquei surpreso por você ser capaz de resistir ao meu charme... até recitei poesia.

— Estou falando sério.

— Foi ridículo, me perdoe. Eu estava, como você viu, muito bêbado.

— Esse é o problema. Você devia se desculpar por isso.

— Tudo bem. Mas por quê?

— Porque se vamos tentar fazer um filho, seja como for, eu não quero que seja uma coisa que você possa negar que quis, ou negar que aconteceu.

— O que quer dizer com isso?

— Era o único tipo de primeiro encontro que poderia forçar-se a ter, aquele tipo de encontro que se pode negar depois que foi amoroso.

— Isso é ficção, e nós não estamos falando de um primeiro encontro.

— E aquela parte em que você ficou fazendo carinho no meu cabelo dentro do táxi? A parte baseada na noite da tempestade. O álcool é uma forma de esquivar-se. E então tudo o que acontece só acontece até certo ponto. — Decidi não beber.

— Ok, mas todo o seu plano só me envolve até certo ponto... o meu nível de envolvimento precisa ser determinado, se vou ser um doador ou um pai. Você me pede que eu seja uma presença flutuante. Eu forneço as células reprodutivas e o resto a gente vai vendo como fica.

— Sim, mas isso cabe a você. Como eu disse desde o começo, se você quer a coparentalidade, seja lá o que isso significa, eu faço isso com você. Eu não pediria outra coisa. Prefiro fazer com você, na verdade. Se você quiser tentar fazer sexo como parte de uma estratégia de reprodução — ergui sem querer as sobrancelhas com a frase "estratégia de reprodução" —, ou como queira chamar, também estou aberta a isso. Teríamos de conversar mais sobre o assunto. Você teria de parar de dormir com Alena, pelo menos durante esse tempo. Seria estranho demais.

Sequei o copo.

— Como assim? Seríamos um casal? Está me pedindo em casamento?

— Não. As pessoas costumam fazer isso. Seria como se fôssemos... divorciados amigavelmente. — Nós rimos. Não sabíamos como ia

funcionar. Mas eu sabia como podíamos pagar a conta: disse a ela que tinha enviado a proposta do livro e descrevi o meu plano para expandir o conto.

Ela ficou calada por meio minuto, depois disse:

— Não sei.

Eu esperava que ela dissesse que parecia excelente, o que normalmente dizia toda vez que eu lhe apresentava uma ideia literária, mas um adjetivo que nunca aplicara a nenhuma das minhas ideias não literárias.

— Não sabe o quê?

— Não quero que o que vamos fazer acabe virando anotações para um romance.

— Ninguém vai me pagar seis dígitos por um poema.

— Ainda mais um romance sobre fraude. E acho mórbido. Acho que você não precisa escrever sobre falsificação do passado. Devia é procurar uma forma de habitar o presente. — Lembrei da sensação no meu peito na hora em que enviei a proposta do livro, como se dilatar o conto estivesse associado à dilatação da minha aorta. — E de qualquer forma, você não devia ficar escrevendo sobre assuntos médicos.

— E por quê?

— Porque você acredita, por mais que negue, que escrever tem um certo poder mágico. E provavelmente você é louco o bastante para, de algum jeito, transformar a sua ficção em realidade.

— Não acredito nisso.

— Quantas vezes você achou que tinha um tumor cerebral?

— Nenhuma — menti e dei uma gargalhada.

— Mentiroso. Lembra do que aconteceu com o seu romance e a sua mãe.

No meu romance o protagonista diz às pessoas que a mãe morreu, mas está viva e bem de saúde. Quando eu já estava na metade do livro, minha mãe teve um diagnóstico de câncer de mama e eu senti, o que era loucura, que o romance era em parte responsável, que ter até uma versão ficcionalizada de mim mesmo gerando um carma ruim para a saúde parental era de algum modo inespecífico a causa do diagnóstico. Parei de

trabalhar no romance e estava resolvido a jogar tudo fora até a minha mãe — que ficou muito bem após uma mastectomia e que, felizmente, não precisou fazer quimioterapia — me convencer por meses que eu devia concluir o livro.

— Sabe o que eu percebi outro dia — disse eu —, quando estava sendo entrevistado por alguém da Holanda, pelo Skype, sobre esse romance, que acabou de ser lançado lá? Percebi que a mentira sobre a mãe dele é na realidade sobre o meu pai.

— Como?

— Ou sobre a mãe do meu pai, a minha avó, que nunca conheci; morreu quando eu tinha 20 anos. Não sei se você vai querer ouvir uma história sobre mães e câncer agora.

— Gostaria de ouvir sim.

— O meu pai me contou isso quando viajei de Providence para casa, para o funeral de Daniel, eu tinha recém-entrado na faculdade. Ele foi me pegar no aeroporto e seguimos de carro para Topeka, e eu estava tão angustiado que mal conseguia falar. Lembro de que estávamos indo devagar porque caía uma leve chuva com neve. A primeira parte da história eu já conhecia: no dia em que a mãe dele morreu de câncer de mama... nunca se pronunciava "câncer" na família, mas todo mundo sabia, até as crianças... ele telefonou para a namorada, Rachel, que logo depois viria a ser sua primeira esposa, um casamento que só duraria um ano, e antes de poder dizer alguma coisa, percebeu que ela estava chorando e que conseguia ouvir gemidos, não, lamentos ao fundo. Antes de poder contar a notícia de sua própria mãe, antes até de poder perguntar o que tinha acontecido, Rachel disse: o meu pai morreu. O pai de Rachel, um conhecido empresário de Washington D.C., onde o meu pai morava e estava fazendo a faculdade, era perfeitamente saudável, pelo que se sabia. Mas na mesma manhã em que a mãe do meu pai morreu após uma batalha de vários anos contra uma doença terrível, ele simplesmente caiu morto no seu escritório com um infarto.

— Que coisa louca.

— Ou talvez tenha tido uma dissecção da aorta, não sei. Rachel disse ao meu pai que o funeral seria em Albany, onde o pai nasceu, e que esperava que ele fosse com ela no dia seguinte, e ele disse claro e desligou o telefone sem falar da mãe. Enquanto isso, a mãe do meu pai não estava sendo velada como deveria. O meu avô ou estava em negação ou envolvido com outra pessoa, mas, de um modo ou de outro, o meu pai e seus irmãos mais novos tiveram de comer comida congelada e foram largados lá vendo *Gunsmoke* na TV ou outra coisa qualquer e não havia nenhuma cerimônia fúnebre programada. Então o meu pai acabou dizendo que o pai de Rachel tinha morrido e que ele ia a Albany para o funeral, e o meu avô disse, sem fazer nenhuma pergunta: Está bem. Ele pegou o trem para Albany com Rachel, que chorou o tempo todo... ele nunca falou na mãe dele... e acabaram chegando na casa da família, onde o lado judeu da família estava constantemente rezando e iria observar o shivá durante sete dias após o sepultamento. Era uma casa gigantesca e lhe deram um quarto de hóspedes e ele ficou acordado a noite inteira olhando para o teto, ouvindo irrupções ocasionais de choro em outras partes da casa pela noite adentro enquanto tentava imaginar onde o corpo da mãe estaria, embora eu possa estar inventando este detalhe. — Ergui a mão para chamar a atenção da garçonete do outro lado do bar e depois ergui o meu copo vazio.

— Adivinhe qual foi a função dele no dia do funeral? Ele teve de ficar circulando com sais aromáticos para reanimar as mulheres que desmaiassem ou ficassem fracas de tanto chorar. O meu pai, aos 20 anos, secretamente enlutado pela mãe, andando por um funeral, que a sua mãe não teria, de olhos secos e segurando um composto químico debaixo do nariz de pessoas que de tanto carpir desmaiavam. Eu já tinha ouvido esta parte da história antes, embora ela nunca tenha me impressionado tanto como naquela noite em que voltávamos para casa para o funeral de Daniel debaixo de neve, mas então o meu pai começou a me contar a parte que eu não sabia. — O meu drinque chegou e eu provei, estava mais doce desta vez. Alex expressava a intensidade de sua atenção não tocando

na sua água. Tinha a capacidade de ficar tão quieta que aquilo era uma forma de elegância.

Após o funeral, quando deixei a família observando o shivá naquela casa gigantesca em Albany, disse meu pai, tive de pegar um trem para a Penn Station e depois outro para Washington D.C. Cheguei na Penn Station sem incidentes, embora estivesse nevando bastante, mas aí houve um problema com o trem, sem dúvida por conta do mau tempo. Lembro do frio que fazia: eu estava usando o meu único terno, o mesmo que usei no funeral, e como o meu casaco de inverno não combinava com o terno, eu o havia deixado em casa. Havia uma fila enorme no trem para Washington — eu nunca tinha visto uma fila tão grande em nenhum trem da Penn Station — e levei uma eternidade para conseguir chegar na plataforma. Quando enfim cheguei, estava um caos: uma multidão, uma gritaria. Isso porque dois trens que já deviam ter passado tinham sido cancelados por causa de gelo nos trilhos, por isso havia tanta gente desesperada para apanhar aquele, o último trem do dia. Eles chegaram a colocar carros extras — eu pude vê-los e pareciam muito antigos, como os trens desativados do século XIX — para tentar acomodar o excesso de passageiros. Enquanto viajávamos para Topeka, eu disse a Alex, eu conseguia visualizar isso tudo com uma nitidez incomum, talvez porque as janelas do carro estivessem embaçadas, então não havia muita paisagem para me distrair. E talvez eu pudesse visualizar tão nitidamente ali com Alex por causa da decoração anacrônica do bar. Imaginei o relógio da Penn Station enquanto meu pai tentava chegar em casa, talvez inserindo uma imagem do vídeo de Marclay. Mas mesmo assim, disse meu pai, na hora em que consegui me aproximar de uma das portas do trem, onde havia um homem recolhendo os bilhetes e um guarda tentando acalmar a multidão, me avisaram que o trem estava lotado, que não havia mais lugar nenhum, que eu teria de passar a noite em Nova York e pegar o primeiro trem da manhã.

A princípio, disse meu pai, de olhos fixos na estrada iluminada por suas luzes de neblina, a chuva virando neve nos faróis, senti-me aliviado. Não queria voltar para casa, aquela casa sem a minha mãe, e enfrentar a

bizarra negação do meu pai e os meus irmãos confusos, com quem eu sempre tentava agir como se tudo o que estivesse acontecendo fosse normal. Mas depois eu comecei a ficar — lembro de que isto até me surpreendeu — mesmo revoltado e disse ao cobrador com tanta intensidade que ele se virou e olhou para mim, assim como outras pessoas à nossa volta: *Eu vou entrar neste trem.* Acho que parecia um lunático. Acho que não vai ser possível, filho, disse o cobrador depois de me examinar de alto a baixo, disse meu pai, disse eu a Alex, e talvez tenha sido por ele falar gentilmente e me chamar de "filho", porque, quando dei por mim, eu estava chorando bem ali na plataforma. Quer dizer, eu perdi o controle, eram lágrimas, nariz pingando, tudo, ali parado tremendo de frio no meu terno, quem sabe ainda com sais aromáticos no bolso, toda a emoção reprimida, toda a emoção que eu planejara dividir com Rachel quando telefonei para ela no dia em que nossos pais morreram e tive de conter no funeral do pai dela, tudo começou a vir à tona. E depois eu disse ao condutor: Por favor, por favor, a minha mãe está morrendo. Eu preciso voltar. Tenho de voltar a tempo, por favor, eu ficava repetindo. A minha mãe está morrendo. E eu sentia como se fosse verdade: como se ela estivesse morrendo e não morta, ou que o trem poderia levar-me de volta ao passado.

Tomei o meu drinque e Alex bebeu a sua água em silêncio por um minuto, coloquei minha mão sobre a mesa para tocar a de Alex, para comunicar que eu também estava pensando na mãe dela. Depois o meu pai ficou em silêncio no carro, só se ouvia o som das lâminas do para-brisa, como se fosse o fim da história, até que uma hora eu disse: E depois? E depois, disse ele, como se fosse uma coisa secundária, eles me deixaram entrar no trem, em um dos vagões antigos, e uma senhora que tinha ouvido o meu desabafo na plataforma acabou sentando-se ao meu lado. Lembro que ela comprou para mim chá e biscoitos no vagão-restaurante e eu dormi grande parte da viagem no seu ombro. Lembro que ela dizia de vez em quando: A sua mãe vai ficar bem.

Acabei o meu drinque, engolindo acidentalmente um pedaço de hortelã.

— Estávamos indo na direção errada, por falar nisso.

— O quê?

— O meu pai ficou rodando pelo Missouri por uma hora, estava tão concentrado na história que perdeu a saída para Topeka.

— Talvez estivesse indo para Washington.

Depois, com a língua solta pelo álcool, falei de Noor e da sra. Meacham e ela contou uma história sobre a mãe que me fez jurar que eu jamais incluiria em nada, por mais disfarçada que estivesse, por mais que eu não descrevesse rostos ou trocasse nomes.



Um caminho tortuoso que leva a vários prédios do museu permite que o visitante acompanhe a evolução dos vertebrados, um cladograma com alcovas de ambos os lados do caminho exibindo fósseis de espécies diferentes com características físicas compartilhadas — por exemplo, "quatro membros com articulações móveis cercadas de músculos" (tetrápodes). Eu havia pagado quase cinquenta dólares por dois ingressos para o Museu de História Natural, para que Roberto e eu pudéssemos ver os ossos fósseis e acompanhar a evolução de novos traços, uma aula de campo que eu vinha prometendo a ele há meses e finalmente propus à mãe quando o entreguei uma tarde depois da minha sessão de tutoria; ou ela se esqueceu da minha oferta, ou ficou considerando a proposta por várias semanas até me responder por intermédio de Aaron que só aos sábados — os domingos eram reservados à igreja e à família. Eu havia telefonado para ela para combinarmos tudo: eu me encontraria com os dois na estação do metrô mais próxima da casa deles, a da linha D na 36th Street, Sunset Park, e ele e eu viajaríamos juntos, pegaríamos depois a linha C na West Fourth Street até o Museu de História Natural no Upper West Side. Passaríamos várias horas no museu, presumindo que a atenção dele não se dispersasse, depois eu o levaria para almoçar fora, sem descuidar de suas alergias, e o deixaria na casa da família no final da tarde. A irmã mais velha de Roberto, Jasmine, estava pensando em vir

conosco — presumi que fosse para tranquilizar Anita — mas, explicou-me Anita quando trocamos *holas* na estação da 36th Street, Jasmine tivera de fazer um turno inesperado no Applebee's de Flatbush. Anita parecia um pouco nervosa quando entregou Roberto, trêmulo de empolgação, aos meus cuidados.

Quando estávamos na plataforma e Roberto aproximou-se do vão, apontando para duas ratazanas cor de fuligem que fuçavam lixo entre os trilhos, foi que me dei conta de que nunca fora responsável por outra pessoa, pelo menos não por um jovem. Tinha tomado conta dos meus sobrinhos em visitas a Seattle, mas sempre na casa deles, nunca longe, em uma metrópole decadente; tinha carregado Alex, apagada, de volta ao seu dormitório depois de uma festa na faculdade em que dividimos um tranquilizante para cavalo; tinha levado Jon três vezes à emergência do hospital por ferimentos que sofrera por idiotices atléticas de bêbado ou por defender a sua honra ou a de Sharon em brigas desastradas etc.; mas nenhum dos meus pares representava risco de fuga ou de ser vítima de sequestro. Apreensivo, percebi que, se eu fosse Anita, poderia muito bem ter recusado confiar o meu filho aos meus cuidados. Mas Aaron dera uma garantia: eu era um autor publicado.

Eu disse a Roberto para se afastar do vão da plataforma quando o trem se aproximou e logo que nos sentamos mostrei-lhe os cadernos que tinha trazido para registrar nossas observações — os cadernos foram sugestão de Alex — e expliquei as nossas metas do dia num tom que indicava que estávamos embarcando em uma missão paleontológica solene que não admitiria espontaneidades, muito menos insubordinação. Mais do que tudo, Roberto estava louco para ver um esqueleto de alossauro posicionado sobre um cadáver de apatossauro como se estivesse se alimentando da carcaça, e ficava toda hora pulando no banco para imitar a postura do predador bípede — tinha visto na internet — e eu ficava toda hora dizendo para ele se sentar.

Na West 4th Street pegamos a linha C, o trem estava cheio. Na 14th Street uma turba de novos passageiros entrou no trem e corpos se impuseram entre mim e Roberto. Perguntei-me se as pessoas se meteriam

entre nós se fôssemos racialmente indistinguíveis; forcei passagem para ficar perto dele e peguei sua mão. Era a primeira vez que nossos corpos entravam em contato voluntário nos muitos meses de nosso relacionamento e ele ergueu os olhos para mim, talvez curioso, talvez reagindo à minha mão suada; vamos nos manter sempre juntos, eu disse a ele, notando o desespero na minha própria voz. Para dissipá-lo, sorri e elogiei sua camiseta vermelha do *Jurassic Park*, pedindo que ele me lembrasse de que se alimentavam os saurópodes gigantes. Enquanto ele enumerava a flora pré-histórica, eu pensava: segurar a mão dele é o único contato físico permitido; se ele fugisse de mim, eu não poderia agarrá-lo nem exercer outra forma de disciplina; se ele relatasse qualquer forma de restrição além de segurar a mão quando em trânsito, sabe-se lá o que aconteceria; uma família de imigrantes ilegais não chamaria a polícia, mas o pai dele poderia me atropelar com o caminhão de que Roberto estava sempre se gabando; poderiam se queixar com Aaron, que me deixara entrar na escola sem observar o protocolo. "Você não é meu professor", dissera Roberto em mais de uma ocasião quando eu tentava obrigá-lo a concentrar-se no nosso livro; imaginei-o exclamando isto no museu e depois desaparecendo nas profundezas da exposição de bioluminescência, para nunca mais ser visto.

Quando chegamos na entrada da 81st Street, eu estava considerando duas estratégias: ou estabelecer uma presença draconiana logo no início da nossa visita que impediria todas as formas de insubordinação, prometendo abreviar a excursão à primeira infração — que haveria problemas, eu agora sabia ser inevitável, embora isso nunca tivesse me preocupado antes — e ameaçando telefonar para a mãe dele, cujo número do celular eu tinha, talvez até evocando Joseph Kony, mas depois, ao fim da visita, eu compraria o que ele quisesse na loja de presentes, fazendo com que, pela minha magnanimidade, eu lhe parecesse retrospectivamente bondoso; ou simplesmente deixar de lado atitudes disciplinadoras e suborná-lo a cada oportunidade até a hora de devolvê-lo, carregado de presentes e cheio de corantes artificiais, à sua família, que agora parecia estar a um país de distância. Enquanto Roberto e eu

esperávamos na fila para comprar ingressos na recepção lotada, eu dediquei uma pequena parte do meu cérebro para conversar com ele sobre os pontos altos do museu, e outra parte para reclamar do preço do ingresso, porém a maior parte da minha consciência se esforçava para assimilar a terrível constatação de que eu simplesmente não era competente para levar um pré-púbere em uma aula de campo. Pude sentir a ureia e os sais emanando das axilas enquanto ansiava pela presença de Jasmine, que nunca conheci, ou de Alex, a quem todas as crianças pareciam instintivamente ávidas por obedecer.

Compramos nossos ingressos e seguimos rapidamente para a exposição Terra e Espaço, passando pela Ecosfera gigante, que não interessou nada ao menino — "Não corra, Roberto" —, até chegarmos às escadas e subirmos para o quarto andar, onde um guarda nos indicou o Centro de Orientação, ponto de partida do caminho evolutivo. Como pode acontecer, eu me perguntei, ainda recobrando o fôlego das escadas, que um homem de 33 anos que parece cumprir a maioria das normas sociais da funcionalidade — empregado (mais ou menos), sexualmente ativo (embora irresponsavelmente), socialmente inserido (embora solteiro e sem filhos) — se veja preso por um medo tão intenso a ponto de dominar sua razão só por levar uma criança adorável a um museu? Mas quando começamos a nossa jornada pelo caminho tortuoso, pela Sala das Origens dos Vertebrados, com Roberto me puxando pelo braço o mais rápido possível para vermos os peixes sem mandíbula, os placodermos e a Sala dos Dinossauros Ornitisquianos, eu tive de questionar a minha autopercepção como sujeito normativo, maduro. Foi quando começou o meu pânico de segunda ordem: eu não só estava apavorado de que alguma coisa ruim acontecesse com Roberto, como estava apavorado de estar apavorado, pois isso seria um sinal de minha total inadequação. Lembrei da primeira consulta com a especialista em fertilidade quando ela perguntou sobre o nosso histórico de saúde mental: embora eu tivesse passado por três longas crises de depressão grave e muita ansiedade, tendo uma relação duradoura, ainda que intermitente, com antidepressivos ISRS e benzodiazepínicos, não havia

nenhuma doença mental importante na minha família, e eu me via mais como sombriamente meditativo e inclinado a reclamar, do que perturbado a ponto de afetar a reprodução ou a paternidade; Alex, que me conhecia melhor do que ninguém, obviamente concordara comigo. Mas agora, quando me ouvia dando ordens a Roberto para que anotasse cada progresso evolutivo que as plaquinhas do museu assinalavam ("desenvolvimento da caixa craniana", "fenestra palatal" etc.), um filme dos meus piores momentos passava diante de mim.

Lembrei das crises de *pavor nocturnus* dos meus 8 anos, do meu irmão perplexo tentando me confortar e oferecendo os seus semipreciosos cards de beisebol, embora eu fosse, exceto em um verão assustador, uma criança bastante feliz. Os problemas mais graves começaram, como costuma acontecer, na faculdade: tremores e torpor nas mãos, a sensação de que pertenciam a outra pessoa ou eram autônomas; a percepção de que se não forçasse cada respiração, se não respirasse manualmente, eu pararia de respirar completamente; ali entre os vertebrados primitivos, experimentei o eco de cada sintoma que recordava. No dormitório, a água respingando em um rosto com o qual não conseguia me identificar, as pupilas dilatadas; ou compreendendo aos poucos durante um seminário noturno sobre Thomas Hobbes que a irrupção de uma gargalhada histérica era minha; o episódio de paralisia do sono e uma consequente alucinação com íncubos tão severa que por vários dias não consegui fechar os olhos sem a companhia de Alex ("Escreva 'fenestra anteorbital'", instruí Roberto; "escreva 'mão de três dedos'"); lembrei que chorei, embora isso nunca tivesse acontecido, o mais baixo possível no reservado do banheiro de um restaurante chique de Madri, o meu sangue uma mixórdia de sertralina, tetraidrocanabinol, clonazepam e Rioja. Todos estes episódios lacrimais e crises de despersonalização sem dúvida levavam, eu estava convencido na época, ao princípio da esquizofrenia. Na verdade, a ironia do meu recente diagnóstico cardíaco era o fato de ter me dado uma razão objetiva para minhas turbulências emocionais e fosse portanto, nesse sentido, um elemento estabilizador: agora eu estava lidando com uma ameaça existencial específica, não apenas com o vazio

da existência. Mas enquanto uma dúzia de colapsos proprioceptivos surgia na minha memória dentro do museu, houve uma inversão de figura e fundo: eu não era uma pessoa equilibrada que tinha suas fases difíceis; eu era um errático cego a sua própria precariedade psicológica; eu era tão funcional quanto Plutão era planeta.

Paramos diante de uma exposição que explicava o desenvolvimento da mandíbula dos vertebrados e, enquanto orientava Roberto para desenhar os ossos de um pterossauro no seu caderno, senti o desespero se espalhando por mim como agentes de contraste. O garoto de 8 anos está se divertindo ao aprender sobre a evolução, enquanto o seu guia está surtando com tanta gente estranha em volta e tantos estímulos; era eu o garoto nervoso longe de casa e sentindo falta dos pais, não Roberto; era eu que não soltava a mão dele; eu me transformara no narrador não confiável do meu primeiro romance. Roberto tentou sair correndo para a sala seguinte e eu agarrei-o instintivamente pelo braço para impedir, puxando-o um pouco. "Ai", disse ele, não porque doeu, mas compreensivelmente desconcertado. Pedi desculpas, ajoelhei-me, olhando direto nos seus olhos, e expliquei-lhe em espanhol, visivelmente pálido e transpirando, que devíamos evitar separar-nos. Depois disse, soando provavelmente como se estivesse dando ordens para uma missão suicida, que se nós por acaso nos perdêssemos um do outro, devíamos nos encontrar no esqueleto do *Tyrannosaurus rex*. Ele sorriu, mas não disse nada; eu me perguntei se estaria sentindo vergonha alheia.

Entramos na Sala dos Dinossauros Saurisquianos — que continha alguns dos fósseis mais impressionantes do museu — e encontramos o esqueleto do apatossauro, recém-remontado com base em novas pesquisas, explicava uma placa, sobre o comportamento provável do dinossauro; a cauda estava agora erguida, não mais se arrastando pelo chão. Havia um grande grupo de crianças asiáticas, coreanas, supus, paradas em volta do esqueleto vestidas com camisetas azuis combinando, ouvindo o seu guia; Roberto não conseguiu chegar tão perto dos ossos como queria. No momento em que pedi para desenhar a cauda, ele saiu correndo todo animado na direção do alossauro representado se

alimentando de uma carcaça. Fui atrás dele com uma calma forçada, fiquei ao seu lado, dei umas instruções vagamente educativas e depois ele correu para a mostra seguinte de tecidos mineralizados, e eu fui atrás. Foi assim que avançamos pela sala, com Roberto invertendo ocasionalmente o curso evolutivo ao voltar correndo para ver uma figura de destaque — pelo menos tive a presença de espírito de tirar uma fotografia dele com o meu celular diante do gigantesco *Tyrannosaurus rex*, montado como se à caça de uma presa — e depois correr de volta para o futuro para admirar, digamos, uns crânios de protocerátopos dispostos por ordem de crescimento. Desde que não o perca de vista, disse a mim mesmo, tudo vai correr bem; afinal não há sequestradores escondidos entre os parentes de mamíferos extintos; a maioria dos malucos não tem dinheiro para o preço exorbitante do ingresso.

Por volta da época da evolução das fenestras dos sinapsídeos, senti que precisava mijar. Perguntei a Roberto se precisava ir ao banheiro e ele disse que não e saiu correndo outra vez. Eu teria de me segurar; de jeito nenhum iria deixá-lo sem supervisão enquanto ia ao banheiro, e não me imaginava arrastando-o até o banheiro dos homens para eu poder mijar. Em todo o mundo as pessoas cuidavam habilmente de seus filhos nas situações mais extremas, ajudando-os a sobreviver a tsunamis e guerras civis, protegendo-os de drones americanos, mas eu era um fracasso total por não saber como se podia ao mesmo tempo ser responsável por uma criança num museu e esvaziar a bexiga. Acompanhei Roberto pela Sala dos Mamíferos e seus parentes extintos, tirando outra foto do garoto na frente de um *Brontops robustus*, que provavelmente subsistia à base de uma dieta de folhas tenras. Enquanto o celular fazia o seu clique simulado, dei por mim me apoiando ora num pé, ora no outro, algo que fazia na infância quando precisava ir ao banheiro, e tive uma memória involuntária de ter feito xixi nas calças no zoológico de Topeka, aos 4 anos, após recusar-me a ir ao banheiro quando tive oportunidade, do calor humilhante escorrendo pela minha perna, escurecendo minha calça de veludo cotelê.

Quando ficamos diante do grande esqueleto de mamute no final do cladograma de vertebrados — os restos mumificados de um filhote de mamute lanoso exibidos numa caixa envidraçada ao lado do pedestal —, eu havia regredido tão severamente que parecia uma forma de involução. Roberto desenhava calmamente, embora de forma tosca, as grandes presas de marfim encurvadas enquanto eu tentava não me mijar e ansiava por um guardião. Metade dos homens que circulavam em volta dos fósseis parecia carregar um bebê preso ao peito e tentei acalmar-me lembrando de que Alex, a pessoa mais sã que eu conhecia, acreditava que eu era genética e praticamente competente para ser pai, para perpetuar a espécie. Mas por que motivo, exatamente, ela escolhera a mim? Porque éramos melhores amigos, claro — porque o nosso relacionamento era mais duradouro do que qualquer casamento que pudéssemos imaginar, porque ela achava que eu era inteligente e bom. Eu nunca duvidara realmente de mim mesmo o suficiente para duvidar dos motivos dela, mas então algo me ocorreu com a força de uma revelação: ela quer que você doe o esperma justamente porque acha que você nunca teria cabeça para ser um pai atuante; ela tem muito mais medo de criar um filho com um pai exigente do que sem pai nenhum; ela vem de uma linhagem de mulheres autossuficientes cujos parceiros desaparecem. Você agrada porque será meigo e bondoso como um tio, será alguém a quem ela poderá recorrer para apoio financeiro e emocional, mas presume que você seja disperso e medroso demais para intervir drasticamente no desenvolvimento inicial da criança e no seu cotidiano. Ela não quer fazer tudo completamente sozinha, mas também não quer fazer com um parceiro em pé de igualdade; você é portador de um bom estoque genético — Alex adorava os meus pais — e nunca vai desertar e sumir, mas também é suficientemente infantil e egocêntrico para conceder a ela o substancial da parentalidade. Ela escolheu você *por* suas deficiências, não apesar delas, um novo tipo de estratégia de acasalamento para mulheres da Geração Y cuja prioridade é manter os pais mais desastrosos a distância, e não estabelecer uma família nuclear.

— Eu tenho de ir ao banheiro, Roberto. Por que não vem comigo?

— Não estou com vontade.

— Vem comigo e me espera. — Eu estava de novo me apoiando ora num pé, ora no outro.

— Eu espero por você aqui.

— Você vai vir comigo. Agora.

— Mas...

— Quer uma coisa da loja de presentes ou não?

Enquanto nos aproximávamos dos banheiros, fiquei repetindo a Roberto que se ele estivesse exatamente no lugar onde o deixei quando eu voltasse, ele poderia escolher o presente que quisesse. Tentei esconder a minha preocupação com piadas e arregimentar a sua obediência fazendo daquilo um jogo: veja se consegue ficar parado como um fóssil. Deixei-o ao lado do bebedouro e fui ao banheiro enquanto ele fazia pose de dinossauro, e quando saí dois minutos e meio depois, tremendamente aliviado, descobri que ele tinha sumido. Fiquei aterrorizado e tive de me conter para não voltar correndo na direção das galerias. Assim que virei no corredor, ele pulou em cima de mim, guinchando como um velociraptor. Em vez de dissipar-se, o medo transformou-se em fúria, e eu me abaixei, agarrei-o pelos ombros e toda a minha ansiedade e autodesprezo acumulados foram descarregados num silvo: Vou contar a sua mãe que você se comportou mal, não vai ganhar nada da loja de presentes.

De olhos baixos, Roberto disse que só estava brincando e não tinha ido longe, que não tinha feito nada de errado. Enquanto a minha fúria se desmanchava em remorsos, ele virou-se e afastou-se de mim. Por um segundo temi que acelerasse o passo e tentasse livrar-se de mim — não respondeu quando o chamei —, mas em vez disso caminhou cabisbaixo e lentamente até as escadas, desceu até o terceiro andar e eu o segui a uma certa distância enquanto ele percorria abatido os dioramas dos Povos do Pacífico e dos Índios das Planícies. A taxidermia e o pano de fundo pintado do século XIX que os cercavam pareciam ao mesmo tempo datados e futuristas: datados porque de baixa tecnologia e metodologicamente pretensiosos e insensíveis; futuristas porque pós-

apocalípticos: era como uma raça alienígena tentando reconstruir o passado de uma terra arrasada com o que topava pelo caminho. Lembrei do *Planeta dos Macacos* e de outros filmes dos anos 1960 e 1970 que eu tinha visto quando criança nos anos 1980 — filmes cuja distância do presente se sentia mais agudamente na esquisitice dos futuros que projetavam; nada no mundo é tão velho como o que era futurista no passado, pensei comigo mesmo.

No segundo andar, na Sala dos Povos Africanos estranhamente vazia, parei perto dele e pedi desculpas, expliquei que ficara preocupado e por isso extrapolei, prometi fazer à mãe dele um relatório elogioso e pedi-lhe para escolher o que quisesse da loja, para onde seguimos de mãos dadas; Roberto me perdoou, mas seu entusiasmo agora era mudo. Comprei-lhe um quebra-cabeça de sessenta dólares de um *T-rex* porque eu iria ganhar um polpudo adiantamento de seis dígitos e em breve a cidade estaria submersa. Pedi ao caixa para tirar a etiqueta do preço e também comprei dois sorvetes de astronauta, que Roberto nunca tinha experimentado.

Comemos aquela porcaria napolitana liofilizada — um alimento do futuro do passado, levado para o espaço apenas uma vez na *Apollo 7*, em 1968 — num banco em frente ao museu. Fazia um calor fora de estação e a bizarrice e novidade do alimento fizeram Roberto rir, restaurando seu ânimo; eu peguei um pedaço do meu chocolate e troquei-o por um pedaço do morango dele, que ele achava nojento. Ele mostrou-me os seus vários desenhos, que elogiei, discutimos alguns acréscimos ao nosso diorama, e eu disse que um dia ele seria um paleontologista famoso. A energia dele voltou e foi como se eu nunca tivesse feito aquela cena desagradável. Comemos um belo almoço no Shake Shack perto do museu — um cuidadoso restaurante de fast-food onde a carne é de boa procedência, todo o lixo era compostável — e entreguei-o a Anita por volta das quatro, sorrindo e cheio de factoides de dinossauros.



Os filhotes de polvos chegam vivos de Portugal todas as manhãs e depois são massageados suave mas incessantemente com sal não refinado até

suas funções biológicas cessarem; segundo o menu, são massageados "quinhentas vezes". O bico é removido e os olhos são empurrados por trás até sair. Os corpos são cozidos em fogo brando e depois servidos com um molho feito de saquê e suco de yuzu. É a especialidade do restaurante e assim pratos e mais pratos dos filhotes invertebrados mais inteligentes do planeta estavam sendo levados da cozinha à mesa por garçons ágeis e bonitões. Havia três no prato que finalmente puseram à nossa frente, e a minha agente e eu, após um momento de admiração e hesitação culpada, os mergulhamos no molho ao mesmo tempo e engolimos inteiros aqueles bichinhos de carne inacreditavelmente tenra.

Eu havia chegado para o que seria um almoço comemorativo exorbitantemente caro ainda sem acreditar no monte de dinheiro que uma editora estava disposta a me pagar para que dilatasse o meu conto, mas, depois de fazermos os pedidos e antes que o polvo e um pratinho com atum bluefin chegassem, eu já tinha assinado rapidamente duas cópias de um contrato. Pedi à minha agente para me explicar mais uma vez por que alguém pagaria uma quantia daquelas por um livro meu, ainda mais um livro não escrito, já que meu romance anterior, apesar do alarmante sucesso de crítica, só tinha vendido uns dez mil exemplares. Como o meu primeiro livro foi publicado por uma editora pequena, disse a minha agente, as grandes editoras estavam otimistas de que uma distribuição e divulgação superiores poderiam ajudar um segundo livro a sair-se muito melhor do que o primeiro. Além disso, explicou ela, as editoras pagam pelo prestígio. Mesmo que eu escrevesse um livro que não vendesse, estas editoras queriam um potencial queridinho dos críticos ou alguém que pudesse ganhar prêmios; era o capital simbólico que ajudava a manter a reputação da editora, mesmo que a maior parte do seu faturamento viesse de sagas de vampiros adolescentes ou de uns poucos "romancistas literários" populares que vendiam de fato uma tonelada de livros. Isto teria feito sentido para mim nos anos 1980 ou 1990, quando o romance ainda era um produto mais ou menos viável, mas por que as editoras, que pareciam todas em perpétua reorganização, reduzindo pessoal, lutando para sobreviver no mundo pós-códice,

estariam dispostas a converter capital real em capital meramente simbólico? "Lembre-se de que a sua proposta do livro...", disse a minha agente, e depois fez uma pausa pensativa, indicando que estava se preparando para expressar algo de um modo delicado, "a sua proposta do livro pode entusiasmar mais as editoras do que o livro em si."

— O que quer dizer com isso?

— Bom, o seu primeiro livro fugia dos padrões convencionais mas foi muito bem recebido. O que eles estão comprando quando compram a proposta é em parte a ideia de que o seu próximo livro será um pouco mais... convencional. Não estou dizendo que vão rejeitar o que você apresentar, embora isso seja sempre possível; estou dizendo que talvez tenha sido mais fácil leiloar a ideia do seu próximo livro do que aquilo que você de fato escrever.

Adorei esta ideia: o meu romance virtual valia mais do que o meu romance real. Mas se eles o rejeitassem, teria de devolver a grana. Só que eu planejava gastar o meu adiantamento adiantadamente.

— E não se esqueça de que um leilão tem uma dinâmica própria.

Isto eu compreendia, ou pelo menos reconhecia, por experiência: quase todo desejo era desejo imitativo. Se uma universidade quisesse comprar o seu material, outra universidade também iria querer comprar — o consenso surge em face da sua importância. A competição gera o seu próprio objeto de desejo; por isso faz sentido falar de um "espírito competitivo", uma divindade criativa.

Ergui meus hashis e mergulhei o terceiro e último filhote de polvo no molho tentando pensar num sinônimo de "tenro" enquanto mastigava. Um desejo imitativo pelo meu romance virtual iria financiar uma inseminação artificial e seus custos associados. O meu romance real todo mundo ia jogar no lixo. Retirando a percentagem da minha agente e os impostos (incluindo os impostos da prefeitura de Nova York, lembrara-me ela), eu iria ganhar algo em torno de 270 mil dólares. Ou 54 inseminações intrauterinas. Ou cerca de quatro utilitários Hummer H2. Ou as duas primeiras edições no mercado de *Folhas de relva*. Ou cerca de 25 anos de trabalho de um imigrante mexicano, sete de Alex no seu

emprego atual. Ou 11 anos de aluguel, isso se eu tivesse aluguel controlado. Ou 3.600 pratinhos de atum bluefin, presumindo que a espécie sobrevivesse. Engoli o polvo e a magnificência e estupidez assassinas daquilo estavam em toda a minha volta, me atravessando: o ritmo da pesca artesanal de polvo portuguesa coordenado com o ritmo da imigração dos trabalhadores e o aumento e queda das mercadorias de arte e dos futuros negociáveis nas galerias escuras fora do restaurante e os níveis de mercúrio e radiação do sashimi e o peito daquelas pessoas bonitas no restaurante — coordenados, ou assim parecia, pelo dinheiro. Um grande ciclo anedótico. Uma grande prosódia da perda total.

— Claro que, como já conversamos, há riscos em pegar um adiantamento vultoso, porque se o livro não vender, ninguém vai querer voltar a trabalhar com você.

Dois casais silenciosos deixaram a mesa ao lado da nossa e quase no mesmo instante dois casais falando alto ocuparam o seu lugar; os homens, ambos mais ou menos da minha idade, ambos trajando ternos escuros, ambos em ótima forma, estavam falando de um amigo ou colega em comum, ridicularizando-o por ter tomado um porre e derramado vinho tinto num sofá ou tapete inestimável; as mulheres, de olhos maquiados com sombra, estavam passando um celular de uma para outra, admirando uma foto de alguma coisa. Eu tinha certeza de que o meu livro não ia vender.

— Lembre-se de que esta é a sua oportunidade para atingir um público muito maior. Você tem de decidir que público você quer, quem você acha que é o seu leitor — disse a minha agente, e o que ouvi foi: "Desenvolva um enredo claro e geométrico; descreva rostos, mesmo esses da mesa do lado; faça com que o protagonista passe por uma transformação drástica." E se apenas a aorta dele passar por uma mudança, eu me perguntei. Ou o seu neoplasma. E se no fim do livro tudo for igual, só que um pouco diferente?

Os drinques à base de saquê estavam tornando o quarteto adjacente cada vez mais gárrulo. Banqueiros de investimento ou analistas de mercado com vinte e tantos anos, cuja proximidade era particularmente

indesejada já que eu estava misturando a minha arte com dinheiro de forma mais explícita do que nunca, negociando o meu futuro. O primeiro rascunho teria de estar pronto dali a um ano.

"Eu penso no meu público como uma segunda pessoa do plural no perene limiar da existência", eu queria dizer. Um garçom sacudiu a garrafa para misturar os sedimentos e tornar o saquê branco.

— Eles precisam de uma estratégia de alta liquidez — disse alguém na mesa ao lado.

— E o que acontece se eu entregar um livro totalmente diferente do que está descrito na proposta? — perguntei. Pequenos pratos de bacalhau negro com missô foram colocados à nossa frente. Alguém reabasteceu meu copo.

— Depende. Se eles gostarem, tudo bem. Mas você tem de manter o conto da *New Yorker* no livro, acho eu.

— Não consigo ver o meu público por causa dos refletores de tungstênio. — Esvaziei o copo.

— Tem outras ideias?

— Eles se casaram na Ilha da Tartaruga. Fiji. Karen disse que viu o Jay-Z na praia.

— Uma artista conceitual bela, jovem e atleta sexual de origem libanesa e engajada na política árabe radical fica sabendo pela mãe, que está morrendo de câncer de mama, que mentiram sobre a sua paternidade: o pai verdadeiro vem a ser um professor conservador de estudos judaicos em Harvard. Ou New Paltz. Querendo ter um filho, ela escolhe um doador de esperma libanês num esforço para projetar no futuro o passado que nunca teve. — Eu balanço a cabeça querendo dizer não. Expeditos trabalhadores latinos retiram os pratos. — Ou talvez algo mais ficção científica: um autor transforma-se num polvo. Ele vai e volta no tempo. Em um trem desativado.

Ela pediu licença para ir ao banheiro e outra garrafinha azul surgiu na mesa tão depressa que pareceu ter vindo antes do sinal que fiz à garçonete para pedi-la. Fechei os olhos por um longo momento. "O perfume e a juventude correm por mim, e eu sou o seu rastro." O barulho

era ensurdecedor agora que eu não estava ouvindo nem falando com ninguém em particular. Por um segundo tudo o que ouvi foi o desespero, a energia histérica dos passageiros de um avião condenado. A ascensão e a queda. A gargalhada da turma da sra. Meacham. Os meus pais estavam mortos, mas eu podia voltar no tempo até eles. Setenta e três segundos após a decolagem, a minha aorta rompeu, produzindo nuvens altas e enoveladas, sinal de uma depressão tropical iminente.

— Aquele mercado está completamente debaixo d'água. Talvez para sempre.

Olhei para o meu celular. "A sua presença está sendo solicitada no Instituto de Arte da Perda Total", escrevera Alena.

A sobremesa foi um suflê gelado de yuzu com ameixas escaldadas. O dinheiro era uma espécie de poesia. Os copos de vinho doce foram por conta da casa. Eu agora estava suficientemente bêbado para entornar o restante do saquê, em vez de deixá-lo de lado. A tinta possui uma substância que confunde o olfato, dificultando a localização do polvo.

— Como, exatamente, você vai expandir o conto? — perguntou ela, seu olhar distante calculando a gorjeta.

— Como a princesa no *Sans Soleil*, vou fazer uma longa lista de coisas que aceleram o coração. — Saímos do restaurante para o ar em movimento. — E você pode estar incluída nela. — As ruas estavam molhadas, mas não chovia agora. Fomos caminhando até a entrada do High Line na 26th Street e subimos as escadas. O cheiro do viburno, que ou floresce no inverno ou tinha florescido prematuramente, misturava-se ao cheiro de fumaça de escapamento.

— Vou escrever um romance que se dissolve num poema sobre como as pequenas transformações do erótico devem ser estimuladas pela política. — Três quintos dos meus neurônios estavam nos meus braços enquanto eu tocava cada sumagreira cuidadosamente colocada entre os trilhos abandonados. Nunca mais ia comer polvo.

— O meu conselho, pela minha experiência de vender propostas, é não esperar tempo demais. — Agora estávamos sentados nos degraus de madeira que dão para Tenth Avenue, o safira e o rubi líquidos do tráfego.

— Quer dizer, comece a trabalhar logo. Quanto mais esperar, mais o prazo aperta. Isso é de enlouquecer. — Ela acendeu um cigarro. — Essa residência veio na hora certa. Não subestime o que você pode fazer nessas cinco semanas.

Eu iria partir dali a dois dias. Uma fundação em Marfa, no Texas, oferece uma casa, um estipêndio, um carro. Eu tinha aceitado a oferta há quase um ano, quando sabia que estaria de licença das aulas, mas não que tinha uma raiz aórtica dilatada ou que havia uma intensa demanda pelo meu esperma anormal. Nunca fiz uma residência literária, nunca estive no Texas. Foi lá que Creeley morreu na primavera de 2005 — levaram-no às pressas para o hospital mais próximo a três horas de Odessa. A minha casinha ficaria do outro lado da rua, na frente da dele. "Espero que em outra ocasião possamos estar na companhia um do outro", eu havia escrito na voz dele para uma versão de mim mesmo.

---

3. *Nós nunca os esqueceremos, tampouco esqueceremos da última vez que os vimos, esta manhã, enquanto se preparavam para a jornada e nos acenavam um adeus, 'soltando-se das amarras opressoras da terra' para 'tocar a face de Deus'.*

QUATRO

Eu me sentia um fantasma no híbrido verde, dirigindo lentamente por Marfa naquela escuridão. Era a minha primeira noite ali: Michael, o encarregado das casas da residência literária, que também era pintor, me pegara no aeroporto de El Paso naquela tarde e me levara num silêncio cordial durante três horas através do alto deserto até chegarmos à casinha no 308 da North Plateau Street; lembro do endereço (você pode arrastar o ícone do Pegman no Google Maps e passear pelo bairro no Street View, flutuando sobre si mesmo como um fantasma; estou fazendo isso agora em uma janela separada) porque tive de pedir que enviassem os meus betabloqueadores para lá duas vezes durante a residência, comprimidos que tomo para reduzir a velocidade das contrações do meu coração, e que têm o efeito paradoxal de provocarem um ligeiro tremor nas mãos. Quando cheguei na casa — um andar só, dois quartos, um deles convertido em escritório, sem portas internas — deixei as malas no chão e, embora ainda não tivesse anoitecido, fui direto para a cama, só acordando pouco antes da meia-noite. Deitei naqueles lençóis estranhos e aos poucos lembrei de onde estava: após dormir a maior parte da viagem e depois o que restava da luz do dia, senti que tinha ido do Brooklyn ao Deserto de Chihuahua sem transição. Tentei lembrar da neve caindo naquela manhã em Nova York, da precipitação dos grãos na janela oval no momento em que o avião decolou. Era quinta-feira; se estivesse em casa, teria ouvido o som dos pobres catando vidro nas lixeiras de coleta seletiva dispostas ao longo da rua para sexta-feira de manhã. Fazia tanto silêncio ali que devia ser suficiente para eu ouvir meu coração batendo; imaginei que estivesse inaudível por causa do remédio.

Eu havia planejado dar uma volta a pé, não de carro, mas a escuridão lá fora era total. Fiquei espantado com o céu panorâmico, o número impossível de estrelas — qualquer resquício de *jet lag* dissipou-se com

aquela vista. O ar rarefeito do inverno era fresco mas quente para a época, devia estar fazendo uns quatro graus. O som da porta da garagem abrindo rasgou um buraco na noite e eu senti, estivessem ou não ali, que pequenos animais a minha volta fugiram com o barulho. Saí da garagem de ré, fechei-a com o controle remoto e comecei a sussurrar pelas ruas, tão nervoso e alerta como um adolescente que foge no carro dos pais para uma espécie de missão furtiva. Consegui chegar ao centro da cidade, contornei um tribunal do século XIX e virei na principal rua comercial do lugar; não havia ninguém na rua. Estacionei debaixo de um poste de luz e caminhei por fachadas de lojas escuras, uma miscelânea de escritórios municipais de cidade pequena, espaços abandonados e butiques de luxo. Marfa era um destino de "turismo artístico" desde que Donald Judd estabelecera ali a Fundação Chinati nos anos 1980, um museu na periferia da cidade que apresenta as obras em grande escala de Judd em instalação permanente, juntamente com outros trabalhos de contemporâneos seus. Eu já tinha ouvido artistas nova-iorquinos falando em fazer peregrinações, que os colecionadores vinham visitar a cidade nos seus jatinhos particulares, mas era difícil imaginar encontrá-los ali. Um prédio interessante do outro lado da rua chamou minha atenção e atravessei para dar uma olhada mais de perto; depois eu viria a saber que era o velho Marfa Wool and Mohair Building. Fui até a lateral do prédio, junto à linha férrea, e, passando por cima de vários arbustos do deserto, aproximei-me de uma das janelas para dar uma olhada lá dentro.

A princípio não vi nada através do vidro, depois aos poucos fui distinguindo formas volumosas, formas constituídas do que pareciam flores gigantescas de metal retorcido ou explosões perpétuas. Pus as mãos em concha em volta dos olhos, encostei a testa no vidro frio e reconheci o que estava vendo como uma série de esculturas de John Chamberlain, que são em grande parte feitas de aço cromado e pintado, sucata e carrocerias amassadas de automóveis, uma arte da perda total. Eu tinha visto algumas de suas esculturas em Nova York e ficara indiferente, mas agora tinham muito impacto, as suas cores ficando mais discerníveis no brilho vago de algum tipo de luz de segurança. Talvez eu

estivesse gostando mais de suas esculturas porque não podia aproximar-me delas, precisando vê-las de um ponto fixo do outro lado de um vidro para poder me projetar na sua tridimensionalidade. Recuei um pouco e observei a escultura através do meu próprio reflexo fraco na janela. Ou talvez eu goste mais de suas esculturas quando me desloco furtivamente à noite entre arbustos de creosoto no deserto, os nervos cantando, minha vida no Brooklyn há 18 horas no passado, diminuindo na distância.

Ouvi a música *norteña*, acordeão e violão *bajo sexto*, antes de ver os faróis do caminhão que se aproximava. Instintiva e estupidamente, eu me abaixei no chão de cascalho para não ser visto ao lado do edifício escuro fazendo sei lá o quê. Uma mulher no banco do carona estava cantando junto com o rádio, talvez bêbada, seu vidro aberto: "*Lo diera por ti, lo diera por ti, lo diera por ti.*" Quando o caminhão passou, eu me levantei, limpei o pó da calça e voltei para o carro. Atravessei a linha férrea e virei à direita para uma estrada maior; havia um posto de gasolina aberto. Parei, comprei quatro pacotes de manteiga, *tortillas*, ovos e uma lata grande de espresso Bustelo, depois dirigi em silêncio de volta à casa na North Plateau Street. Na hora de virar para entrar na garagem, os meus faróis refletiram nos olhos verdes de um animal pequeno, talvez um gato ou um cachorro de algum vizinho, mas podia ser um guaxinim, se é que havia guaxinins em Marfa. O *tapetum lucidum*, o "tapete brilhante" dentro do globo ocular, reflete a luz visível através da retina, fazendo as pupilas brilharem. Lembrei do efeito dos olhos vermelhos nas fotografias da minha juventude: a câmera registrando a luz do seu próprio flash, inscrevendo-se na imagem que capturava. Dentro de casa, esquentei e comi várias *tortillas* enquanto esperava que o espresso escoasse pela cafeteira oxidada; depois levei o café preto e forte para a mesa do escritório, liguei meu computador e comecei a escrever.

Assim, em vez de começar a minha residência literária me levantando às seis e caminhar vários quilômetros no escuro do início da manhã, depois trabalhar até o almoço, caminhar de novo e depois trabalhar de novo até o jantar, quando faria uma terceira caminhada — antes de partir de Nova York eu havia descrito este rígido planejamento para Alex, que

assentira educadamente —, eu fui dormir ao nascer do sol, depois de acabar com as *tortillas* quando a primeira luz infiltrou-se na cozinha. Eram cinco da tarde quando acordei e, como já tinha acordado na cama uma vez no dia anterior, parecia a manhã do meu segundo dia, não o final da tarde do primeiro; eu já estava com o horário todo destrambelhado. Entrei no banheiro, peguei meu aparelho de barbear, olhei-me no espelho e descobri que o meu rosto estava coberto de sangue seco e escuro; por um momento fiquei confuso e com medo e senti uma vertigem, depois percebi que havia sangrado pelo nariz. O meu primeiro pensamento foi tumor cerebral, mas depois de me acalmar e consultar o Google, percebi que fora sem dúvida provocado pela altitude; eu tinha sangramentos nasais na infância quando íamos de férias para o Colorado. Lavei o sangue do rosto com um pano, mas não consegui suportar, depois do choque, passar uma lâmina pelo pescoço.

O sol estava se pondo quando me sentei à mesa para começar o meu dia. Eu havia almoçado ovos mexidos por volta da uma da manhã na pequena varanda, olhando cautelosamente pela primeira vez para a casa onde Creeley começou a morrer; mantive a luz da varanda apagada. A casa parecia idêntica à minha e estava ocupada: o residente, Michael me contara no percurso do aeroporto até aqui, era um tradutor e poeta polonês de quem nunca ouvi falar. (Havia um almoço planejado para o dia seguinte para todos os residentes poderem se conhecer se quisessem, mas eu já tinha enviado um e-mail a Michael pedindo desculpas, explicando que estava concentrado no trabalho e tinha um horário maluco.) Havia uma luz acesa em algum lugar na casa, talvez no escritório; as outras janelas da rua estavam escuras.

Quando eu estava entrando em casa novamente, depois de me levantar e abrir a porta de tela, ouvi a mesma porta da varanda em frente à minha ranger e bater, o barulho provocando uma reação em cadeia de cães latindo. Hesitei e, ao hesitar, sabendo que tinha sido visto, mesmo no escuro, senti-me pressionado a me virar e cumprimentar o outro residente noturno, que não tinha acendido a luz de sua varanda. Eu me virei de fato, com prato e talheres na mão, e vi a chama protegida pela

mão em concha quando ele acendeu um cigarro, o que me permitiu vislumbrar uma barba e óculos. Fiquei ali parado sem graça por um momento e depois ele levantou o braço e eu levantei o meu, sentindo ao voltar para dentro, e sentindo-me ridículo por sentir isso, que tinha acabado de acenar para Creeley.

O único livro que levei comigo para o período de residência, sabendo que a casa já era cheia de livros, foi um de Walt Whitman, cuja edição da Library of America tinha um papel tão fino que podia ser usado para enrolar cigarros. Levei esse volume em especial porque iria dar um curso sobre Whitman no outono seguinte, isso se não estivesse de licença médica, e há anos que não o lia com plena atenção — e também não tinha lido muita prosa dele. Naqueles primeiros dias de residência, dias que eram noites, eu me sentava à mesa e lia durante horas *Specimen Days*, o seu livro de memórias bizarro. O livro é bizarro de certa forma porque Whitman quer representar todas as pessoas, e, ao não querer ser uma personalidade histórica e sim um símbolo da pessoalidade democrática, ele acaba não conseguindo realmente escrever um livro de memórias repleto de particularidades de uma vida. Se revelasse a gênese e a textura específicas de sua personalidade, se apresentasse uma imagem de irredutível individualidade, ele perderia a sua capacidade de ser "Walt Whitman, um cosmos" — o seu "eu" pertenceria a uma pessoa empírica em vez de constituir um pronome do qual os leitores do futuro pudessem participar. Consequentemente, embora narre alguns fatos básicos de sua vida, a maior parte do livro volta-se para a descrição de histórias naturais e nacionais como se fossem detalhes de sua biografia íntima. E muitas de suas memórias são genéricas, podem ser as memórias de qualquer um: como descansou à sombra de uma árvore em flor etc. (Whitman está sempre na "vadiagem", sempre descansando, como se o lazer fosse condição da receptividade poética.) Como livro de memórias, é um interessante fracasso. Assim como nos poemas, para poder ser um homem comum democrático, ele não pode ser alguém em especial, tem de esvaziarse para que a sua poesia possa ser um coletivo textual no futuro para o qual se projeta. E ele está sempre se projetando:

“Eu estou convosco, homens e mulheres de uma geração, ou de tantas gerações futuras; / eu me projeto — também retorno — estou convosco, e sei como é.”

As passagens mais fascinantes, perturbadoras e peculiares de *Specimen Days* são sobre a Guerra Civil. O que me perturbou enquanto lia foi perceber, acertada ou equivocadamente, o prazer que ele sentia na disposição dos jovens para morrer pela união, da qual se sentia destinado a ser o bardo épico, e o seu prazer quase sensual na riqueza material da carnificina circundante. Talvez eu estivesse fazendo uma projeção, mas quando Whitman caminha pelos hospitais de campanha entregando aos feridos dinheiro que os ricos lhe pediram que distribuísse, quando dá tabaco aos que não se feriram nos pulmões ou no rosto, eu acho que ele está em uma espécie de êxtase. Mais tarde, de minha distante residência literária no império dos drones, o amor dele pelos rapazes de ambos os lados, cujo sangue servia para revigorar a árvore da liberdade, era difícil de aceitar. Quando já não conseguia focalizar direito os meus olhos na página, eu me deitava no piso de madeira e ouvia gravações de Creeley, fartamente disponíveis na internet; eu não me cansava de ouvi-lo lendo “The Door” do início dos anos 1960, a estática parecendo chuva na gravação, o trânsito de Nova York às vezes audível ao fundo. E depois ouvia de vez em quando a única gravação ainda existente de Whitman, feita por Edison: ele recita quatro versos de “America”, uma transferência digital de um cilindro à base de cera.

E os dias se passaram assim: dormindo com o romper do dia, acordando algumas horas antes do pôr do sol, o meu único contato com outros humanos era as poucas palavras que trocava com o frentista do posto de gasolina onde eu continuava comprando mantimentos, embora houvesse um mercado de orgânicos na cidade, ou com Rita, uma velhinha mexicana que Michael recomendara e que vendia burritos na sua casa. (Eu ia até lá comprar um burrito logo depois de acordar e mais tarde o esquentava para comer à meia-noite; em breve esta seria a única refeição que eu realmente fazia.) Com a exceção de outro aceno na varanda quando Creeley saiu para fumar, eu não vi mais o residente no

reflexo da minha casa do outro lado da rua, nem vi mais ninguém. O serviço de telefonia celular era ruim e na maior parte do tempo eu deixava o aparelho desligado, só trocando alguns e-mails com Alex, nenhum com Alena, e não falei com ninguém da minha família. Antes de ir para a cama, uma hora antes do nascer do sol, eu caminhava pelo perímetro da cidade, onde se espalhavam as fazendas; falcões ou talvez busardos saindo das árvores assustados com o som dos meus passos no cascalho. Quando o sol despontava, eu podia ver o dirigível branco ao longe, um aeróstato de vigilância equipado com radar, procurando por narcotraficantes que atravessavam a fronteira norte do México, ou talvez também por imigrantes, um veículo estranho no horizonte, cheio de gás hélio, que começou a entrar nos meus sonhos, como uma versão sua há muito entrara nos de Roberto.

Por fim algumas pessoas da cidade me escreveram: um amigo de um amigo que passava o inverno em Marfa perguntou se eu queria sair para beber; outro residente, um romancista que eu havia conhecido rapidamente, perguntou se eu queria ir ver as obras de Judd; fui convidado, por intermédio de Michael, para uma festa em homenagem a um artista que estava de passagem pela cidade. Eu estava com um horário estranho; trabalhava furiosamente; sentia-me indisposto, com problemas de adaptação à altitude; eu adoraria ver você uma semana dessas — eu prestava pouca atenção às desculpas que dava ao recusar um convite. Mais uma vez eu me veria com o aparelho de barbear na mão ao pôr do sol, e mais uma vez decidia não me barbear, me perguntando quanto tempo levaria para igualar minha barba à do vizinho, quanto tempo levaria para obscurecer meu rosto. Mais uma vez eu veria uma mulher regando um cacto ocotillo no seu jardim de madrugada, apesar do frio do deserto, enquanto dava a minha última caminhada da noite, e mais uma vez ela não me veria acenar.

E eu *estava* trabalhando, mas na coisa errada. Em vez de forjar o arquivo epistolar do autor, para ser digno do adiantamento, eu estava fazendo um poema, um poema lírico meditativo e insólito em que às vezes eu era Whitman, e em que a estranheza da própria residência

literária era o tema. Após monetizar o futuro da minha ficção, eu a abandonei, ainda que para compor versos subvencionados pela fundação de um milionário. O poema, como a maior parte dos meus poemas, e como o conto que eu prometera expandir, misturava realidade e ficção, e ocorreu-me — não pela primeira vez, mas com uma nova força — que parte do que eu adorava na poesia era como a distinção entre ficção e não ficção não tinha importância, como a correspondência entre texto e mundo era menos importante do que a intensidade do poema em si, que possibilidades de sentimento se abriam no momento presente da leitura. Situei-o em Marfa, mas no calor extremo do verão: "Sou um estranho em uma residência, luz / estranha a mim, falcões fogem das árvores / ao som de meus passos no cascalho, a pele queimada de ler / *Specimen Days* na varanda do outro lado / da rua onde outro poeta morreu / ou começou a morrer..."

> ... Mortos de diferentes modos,
> esses poetas, mas visito os dois porque
> uma residência permite, não sei de onde
> vem o dinheiro, o que é o dinheiro,
> como colocá-lo na cabeceira de um soldado
> e depois cruzar a alameda ao luar apaixonado
> pelo confederado, acordar renovado e levar
> tabaco aos que não se feriram
> no pulmão ou no rosto. Esta noite
> ouço suas gravações ao mesmo tempo
> em janelas separadas, quatro versos de "America"
> poderiam ser recitados por um ator, mas o ruído
> do cilindro de cera é real, soa como imagino
> soarem os motores de antigos barcos, enquanto
> "The Door" incorpora angústia na voz,
> poderia ser no quarto. O primeiro diz que
> me espera mais à frente, não sei se chegarei
> a tempo...

Certa manhã, que era para mim tarde da noite, eu havia adormecido com Whitman no meu colo quando fui acordado por um martelar no telhado, a primeira interrupção real do meu ritmo fantasmagórico. Depois ouvi música vindo de um rádio portátil, vozes falando espanhol: eram homens trabalhando no telhado. Não havia como dormir com aquele barulho, decidi então fazer um café e dar uma volta — a primeira vez em plena luz do dia desde que chegara. Saí pela porta dos fundos e só olhei uma vez para trás, para o telhado, mas fiz contato visual com um dos jovens mexicanos que trabalhavam ali. Eu me virei, acenei e dei bom-dia — a minha própria voz soando estranha por falta de uso. Ele chamou outro mexicano que me disse em inglês que teriam de fazer alguns consertos nas casas nos próximos dias e que esperava que não estivessem fazendo muito barulho. Eu disse que não estavam, e para me avisarem se precisassem de alguma coisa, café ou água ou qualquer coisa, e depois continuei sonambulando — sem ter tomado banho, sem ter feito a barba — sob aquela luminosidade ofuscante, tentando imaginar como eles me imaginavam, ou aos outros residentes das casas que consertavam, residentes cujo trabalho podia ser difícil de separar do lazer, da ociosidade, pessoas com horários estranhos, se é que tinham horário. Será que os próprios trabalhadores tinham residência legal estabelecida ali, no que para eles era o norte e para mim o extremo sul?

Quando voltei algumas horas depois os homens ainda estavam trabalhando, assim resolvi colocá-los no verão ficcional do poema enquanto martelavam em cima de mim, transformando o dia em noite:

Homens trabalham no telhado quando retorno,
tanto calor para fazer algo de dia,
aceno e sou visto, precário intercâmbio
em espanhol, quem sabe o que eu disse,
confundo condicional com imperfeito.
O *norteño* do rádio enche a casa
Espero que saibam que não é minha: só escrevo aqui.

Logo seguirão para a casa que chamo dele
porque Michael, administrador do condomínio,
correu com o poeta para um hospital em Midland
ou Odessa...

Quando os trabalhadores passaram para a casa de Creeley e eu podia ler — só consigo ler se houver silêncio, mas consigo escrever com barulho —, retornei, como fazia quase todos os dias, às passagens da Guerra Civil:

... ele não sente necessidade de conter o seu amor
pela riqueza material dos agonizantes, confederado
corpo de membros seccionados, um balde
ao lado da cama para esse fim, quase nunca
menciona a raça, só para dizer que há muitos
soldados negros, as negras limpas seriam
excepcionais enfermeiras, enquanto mais uma vez
entrega dinheiro a rapazes de órgãos perfurados:
"unionismo", morrer com o cabelo lustroso
ao lado de centavos, parte do processo de escrever
o maior dos poemas. Ou seria o momento utópico
adorar o cheiro de merda e sangue, o conhaque
derramado na ferida, política da pura
sensação? Quando se morre no gabinete de patentes
há um trocadilho no expirar, deve-se entrar em uma
das imensas vitrines cheias de miniaturas
de máquinas, utensílios, curiosidades. Escutai,
o vosso presidente será alvejado em um teatro,
atores serão presidentes, módicas quantias
crescerão como monstros enquanto circulam:
eu vim do futuro para avisar-vos.

Acordado durante o dia pela primeira vez desde que cheguei, resolvi manter-me assim e recuperar algo que se assemelhasse ao meu ritmo

habitual. Quando me senti cansado demais para escrever, vi *A paixão de Joana d'Arc*, de Dreyer, no meu computador, o filme preferido de Alena; foi como se estivesse no Skype com Maria Falconetti, a quem Dreyer colocara ajoelhada sobre pedras para fazer com que suas expressões de dor parecessem reais. Decidi fazer planos para o dia seguinte, visitar a Fundação Chinati; folheei os vários livros sobre Judd que havia na casa. Eu iria me barbear e reentrar no tempo pela onda de calor do poema. Amanhã começaria a trabalhar no meu romance.

Amanhã verei as instalações permanentes
de Donald Judd em velhos hangares, mas
agora é amanhã e não fui, andei sem chapéu
no começo da tarde, me perdi e logo estava
vendo pontos flutuantes na retina e voltei para casa,
para o interior verde-mar até meus olhos se ajustarem,
deitei-me por um tempo e sonhei que o vi.
Hoje à noite farei a barba, beberei com um amigo
de um amigo, mas isso foi na semana passada e cancelei,
aleguei que a altitude me fizera mal, podemos
voltar a nos falar quando eu tiver me adaptado?
Ontem vi um livro sobre Donald Judd
que eles têm na casa, decidi não ir até
concluir um poema que havia abandonado
mas iria retomar um dia. Preciso é de uma
residência dentro da residência, para poder
retornar renovado a esta, visitar Judd
com amigos de amigos, ver os pequenos pontos
de sangue desabrochando no pescoço para saber
que me barbeei a tempo, agora estou mais perto
de uma barba do que nunca, mas não muito.
Fazer a barba é uma forma ritual
de começar um dia de trabalho
sem cortar o pescoço quando há chance,

“Loções e navalhas para os afetados...
para mim sardas e uma barba eriçada”,
grande parte de lê-lo é constrangimento.
Acordei hoje barbeado em sonhos
por uma enfermeira que parecia Falconetti,
minha cama entre grandes caixas de alumínio
que ainda planejo ver, depois fiz a barba e senti
que era trabalho bastante para um dia, minha volta
para o futuro. A fundação fica fechada
aos domingos e à noite, da qual a residência
é exclusivamente uma parte, então planeje a visita
com antecedência, ou aproxime-se do prédio pela lateral
onde as esculturas de Chamberlain estão instaladas,
aço cromado e pintado, melhor
visto através do seu próprio reflexo na janela:
Na *Joana d’Arc* de Bastien-Lepage (1879)
Joana estende o braço esquerdo, talvez para se apoiar
no êxtase de ter sido convocada, mas em vez
de agarrar galhos ou folhas, sua mão,
para mim a passagem crucial, se dissolve.
A mão está cuidadosamente posicionada
na linha de visão diagonal de um dos três
anjos translúcidos que pairam no ar
pelo que foi criticado por não conseguir
conciliá-los com o realismo da
futura santa, uma “falha” que a mão representa
como uma quebra do espaço, o plano de fundo
engolindo seus dedos, lembrando-me
da fotografia em que as pessoas desaparecem, aquela
que “Marty” usa para medir o tempo que resta
para o futuro em que vimos o filme,
só que aqui é a presença do futuro, não
ausência, que come a mão de Joana: não se pode

levantar do tear tão rápido, derrubar o banco
e correr para a superfície física da tela
sem sobressaltar o pintor, ouvir
vozes que o suporte é incapaz de retratar
sem que se registre em algum lugar no corpo.
Mas da nossa perspectiva, é precisamente
onde a mão deixa de significar mão
e é tinta, já não parece ser quente
ou hábil, que ela alcança o presente
material, torna-se mais realidade que representação porque
hesita: Joana está vindo à superfície depressa demais.

Agora creio que eu talvez tenha vindo à superfície depressa demais. Há mais de duas semanas que não falava com ninguém, um período de silêncio sem precedentes na minha vida. Talvez também o maior que passei sem falar com Alex, que estava, como ela disse num e-mail, respeitando a minha distância. Por fim fiz a barba, tomei um banho, lavei roupa (havia máquinas na garagem) e, sentindo-me pelo menos semi-humano e diurno, fui dar uma olhada na Marfa Book Company, uma conceituada livraria localizada no centro da cidade. No caminho descobri uma cafeteria que nunca tinha visto antes. Pedi o maior *iced coffee* do lugar, e era delicioso; vi alguns jovens digitando nos seus laptops. Um desejo físico agudo e primitivo por uma das mulheres passou por mim e foi embora, como se a caminho de outra pessoa.

Eu estava tomando o meu café na seção de poesia, surpreendentemente boa e cheia de livros de pequenas editoras, quando um homem aproximou-se de mim e, sem formalidades, disse o meu nome:

— Ouvi dizer que você estava aqui... Diane e eu esperávamos topar com você. — Quem era Diane? Ele me era vagamente familiar. Cabeça raspada, aqueles óculos de armação transparente, quarenta e poucos anos, eu já o vira em aberturas de exposições em Nova York. Talvez fosse um amigo de Alena. Eu não conseguia me lembrar se o conhecia

suficientemente bem para pedir que me lembrasse do seu nome, depois ficou tarde demais.

— O que está fazendo aqui?

— Chinati. E Diane tem uma velha amiga aqui. — Ele disse o nome da amiga como se ela fosse famosa. — Vamos fazer uma visita planejada às caixas do Judd daqui a pouco, depois vamos jantar e beber, se estiver a fim.

— Não sou muito fã do Judd.

Ele riu do que eu disse. Ninguém que dissesse isso em Marfa estaria falando sério.

— Na verdade estou exausto — menti, pois o *iced coffee* havia detonado toda a minha fadiga. — Não dormi e acho que vou estar morto hoje à noite.

— Trabalhar de manhã não é bem o seu caso — ele brincou.

Depois de dias de silêncio, eu estava socialmente desorientado, ainda mais que o primeiro encontro foi com alguém de Nova York fora de contexto. Tentar inventar uma forma de persistir educadamente na recusa do convite dele parecia exigir uma série de operações que eu não conseguia lembrar mais de como fazer; era como tentar entender o enunciado daqueles problemas das provas de matemática do secundário.

— Acho que posso ir — eu disse, sem aceitar o desafio.

Dei-lhe o meu endereço e eles passaram para me pegar cerca de uma hora antes do pôr do sol. Reconheci Diane na mesma hora (ela me fora apresentada como Di), uma pintora de uns cinquenta e poucos anos que também administrava uma galeria sobre cujas exposições eu fizera umas resenhas críticas, mas eu continuava não me lembrando do nome do sujeito; minha esperança era de que Diane o usasse.

A Fundação Chinati ocupava um terreno de várias dezenas de hectares onde antigamente funcionava uma base militar. Uma jovem e um rapaz ainda mais jovem nos encontraram na frente da sede — era domingo e a fundação estava fechada ao público. Diane apresentou-me à mulher, Monika, que, explicou ela, era uma escultora de Berlim que passaria ali alguns meses como artista residente da fundação. Era alta e

mais ou menos do meu peso, mas parecia mais forte, devia ter uns 25 anos; cabelo louro curtinho, eu podia ver sua tatuagem de chamas, ou talvez fossem pétalas de flor, aparecendo pela gola de sua jaqueta de brim. O rapaz, que mal parecia ter 20 anos, era um estagiário da fundação com calça jeans skinny e cabelo preto colado por um produto qualquer para fazer o estilo despenteado; ele tinha as chaves dos galpões onde ficavam as caixas de alumínio de Judd.

Nunca reagi com interesse aos trabalhos de Judd, não que eu fosse um especialista no assunto. Eu acreditava nas coisas de que ele queria se livrar — as relações composicionais internas de uma pintura, as nuances da forma. O seu interesse pela modularidade e pela fabricação industrial, seu desejo de não separar arte e vida, a insistência em objetos literais no espaço real — eu sentia que poderia ter tudo isso bastando entrar em uma loja da Costco, da Home Depot ou da IKEA; nunca me importei com os "objetos específicos" de Judd mais do que me importava com qualquer outro objeto que encontrava no mundo, objetos que eram meramente reais. Os trabalhos que eu tinha visto dele — sempre em museus ou instalações em pequenas galerias — me deixaram frio, e eram tantos seguidores exaltando o seu talento que nunca questionei a minha reação inicial.

Mas as coisas são diferentes quando se é um estranho com uma residência literária no deserto entrando num barracão de artilharia reformado que no passado era campo de prisioneiros de guerra alemães. Mensagens em alemão ainda podiam ser vistas pintadas nos tijolos: DEN KOPF BENUTZEN IST BESSER ALS IHN VERLIEREN, dizia uma. Pedi a Monika para traduzir: "Usar a cabeça é melhor do que perder", disse ela. Esses prédios estavam em ruínas quando Judd criou a fundação. Ele substituiu o que eram portas de garagem por janelões de vidro quadrados e contínuos, colocando um teto abobadado de ferro galvanizado em cima do teto plano original, duplicando a altura do prédio. O espaço era tão inundado de luz, e o alumínio industrial tão reflexivo — dava para ver as cores da vegetação e do céu lá fora — que demorei um minuto para ver o que estava vendo: três longas fileiras de

caixas prateadas reluzentes separadas por espaços iguais e cuidadosamente posicionadas em relação ao ritmo das janelas. Embora todas as caixas tenham a mesma medida externa (41 x 51 x 72 polegadas), cada interior é único; algumas são divididas internamente de várias formas, algumas laterais ou topos das caixas são deixados abertos etc., o que significa que, enquanto percorremos as caixas, podemos ver volumes escuros, ou uma faixa escura entre volumes cheios de luz, ou, dependendo do ângulo de visão, volume nenhum; uma caixa é um espelho, outra um abismo; tudo superfície num momento, tudo profundidade no seguinte. Embora os fatos materiais da obra fossem fáceis de enumerar — o estagiário os recitava um tanto didaticamente, sua voz ecoando por todo o salão do prédio —, eles eram obliterados pelo efeito. A obra estava fixada no tempo, mudando rapidamente à medida que a luz mudava, a vegetação seca dando-lhe um tom dourado, e logo que o céu começava a alaranjar-se, o alumínio tingia-se de laranja. Todos aqueles janelões abrindo-se para a paisagem, as superfícies reflexivas, os interiores articulados de formas diferentes, alguns deles parecendo conter uma imagem borrada da paisagem lá de fora — tudo se combinou para quebrar o meu sentido de interior e exterior, um poder que a obra nunca tivera para mim quando via seus cubos brancos nas galerias de Nova York. Em certo momento detectei uma mancha de movimento na superfície de uma caixa e ao virar-me para as janelas vi dois antílopes correndo pela planície desértica.

Eu já tinha lido ou ouvido elogios a essas caixas antes, mas ninguém havia mencionado a frase em alemão pintada com estêncil na parede, ou falado de como o fato de estarem expostas num barracão de artilharia reformado influenciara a sua experiência da obra. Para mim, que saía do meu silêncio e do meu Whitman, um residente privilegiado em uma região de fronteira militarizada, aquela obra parecia antes de tudo um memorial aos mortos: uma fileira de caixas num complexo militar que manteve presos soldados do Afrika Korps de Rommel lembrava uma fileira de caixões (pensei nas visitas de Whitman a hospitais de campanha); o ritmo alternante do interior das caixas parecia um gesto

em direção a uma tragédia literalmente irrefreável, ou a própria tragédia que, como alguns "caixões" refletiam internamente a paisagem externa, tinha vindo para conter o mundo. Ainda assim "memorial" não era a palavra certa: elas não pareciam propor que eu concentrasse a minha memória, não pareciam dirigidas a mim ou a qualquer outro indivíduo. Era mais como visitar Stonehenge, algo que eu nunca tinha feito, e encontrar uma estrutura que era claramente construída por seres humanos mas inescrutável do ponto de vista humano, como se a instalação estivesse esperando ser visitada por um alienígena ou um deus. A obra situava-se no presente físico e imediato, registrando flutuações de presença e de luz, e situava-se nos desastres insuperáveis dos tempos modernos, *Den Kopf benutzen ist besser als ihn verlieren*, mas também estava em sintonia com uma duração geológica e inumana, derrames de lava e soleiras, o alumínio se expandindo à medida que o planeta aquece. Enquanto as caixas avermelhavam-se e escureciam com o pôr do sol, senti todas essas ordens de temporalidade — o biológico, o histórico, o geológico — se combinando, se interpondo e depois se dissolvendo. Pensei no "espelho impossível" do poema de Bronk.

Quando saímos da Chinati, seguimos até o Cochineal, o restaurante do centro da cidade que Diane preferia; ela oferecera uma carona a Monika e o estagiário, mas eles foram de bicicleta. Chegamos apenas um ou dois minutos na frente deles. Eu quase não abrira a boca na Chinati, e, na tentativa de entabular uma conversa normal enquanto esperávamos pelas bebidas, eu me senti como um ator de personagem-tipo tentando voltar a um antigo papel. Tudo isto evaporou com o primeiro gole de gim; percebi que as semanas que passei mudo e sem álcool foram o maior período de abstinência de que me lembrava desde o início da minha adolescência; o segundo martíni transformou toda a minha arritmia circadiana acumulada em energia frenética. Sem cerimônia, devorei o gigantesco T-Bone que havia pedido, praticamente o aspirei, comendo a maior parte da gordura do osso, acabando-o enquanto os outros só tinham dado uma ou duas mordiscadas nos seus barramundi, o que me

deixou livre para manter o foco no vinho. Reparei que ali nenhum garçom falava espanhol.

A bebida pareceu ter um efeito similar em Monika, e conversamos meio exaltadamente sobre Judd, embora eu estivesse com vergonha de confessar o quanto me comovera e sem saber direito se devia mudar o rumo da conversa para a inscrição em alemão e a Segunda Guerra Mundial. O inglês dela era muito bom, mas notei que usava um número limitado de palavras, reorganizando-as como caixas modulares. Gostava de chamar tudo de "trivial" ("Flavin é um artista trivial", é preciso ter coragem para afirmar uma coisa dessas em Marfa) ou "não trivial" ("Estou tentando descobrir que coisas não triviais a escultura pode fazer"), e quando, ironizando sua própria repetição, descreveu o esplêndido pôr do sol que tínhamos visto como "não trivial", eu achei aquilo engraçado e lindo. Toda vez que o estagiário tentava dar sua contribuição à conversa, o homem que ninguém chamava pelo nome falava por cima dele, um corte seco.

Não sei que parte da minha generosidade de espírito devia-se ao álcool, ou ao poder desorientador da obra de Judd, ou ao meu repentino retorno à convivência humana, mas insisti em usar o meu "estipêndio" para pagar o jantar de todos, mesmo que Diane e o homem sem nome fossem certamente muito ricos. Despedimo-nos do estagiário, que foi embora de bicicleta, e Diane disse que devíamos ir todos a uma festinha na casa de uma amiga. Eu disse que devia voltar para casa e trabalhar no meu romance, mas como minha intenção não era essa mesmo, seguimos os quatro rumo à festa. Havia uns poucos flocos de neve nos faróis de neblina e derretendo no para-brisa, mas eu os via como mariposas, ou via primeiro como um e depois como outro, como se fossem o inverno e depois o solstício de verão do meu poema.

Chegamos ao mesmo tempo que o estagiário, que antes não devia saber se tinha permissão para nos convidar, e quando nos vimos frente a frente na entrada de cascalho, ele sorriu constrangido. Antes de poder tentar justificar-se, eu o abracei como se fosse um velho amigo que eu estava feliz de rever após um intervalo de anos — um tipo de humor que

não combinava comigo — e todos riram e ficaram numa boa. Quantas coisas que não combinavam comigo eu teria de fazer, fiquei me perguntando, antes de o mundo rearranjar-se à minha volta?

Como a casa só tinha dois andares baixos, eu não estava preparado para a sua amplidão quando Diane abriu a porta sem bater e nos deixou entrar. A sala de estar gigantesca parecia ter uns quatro mil metros quadrados; o piso era de ladrilhos de terracota, com tapetes e peles de animais jogados aqui e ali. Por toda a sala havia conjuntos de móveis, a maioria em couro preto e vermelho, organizados em torno de mesas baixas; alguns móveis eram *art déco* e outros, na ausência de uma palavra melhor, no estilo "southwestern". Havia pessoas, quase todas mais jovens do que eu, sentadas fumando e rindo em vários grupos, e algum tipo de música country vindo de um aparelho de som que não consegui localizar — música country, mas cantada em francês. Havia uma sensação de opulência incoerente: um retábulo imenso dividia o espaço de uma parede bege com uma pintura ou reprodução de Lichtenstein. Perto de uma tela abstrata vagamente familiar havia uma fotografia grande e prateada de uma criança andrógina seminua olhando para a câmera com um pássaro morto na mão.

O estagiário separou-se de nós para ficar com um dos grupos e Diane conduziu-nos da sala para uma cozinha ao lado, também enorme, com mil panelas e frigideiras de cobre penduradas num suporte aéreo sobre uma ilha do tamanho do meu apartamento. Fui apresentado à amiga de Diane, uma bela mulher com cabelos cor de prata, joias de prata e olhos verdes, que por sua vez me apresentou às outras pessoas que bebiam vinho e cerveja em volta de uma mesa que já fora uma porta; Monika conhecia todo mundo. As pessoas que estavam na cozinha eram consideravelmente mais velhas do que as que estavam na sala, como se os pais tivessem se retirado para deixar as crianças curtindo a festa — com exceção, quebrando essa imagem, de um homem corpulento, barbudo e cabeludo que estava batendo um morrinho de cocaína com uma navalha numa bandeja de prata. A camiseta dele dizia: "Jesus Te Odeia." A amiga de Diane mostrou-nos onde ficavam as bebidas.

O homem perguntou educadamente se alguém queria acompanhá-lo, e apenas uma das mulheres à mesa disse com seu sotaque britânico que queria um pouco em nome dos velhos tempos. O homem então separou duas carreiras finas do morrinho de cocaína, enrolou uma nota estalando de nova e passou-a à amiga. Ela cheirou uma das carreiras da bandeja, inalando com mais força do que precisava, e jogou a cabeça para trás, rindo, dizendo que estava sem prática. O homem então pegou a nota e, depois de hesitar teatralmente sobre a outra carreira fina, começou a cheirar o monte inteiro do pó que não dividira. Eu olhei para ele de olhos arregalados, esperando que ele morresse ou tivesse uma dissecção, enquanto todos os outros gargalhavam. Neste momento uma jovem com chapéu de caubói veio da sala, seu cabelo louro e comprido indo até as costas preso numa trança, e perguntou o que estava acontecendo de tão engraçado. "Jimmy cheirou uma pilha inteira de pó", disse a amiga de Diane. A jovem sorriu de um jeito que deixava claro que aquilo não era nenhuma novidade em se tratando de Jimmy. Ele ofereceu a nota a quem quisesse a carreirinha restante; Monika pegou-a.

Eu voltei com minha cerveja para a sala e fiquei andando por ali olhando as paredes. O lugar era bizarro. Um rapaz e uma garota estavam entrelaçados num comprido sofá de couro vinho falando dos prós e contras de criar galinhas no seu jardim. Ao lado deles no chão uma jovem de maiô e com uma toalha sobre os dois ombros digitava no celular, dizendo a ninguém em particular, "Por essas e outras é que fui embora de Austin". O estagiário apareceu com uma garrafa de vinho branco e copos para o grupo e, ao me ver andando por ali, apresentou-me aos outros como um dos residentes, um romancista. Sou mais poeta, disse eu. Eles iriam lá para fora fumar um baseado — embora parecesse que tinham permissão para fumar dentro — e perguntaram se eu queria ir também; eu disse que pegaria essa carona, embora não fosse uma expressão que eu usasse nesse contexto.

Saímos da casa para um pátio que tinha uma piscina elevada e nos reunimos com outros fumantes em torno de uma mesa próxima de um daqueles aquecedores altos e portáteis de ambientes externos, que eu

associava a restaurantes de turistas. Alguns dos convidados da festa — embora aquilo não fosse bem uma festa, mas um lugar onde as pessoas estavam aparecendo sempre para se reunir — pareciam ter alguma relação com a Chinati, outros eram moradores da cidade ou estavam de visita, amigos da amiga de Diane, cujo marido, comecei a deduzir, era um diretor; todas as pessoas naquele pátio eram mais jovens do que eu. Uma mulher de cabelo encaracolado ruivo, que naquela luz baixa eu só podia supor que fosse ruivo, passou-me o baseado e disse: "Sabia que estamos debaixo de um dos céus mais escuros da América do Norte?"

Foi como se, no momento em que soltei a fumaça, eu já estivesse meio doidão demais: a minha respiração estava pesada, a velocidade e o ritmo das conversas à minha volta difíceis de acompanhar. Eu me levantei de repente, mas depois decidi que não queria voltar para a luz e enfrentar os adultos, então sentei-me de novo sem explicação; achei que os jovens estavam rindo de mim. Monika apareceu e puxou uma cadeira para sentar-se ao nosso lado; ofereceu-me um cigarro, que aceitei mas não fumei, fiquei só girando-o entre os dedos. Pouco depois um saco plástico com mais cocaína foi despejado sobre a mesa e a garota de toalha e maiô começou a bater o pó com um cartão de crédito surgido como por encanto; mais do que os aquecedores, desconfiei que as drogas é que a mantinham aquecida. Uma parte de mim disse, Dê um teco só e você vai se sentir mais sóbrio, centrado, controlado e talvez até um pouco eufórico; a minha melhor parte disse, Você tem um problema cardíaco, não seja idiota, espere passar o efeito e vá para casa. A melhor parte ganhou facilmente o debate: decidi não cheirar, mas decidi não cheirar quando já estava levantando a cabeça do tampo de vidro da mesa após aspirar uma carreira inteira.

Passei o canudo para o estagiário e esperei que o alcaloide cristalino me deixasse sóbrio, transportando-me para um estado de atenção preternatural, suprimindo qualquer ansiedade que eu tivesse por ter cheirado. Enquanto esperava, observei o estagiário, cujo jantar eu havia pagado, cheirar três carreiras substanciais em rápida sucessão; tive a vaga sensação de que ele queria me impressionar. Monika disse a ele, "Segura

os cavalos aí", querendo dizer algo como "pega leve"; todo mundo riu do seu pertinente uso de um ditado antigo.

Eu também estava rindo — na verdade, eu me via de fora, na terceira pessoa, em uma janela separada, rindo em câmera lenta — mas se eu havia cheirado um estimulante, por que estaria fora de mim mesmo, por que o tempo estava desacelerando? Mas antes que pudesse perceber, eu estava tentando me agarrar àquela pergunta, eu sentia que ela era o último elo entre mim e o meu corpo, só que a pergunta não me pertencia, era apenas mais uma coisa ali naquele pátio de que a minha consciência estava se afastando. Depois eu era uma relação entre os aquecedores, o céu e o brilho azul da piscina, e depois sumi, não era absolutamente nada, o céu mais escuro da América do Norte. O último vestígio da minha personalidade foi o meu terror diante da dissolução da minha personalidade, então agarrei-me a ele desesperadamente, subi por ele como se fosse uma escada de corda para voltar ao meu corpo. No momento em que cheguei lá, disse ao meu braço para levar o cigarro aos lábios, vi quando ele obedeceu, mas não senti os braços ou os lábios como meus, eu não tinha nenhuma propriocepção. Mas quando inalei a fumaça — não sei como o cigarro foi aceso —, pude senti-la viajando para o meu peito, o que foi reconfortante, um ponto de ancoragem; era o primeiro cigarro que eu fumava desde que descobriram a minha dilatação. Só depois de a garota do maiô responder, "Ketamina, basicamente, pensei que você soubesse", é que me ouvi perguntar: "Que porra era aquela?"

Eu tinha cheirado muito pouco e alguns instantes depois estava praticamente de volta ao meu corpo e tempo, embora a minha visão, se eu movimentasse a cabeça depressa demais, se dividisse em quadros; todos exceto Monika e o estagiário tinham voltado para dentro. Mas o estagiário, que parecia também confuso em relação à droga, não estava tão bem: eu o vi erguendo os braços na frente do peito como se estivesse fazendo halterofilismo; seus olhos estavam abertos mas não viam, as pálpebras tremiam; saliva escorria do canto da boca. Monika chamou-o pelo nome e ele conseguiu dar um grunhido. Para minha surpresa, ela só

riu, disse que ele ficaria bem e nos deixou sozinhos na mesa. A minha boca parecia borracha, mas consegui dizer, "Você vai ficar bem, daqui a pouco passa", mas ele pareceu não ouvir.

Ficamos ali sentados por não sei quanto tempo. O meu plano era esperar que alguém aparecesse no pátio e, quando tivesse certeza de que o estagiário não estava sozinho, dizer que tinha de ir embora e voltar a pé para casa, embora não soubesse se as minhas pernas me levariam muito longe. Eu estava ensaiando as falas na minha cabeça — "Tenho de ir embora, preciso me levantar cedo amanhã" — quando o estagiário vomitou-se todo, parecendo não saber que vomitava; deve ter bebido demais também. Sem saber o que fazer, perguntei se estava bem e ele balbuciou alguma coisa, pude ouvir as palavras *Sacramento* e *morte*, ou talvez *morna*. Consegui me levantar e caminhei meio torto até o interior da casa — eu não havia recuperado a minha coordenação completamente — pensando em pedir que um dos amigos dele o ajudasse.

A sala de estar, que parecia ter dobrado de tamanho, estava vazia, a música desligada. Quanto tempo tínhamos ficado lá fora? A cozinha, onde supus que haveria gente, ficava a um quilômetro de distância, mas acabei chegando lá; só vi Monika e o parceiro sem nome de Diane sentados à mesa. Tive a vaga impressão de que os surpreendera em um momento de intimidade.

— Onde está todo mundo? — perguntei.

— Alguns foram passear de bicicleta ao luar — disse o homem. — A maioria foi para a cama.

— O estagiário está passando mal. E eu tenho de ir para casa. Alguém pode ajudá-lo?

— Ele vai ficar bem — disse o homem.

— Ele vomitou — disse eu.

— Ainda bem — disse Monika. — Isso ajuda. — Uma sádica.

— Tenho de ir para casa — repeti.

— Tudo bem — disse o homem, nitidamente impaciente para que eu saísse da cozinha.

— Você pode me ajudar a colocar o estagiário na cama em algum lugar e depois me levar para casa? — Senti como se estivesse falando debaixo d'água.

— É uma caminhada curta. — Agora eu o detestava.

— Qual é o seu nome?

— Como é?

— Como você se chama? Eu não sei o seu nome. Nunca soube. — Monika riu, meio sem jeito. Eu devia estar parecendo maluco.

— Paul — disse ele, a sua confusão fazendo com que soasse como uma pergunta.

— Paul — repeti, como se quisesse confirmar, como se o prendesse ao seu eu trivial com um alfinete.

— Você sabia o meu nome — disse ele.

— Eu posso jurar a você — eu disse, levando a mão ao coração — que não sabia. — Fui até a enorme geladeira cor de prata, abri e peguei duas latas de refrigerante de lima-limão. Peguei o pano de prato pendurado no puxador e molhei-o na torneira. Parei antes de sair da cozinha. — Paul — eu disse de novo, quase cuspindo, como se o absurdo do nome fosse evidente.

O estagiário conseguiu mexer a cabeça para olhar para mim quando me aproximei, um bom sinal. Mas ele estava quase chorando.

— Estou pirando, cara. Vi um monte de coisas. Horríveis.

— Você vai ficar bem — eu disse. Abri as latas de refrigerante, coloquei-as sobre a mesa e depois limpei o rosto e a camisa do estagiário. — "O pior já passou. Estou convosco e sei como é" — citei. Ele começou a chorar. Devia ter uns 22 anos e estava longe de casa. Toda aquela cena era ridícula, mas o seu medo e a minha compaixão eram genuínos.

— Acha que consegue ir andando até lá dentro? — perguntei, depois de beber um pouco do refrigerante, que estava delicioso; o estagiário não teve vontade de tomar o dele. Fez que não com a cabeça, mas percebi que estava disposto a tentar. O cheiro da sua camisa era repulsivo e ajudei-o a tirá-la, depois joguei aquela coisa encharcada na piscina. Ele apoiou-se com o braço no meu ombro e eu segurei-o pela cintura, conduzindo-o

devagar lá para dentro, uma paródia de Whitman, o poeta-enfermeiro e sua carga ferida.

Jimmy estava em uma das poltronas, vendo um livro de arte.

— O que aconteceu com o garoto? — ele perguntou. Sob a claridade da luz, o estagiário estava terrivelmente pálido.

— Ele cheirou demais — disse eu. — Tem um quarto onde eu possa colocá-lo?

— Depois daquela porta tem uma escada. Fica embaixo.

Conseguimos achar a porta e descemos uma escada acarpetada de branco. Acendi a luz e vi uma cama grande com dossel; não havia cortinas, a cama era uma espécie de cubo, uma obra de arte moderna. Levei-o até a cama, deitei-o devagar e ajudei-o a se cobrir.

— Agora durma — disse eu.

— Não vá embora.

— Você vai pegar no sono logo. Eu tenho de ir para casa — disse.

— Eu vi aquelas coisas todas. Estou fodido. Acho que se fechar os olhos eu vou morrer.

— Você está bem, confie em mim.

— Por favor — ele praticamente soluçava. Estava desesperado. Deitei-me em um tapete macio e perguntei o que ele tinha visto. Ficamos os dois olhando para o teto branco.

— Eu estava sentado lá na cadeira do pátio. Eu podia sentir a cadeira. Mas ela não pressionava as minhas costas, pressionava o meu peito. E pressionava com muita força. Mas eu sabia que o encosto da cadeira estava atrás de mim. Não sei explicar. As minhas costas e o meu peito viraram uma coisa só. Não havia frente nem costas. Eram uma coisa só. Eu não conseguia respirar, não havia espaço. Não havia dentro para colocar o ar para dentro. E você e todas as pessoas começaram a ficar achatados também. Parecia Silly Putty.

— Silly Putty?

— É, quando a gente amassa, pressiona nos jornais e depois tira, a imagem fica impressa na massa. Eu pensei nisso e depois vi que era isso que vocês eram, todo mundo lá fora, apenas imagens de si mesmos sobre

uma coisa achatada. Eram uma massa de modelar. Pior: carne. Uma imagem na massa, e falando. Distorcida. E eu percebi que eu é que tinha feito aquilo acontecer só por ter pensado. Pensei que era como Silly Putty e depois era mesmo Silly Putty e aí entendi que se eu pensasse que uma coisa era como outra, ela se transformaria nessa outra coisa. Eu ficava tentando me mexer e sentia que estava me mexendo mas o que eu via não mudava. A minha visão estava travada. Lembro que pensei, "Como um maxilar travado". E depois o meu maxilar travou. E então pensei que era como a raiva, como os cachorros que sofrem de raiva ficam. Como o cachorro dos Guzek que eles tiveram de sacrificar quando eu era pequeno, e depois consegui sentir aquilo, a espuma na minha boca. Não, eu não senti a espuma, eu vi a espuma saindo da minha boca, como um cachorro. E era cor-de-rosa, não sei por quê. Mas onde eu estava que conseguia ver? E eu soube antes de pensar que ia pensar: é como se eu estivesse morto, como se fosse um fantasma olhando para o meu cadáver, e eu ficava tentando não pensar nisso porque ia morrer se pensasse. Mas depois percebi que tentar não pensar em alguma coisa é como pensar em alguma coisa, sabe como é? Tem a mesma forma. A forma do pensamento enche com a coisa pensada, ou esvazia se você tenta não pensar nela, mas de um jeito ou de outro tem a mesma forma. E quando pensei nisso, senti que não havia diferença entre nada. E depois não havia diferença. Porque nada é como nada. E não havia espaço.

— Essa droga bateu muito mal na gente — disse eu, só para falar alguma coisa.

— Continuo sentindo que não estou aqui. — Outro soluço. — Você poderia ficar conversando comigo?

— Você está aqui sim — disse eu, e levantei o braço do chão e toquei seu ombro, a testa, depois, um pouco surpreso comigo mesmo, sentei e passei a mão no seu cabelo, lembrando que o meu pai fazia isso quando eu era criança e tinha febre. Whitman o teria beijado. Whitman teria levado o medo da perda de identidade do estagiário tão a sério como o de um soldado moribundo.

— Continue falando comigo — disse ele, então deitei-me de novo e falei. Comecei descrevendo a minha reação ao trabalho de Judd, mas ele gemeu em desaprovação, daí fiquei pescando outro assunto e escolhi a construção da ponte do Brooklyn, pois assistira a um documentário sobre isso no meu computador umas noites antes. Contei-lhe que Hart Crane havia escrito *A ponte* em um apartamento do Brooklyn Heights que só tempos depois ele ficaria sabendo ter sido ocupado pelo engenheiro da ponte, Washington Roebling, que morou ali recluso após ficar com a doença da descompressão. (Eu quis descrever os homens que trabalhavam em ensecadeiras mal-iluminadas e corriam o risco, se viessem à superfície depressa demais, de desenvolver bolhas de nitrogênio no sangue, mas achei que isso poderia abalar o estagiário.) Quando a ponte foi concluída, a comemoração foi maior do que a do término da Guerra Civil, lembrei do narrador dizendo isso enquanto passavam imagens das multidões e dos fogos de artifício. Isso aconteceu em 1883, ano em que Marx morreu em sua mesa de trabalho. Ano em que Kafka nasceu. Falei de Kafka durante algum tempo, de como só há pouco tempo eu ficara sabendo do sucesso do autor como corretor de seguros, apostando no futuro. Repeti a expressão "risco combinado" algumas vezes, disse que era bonita. Depois avancei para 1986.

Quando o estagiário adormeceu, respirando regularmente, dei um beijo em sua testa e voltei para a sala de estar, constatando que vários jovens estavam por ali de novo, presumivelmente de volta do seu passeio de bicicleta. Não vi sinal de Monika ou Paul. Perguntei à ruiva, cujos olhos eram do mesmo verde que os da amiga de Diane, e que não tive vergonha de desejar, como eu poderia chegar ao número 308 da North Plateau Street. Ela disse para pegar a direita quando saísse e depois virar à esquerda quando não pudesse ir mais longe.

Aliviado pelo fato de o ar estar frio e eu cada vez mais sóbrio, senti-me estúpido com o negócio das drogas e aquele drama, mas estava feliz por ter ajudado o estagiário, sentia uma ternura por ele. Enquanto caminhava ouvi o assobio de um trem e imaginei o meu pai dentro de um dos seus vagões desativados. Pensei nas caixas brilhando palidamente

no barracão de artilharia, e depois imaginei um trem comprido delas, cada vagão uma obra de alumínio reluzente, refletindo a luz da lua no deserto que atravessava.

Quando virei para o que esperava ser a North Plateau Street — não consegui ver nenhuma placa — um carro elétrico passou por mim na direção contrária, silenciosamente. Deu meia-volta na esquina — os faróis iluminando a rua em que eu caminhava — e veio desacelerando até parar ao meu lado. Era Creeley ao volante, em uma posição desajeitada porque seu banco estava muito para a frente. Ele parou, baixou o vidro da janela, deu um alô e disse que ia ver as Luzes de Marfa, perguntando depois, com um sotaque britânico comoventemente formal, se eu poderia honrá-lo com a minha companhia.

E assim o autor, com o corpo ainda meio pesado por ter ingerido um anestésico dissociativo veterinário, viu-se rodando mais de 14 quilômetros na Rota 67 para ter um vislumbre das famosas "luzes fantasmas" com um homem no qual sobrepusera a imagem de um fantasma. Depois de uns vinte minutos na escuridão, chegamos no centro de observação, uma plataforma mal iluminada por luzes vermelhas ao lado de uma pequena construção com banheiros. Estremecemos na plataforma e olhamos o horizonte na direção oeste.

O que as pessoas relatam, e tem sido relatado há cem anos no mínimo, são esferas brilhantes do tamanho de bolas de basquete que flutuam acima do solo, ou às vezes mais alto no ar. Em geral são brancas, amarelas, laranja, ou vermelhas, mas alguns já viram esferas verdes e azuis. Ficam pairando aqui e ali na altura do ombro, ou deslocam-se lateralmente em baixa velocidade, ou às vezes dão uma súbita guinada em direções imprevisíveis. As pessoas atribuem as Luzes de Marfa a fantasmas, OVNIs, ou fogos-fátuos, mas pesquisadores afirmam que o mais provável é que sejam resultado de reflexos atmosféricos de faróis de automóveis e fogueiras; aparentemente, abruptas variações de temperatura entre camadas de ar frio e quente podem gerar esses efeitos.

Finalmente, vi alguma coisa de fato — mas foi na outra direção, e não eram esferas coisa nenhuma. Ao longe, na direção leste, vi um brilho

laranja no horizonte e, aqui e ali, pontos vermelhos. A princípio pensei que fossem luzes de uma cidade, depois percebi que eram ou incêndio na mata ou queimadas controladas. Chamei a atenção do poeta para o fogo e ele assentiu.

O poeta acendeu um cigarro no outro. Quem eu era para ele?, fiquei imaginando. Agradava-me a ideia de pensar que também ele me via como um fantasma, um poeta morto polonês. Não vi esfera nenhuma, mas adorei saber delas — saber que a nossa luz mundana pudesse ser refletida para nós e confundida como sobrenatural. Fantasiei que algumas caixas de alumínio estavam posicionadas na distância para facilitar a misteriosa radiância.

Dizem alguns que as esferas brilhantes da Rota 67
são paranormais, outros alegam ser apenas
truques atmosféricos: estática, gás dos pântanos,
reflexos de faróis e fogueiras, mas por que negar
o que a ilusão pode estabelecer, a nossa própria
iluminação retornando a nós como alienígena, como signo?
Construíram uma plataforma de concreto para observação
iluminada por luzes vermelhas baixas que devem parecer
misteriosas se vistas do outro lado.
Esta noite não vejo esferas, mas me projeto
e olho para trás, um truque importante porque
o destino é estar dos dois lados do poema,
navegando entre mim e você.

Pensei em Whitman olhando para o outro lado do East River tarde da noite, antes de a ponte ser construída, antes de a cidade ter energia elétrica, e acreditando que olhava para outro tempo, tornando-se vazio para poder tornar-se pleno pelos leitores no futuro; aceitei seus reiterados convites para nos correspondermos, embora eu possa ser um correspondente insignificante. Imaginei as luzes que eu não via não apenas como reflexo de fogueiras e faróis no deserto, mas também como

faróis da Tenth Avenue, o magnésio branco brilhante das varinhas de fogos de artifício das crianças na horta comunitária de Boerum Hill, uma chuvinha de brasas numa escada de incêndio no East Village, ou a chama dos lampiões a gás de Brooklyn Heights em 1912 ou 1883, ou o reflexo da luz nos olhos de um animal aproximando-se no escuro, lanternas traseiras rubi sumindo na curva de uma estrada na montanha em um romance ambientado na Espanha. Eu tinha sido severo com Whitman durante a minha residência, severo com o seu sonho impossível, mas ali ao lado de Creeley após um longo dia e uma noite ridícula, olhando para o fantasma de luzes fantasmas, nós fizemos, se não um pacto, uma espécie de paz. Digamos que foi ali que decidi substituir o livro que eu havia proposto pelo livro que vocês estão lendo agora, um livro que, como um poema, não é ficção nem não ficção, mas oscila entre elas; resolvi dilatar o meu conto não para um romance sobre fraudes literárias, sobre forjar o passado, mas para um presente real vivo com múltiplos futuros. Dali a poucas semanas, mesmo antes de este livro começar, o poema seria concluído:

> Fui mais do que injusto, embora ele estivesse
> pedindo por isso, e ainda pede, posso ouvi-lo
> pedindo através de mim quando falo,
> sem querer, a quem não está lá,
> ou penso em arte como lazer que é trabalho
> em casas que os ilegais constroem e consertam.
> Está entre os maiores poemas e fracassa
> porque quer tornar-se real e só pode
> tornar-se prosa, erro fundamental
> do livro de que fomos expulsos.
> E ainda assim: olhar da plataforma, ver
> misteriosas luzes vermelhas cruzando a ponte
> de um Brooklyn a que posso ou não regressar,
> fenômenos que nenhuma ciência pode explicar,
> veículos com rodas correndo pela escuridão

com vidros abaixados e a música tocando.



Instalação permanente

CINCO

— A qualidade das fotografias é implausivelmente alta, e não há estrelas — disse eu.

— "O ângulo e as sombras são discrepantes, sugerindo o uso de iluminação artificial" — citou ela, os olhos começando a brilhar.

Na época da faculdade, Alex andava saindo com um estudante de astrofísica sem senso de humor, agora o mais jovem professor titular de qualquer coisa no MIT; depois de alguns meses de intimidade cada vez maior, ela sentira-se obrigada a nos apresentar. Nós nos encontramos e fomos jantar os três em um restaurante cambojano perto do campus, onde, bebendo uma lata de Angkor após a outra, insisti que a aterrissagem da *Apollo* na Lua era uma fraude. Fui tão persistente que ele acreditou que eu estava no mínimo falando sério e isso deixou-o maluco. Depois que perdeu a graça, e depois de Alex ter tentado inúmeras vezes mudar de assunto, eu ainda estava identificando acaloradamente supostas incongruências nas imagens e nos relatos dos astronautas. (Eu conhecia bem os argumentos dos que não acreditavam na aterrissagem por um trabalho que havia feito sobre teorias da conspiração para um curso de psicologia.) O cientista não conseguia me suportar mais, ficou nitidamente frustrado por Alex considerar-me o seu melhor amigo; ela ficou furiosa, não atendeu meus telefonemas durante dias.

Agora estávamos sentados lado a lado num balanço no meio de um jardim espaçoso e malcuidado em New Paltz, e, após apontar para a lua em quarto crescente, visível no céu da manhã, eu estava mais uma vez listando os motivos por que "acreditava" que a aterrissagem fora um embuste. Durante todos esses anos essa era uma das nossas formas rituais de reafirmar a prioridade do nosso relacionamento frente a outros modos de união — meio piada particular, meio catecismo. O meu braço estava apoiado em seus ombros, e o câncer de sua mãe havia se espalhado para a coluna vertebral.

— Parece haver "pontos concentrados de luz" em algumas fotos, o que indica que usaram um holofote grande.

— Dá para ver o holofote quando Aldrin sai do módulo lunar.

— E por que eles iriam forjar isso? — perguntou a mãe emaciada de Alex, rindo. Agora era noite e estávamos sentados na varanda telada, o padrasto de Alex preparava na cozinha uma insípida refeição rica em bioflavonoides enquanto nós três fumávamos a marijuana que eu trouxera a pedido de sua mãe, uma sugestão confidencial do seu médico. Com o que eu achava ser o meu adiantamento, eu havia comprado em uma tabacaria para usuários de maconha na Saint Mark's o que Jon descrevia como o "Rolls-Royce dos vaporizadores"; não haveria nenhuma partícula carcinogênica para causar irritação na garganta dela. Ficamos passando de um para outro um pequeno balão cheio de vapor entre nossas cadeiras de vime. A mãe de Alex usava um lenço amarelo na cabeça; o vapor, um tanto insípido, tinha uma nota de menta.

— Tá de brincadeira, Emma? — perguntei, fingindo incredulidade e intensidade. — A corrida espacial da Guerra Fria? Kennedy falando da "fronteira final"?

— A "fronteira final" é uma frase de *Star Trek* — corrigiu-me Alex.

— Ou isso — disse eu. — As aterrissagens na Lua são interrompidas de repente em 1972. O mesmo ano em que os soviéticos desenvolvem a capacidade para rastrear naves no espaço. Ou para descobrir que nós não tínhamos nave nenhuma no espaço.

— Isso foi por volta do final do envolvimento militar oficial no Vietnã — disse o padrasto de Alex, trazendo-nos uma travessa com legumes fatiados e pasta de grão-de-bico. — As aterrissagens televisionadas podem ter sido uma tentativa de desviar a atenção dos americanos da guerra.

— Bem pensado, Rick. — Emma e Alex riram do meu falso tom professoral. Rick sentou-se, abriu uma cerveja, comeu uma fatia de pimentão amarelo, depois levantou-se e retornou à cozinha, esquecendo da cerveja; não conseguia ficar parado meio minuto. Pouco depois, Alex foi atrás dele.

— Sem falar no interesse da NASA em garantir o financiamento — disse eu, mas sabia que a brincadeira tinha acabado. Emma riu educadamente no ar alterado. Tive de conter a minha tendência para preencher o silêncio que se seguiu. Mais ou menos um minuto depois:

— Então não sabemos quanto tempo isso vai demorar — disse ela, o "isso" referindo-se a morrer. Reprimi o comentário clichê de que ninguém sabe quanto tempo tem de vida e disse:

— Estaremos com você. A cada passo do caminho. — Ela me olhou fixamente; uma expressão de agradecimento.

— Eu sei que não é da minha conta — disse ela depois de um tempo — mas não quero que vocês dois... como posso dizer... estou meio preocupada que você e Alex estejam se precipitando nisso tudo por causa disso. — "Nisso" significando procriação.

— Ela sempre quis ter um filho — disse eu, pensando no casamento breve e impensado do meu pai com Rachel.

— Quis e não quis. Oportunidade não faltou, homens com quem pudesse se estabelecer. Ou que pelo menos quisessem filhos. Teve o Joseph...

Eu dei um resmungo menosprezando Joseph.

— Eles formavam um belo casal em muitas coisas. Acho que o motivo tem a ver com o pai de Alex, eu já disse isso a ela. Alex não consegue decidir se quer que a criança tenha um pai. — Senti a minha presença tremeluzir. — Só quero que tenham certeza de que sabem o que estão fazendo. — Não sabíamos, mas tínhamos agendado outras inseminações intrauterinas. A próxima seria dali a poucos dias. Eles acreditavam que poderiam lavar e esfregar o meu esperma com sucesso. Se conseguem pôr um homem na Lua, brinquei comigo mesmo, e disse:

— Talvez seja — uma pausa — um bom motivo. — Cheguei a pensar no porquê, mas apenas deixei a afirmação pairando no ar. Ela considerou-a por um tempo.

— Talvez seja.

Talvez fosse. A banheira de hidromassagem fora instalada no porão onde estávamos alojados como parte de um regime de hidroterapia para

ajudar no alívio das dores, mas a mãe dela nunca a usava. Talvez tivéssemos presumido erroneamente que a água ajudaria na lubrificação; talvez pensássemos que ela descrevia o futuro que estávamos herdando ou que obscureceria a silhueta dos nossos corpos de forma a diminuir a bizarrice; mas a água, como deveríamos saber, lava qualquer lubrificante natural, e substitutos de silicone, mesmo que tivéssemos um à mão, não são recomendados para casais que estão tentando procriar.

Provavelmente foi tudo filmado num estúdio de gravação em Los Angeles. Ou no deserto, a fotografia em câmera lenta simulando a gravidade zero.

Não que fôssemos um casal. Saímos da hidromassagem para o quarto ao lado, onde Rick havia aberto e arrumado o sofá-cama mais cedo naquela manhã. Mas quando chegamos na cama, eu não estava mais fisiologicamente preparado. Por uma complexidade de motivos que não sei bem, interrompi-a no início da estimulação oral e beijei-a com uma paixão que não sentia, mas que foi crescendo dentro de mim enquanto eu fingia; logo depois, para meu alívio e genuína surpresa, eu estava pronto para continuar.

A lubrificação, contudo, ainda era um problema, um problema agravado por nossa impressão, possivelmente equivocada, de que o *cunnilingus* podia pôr em risco a concepção, que a saliva poderia interferir no transporte espermático. Diante disso, apelamos para a estimulação manual, com ela ajudando, e, auxiliada por alguma imaginação por trás dos seus olhos fechados, acabamos os dois podendo seguir em frente. Quando eu estava por cima, ela abriu os olhos, epitélio escuro e estroma claro, e disse, sem dúvida para nos encorajar, "Me fode". Mas a afetação inconfundível na voz da pessoa menos afetada que conheço me fez sorrir: depois os dois começamos a rir, provocando o que parecia uma flacidez instantânea. Saí de cima dela e ficamos ali deitados de barriga para cima. Há formações no solo idênticas em fotos que, segundo as legendas, foram tiradas a quilômetros de distância.

Inalamos mais maconha do vaporizador que eu deixara ligado junto à parede — embora soubéssemos o que aquilo poderia fazer aos meus

espermatozoides — e depois ela tentou reiniciar tudo; desta vez não a interrompi. Olhei para o teto e tentei não pensar na mãe dela dois andares acima de mim; isso também não seria prejudicial para a concepção? Incentivado pela imagem da ruiva da festa em Marfa, em questão de minutos pudemos retomar a função. Ela veio para cima de mim. Antes que eu pudesse assimilar a visão do seu corpo forte, ela pressionou o meu queixo com a palma da mão, e, talvez querendo evitar o meu rosto ou o meu olhar, empurrou a minha cabeça para trás, para que meus olhos ficassem direcionados à parede atrás de mim; eu mordi a língua e o travo de menta do vapor misturou-se com o gosto ferroso do sangue.

Os especialistas, no entanto, desencorajam posições em que os espermatozoides precisem competir com a gravidade, e por isso agora estávamos deitados de lado. Eu estava atrás dela, tentando resolver o que faria com as minhas mãos, que eu sentia um pouco dormentes. Eu estava tímido demais para pegar nos seus peitos ou na genitália, como os meus instintos me pediam, embora estivéssemos agarrados. Finalmente perguntei-lhe onde queria que eu a pegasse com uma formalidade educada tão incongruente com a nossa situação que mais uma vez começamos a rir. Mas estávamos determinados a não deixar que a hilaridade tirasse nossa concentração uma segunda vez. Ela virou-se e encarou-me abertamente, prendendo suas pernas nas minhas. Eu puxei o seu cabelo para trás, deixando o pescoço exposto, enfiei o meu rosto ali e, depois de muitos meses de tentativas, gozei.

As células da sua mãe dividiam-se incontrolavelmente acima de nós. Os oceanos, como as caixas de Judd, expandiam-se à medida que aqueciam. Sabe o que eu quero dizer quando afirmo que o que a experiência teve de mais poderoso foi o fato de não ter mudado nada? A bandeira parece tremular ao vento, mas não existe ar na Lua. Alex-criança estava dormindo no quarto ao lado do da mãe, com estrelas verdes de plástico brilhando no teto, a sua respiração sincronizada com a da mulher de 36 anos ao meu lado. Que o nosso relacionamento não havia se aprofundado perceptivelmente pelo acontecimento era uma poderosa

evidência da profundidade do relacionamento. Só que tornava as coisas um pouco diferentes.

Passado não sei quanto tempo eu subi as escadas acarpetadas para ir buscar uma garrafa de água com gás na geladeira; andei na ponta dos pés, embora não houvesse como eu acordar alguém. Estava voltando ao porão com a garrafa verde quando senti uma presença na varanda telada, virei a cabeça e vi o brilho de uma tela de LED; era Rick. Sem dúvida ele me viu; percebi que devia dar um oi e aproximei-me dele.

— Está lendo o quê? — perguntei, sentando em uma cadeira de vime.

— Nada. Estou viciado nesses fóruns de discussão. Johns Hopkins. Clínica Mayo. — Desligou o computador e ficamos no escuro. — É inútil. Uma comunidade de maridos e mulheres desesperados.

— Como você está, diante de tudo isso? — perguntei.

— Bem, desde que haja uma tarefa imediata à mão — disse ele. — Mas quando chega a noite, é horrível.

Talvez estivesse escuro demais para ele me ver concordando com um gesto de cabeça, mas fiz mesmo assim.

— E eu não consigo parar de pensar, e sei que é loucura, não consigo parar de pensar em Ashley — disse ele.

— Faz sentido — disse eu. — Não é loucura.

— Mas estou sempre esperando que Emma me diga, "Quero contar uma coisa, mas prometa antes que não vai ficar bravo".

— Que confesse que está mentindo.

— Sim. E é como... às vezes se não durmo, se são tipo quatro da manhã, começo a pensar comigo mesmo: ela poderia estar fingindo, começo a desconfiar. É difícil explicar: eu sei que é loucura, impossível, não acredito realmente nisso, mas é como uma memória corporificada de Ashley. De como me senti quando essa realidade começou a ficar clara para mim.

— Claro que você gostaria que fosse mentira. Eu entendo.

— Só que é mais complicado do que isso. Eu a imagino me contando, imagino a mim mesmo percebendo que é tudo mentira. Mas não imagino o alívio. Eu me imagino quebrando a casa toda de raiva, indo

embora, não querendo nunca mais ver a cara dela. Se eu soubesse que ela estava fingindo a própria morte, ela estaria morta para mim.

Imaginei se poderia colocar a história de Ashley em um romance, se Rick se sentiria traído.

— E por falar nisso, depois me vejo pensando, embora saiba que é absurdo: E se Ashley não estivesse fingindo? E se mentiu que estava mentindo só para me libertar?

Dois dias depois eu estava nos braços de outra mulher: com um deles ela me segurava com cuidado e com o outro passava a sonda de ultrassom, sua ponta besuntada com um gel frio e incolor, pelo meu peito em busca de uma imagem nítida. Os meus olhos estavam fechados e os dela focalizando a tela onde o meu coração preto e branco fingia bater. A cada poucos minutos ela me pedia para trocar de posição, e a minha bata hospitalar de papel crepitava no atrito com o lençol de papel, ou para segurar a respiração, o que ajuda na captura da imagem. A ultrassonografista tinha mais ou menos a minha idade, dominicana, supus, porém mais gentil e muito mais acolhedora do que a última; por trás dos meus olhos fechados, eu a imaginava como Alex. Em um momento você está inalando vapor de cannabis num porão em New Paltz enquanto tenta desastradamente engravidar a sua melhor amiga, e no momento seguinte um transdutor lubrificado está emitindo ondas de som para dentro do seu peito. Eu me sentia grávido: não havia diferença alguma entre este procedimento e a ecocardiografia fetal, salvo a localização. Visualizei meu coração como um embrião, exceto que o crescimento dos seios aórticos podia significar morte.

Um mês depois ou por aí desde que retornei de Marfa, eu tinha apresentado uma série de sintomas que Andrews me garantiu serem quase certamente reações psicossomáticas ao exame iminente: dores de cabeça, alterações de fala, fraqueza, distúrbios visuais, náuseas, dormência no rosto e nas mãos. Eu temia mais o exame do que a dissecção porque temia mais a cirurgia do que a morte. Imaginava tão nitidamente o cardiologista entrando para me comunicar que a velocidade da dilatação exigia intervenção imediata, que era como se já

tivesse acontecido; prever isso era como relembrar um acontecimento traumático.

Ela pressionou a sonda com força nas minhas costelas; tive um sobressalto. “Desculpe, querido, estamos quase acabando”, ela disse, falando com a criança dentro de mim. Alguns minutos depois: “Prontinho, o médico vai querer verificar isto”, e saiu da sala. Por que ela estava com tanta pressa para falar com ele?

Nunca se esqueça de que pode colocar a roupa de novo e sair da instituição antes que o médico apareça para ler o seu futuro nos seus órgãos, um serviço de arúspice moderno que um seguro exorbitante mal cobre. Você pode dizer que é tudo enganação e sair para o calor fora de época e tentar a sorte com uma doença idiopática assintomática descoberta por acaso. Covarde ou corajosa, é uma opção, e eu me vi tentado na minha mesa de plástico. Alguns milímetros de crescimento e eles iriam me abrir todo com o que eu imaginava ser uma navalha. Olhei para a tela com a imagem congelada do meu coração e artérias, e, no canto superior direito, vi os números piscando: 4,77 cm; 5,2 cm. O frio se espalhou pelo meu corpo; se algum deles fosse uma medida de diâmetro aórtico, eu entraria na faca em poucos dias.

Saí dali de fato, mas só para chamar Alex na sala de espera. Ela me seguiu e eu disse que achava que eram más notícias, que tinha visto aqueles números. Ela mandou que eu ficasse quieto e esperamos; um protetor de tela surgiu no monitor: LAVAR AS MÃOS SALVA VIDAS em vermelho sobre preto. As comunicações lunares em tempo real não dispunham de suficiente delay; nunca ninguém havia deixado a Terra sem querer voltar.

Ele entrou sorrindo. Cabelos grisalhos, óculos de armação sem aro, gravata roxa sob o jaleco branco. Cumprimentou-nos com um aperto de mão e disse:

— Vamos dar uma olhada nisso. — Um minuto interminável depois: — Parece tudo bem. Você está com 4,3.

— Mas a ressonância magnética dizia 4,2 — disse Alex antes que eu pudesse abrir a boca, com o seu caderno aberto no colo. Um milímetro

naquele período de tempo poderia indicar cirurgia iminente.

— A ecocardiografia tem uma grande margem de erro. São valores equivalentes.

— Como podem 4,2 e 4,3 ser equivalentes? — perguntei, aliviado por ele ter dito que não houve nenhuma alteração, mas assustado porque os números expressaram que houve.

— O que podemos ver aqui é que não houve alterações fora da margem de erro da ecocardiografia e nós vamos acompanhá-lo de perto à medida que progredir. Se progredir. — Não gostei nada desse *se* da última frase. — Entenda que o mais provável é que não haja uma alteração tão rápida.

— Mas e se já houve uma alteração de um milímetro? — perguntei.

— Então vai continuar se alterando e vamos detectar isso no próximo exame.

— Quer dizer que 4,3 pode significar mais do que 4,3, pode significar 4,3 e pode significar 4,2 — confirmou Alex.

— Exato.

— Então não descobrimos nada, apenas que não está se expandindo rapidamente? — Eu soava irritado, sem sentir nada.

— Demonstramos um mínimo de estabilidade — disse ele. Como não dissemos nada, ele concluiu: — Essa é uma boa notícia.

— Essa é uma boa notícia — repetiu Alex. Ele apertou nossas mãos e saiu para ajudar pacientes com doenças menos virtuais.

Dois dias depois, no Hospital Presbiteriano de Nova York, masturbei-me vendo o filme *Amateur All Stars 3*, ejaculando em um frasco de coleta. Eles fizeram a lavagem do esperma, colocaram meus espermatozoides suspeitos em Alex e depois atravessamos os dois o parque até o Telepan para o jantar de seu aniversário. Alex tinha 37. O autor tinha 4,2 ou 4,3. A mãe de Alex tinha meses. Comemos vieiras Nantucket Bay ao preço do mercado por conta do meu adiantamento. Iríamos suplementar as inseminações intrauterinas com coito durante o período de ovulação ou vice-versa, ambos para maximizar as nossas chances e, embora nenhum de nós dissesse isso, também porque depois poderíamos narrar a

concepção, se acontecesse, como pelo menos potencialmente independente da instituição.

Dois dias depois eu estava rompendo, ou pelo menos suspendendo, meu relacionamento sexual com Alena porque Alex não conseguia, por uma complexidade de motivos, conciliar o nosso sexo intermitente com o fato de eu ter outra parceira ativa. Estávamos em um bar de porão em Chinatown que parecia iluminado por velas, mas era efeito de abajures de papel. Expliquei que precisava terminar para priorizar a minha amizade sexual não romântica, embora os dois relacionamentos não fossem, salvo este breve — esperava-se — período de tentativa de concepção, mutuamente excludentes. Sabia que ela iria ficar zangada.

Mas não ficou.

— Tem certeza de que não está chateada?

— De jeito nenhum.

— Magoada?

— Não.

— Com ciúmes?

— Ciúmes de você fazer sexo programado com uma amiga antes de suas visitas a uma clínica?

— Nem sequer acabrunhada ou algo do gênero?

— Nem sei o que significa acabrunhada, para falar a verdade.

— Abatida. Melancólica. Nostálgica.

— Você quer que eu já esteja nostálgica?

— Você poderia antecipar a nostalgia.

— Eu poderia desejar me sentir nostálgica. Ansiar pelo tempo em que ansiarei pelo passado.

— Fico contente por não estar triste. — Eu estava triste.

— E depois no futuro eu posso ansiar pelo passado em que eu ansiava pelo futuro em que ansiaria pelo passado.

— Ok, ok, me alegra que compreendeu.

— Total. Além disso, mal vejo você há oito ou nove semanas. O nosso relacionamento já estava no modo pausa. — Por algum motivo nunca tinha me ocorrido que esta conversa era perfeitamente desnecessária. De

repente, em vez de tentar abandoná-la, senti que estava tentando reconquistá-la.

— Quando ela engravidar ou eu desistir de ajudá-la, talvez possamos... ficar.

— Vamos ficar sim. — Ela riu. — Mas esse afastamento não impede que você escreva o texto para o catálogo. — Ela faria uma exposição importante em uma galeria de Chelsea.

Vários drinques depois estávamos dando algo que parecia ser um legítimo adeus. Estávamos perto da estação da linha D na Grand Street, ninguém na rua a não ser os ratos. Ela iria encontrar-se com alguém no norte de Manhattan e eu iria para casa. Senti como se suas unhas pudessem rasgar a pele da minha nuca. Foi o beijo mais sexy da história do cinema independente. Foi horrível descer as escadas para a plataforma do metrô porque eu sabia que ia praticamente deixar de vê-la.

Mas quando cheguei na plataforma, lá estava ela, esperando o seu trem do outro lado dos trilhos. Uma ou duas outras pessoas esperavam ao longe na plataforma, um homem com um casaco de capuz tinha apagado ou morrido em um dos bancos de madeira, mas fora isso estávamos sozinhos, depois daquela despedida apaixonada, olhando para o fantasma um do outro no túnel silencioso. Sabe aquela experiência embaraçosa de se despedir de alguém e depois descobrir que a pessoa vai na mesma direção que você, significando que a interação social terá de se estender além do seu encerramento ritual, uma situação em que não há uma convenção estabelecida para nos orientar sobre o que fazer? Eu havia rompido um relacionamento na superfície apenas para retomá-lo no subterrâneo, com os trilhos eletrificados carregando a distância entre nós. Ela me olhou calmamente e eu — involuntária, estúpida e desajeitadamente — acenei e afastei-me andando pela plataforma.

Mas espere: eu havia sobreposto ao final daquele beijo um aceno desajeitado que iria colorir e ressoar na memória que ela tem de mim; não podia ser assim. Voltei na direção dela, que agora estava virada para a parede de ladrilhos examinando um cartaz de cinema. Gritei o seu nome sem saber o que planejava dizer e, para minha surpresa e confusão, ela

não se virou; era impossível não me ouvir, a não ser que estivesse com fones de ouvido que eu não conseguia ver. Estaria chorando e não queria que eu soubesse? Estaria zangada? Estaria expressando indiferença ou uma intensidade latente? Vi a luz amarela do trem no fundo do túnel à minha esquerda; os trilhos começaram a brilhar enquanto se aproximava. Subi as escadas correndo e desci do outro lado; quando o trem ia entrando ruidosamente na plataforma oposta, eu alcancei-a, o que significava que aquilo nunca aconteceu, acordando na manhã seguinte no Instituto de Arte da Perda Total.



Caro Ben, deletei, *Obrigado pela gentileza de me convidar para colaborar na primeira edição da sua revista e por me enviar um poema de sua autoria.* Será que Bronk chegava a ter um e-mail? Provavelmente não. Morreu em 1999. *Ser um escritor negligenciado tem suas vantagens, mas não queremos desfrutá-las eternamente,* parafraseei-o de uma carta que ele enviou a Charles Olson no início dos anos 1960, *e por isso foi generoso da sua parte ter escrito. Acho que não tenho nenhum poema para enviar. A sua carta motivou-me a dar uma olhada em minhas anotações e, ao tentar ler o meu trabalho mais recente, tive plena consciência de quanta tolerância e predisposição exige a leitura do que escrevo. Você gostaria de saber o quanto valorizo a sua descrição dos meus poemas, a sua apreciação de "Solstício de Verão" especificamente, e o fato de terem sido entregues por Bernard, a quem espero que você transmita os meus cordiais cumprimentos? É bom saber quem são os nossos amigos em tempos obscuros.* Esta última frase não tinha a cara dele.

Natali me enviara pelo correio o exemplar de poesias selecionadas de Bronk quando Bernard foi transferido para uma unidade de reabilitação em Providence. O livro tinha uma espécie de aura agora; nas margens as minhas ilegíveis anotações e imitações a lápis dos tempos da faculdade, além de manchas de café, pequenos traços de um eu antigo apaixonado pela filha inexistente do casal a quem eu acabara levando o livro como uma espécie de oferenda; agora todas aquelas distâncias, reais e fictícias,

estavam refletidas na poesia de Bronk, como em um espelho impossível. Deletei:

Não sei se saberia ler o poema que me enviou. Fico facilmente perplexo, entenda. Lembro de quando Cid Corman estava publicando o meu trabalho na Origin*, a revista que você menciona como uma espécie de inspiração. Bom, sempre que via a revista eu me perguntava que diabo eram aquelas pessoas e do que em nome de Deus estavam falando. Com exceção, talvez, de Creeley. Eu recebia livros com cartas cordiais de outros colaboradores, mas pouco me importava com os seus livros, e disse isso a eles, o que na época achei uma necessidade grosseira. Era uma reação minha ao que via como uma troca de favores, essa política de uma mão lava a outra, de fingir que todo mundo se adora, era o que tornava a poesia igual a qualquer outra indústria. Não devemos — ou não podemos por uma questão prática — esperar que um poeta goste sempre e genuinamente do trabalho de outro — não de um contemporâneo seu. Mesmo quando pensamos que estamos escrevendo um* para *o outro, nós não estamos escrevendo um* pelo *outro e, desse modo, a incompreensão talvez seja uma necessidade. Nós poetas não somos, como diria Oppen, coevos uns dos outros, muito menos nossos leitores. É neste sentido que o "público" tem razão em pensar nos poetas como anacronismos. Esse é um dos motivos pelos quais eu nunca poderia editar uma revista.*

Dei uma olhada pelo apartamento, pensando em como, se não abandonasse essas cartas, eu poderia inserir algumas características físicas nelas. Gosto quando nas cartas de Keats, por exemplo, ele sempre descreve a posição do seu corpo no momento da escrita, as condições do seu quarto: "O fogo está no seu último crepitar — estou aqui sentado de costas para ele com um pé torto sobre o tapete e o outro com o calcanhar um pouco elevado." Mas o que eu via — chuva na claraboia, um pombo arrulhando na janela ao lado do ar-condicionado desligado, o cheiro de coentro vindo lá de baixo, o amarelo pálido da flor do cacto no parapeito, o betabloqueador ao lado do meu copo d'água — não conseguia atribuir a Bronk na sua mansão em Hudson Falls.

Realcei o parágrafo em azul e cliquei em delete. Destruir a correspondência forjada de certa forma fazia com que ela parecesse real; quantos autores queimaram suas cartas? Abandonar o livro sobre forjar

o meu arquivo me fez sentir como se realmente eu possuísse um arquivo, como se estivesse protegendo o meu passado da exposição da publicação. A Al Jazeera transmitia em uma janela separada: "Devido ao abalo das instituições", alguém dizia, "uma verdadeira transição pode levar anos." Sirenes a distância. Toquei de leve e depois bati na janela real para tentar desalojar o passeriforme de corpo robusto — eu sentia que estava sempre interagindo com o mesmo pombo em qualquer lugar que o encontrasse na cidade — mas ele limitou-se a limpar as penas e mudar de posição. (Acabo de googlar *pombo* e descobri que pombos e pombas não são passeriformes verdadeiros; são aves distintas da família *Columbidae*.) "Agora vejamos a previsão do tempo para a região do Caribe." Pouco depois saí para dirigir-me ao campus e encontrar com um aluno.

Um sistema ciclônico incomumente grande e com um núcleo quente aproximava-se de Nova York; ainda estava a alguns dias de distância da costa da Nicarágua. Em breve o prefeito dividiria a cidade em zonas, ordenaria a evacuação das partes mais baixas e fecharia todo o sistema do metrô. Pela segunda vez em um ano, enfrentaríamos uma condição meteorológica de apenas uma-vez-em-cada-geração. Lá fora ainda estava um calor fora de época, mas havia no ar uma sensação de excitação iminente e antrópica. "Lá vamos nós outra vez", disse-me um vizinho, sorrindo, ao passar por mim na rua; parecia só reconhecer a minha presença quando o nosso mundo estava prestes a acabar.

Eu ainda estava de licença, mas mantinha contato com alunos da pós-graduação, orientando informalmente seus manuscritos, e dois ou três alunos da graduação que trabalhavam em teses de licenciatura de ambição ingênua; afora isso, eu fazia o possível para me tornar cada vez mais ausente. No entanto, como tinha de preencher uns formulários de imposto de renda nos Recursos Humanos, decidi fazer uma rara aparição no campus e encontrar-me na minha sala com um dos poetas da pós, Calvin.

Nos últimos meses, as mensagens que Calvin me enviava vinham se tornando mais frequentes e difíceis de analisar. Em vez de me enviar revisões de poemas ou comentários sobre as leituras que eu sugerira, seus

e-mails desconexos começaram a incluir longas passagens sobre "a poética do colapso civilizacional" e "o horizonte escatológico radical da práxis revolucionária". Depois voltavam subitamente para um registro mais prosaico quando ele se queixava de modo bastante racional das anuidades e taxas e da sua sensação de que a pós-graduação não estava fazendo dele um escritor melhor. Também expressava muita preocupação com a minha saúde, apesar de eu já ter insistido que estava bem, porque ele havia lido o conto na *New Yorker*.

Peguei a linha 2 para Flatbush, aceitando, ao sair da estação, uns folhetos apocalípticos luxuosos de uma Testemunha de Jeová idosa. Havia mais seguranças no portão de entrada do que de costume e quando cheguei no campus percebi que havia uma manifestação estilo Occupy, um grande círculo de gente em frente ao edifício onde ficava a minha sala. Mas quando me aproximei mais do grupo, percebi que não era uma manifestação, era uma reunião organizacional de preparação para a ajuda às vítimas do furacão. Fiquei impressionado de como corria tranquila aquela reunião sem líderes; quando me afastei do grupo para me encontrar com Calvin na minha sala, eu já tinha me voluntariado para servir de ligação entre o campus e a cooperativa, ajudando-os a coordenar a parte de doação de alimentos; era apenas uma questão de fazer apresentações por e-mail. Uma das alunas mais veementes no círculo, Makada, tinha participado do meu seminário de graduação no ano anterior; senti um orgulho totalmente injustificado de sua perspicácia e aprumo, o que fez com que eu me sentisse um tio velho.

Senti que havia algo de muito errado com Calvin assim que o vi sentado no chão encostado na porta escura e trancada de minha sala, com um livro aberto no colo, os olhos vazios fixos na parede oposta e o volume dos fones de ouvido no máximo, se bem que não era nada incomum encontrar um aluno assim. Quando o cumprimentei e fui abrir a porta, houve um estranho misto de urgência e lentidão de reação, como se ele precisasse ficar se lembrando de que deveria reagir a estímulos externos, mas depois reagisse violentamente.

Quando finalmente encontrei a chave certa e abri a porta, uma repentina lufada de vento surpreendeu-me, rodopiando alguns papéis. O janelão que dava para o gramado estava aberto uns 25 cm, talvez estivesse assim há muitos meses, embora o computador e a mesa estivessem secos, incólumes. Parado na porta examinando a minha sala, senti que estava olhando para o escritório de um morto — um leve cheiro de mofo, apesar da janela aberta; os papéis desarrumados, um copo de plástico da Starbucks com restos de *iced coffee*, um saquinho de plástico com amêndoas, um exemplar aberto dos *Cantos* virado para baixo na mesa: tudo isso dava uma sensação de que alguém planejara sair e voltar logo, mas nunca mais voltou, por dissecção da aorta. Peguei os papéis e organizei-os rapidamente na mesa, depois liguei o meu computador, aliviado com o som de inicialização da Apple, fá sustenido maior, uma marca registrada.

A minha mesa ficava de frente para a parede; girei na cadeira para ficar de frente para Calvin, sentado na dele; embora costumássemos nos sentar nessa posição, ele agora não parava de olhar ou para a tela ou para a janela atrás de mim com uma intensidade tão inamovível que tive de me virar para ver o que ele observava (nada). Perguntei como estava.

— Estou bem, tenho andado bem — disse ele.

Perguntei o que andava fazendo, como estava indo o trabalho.

— Está incrível, incrível. — Ele balançava a perna direita para cima e para baixo rapidamente, um hábito que eu tinha, mas que nele me alarmou. Desconfiei que aquela energia toda viesse do uso de anfetaminas por receita, que eu usara também de forma semirrecreativa antes do diagnóstico da minha aorta.

— Você leu os poemas do O'Brien?

— Cara, eu ando lendo tudo. Fico lendo e não durmo. — Adderall. Ou, paradoxalmente, abstinência de Adderall. Ele colocou um chiclete na boca e ofereceu-me um, aceitei.

— O que achou do *Metropole*? — O livro de Geoffrey G. O'Brien que tínhamos de discutir.

— Sabe esses poemas que apenas aranham, esses poemas que ficam simplesmente como aranhas pela página?

— Continue — disse eu, sem entender o sentido do que ele dizia, o que me deixou intranquilo.

— Como eles são capazes de se mover em qualquer direção, como podemos ler um verso de mil formas diferentes, e a sintaxe muda à medida que vamos lendo. — Isto era verdade, principalmente na poesia, mas era particularmente verdade no longo poema em prosa epônimo de O'Brien. Fiquei aliviado com a pertinência do comentário, pois temia que Calvin e eu estivéssemos em universos distintos. Fiz algumas observações sobre a forma do *Metropole* que achei que pudessem lhe ser úteis, e ele tomou nota, de cabeça curvada sobre um bloco de anotações. Mas quando parei de falar, ele continuou escrevendo.

— Então ler *Metropole* fez você pensar mais nos poemas em prosa do seu manuscrito, em como você poderia quebrar estrategicamente as suas frases, por exemplo?

E escrevendo.

— Calvin? — Ele finalmente ergueu a cabeça do bloco de anotações e olhou-me nos olhos. Seus olhos eram cor de avelã, brilhantes, embora o brilho pudesse ser imaginação minha. Eu mesmo sentia uma energia frenética, como se tivesse tomado café demais.

— Está vendo isto? — disse ele, estendendo-me o bloco, agora quase todo coberto por uma espécie de microescrita.

— A sua caligrafia não é das melhores — disse eu.

— Como a materialidade da escrita destrói o seu sentido, já discutimos isso em aula. A gente começa escrevendo e depois está desenhando. Ou começa lendo e depois está olhando. Poética de instabilidade modal. Passando pelo ponto de colapso.

Recomendei um conhecido ensaio sobre os componentes visuais da escrita em uma tentativa de reassimilar a energia assustadora de Calvin para o acadêmico. Virei-me para o computador e pesquisei dados acadêmicos para conseguir a citação completa. Quando voltei-me na direção dele de novo, ele estava olhando para fora da janela do mesmo

jeito como Joana d'Arc olha para fora do quadro. Estaria sendo convocado também?

— Que tipo de chiclete é esse? — perguntei.

Ele demorou um pouco para me olhar. Sorriu.

— De nicotina. — Era por isso que eu estava meio nauseado. Era forte. Mas não joguei fora: era uma das poucas coisas que nos ligavam.

— Está parando de fumar?

— Não, mas minha mãe comprou quilos disso para me dar no Natal.

— E como vão as coisas além da poesia? — Senti que podia perguntar, depois de sua menção à família.

— Bom, uma vez você disse que não devíamos nos preocupar em fazer uma carreira literária, que devíamos nos preocupar é com a possibilidade de ficarmos submersos. — Eu devo ter falado isso brincando e meio sério na sala de aula. — E em qualquer civilização nova precisamos daqueles que tenham uma noção de história utilizável e possam reconstruir pelo menos os conceitos básicos a partir da ciência. Há também a literalização de toda a literatura porque o céu está caindo, sabe como é?, e não mais no sentido figurado. Tem muita gente que não consegue lidar com isso, com o fato de tudo se tornar hieroglífico. Perdi a minha namorada por esse motivo. Corpo sem órgãos, por exemplo. Eu consigo engolir mas há um custo nesse engolir, no sentido de que não tenho o mesmo tipo de garganta. Isto é uma metáfora, mas tem efeitos reais, o que ela não conseguia entender. O problema é que nós queremos fazer o teste, tomar veneno ou seja lá o que for para mostrar que somos capazes de absorvê-lo, mas não sabemos nesse caso se será simbólico ou vai se espalhar.

A faculdade não contava com um bom serviço de psiquiatria. Ele tinha 26 anos; ninguém poderia forçá-lo a procurar ajuda ou contactar legalmente os seus pais, fossem quem fossem.

— Ninguém acha que nos disseram a verdade sobre Fukushima. Pense no leite que você compra numa mercearia, nas partículas radioativas que contém, isto é, além dos hormônios e o que eles provocam. Já tem coelhos nascendo com três orelhas. Os mares estão envenenados. Veja isto aqui — ele puxou o cabelo bem para trás, talvez para mostrar o bico

de viúva na testa, eu não saberia dizer —, isto não estava aqui quando eu morava no Colorado. E sei que a massa óssea do meu maxilar afinou, sinto isso quando estala, mas não tenho dinheiro para um seguro. E agora tem essa tempestade, mas quem escolhe o nome dela? Tem um comitê de uns cinco sujeitos num gabinete de crises gerando os nomes *antes* de elas se formarem. O Comitê de Furacões da Associação Regional IV da Organização Meteorológica Mundial, eu fui pesquisar. E desde que pesquisei não consigo mais usar o meu celular. Todas as ligações caem.

— Concordo que são tempos loucos — disse eu. — Mas acho que em tempos como esses temos de tentar nos conectar com as pessoas. Temos de tentar fazer valer os nossos dias, apesar de todo o caos. Temos de nos concentrar em ficar à vontade na nossa própria pele, e precisamos estar abertos para receber ajuda nisso. — Eu estava tentando desesperadamente ecoar os meus pais.

— Exatamente. E a pele é por onde entram as informações agora. Os poros. Os poros são os poetas da pele. Quem foi que disse isso mesmo? E as pessoas tentam fechá-los, silenciá-los. Acho que fui eu. A minha namorada fechava os poros da cara dela com claras de ovos e outros produtos e não tinha ideia da origem dessas merdas, mesmo que as empresas afirmem que é tudo natural ou orgânico. Por que você acha que vendem tantos cosméticos nos aeroportos? Eles não precisam testá-los em animais; existem supercomputadores hoje que conseguem praticamente sentir dor. É como a calafetagem de moléculas, só que desse jeito você não vai impedir que as partículas entrem, você só estará se desligando do social. Do que vem pela frente.

— Calvin — eu disse lentamente —, muitas dessas coisas que você diz não estão realmente fazendo sentido para mim. — Não estavam mesmo? — Tenho a sensação de que você está muito estressado. Aqui é um lugar estressante, são tempos estressantes. Parece que você está numa fase de fim de um relacionamento. Eu costumo me sentir esgotado quando passo tempo demais tentando escrever. — Ele olhou para mim com espanto afetado. — Fico pensando se você está se consultando com

alguém ou se talvez não devesse considerar essa possibilidade. Só para falar dessas coisas.

— Ora, ora, então você também quer me patologizar. Acho que deve ser este o seu trabalho afinal. Você representa a instituição. A instituição fala através de você. Mas deixa eu lhe perguntar uma coisa — avaliei o tamanho de Calvin; era mais alto do que eu, quase tão alto quanto o manifestante, porém magro, quase esguio; involuntariamente visualizei-me dando um soco na sua garganta se ele me atacasse —, você é capaz de olhar na minha cara e dizer se acha que isso — então ele varreu o ar com o braço para sinalizar que "isso" era algo muito grande — vai continuar? Você nega que haja veneno vindo para cima de nós saído de um milhão de lugares? Vem querer me dizer que essas tempestades não são provocadas pelo homem, mesmo que agora estejam fora do controle do governo? Não acha que o FBI está fodendo com os nossos celulares? A linguagem está se transformando apenas em sinais, desenhos de palavras, e não palavras, você devia saber disso melhor do que ninguém. Está se drogando por acaso? Está deixando que regulem você? — Ele se levantou tão de repente que cheguei a recuar, depois me senti mal por ter recuado. — Desculpe por desperdiçar o seu tempo — disse ele, talvez segurando as lágrimas, e saiu enfurecido da sala, esquecendo de levar o seu bloco de anotações.

Como Whitman teria cuidado de uma doença dessas, que presentes teria distribuído? Sem nenhum lado, nenhum uniforme, nenhuma nação forjada a partir do sofrimento. Eu fiz as coisas que se costuma fazer, a instituição falando através de mim. Mandei e-mails aos meus colegas mais próximos e ao diretor falando da minha preocupação, pedi conselhos. Escrevi para dois alunos que achava que eram amigos de Calvin e perguntei se tinham falado com ele ultimamente, sem dizer por quê. Depois outro e-mail para Calvin pedindo desculpas se o aborreci, mas dizendo que estava preocupado com ele e queria ajudar no que pudesse. Não disse que a nossa sociedade, na sua presente forma, não poderia continuar, ou que acreditava que as tempestades fossem em parte provocadas pelo homem, ou que o veneno estava vindo para cima

de nós de um milhão de lugares, ou que o FBI fodia com os celulares dos cidadãos, embora tudo isso fosse a meu ver seguramente verdade. E que o meu humor era regulado por drogas. E que às vezes a linguagem era uma mixórdia de sinais.

Peguei o seu bloco de anotações. No alto havia algumas observações que eu fizera sobre os escritos de O'Brien, entre aspas, e depois algumas observações de Calvin sobre minhas observações, por exemplo, "Poderia aplicar-se à trilogia de Waldrop", que estavam marcadas com um asterisco. Mas a maior parte do que escreveu parecia um código particular de letras miniaturizadas e simplificadas e traços verticais ou, em alguns pontos, leituras sismográficas — uma descrição abreviada para o que a nossa linguagem não podia representar, um poema.



Na hora em que a tempestade atingiu Cuba, devastando Santiago, a caixa de livros chegou em minha casa. Eu não poupara despesas no site de autopublicação, optando por uma tiragem de cinquenta exemplares de capa dura com ilustrações coloridas — cada livro tinha custado cerca de quarenta dólares. Anita queria exemplares para enviar à família em El Salvador; Aaron planejava pôr um na biblioteca de cada sala de aula; Roberto iria querer alguns para dar aos amigos. Eu gostava de pensar que a venda do meu romance não escrito tinha pagado esses livros invendáveis, estava orgulhoso do excesso que não contaria a Roberto. Ansioso para ver como tinham ficado, carreguei a caixa surpreendentemente pesada, o que sem dúvida aumentaria drasticamente minha pressão intratorácica, pela escada até o meu apartamento, onde abri apressadamente, cortando a fita adesiva marrom com uma chave.

Percebi que nunca me sentira tão feliz ao receber um dos meus próprios livros publicados. Ao arrancar a fita, tive de repente a estranha sensação de que estava abrindo uma caixa cheia de exemplares do livro que estavam me pagando adiantadamente; hesitei, minha ansiedade evaporou, depois abri a tampa e vi os belos exemplares de *Para o futuro*. O

texto em si tinha apenas quatro páginas, mas essas quatro páginas eram resultado de meses de pesquisa na internet, planejamento, rascunhos feitos à mão, digitação, revisão, formatação — cada fase do processo de composição prolongando-se em uma lição acadêmica sobre gramática, informática etc. Encadernado profissionalmente, tinha um certo peso; não parecia um projeto de vaidade, mas um verdadeiro livro infantil. Fiquei empolgado ao pensar em como Roberto ficaria também.

Mesmo os quinze exemplares que eu levava foram ficando cada vez mais pesados à medida que eu subia a Fourth Avenue em direção a Sunset Park, suando em bicas naquela umidade fora de época. A fila no posto de gasolina da BP da Douglass Street já dobrava a esquina, os motoristas armazenando combustível antes da tempestade, alguns enchendo galões vermelhos de plástico, além dos tanques de seus carros, mas fora isso não havia nenhum sinal de desastre iminente. Acabei seguindo pela Fifth Avenue para evitar as grades e passagens de pedestres onde estavam construindo novos prédios na Fourth Avenue, "o que há de mais moderno na vida urbana". Na altura do Cemitério Green-Wood, os meus braços e ombros doíam com o peso dos livrinhos, como se eles tivessem mais do que o seu peso material. Ao passar ouvi os periquitos-monges cantando nas torres do portão do cemitério; várias gerações de pássaros verdes haviam nidificado ali desde que escaparam de um engradado danificado no aeroporto JFK. Antes de chegar na escola ocorreu-me, não pela primeira vez, que os dois mil dólares podiam ser usados pela família de Roberto de formas muito mais práticas. Só que Anita — supondo que precisasse — jamais aceitaria dinheiro da minha parte. Talvez Aaron pudesse ajudar a conseguir uma pequena bolsa anônima para Roberto assim que acabássemos de trabalhar juntos; o meu adiantamento poderia financiar secretamente mais do que um tipo de contribuição simultaneamente. Ou talvez eu devesse pagar a terapia de Calvin. Ou talvez — interrompi-me: você devia comemorar, e não pôr em dúvida, esses gastos imprudentes; não calcule os custos de oportunidade nem os coloque na rede de trocas abstratas.

Roberto, no entanto, não estava no clima para comemorações. Sorriu educadamente para os livros, folheou um, mas não parecia orgulhoso nem particularmente impressionado; tive de controlar a vontade de dizer a ele o quanto me custara fazê-los. Parabenizei-o entusiasticamente por ser agora um autor publicado, mas de nada adiantou. Em vez disso, ele queria conversar sobre o que chamava de "supertempestade", como estava preocupado de ter de ir morar com os primos em Pittsburgh. Expliquei então, como Aaron sem dúvida já devia ter explicado, que Sunset Park ficava no alto, fora do alcance da água, e que, embora o prédio dele ou a escola pudessem ficar sem energia elétrica durante algum tempo, ele não tinha nada a temer; que certamente os seus pais estavam preparados. Mas e se ficarmos sem água para beber?, ele perguntou. E se houver "guerras pela água"? Evidente que ele tinha visto outro documentário no Discovery Channel.

Quase metade da humanidade enfrentará a escassez de água por volta dos anos 2030, mas assegurei a ele que não havia motivo para se preocupar, depois tentei reorientar a sua atenção para a produção de alto valor do nosso próprio estudo sobre a extinção.

— O que vamos fazer a seguir? — perguntou ele. — O nosso próximo projeto?

— Não sei direito — respondi, frustrado. Eu nem sabia quanto tempo ainda poderia trabalhar com Roberto assim que a minha licença acabasse e eu tivesse de encarar um prazo real para a entrega do meu livro ou me tornasse uma espécie de pai. Tinha imaginado que *Para o futuro* talvez pudesse nos ajudar a dar um ponto final.

— Vamos fazer outro livro? — Ele soou como se esperasse que não o fizéssemos.

— Você nem olhou para este — disse eu, tentando parecer animado, e não decepcionado. — Este livro é o produto de muito trabalho nosso. Suamos cada uma dessas frases.

— Porque eu quero fazer um filme agora — disse Roberto, sorrindo como se pedisse desculpas. Um incisivo permanente estava nascendo em um ângulo problemático, uma novidade desde que eu partira para Marfa.

— O seu iPhone tem uma câmera de filmar. Podemos acrescentar muitos efeitos especiais e postar no YouTube.

— Qualquer um pode fazer um filme com um iPhone — disse eu —, mas não é qualquer um que publica um livro como este. — Bati com os nós dos dedos na capa dura. Eu me sentia um vendedor de carros usados.

— Podíamos fazer um filme do tsunami — disse ele, referindo-se ao furacão. — Também é bom ter uma câmera para filmar as pessoas, para elas não tentarem roubar ou bater na gente. Para ter vigia — disse ele, querendo dizer vigilância.

— Roberto — disse eu, forçando um sorriso, ecoando Peggy Noonan, que era ela própria um eco —, do que esse livro fala se não de como a ciência está sempre melhorando e corrigindo os seus erros do passado? — Pensei nas caixas de Judd no deserto, na sua terrível paciência. — Um jovem futuro cientista como você deveria ter alguma fé na nossa capacidade de consertar as coisas — na nossa capacidade de colonizar a Lua. O futuro não pertence aos fracos, o futuro pertence aos bravos, à brava gente com *papeles*, não acrescentei. — As pessoas vão trabalhar em conjunto para desenvolver novas soluções a todos esses problemas com os quais você se preocupa. Por exemplo, eles — seja lá quem for — estão desenvolvendo novas barragens para impedir o avanço do mar, comportas contra inundações. — Resolvi que devíamos continuar o nosso trabalho: — Talvez devêssemos escrever um outro livro sobre isso? Se você quiser, podemos fazer um trailer do livro, quer dizer, um pequeno filme sobre ele no iPhone. — Eu abri um dos livros e coloquei-o em pé na mesa. — Mas devíamos dedicar um minuto para sentir prazer com este daqui, ok?

Ficamos ali sentados sorrindo ansiosamente um para o outro, com a nossa obra-prima entre nós. Roberto concordou com um gesto de cabeça, mas não falou. A sala tinha aquele tipo de silêncio especial que surge quando muitos corpos ruidosos acabaram de sair. Ouvi crianças rindo e gritando na rua lá embaixo, enquanto eram entregues a parentes e tutores; acho que eu pude detectar um sinal adicional de desespero, como se as crianças tivessem captado uma mudança precipitada na

pressão atmosférica. Ouvi Chancho, o hamster da turma, correndo na gaiola junto à parede atrás de mim, imaginei que Daniel estava enchendo o seu recipiente de água, resisti à tentação de me virar. A distância: uma britadeira, ruído de aviões, o sino de uma carrocinha de *nieves*. Um carro tocando cúmbia com os alto-falantes no máximo parou na esquina mais próxima; a música foi indo embora depois que o sinal abriu.

PARA O FUTURO

de Roberto Ortiz

SUMÁRIO

I. O ERRO
II. A CORREÇÃO
III. O DINOSSAURO VERDADEIRO
CONCLUSÃO: CIÊNCIA EM MOVIMENTO

CAPÍTULO UM: O ERRO

Othniel Marsh foi o paleontologista que em 1877 descobriu um dinossauro chamado apatossauro. “Apatossauro” significa “lagarto enganador”. É um nome curioso, pois o próprio Marsh acabaria se enganando com o “apatossauro”.

Em 1879, Marsh pensou haver descoberto outra espécie de dinossauro. Na verdade, o que descobriu foram mais ossos de apatossauro mas nenhuma cabeça. Encontrou uma cabeça que julgou pertencer a um dinossauro novo, mas na realidade era o crânio de um camarassauro. Chamou a este dinossauro falso de brontossauro! “Brontossauro” significa “lagarto-trovão” em grego.

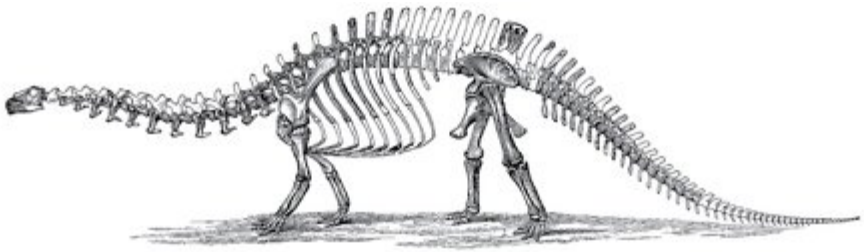


Imagem de esqueleto de brontossauro fornecida pelo Wikimedia Commons:
http://en.wikipedia.org/wiki/File:Brontosaurus_skeleton_1880s.jpg
.

CAPÍTULO DOIS: A CORREÇÃO

Em 1903, os cientistas descobriram que o brontossauro era falso! Perceberam que o brontossauro era na realidade um apatossauro com a cabeça errada. Contudo, embora os cientistas tenham percebido o seu erro, a maioria das pessoas não ficou sabendo da nova descoberta. Muitos pensaram que o brontossauro ainda existia porque os museus continuaram usando o nome nas plaquinhas — e porque o brontossauro era muito, muito popular! E assim, embora os cientistas tenham descoberto o seu erro, a maioria de nós não sabia.



Imagem de selo postal fornecida por cortesia do United States Postal Service. Todos os direitos reservados. Utilizada com autorização.

Este selo mostra como o brontossauro era popular. Mesmo em 1989, quando este selo foi lançado, 86 anos depois de os cientistas descobrirem que o brontossauro não existia, as pessoas ainda usavam o nome "brontossauro" e imaginavam esse dinossauro.

CAPÍTULO TRÊS: O DINOSSAURO VERDADEIRO

O apatossauro viveu no período Jurássico, cerca de 150 milhões de anos atrás. O apatossauro foi um dos maiores animais que já existiram. Pesava mais de 30 toneladas, podia ter até 30 metros de comprimento, sendo que podia atingir 4,5 metros de altura até os quadris. A cabeça tinha menos de 60 centímetros de comprimento, o que é pequeno para um corpo tão grande. Tinha um crânio longo e um cérebro minúsculo. Seus dentes eram finos como lápis. A cauda tinha até 15 metros de comprimento. O apatossauro era um herbívoro, o que significa que só comia plantas. Comia pedras que o ajudavam a triturar e digerir as plantas.

Um fato estranho sobre o apatossauro é que as suas narinas ficavam situadas no alto da cabeça. Os cientistas não sabem por quê. A princípio pensaram que isto talvez ajudasse o apatossauro a respirar dentro da água, mas como já encontraram fósseis de apatossauro longe de qualquer corpo de água, os cientistas já não pensam que isto seja verdade. Permanece um mistério.

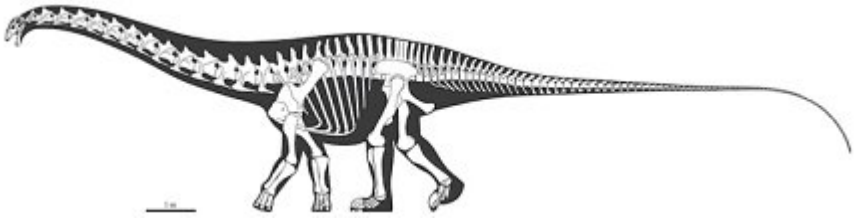


Ilustração de apatossauro fornecida por Scott Hartman.
Copyright © 2013, Scott Hartman.

CONCLUSÃO: CIÊNCIA EM MOVIMENTO

A história do apatossauro mostra como a ciência está sempre mudando. E mostra porque Othniel Marsh descobriu primeiro um dinossauro chamado apatossauro. Mais tarde, descobriria uma espécie nova de dinossauro. Mas era apenas um apatossauro com uma cabeça diferente. Depois este falso dinossauro ficou famoso. Os cientistas corrigiram o seu erro, mas muitas placas de museus não. As pessoas ainda pensam que existe um dinossauro chamado brontossauro.

Os cientistas estão aprendendo que todos os dias há uma coisa nova para se descobrir. Novas descobertas mudam nossos conceitos sobre o passado. Logo, a ciência é infinita e prosseguirá eternamente. A ciência está sempre em movimento com a face voltada para o futuro.

FIM



Fotografia fornecida por cortesia do autor.



Mais uma vez fizemos as coisas que se costuma fazer: enchemos com água todos os recipientes apropriados que conseguimos encontrar, tiramos vários aparelhos da tomada, pegamos pilhas para o rádio e as lanternas, enchemos a banheira. Depois nos enfiamos na cama e projetamos *De volta para o futuro* na parede; aquela poderia ser a nossa tradição para tormentas de uma-vez-em-cada-geração, eu havia sugerido a Alex, assim como algumas famílias veem o mesmo filme todo Natal, só que não éramos uma família. Os galhos arranhavam as janelas, projetando suas sombras nos anos 1980, nos anos 1950; na rua latas de lixo de plástico eram arrastadas pelo vento, a chuva batia na claraboia com tanta força que parecia granizo. Quando a tempestade chegou em terra firme, Marty estava ensinando Chuck Berry a tocar rock and roll no passado, o que significava que, quando ele voltasse para o futuro, os brancos é que teriam inventado e não se apropriado daquela arquitetura musical; passei alguns minutos descrevendo esse mecanismo ideológico a Alex antes de perceber que ela havia adormecido. Também caí no sono e, quando acordei, fui até a janela; ainda chovia muito, mas o amarelo das luzes da rua revelava uma cena prosaica; alguns galhos grandes haviam caído, mas as árvores não. Não ficamos sem energia elétrica em momento algum. Outra tempestade histórica que não conseguira chegar, como se vivêssemos fora da história ou estivéssemos perdendo a noção do tempo.

Só que ela havia chegado, mas não para nós. Túneis rodoviários e do metrô do centro de Manhattan estavam inundados de água, afogando sabe-se lá quantas ratazanas; não pude deixar de imaginar os seus gritos. Não havia energia elétrica nem água até a 39th Street e em Red Hook, Coney Island, Rockaway e grande parte de Staten Island. Alguns hospitais estavam sendo evacuados depois que os geradores reserva começaram a falhar; recém-nascidos e pacientes em recuperação de cirurgias cardíacas foram transportados cuidadosamente pelas escadas e

colocados em ambulâncias que os levaram às pressas para o norte, onde não houve tempestade. Por toda a costa, de norte a sul, casas foram destruídas e inundadas, dali a pouco um bairro no Queens estaria em chamas. Equipes de emergência pescavam os corpos dos que se afogaram durante a invasão das águas; não dava para saber quantos sem-teto haviam perecido. Muitas galerias de arte de Chelsea tinham sido inundadas e em breve as seguradoras estariam acolhendo obras com perda total em seus imensos depósitos. A obra de Alena não estava em um andar térreo, lembrei-me; além disso, ela danificava estrategicamente as suas pinturas de antemão; eram à prova de tempestades.

No dia seguinte fomos à cooperativa e compramos alimentos para doações — havia uma linha de comunicação entre a cooperativa e Rockaway, em parte facilitada pelos "meus" alunos. Falávamos constantemente sobre a urgência da situação, mas ainda não conseguíamos senti-la, pois a atmosfera festiva nas áreas mais altas do Brooklyn fazia lembrar um dia de neve: pais e filhos não iam ao trabalho ou à escola, ficavam em casa ou brincavam no parque; o único dano visível a seis quarteirões do nosso era uma árvore grande que tinha esmagado um carro vazio. Não havia escassez de comida nem de água no comércio local; os restaurantes estavam cheios. Todo mundo que conhecíamos estava bem; os nossos amigos do centro de Manhattan tinham se retirado, ou, como Alena, estavam acampados com mantimentos suficientes. O apartamento de uns amigos de Alex tinha sido inundado com a água infinitamente imunda do Gowanus Canal, mas, dentro da nossa comunidade imediata, esse foi o limite máximo da destruição.

No segundo dia após a tempestade telefonei para o Sinai para confirmar se a consulta de Alex não havia sido transferida; eles disseram que nada no hospital fora interrompido. Era um dia de sol, com um calor fora de época. Havia alguns ônibus indo para Manhattan a partir do centro do Brooklyn, mas as filas eram tão grandes e os itinerários tão confusos, que convenci Alex a pegarmos um táxi. O trânsito estava lento, mas não intolerável; fluía bem assim que cruzávamos a ponte do

Brooklyn e entrávamos no centro de Manhattan sem energia elétrica, embora tivéssemos de tratar todos os cruzamentos como se tivessem um sinal de pare, já que os semáforos estavam desligados. A polícia estava por todo o lado, mas parecia que estavam se preparando para um desfile e não cuidando das consequências de um desastre. Muitas lojas pareciam abertas, embora eu tenha visto algumas lixeiras atulhadas com o que supus ser perecíveis descartados. As ruas estavam relativamente vazias, como no amanhecer de um dia de domingo. Enquanto seguíamos para o norte — passando por agrupamentos ocasionais de caminhões da FEMA, Con Edison e dos canais de notícias —, Manhattan voltava rapidamente ao normal. O nosso motorista apontou para um guindaste ao longe sobre o centro financeiro da cidade; havia se soltado de um prédio residencial gigantesco durante o furacão e balançava agora precariamente sobre um quarteirão evacuado. Fora isso, com o centro de Manhattan atrás de nós, era um dia como outro qualquer.

Chegamos ao consultório quase uma hora mais cedo, havíamos superestimado o tempo que levaria o percurso do Brooklyn até ali. Assistimos — não havia um lugar na sala de espera onde pudéssemos ficar sem ver aquilo — à cobertura da tempestade que nunca chegamos a experimentar. Juntaram imagens Doppler da rodopiante massa tentacular com filmagens de sua chegada em terra firme, de casas sendo arrastadas, do resgate de emergência dos idosos. Depois o presidente estava falando sobre os estragos, projetando liderança, como costumam dizer; as eleições estavam próximas. Pela primeira vez, os políticos do país falavam abertamente, ainda que de forma oblíqua, da relação das condições meteorológicas extremas com as mudanças climáticas, da necessidade de que nossas cidades fossem à prova de tempestades. Depois, o governador de Nova Jersey estava observando os danos de um helicóptero. Lembrei a Alex que, em 2010, Stephen Hawking afirmou que a sobrevivência da espécie dependia da colonização da Lua. Alex lembrou-me que o calendário maia indicava que o mundo iria acabar no próximo 22 de dezembro. Ela achou uma *New Yorker* na mesa entre as revistas para pais; "Não consigo fugir desta coisa", disse ela, movendo o

maxilar, talvez inconscientemente, como se estivesse dolorido. Pensei em Calvin dizendo que o dele havia afinado com a radiação. Pelo menos um dos reatores da Indian Point fora desligado em decorrência da tempestade.

De uma pequena cadeira giratória ao lado da cadeira reclinável de plástico, vejo a médica passar o gel transparente na barriga de Alex e na sonda transdutora. O GE Vivid 7 Dimension Ultrasound System é o Rolls-Royce dos aparelhos de ultrassom, oferecendo imagens precisas em 4-D da circulação sanguínea, do deslocamento do tecido e de fluxo em cores. Normalmente a ultrassonografia é feita por um técnico, não por um médico, mas a ultrassonografista, explica a médica, mora em Rockaway — ou pelo menos morava antes do furacão. Na tela plana pendurada no alto da parede, vemos a imagem da tempestade iminente, os seus membros movendo-se em tempo real, o cérebro visível dentro do crânio translúcido. A médica se detém sobre o coração que bate acelerado e depois nos deixa ouvi-lo em um volume alto. Só se passaram poucos meses desde que ouvi o meu em um aparelho semelhante. O batimento é forte, diz ela, perfeito, o que é muito positivo; Alex teve alguns sangramentos inexplicados, até com alguma coagulação, que, segundo nos avisaram, aumenta a taxa já alta de aborto. Confirmar uma pulsação reduz o risco, embora as chances de que a criatura nunca chegue em terra firme ainda sejam significativas. Só daqui a meses poderemos visualizar de perto a aorta. Enquanto a médica mede o diâmetro da cabeça da criança, não consigo evitar de pensar nos filhotes de polvos. Alex e eu não dizemos nada, não fazemos nenhuma pergunta para a médica, nem seguramos a mão um do outro, mas há aquela intimidade de olhares paralelos que sinto quando estamos diante de um quadro no museu ou caminhamos por uma ponte.

Mais tarde estamos caminhando. Em silêncio, seguimos lentamente na direção sul ao longo do parque. Tendo em vista a tempestade, aquela normalidade parecia bizarra: uma turista me pediu para tirar uma foto dela com os amigos nos degraus do Met; olhei pelo visor e chegou a me dar uma vontade de ver os seus corpos por dentro. Carrocinhas passavam

pela rua vendendo pretzels e cachorros-quentes; havia gente dando uma corrida, passeadores de cães e babás empurrando múltiplos em carrinhos de mil dólares. Não havia nada nas conversas, risos ou discussões que ouvi por acaso que indicasse crise ou emergência, nenhum comportamento errático entre os esquilos ou os pombos.

Perto da 59th Street decidimos que devíamos determinar como pegar um ônibus para voltarmos ao Brooklyn, mas foi mais difícil de descobrir no meu celular do que eu esperava, e a minha conexão estava lenta, claudicante. Percebi que não sentia o cheiro dos cavalos tristes que normalmente ficavam atrelados a carruagens ao longo da Central Park South; onde os esconderam durante a tempestade? Decidimos continuar nos dirigindo para o centro e, ao cair da noite, eu disse a Alex que devíamos pegar outro táxi; embora, segundo a ginecologista, os recentes sangramentos não estivessem relacionados com o esforço físico, eu achava que ela não devia se cansar até ter passado o primeiro trimestre. Era impossível, no entanto, parar um táxi, embora o fluxo deles fosse constante; eu não sabia se isso era porque eram quase cinco horas da tarde, quando os táxis fazem a troca de turno, ou porque eles não queriam ir para o sul por conta da tempestade; de qualquer forma, inúmeros táxis amarelos passaram por nós, mas estavam todos fora de serviço. Ainda assim, eu estava confiante de que acabaríamos conseguindo um se continuássemos tentando enquanto caminhávamos; eu levantava o braço toda vez que via um se aproximando e finalmente, alguns quarteirões depois, um táxi parou, ainda que hesitante. Mas assim que ouviu a palavra *Brooklyn*, o taxista enfiou o pé no acelerador. Isto aconteceria mais duas vezes e pouco tempo depois chegamos aos limites da eletrificação, as ruas à nossa frente estavam no escuro.

E continuamos andando em frente, leitor. Alguns restaurantes e bares estavam abertos, vendendo bebidas à luz de velas. Havia uma multidão diversa na esquina da 18th Street, e quando nos juntamos a ela, vimos que as pessoas estavam tirando garrafas de água de dez ou doze caixas que alguém empilhara ali, provavelmente a Guarda Nacional. Nenhum táxi parava, e Alex precisava fazer xixi. Quando chegamos na Union

Square, havia vários food trucks abertos, e as pessoas estavam carregando os celulares nas suas tomadas. A FEMA parecia estar usando o parque como uma espécie de centro logístico. Estranhamente, o gigantesco Whole Foods tinha luz, uma iluminação assustadora no meio de todos aqueles edifícios escuros. Eu não ia ali desde a noite anterior ao último furacão. Esperei do lado de fora enquanto Alex ia ao banheiro. Um repórter estava fazendo uma gravação ali perto e eu entrei no alcance da câmera e dos refletores de tungstênio e dei um tchauzinho; talvez você tenha me visto.

Quando Alex saiu da loja, um ônibus parou na esquina, mas estava tão cheio que só as primeiras pessoas da fila tiveram permissão para entrar; seguia na direção sul, mas não tínhamos nenhuma razão para achar que ele nos levaria até o Brooklyn. Quando perguntei a um guarda na esquina da Broadway com 15th Street como podíamos voltar para o Brooklyn, ele apenas deu de ombros com indiferença; para minha surpresa, senti uma onda de fúria, fantasiei que o atacava e só então me dei conta das inúmeras emoções contraditórias que colidiam e se recombinavam dentro de mim. O meu sorriso devia estar estranho porque Alex me perguntou se eu estava bem. Entre o Whole Foods e os vários geradores que a polícia e os caminhões da prefeitura estavam usando, a Union Square estava relativamente iluminada; enquanto caminhávamos mais para o sul, a escuridão ia aumentando, cortada cada vez menos pelas luzes dos faróis; dirigir em uma noite sem regras era perigoso. Tentar lembrar dos bairros agitados ao norte que tínhamos deixado para trás há uma ou duas horas, sem falar do Brooklyn, de onde tínhamos saído no início daquela tarde, era como tentar recordar uma época diferente. A sensação de estabilidade, a arquitetura renascentista francesa e neoclássica do Upper East Side, parecia pertencer a uma era anterior, inocente e dourada, enquanto a tecnologia da ultrassonografia me parecia, naquele escuro, uma premonição do futuro; ambas eram alienígenas demais para se integrarem em uma narrativa. Senti-me equidistante de todas as minhas lembranças enquanto a minha noção de tempo entrava em colapso: faíscas azuis na boca de Monique quando ela

mordeu uma bala de hortelã fosforescente; alucinar de febre na Cidade do México; assistir ao desastre do ônibus espacial ao vivo na TV. Ergui os olhos para os edifícios que se agigantavam ameaçadores, cuja presença eu conseguia agora sentir mais do que ver, e me perguntei quantas pessoas ainda estariam dentro deles. Aqui e ali via-se um facho cruzando uma janela, uma chama, o brilho de uma luz de LED, mas o efeito geral era de vazio. Eu respondi a Alex que estava bem. Por algum motivo imaginei que havia elevadores sabáticos em cada edifício, imaginei que ainda estavam funcionando silenciosamente, tirando sua energia de alguma outra fonte, de algum outro tempo.

Devemos ter nos dirigido para leste, já que as ruas não tinham saída, porque estávamos no cruzamento da Lafayette com a Canal quando dois homens se aproximaram de nós, pelo menos um deles bêbado, e pediram dinheiro. Na ausência de postes de iluminação e ordem estabelecida, houve um longo momento em que não consegui dizer se eles estavam pedindo ou ameaçando nos assaltar, fazendo uma exigência; as relações tinham ficado indeterminadas, os sinais difíceis de interpretar, como se, junto com a eletricidade, houvéssemos perdido também uma propriocepção social. Eu disse que não tinha dinheiro, mas os homens insistiram, sem ameaça explícita; antes que eu pudesse decidir o que fazer ou dizer, Alex deu aos homens alguns dólares e eles desapareceram.

Estava ficando frio. Vimos um brilho intenso a leste entre as torres escuras do distrito financeiro, como o brilho dos olhos de algum animal. Mais tarde ficaríamos sabendo que era o Goldman Sachs, veríamos fotografias em que um dos poucos edifícios iluminados no horizonte era o do banco de investimentos, uma imagem que eu usaria para a capa do meu livro — não o que eu estava obrigado por contrato a escrever sobre fraudulência, mas o livro que escrevi em substituição, o livro para você, por você, no limiar da ficção. Os geradores do banco deviam ser imensos, ou eles teriam acesso especial a uma rede elétrica secreta? Em pouco tempo estávamos seguindo para o sul e oeste e a escuridão pareceu brevemente total; pensei em Marfa, os prédios à minha volta eram como instalações permanentes na noite do deserto. Tentei descrever este

sentimento a Alex, mas minha voz soava estranha nas ruas escuras — alta, conspícua, embora houvesse muitos outros ruídos: alguém martelando alguma coisa por perto; eu podia ouvir, mas não ver, um helicóptero; o frear lento e agudo de uma carreta a curta distância parecia submarino, como o canto da baleia. Um táxi surpreendeu-nos quando dobramos na Park Place; a ausência sentida das torres gêmeas era agora difícil de distinguir dos edifícios invisíveis. Tive a sensação de que se a eletricidade fosse restaurada de repente, as torres estariam ali, ligeiramente balançando. Apesar de poder ver que tinha alguém no banco traseiro, alguém que imaginei como os dois lados do poema — a filha de Bernard e Natali, Liza, Ari —, tentei chamar o táxi; eu ouvira falar que em decorrência da tempestade os táxis podiam pegar diversos passageiros em uma só corrida, passageiros de diversos mundos, mas ele não parou para nós.

Perguntei a Alex se estava conseguindo resistir; ela disse que estava bem, mas eu sabia que estava cansada e com frio. E se estivesse grávida de oito meses e eu a tivesse levado acidentalmente para aquele estado de natureza? Você não me levou a lugar algum, disse ela, rindo, quando expressei minha preocupação em voz alta. Havia um pequeno mamífero se desenvolvendo dentro dela — aquela era a semana das pupilas gustativas, dos germes dentários. Determinaríamos o meu envolvimento à medida que seguíssemos em frente. Uma mercearia fracamente iluminada por um gerador estava aberta e entrei para comprar uma garrafa de água e duas barras de granola, pois não comíamos desde o nosso almoço mais cedo. Havia um forte cheiro de verduras podres; as geladeiras expositoras tinham sido todas esvaziadas, mas havia alguns legumes e frutas velhos em uma prateleira, e o chão ainda estava molhado. Não vi sinal de água, mas quando fiz o pedido, o homem atrás do balcão fez surgir uma garrafa grande. Perguntei-lhe quanto era e ele disse dez dólares. Vi os outros produtos que ele mantinha seguros atrás do balcão como os tesouros que eram: pacotes de pilhas, lanternas, fósforos que riscam em qualquer lugar, barras de cereais, café solúvel. Perguntei o preço de cada um e a cada vez ele dizia dez dólares, sorrindo.

A alguns quilômetros de distância não custariam mais do que antes da tempestade; os preços sobem no escuro. Comprei a água e uma barra de proteína Luna para Alex com a moeda em baixa e retomamos a nossa caminhada.

Quando passamos pelo City Hall e nos aproximamos da ponte do Brooklyn, vimos muita gente e faróis, a polícia orientando o trânsito e um aglomerado de caminhões da prefeitura — bombeiros, ambulâncias, caminhões de lixo etc. Havia dois jipes militares estacionados na Centre Street. O Brooklyn iluminado do outro do lado do rio cintilava em uma era diferente. Já tínhamos andado mais de onze quilômetros, sendo que havíamos planejado não andar mais de dois; perguntei a Alex se queria que eu indagasse se haveria um ônibus, mas ela não quis, disse que preferia "fazer tudo". Um fluxo constante de pessoas vestidas com roupas comuns seguia pelo caminho que levava à ponte e havia uma energia estranha estalando entre nós; parte desfile, parte fuga, parte passeata. Cada mulher que eu via imaginava estar grávida, depois imaginei estarmos todos mortos, fluindo sobre a ponte de Londres. O que quero dizer é que a nossa presença sem face tremeluzia, todos desintegrados, mas ainda assim parte do esquema. Estou citando agora, como John Gillespie Magee. Quando estávamos sobre a água, debaixo dos cabos, paramos e olhamos para trás. Na parte alta, a cidade estava mais luminosa do que nunca, se bem que se continuássemos olhando para o norte veríamos os conjuntos habitacionais escuros contra a luz. Pareciam bidimensionais, como figuras de papelão recortado no primeiro plano de uma cena. O centro de Manhattan estava negro atrás de nós, suas densidades intuitivas. Os fogos de artifício comemorando a conclusão da ponte explodiam acima de nós em 1883, se espalhando pela página. A lua vai alta no céu e vemos sua luz na água. Eu quero dizer uma coisa às crianças da América:

No Brooklyn pegaremos o B63 até a Atlantic. Após algumas paradas, eu me levantarei e oferecerei o meu lugar a uma idosa com duas grandes plantas domésticas dentro de sacos plásticos pretos. Os meus pés vão doer só nessa hora, os joelhos ficarão um pouco rígidos. Uma sanseviéria,

um filodendro. Tudo será como já foi. Depois, muito embora soe improvável em uma ficção, a mulher das plantas olhará para Alex e dirá: Está grávida? Ela explicará que há um certo brilho. Dirá que é uma menina. Os pulsos sonoros de um sonar se revelarão o toque do celular de uma adolescente no banco de trás que atenderá gritando, "Estou chegando. Calma, estou quase aí". Isso e tudo o que eu escutar esta noite soará como Whitman, as similitudes do passado e do futuro em correspondência. Desceremos quando o ônibus virar à direita na Fifth e caminharemos para leste. Tudo é parte do processo de exploração e descoberta. Veremos a bicicleta fantasma — uma memorial a uma ciclista morta — acorrentada ao poste da rua. Veremos a calçada cheia de flores prematuras de uma pereira. Uma placa de madeira barata dirá que o nome dela era Liz Padilla. Por que não dedicar este livro a ela?, perguntará Alex. A pequena chama de um lampião a gás na Saint Mark's Place oscilará entre gêneros. Desviaremos de uma cama box descartada perto do meio-fio, pode ter carrapatos, mas esta noite até os insetos parasitas me parecerão como uma forma imperfeita de coletividade que pode servir como uma figura de sua possibilidade, fazendo circular o sangue de um hospedeiro para outro hospedeiro. Como um ciclo anedótico, como uma prosódia. Não se anime, dirá Alex, quando me oferecer uma moeda — não — uns bons seis dígitos pelos meus pensamentos. Em 1986, eu pus uma moeda embaixo da língua para tentar aumentar a minha temperatura e enganar a enfermeira da escola, fazendo com que ela me mandasse de volta para casa e eu poder ver um filme. Deu certo?

Vamos parar e comer alguma coisa em um restaurante japonês em Prospect Heights — apenas harumakis de legumes, pois Alex está grávida, os mares estão envenenados e a supertempestade fechou todos os portos. Um casal ao nosso lado discutirá os méritos relativos dos condomínios e das cooperativas; a mulher insistirá com uma intensidade progressiva que o seu companheiro "não entende o processo", que aquele não era "um país em desenvolvimento". Sentado a uma mesinha e olhando para a Flatbush Avenue através do nosso reflexo na janela, começarei a

lembrar da nossa caminhada na terceira pessoa, como se a tivesse visto da ponte de Manhattan, mas, na hora em que escrevo, apoiado na rede de proteção destinada a inibir suicidas, estou olhando para a cidade da perda total na segunda pessoa do plural. Eu sei que é difícil entender /Estou convosco, e sei como é.





"Nunca houve uma época mais vibrante para se viver, uma época de intensas maravilhas e feitos heroicos. Como disseram no filme De volta para o futuro*, 'Para onde vamos não precisamos de estradas'."*

— Ronald Reagan, Discurso do Estado da União, 4 de fevereiro de 1986

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Ari. Obrigado à minha editora, Mitzi Angel, e à minha agente, Anna Stein. Agradeço as leituras de: Laura Barber, Michael Clune, Cyrus Console, Stephen Davis, Michael Helm, Sheila Heti, Aaron Kunin, Rachel Kushner, Stephen Lerner, Tao Lin, Eric McHenry, Anna Moschovakis, Maggie Nelson, Geoffrey G. O'Brien, Ellen Rosenbush, Peter Sacks, Ed Skoog e Lorin Stein. Este livro foi escrito em conversa com Harriet Lerner; o que tem de melhor é para ela.

Estou em dívida para com a Fundação Lannan por uma residência em Marfa, no Texas.

O conto "A vaidade dourada" foi publicado pela primeira vez na *New Yorker*. Dois excertos deste livro saíram na *Paris Review*. O poema que escrevi em Marfa, "The Dark Threw Patches Down Upon Me Also", foi publicado em versão *chapbook* pelo Center for Book and Paper Arts do Columbia College sob o selo Epicenter e publicado separadamente em *Lana Turner: A Journal of Poetry and Opinion*. Agradeço aos artistas do Columbia College e aos editores destas publicações.

O "Instituto de Arte da Perda Total" baseia-se no Salvage Art Institute de Elka Krajewska; a minha descrição da versão ficcional coincide parcialmente com o meu relato do trabalho real de Kajewska em "Damage Control", um ensaio publicado na *Harper's Magazine*. A colaboração do narrador com "Roberto" baseia-se em um livro autopublicado que escrevi com Elias Garcia, mas "Roberto" é personagem fictício.

O tempo neste romance (quando *The Clock* estava sendo exibido em Nova York, quando uma determinada tempestade atingiu o litoral etc.) nem sempre corresponde ao tempo no mundo. Eu nunca tive a chance de ver *The Clock* chegar à meia-noite; peguei detalhes no ensaio "The Hours", de Daniel Zalewski sobre Christian Marclay, publicado na *New Yorker*.

Encontrei pela primeira vez o texto que uso como epígrafe no livro *A comunidade que vem*, de Giorgio Agamben, traduzido do italiano por Michael Hardt. É geralmente atribuído a Walter Benjamin.

Crédito das ilustrações

Imagem 1: Jules Bastien-Lepage (1848-1884), *Joana d'Arc* (detalhe), 1879. Óleo s/tela, 254×279 cm. The Metropolitan Museum of Art, Nova York, doação de Erwin Davis, 1889. *Copyright* da fotografia © The Metropolitan Museum of Art. Fonte: Art Resource, NY.

Imagem 2: Imagem do filme *De volta para o futuro*, cortesia Photofest.

Imagem 3: Fotografia de Christa McAuliffe de autoria de Keith Meyers do *New York Times* fornecida por cortesia da Great Images in NASA.

Imagem 4: Paul Klee (1879-1940), *Angelus Novus*, 1920. Óleo e aquarela s/ papel, 31,8×25,1 cm. The Israel Museum, Jerusalém, doação de Fania e Gershom Scholem, Jerusalém, e John Herring, Marlene e Paul Herring, e Jo Carole e Ronald Lauder, Nova York (B87.0994). Fotografia de Elie Posner, *copyright* © The Israel Museum, Jerusalém.

Imagem 5: Fotografia da região de Cidônia em Marte tirada pela sonda *Viking 1* fornecida por cortesia da Great Images in NASA.

Imagem 6: Claude Roy na ponte do Brooklyn, Nova York, 1947, fotografado por Henri Cartier-Bresson (1908-2004), cortesia Magnum Photos.

Imagem 7: Fotografia de grafite em Chinati (Marfa, Texas) fornecida por Tim Johnson. *Copyright* © 2013, Tim Johnson.

Imagem 8: Imagem de esqueleto de brontossauro via Wikimedia Commons: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Brontosaurus_skeleton_1880s.jpg.

Imagem 9: Brontossauro © 1989 United States Postal Service. Todos os direitos reservados. Uso com permissão.

Imagem 10: Ilustração de apatossauro fornecida por Scott Hartman. *Copyright* © 2013, Scott Hartman.

Imagem 11: Fotografia fornecida por cortesia do autor.

Imagem 12: Vija Celmins (1938-), *Concentric Bearings B*, 1984. Aquatinta, ponta-seca e mezzotinta s/papel. Imagem esq.: 12,5x10,95 cm, imagem dir.: 11,9x9,36 cm. Tate, Londres, adquiridas em comum com as National Galleries of Scotland através da d'Offay Donation com assistência do National Heritage Memorial Fund e do Art Fund 2008. *Copyright* da fotografia © 2014, Tate, Londres.

Título original
10:04
A Novel

Copyright © 2014 *by* Ben Lerner
Todos os direitos reservados.

Agradecimentos são feitos a seguir pela autorização de reproduzir o poema "Midsummer" de William Bronk. *Copyright* © 1955 *by* William Bronk. Reproduzido com autorização da Trustees of Columbia University na cidade de Nova York.

Devido à limitação de espaço, os créditos das imagens podem ser encontrados clicando aqui.

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar
20030-021 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de produção digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
MARIANA FERNANDA SLADE

Edição digital: março, 2018.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L624d
Lerner, Ben
10:04 [recurso eletrônico] / Ben Lerner; tradução Maira Parula. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2018.
recurso digital

Tradução de: 10:04: A novel
ISBN 978-85-8122-735-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Parula, Maira. II. Título.
18-47122 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O AUTOR

Ben Lerner nasceu no Kansas em 1979 e é autor de três livros de poesia, *The Lichtenberg Figures*, *Angle of Yaw* e *Mean Free Path*. Foi finalista do National Book Award, bolsista do Programa Fulbright na Espanha e fellow da Howard Foundation. Em 2011, foi o primeiro americano a ganhar o Preis der Stadt Münster für Internationale Poesie na Alemanha. Lerner leciona no programa de escrita criativa do Brooklyn College. Seu primeiro romance foi *Estação Atocha*.